



De ROMA a PORTUGAL

Do IMPÉRIO ao REINO

Uma viagem de **1500 anos** pela região de **Coimbra**

From ROME to PORTUGAL

From EMPIRE to KINGDOM

A **1500-year** journey through the region of **Coimbra**

De ROMA a
PORTUGAL
Do IMPÉRIO ao REINO

Uma viagem de **1500 anos** pela região de **Coimbra**

From ROME to
PORTUGAL
From EMPIRE to KINGDOM

A **1500-year** journey through the region of **Coimbra**

FICHA TÉCNICA

- / **Título:** De Roma a Portugal – do império ao Reino | Uma Viagem de 1500 anos pela região de Coimbra
- / **Promotor:** Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra
- / **Editor:** Imprensa da Universidade de Coimbra
- / **Coordenação Científica:** Luísa Trindade e Pedro C. Carvalho (Universidade de Coimbra)
- / **Coordenação Técnica:** Ivânia Monteiro
- / **Textos Parte I:** Pedro C. Carvalho e Sofia Lacerda
- / **Textos Parte II, III e IV:** Luísa Trindade, Marta Simões e Rodolfo Feio
- / **Tradução:** Isabel Botto
- / **Ilustrações:** José Luís Madeira
- / **Projeto gráfico e paginação:** Patrícia Alfenim e Nuno de Carvalho
- / **Execução gráfica:** www.artipol.net
- / **ISBN:** 978-989-26-2443-3
- / **eISBN:** 978-989-26-2444-0
- / **DOI:** <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2444-0>
- / **Depósito Legal:** 525675/23
- / **Tiragem:** 1000 exemplares
- / **1.ª Edição | 2021**
Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego
- / **2.ª Edição | 2023**
Imprensa da Universidade de Coimbra
- / **Colaboração Técnica Municipal:** Ana Margarida Marques e Paula Cassiano (Município de Alvaiázere); Cláudia Santos e Rodrigo Pereira (Município de Ansião); Fernando Neves (Município de Arganil); Carlos Gregório, Elisabete Marralheiro e Maria Carlos (Município de Cantanhede); Sofia Correia (Município de Condeixa-a-Nova); Filomena Dias (Município de Coimbra); Ana Ferreira, Manuela Silva e Marco Penajoia (Município da Figueira da Foz); Ana Sá, Fátima Gonçalves e Jorge Lucas (Município de Góis); Patrícia Lima e Vítor Maia e Costa (Município da Lousã); Dora Matos (Município da Mealhada); Brigitte Capelo (Município de Mira); Ana Figueiredo, António Rodrigues e Margarida Mota (Município de Miranda do Corvo); Flávio Imperial e Sandra Lopes (Município de Montemor-o-Velho); Margarida Lourenço e Paulo Oliveira (Município de Mortágua); Rui Silva (Município de Oliveira do Hospital); Cristina Ventura (Município da Pampilhosa da Serra); Diogo Carvalheira, Luís Rodrigues e Paula Silva (Município de Penacova); Mário Duarte e Sónia Vicente (Município de Penela); Cidália Botas e Lúvia Vaqueira (Município de Pombal); Mário João Gomes e Sandra Veloso (Município de Soure); Luís Ferreira (Município de Tábua); Lara Henriques e Pedro Santos (Município de Vila Nova de Poiares).

/ Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial, através de quaisquer meios (eletrónicos, mecânicos, fotocópia, gravação), sem autorização escrita.

/ All rights reserved. No part of this publication may be reproduced or transmitted in any form or by any means (electronic or mechanical, including photocopying and recording) without written permission.

/ Parceiros institucionais:



/ No sentido de manter a relevância histórica da Região Centro na formação da nação portuguesa, a presente reedição da obra «De Roma a Portugal – do Império ao Reino: uma viagem de 1500 anos pela região de Coimbra», vem realçar o trabalho de investigação de dois ilustres docentes da Universidade de Coimbra, a Professora Doutora Luísa Trindade e o Professor Doutor Pedro C. Carvalho.

Esta obra ajuda a preencher uma lacuna na história regional, quando enfatizam a importância da identidade, da cultura, da arqueologia, da história, dos conhecimentos e costumes que, por ventura, prevaleceram até aos nossos dias. A identidade portuguesa espelha uma morfologia complexa e rica, desde os seus primórdios e é no estudo efetuado no espaço temporal de 1500 anos (período de ocupação romana até à afirmação do Reino de Portugal), que compreendemos a fascinante evolução civilizacional nacional.

A Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego tem o prazer de acompanhar esta reedição, dada a demonstração do real valor e importância da mesma na difusão e valorização de um património que se dispersa por 19 municípios, que abarcam uma elevadíssima riqueza patrimonial e cultural.

Cumpre-nos enaltecer e agradecer o trabalho dos intervenientes, bem como das entidades que cooperaram para o seu sucesso, nomeadamente a Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, enquanto entidade promotora.

Que a História seja um aliado de conexão e compreensão, de uma Região que muito tem a oferecer, a quem a queira conhecer em profundidade.

Dezembro 2023

^ Eduardo Nogueira Santos

/ Presidente da Câmara Municipal de Penela e

Presidente da Direção da Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego

/ A Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego assume-se enquanto entidade de cooperação territorial em torno da valorização do património que integrou outrora a Linha Defensiva do Mondego.

Move-nos a dignificação do legado histórico e a criação de dinâmicas culturais e turísticas capazes de promover o desenvolvimento à escala intermunicipal.

Foi nesse contexto, agradecendo o reconhecimento externo e a confiança depositada pela Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, que assumimos com grande espírito de missão o desafio de contar a história conjunta deste território ao longo de 1500 anos.

A concertação de intervenientes e vontades, alinhadas na necessidade e oportunidade de olhar

para o património numa óptica regional, cumpriu o propósito de criar uma rede de conhecimento patrimonial; integrar nesta narrativa os legados dispersos pelos 22 concelhos e, sobretudo, fomentar à escala municipal um novo interesse pelos recursos existentes, hoje alvo de maior valorização.

Foi imprescindível neste processo a colaboração municipal, a que se associou o profissionalismo e o mérito da equipa científica da Universidade de Coimbra, liderada pela Professora Doutora Luísa Trindade e pelo Professor Doutor Pedro C. Carvalho.

Que possamos sempre contribuir para que o património seja, efetivamente, plataforma de desenvolvimento...

^ Luís Filipe da Silva Lourenço Matias

/ Presidente da Direção da Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego - 2013-2021

/ É com imensa honra que, em nome da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra (CIM-RC), apresento a aguardada reedição da obra “De Roma a Portugal, do Império ao Reino – uma viagem de 1500 anos pela região de Coimbra”.

Coordenado pelos professores Pedro Carvalho e Luísa Trindade, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, este projeto transcende as fronteiras da pesquisa histórica e arqueológica, mergulhando nas profundezas do nosso património material e imaterial.

Uma equipa dedicada, composta por arqueólogos, historiadores, historiadores da arte e técnicos de Turismo, investiu 18 meses de árduo trabalho para estudar e desvelar o rico património cultural da Região de Coimbra, desde a época do Império Romano até ao surgimento do Reino de Portugal.

Originando-se do êxito anterior da Agência dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego, este projeto expandiu-se para abranger todos os 19 municípios que integram a CIM-RC, bem como os municípios de Pombal, Alvaiázere e Ansião.

A primeira edição, agora esgotada, foi um marco importante na divulgação do património da Região de Coimbra. Ao reunir o património de épocas romanas e medievais, disperso por 22 concelhos, numa narrativa coesa e abrangente, a obra oferece uma visão global e única da História da região.

Mais do que uma mera compilação de dados históricos, este livro desempenha um papel crucial na preservação e promoção do património muitas vezes desconhecido ou esquecido em cada município, representando, assim, um tesouro cultural e histórico com um potencial inexplorado.

Além disso, destaca-se como uma ferramenta valiosa para o turismo cultural, com uma narrativa acessível destinada a alcançar públicos diversos, desde estudantes a entusiastas da história e turistas curiosos.

Ao apresentar esta reedição, reafirmamos o nosso compromisso com a promoção do património histórico e cultural da nossa região, contribuindo para a sua preservação e valorização.

Dezembro 2023

^ Emílio Torrão

/ Presidente da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra

/ Não há território sem identidade, identidade que deve assentar no conhecimento da história, na valorização do legado e na existência de uma comunidade capaz de dignificar o passado.

Quando, em 2018, a Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra assume como estratégica a intenção de contar a história à escala do seu território tem por pressuposto o reconhecimento da existência de um território marcado pelo testemunho de diferentes épocas decisivas na História de Portugal. Assume-se então que uma abordagem integradora pode contribuir de forma decisiva para aumentar a capacidade de retenção turística desta região.

Através deste projeto fomos capazes de agregar recursos associados à herança histórica desde o

período romano até à fundação da nacionalidade. A história foi, de forma primordial e como nunca antes, contada através de diferentes períodos de ocupação coincidentes no mesmo espaço territorial.

Cumpre-nos o papel de agradecer à Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Murallas Medievais do Mondego pela visão e, principalmente, pelo trabalho de envolvimento e articulação dos diferentes Municípios e agentes culturais do território. Reconhecemos ainda o inestimável contributo que a Universidade de Coimbra, na pessoa da Doutora Luísa Trindade e do Doutor Pedro C. Carvalho, prestou para a afirmação da região de Coimbra.

O verdadeiro desafio começa agora!

/ Na abertura da introdução a esta obra (p. 11), é com inteira pertinência que os Coordenadores do volume sublinham que “contar uma história à escala de 22 concelhos e de 15 séculos é uma odisseia”. Sendo por certo uma longa e trabalhosa jornada – possível somente porque nela convergiram os esforços, o empenho e as vontades de uma ampla equipa –, é também e sobretudo uma viagem que chegou a bom porto, culminando com a publicação, em finais de 2021, da primeira edição deste volume, como resultado de um projeto da CIM Região de Coimbra, cofinanciado pelo Programa Operacional Regional Centro 2020: “De Roma a Portugal: uma viagem de 1500 anos pela Região de Coimbra”.

Apesar de uma tiragem de 500 exemplares impressos poder ser considerada elevada para o panorama editorial português, certo é que o volume rapidamente viria a ficar esgotado. De resto, tal realidade era já facilmente antecipável no próprio dia do lançamento formal da obra, em cerimónia pública na qual tive o grato gosto de participar, ocorrida a 13 de dezembro de 2021, no Convento São Francisco, em Coimbra. E já nessa altura se aventara a hipótese de a obra poder vir a ser republicada pela

Imprensa da Universidade de Coimbra, tanto no formato tradicional impresso (que dá a este tipo de livros uma especial dignidade estética) como ainda em formato digital e em acesso aberto (garantindo-lhe uma mais ampla disseminação).

Chegados ao final de 2023 com o livro a entrar em nova impressão, há assim razões para reconhecer total pertinência ao bem conhecido adágio latino, segundo o qual os livros têm destinos muito próprios (habent sua fata libelli). Que a nova edição saia com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra constitui, portanto, não apenas uma circunstância oportuna e feliz, como também sublinha a responsabilidade que a Universidade tem de apoiar projetos que promovam a colaboração sustentável e inclusiva, bem como a identidade cultural que é promotora de bem-estar e de valorização do território. Quando se fala da construção comum e paulatina de uma região que dê corpo ao conceito de “Coimbra Bauhaus” há que reconhecer que é precisamente a partir de projetos como este que a ideia se pode alicerçar e ganhar corpo.

Dezembro 2023

^ Delfim Ferreira Leão

/ Vice-Reitor Cultura e Ciência Aberta da Universidade de Coimbra

/ A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra é uma instituição de serviço público que tem por missão promover a investigação, o pensamento crítico, o ensino e a transferência de saberes no campo das Artes, das Humanidades e das Ciências Sociais. É desta forma que começa por ser estatutariamente definida a Missão da Faculdade de Letras.

O resultado do Projeto “De Roma a Portugal, do Império ao Reino. Uma viagem de 1500 anos”, coordenado pela Doutora Luísa Trindade e pelo Doutor Pedro C. Carvalho, professores da Faculdade de Letras, reflete exemplarmente a missão de criar, transmitir e difundir cultura, ciência e conhecimento, nomeadamente nas áreas da História, História da Arte, Arqueologia, Património e Turismo Cultural. A síntese histórica produzida, rigorosa e atualizada, acessível

a um público alargado, interpreta bem este desígnio de ligação da academia à sociedade, mediante a participação em projetos de investigação aplicada que contribuam para o desenvolvimento económico e social sustentável e para a promoção da cidadania esclarecida e responsável, assentes no conhecimento e, neste caso, em benefício da grande região de Coimbra.

É, assim, com muita satisfação e orgulho que a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra associa o seu nome a este Projeto promovido pela Agência para o Desenvolvimento dos Castelos e Muralhas Medievais do Mondego e pela Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra.

AGRADECIMENTOS

ACKNOWLEDGMENTS

/ No momento de agradecer, constata-se a difícil missão de individualizar as pessoas e as entidades que foram convocadas a contribuir no âmbito deste processo colaborativo. Com efeito, a história aqui narrada resulta de um encontro feliz entre a vontade política concertada à escala regional, a disponibilidade financeira, a excelência da investigação e da produção académica, a cooperação técnica municipal, a colaboração das entidades que tutelam o património no território e a amabilidade de todos os que, na qualidade de zeladores, abriram a porta dos mais de 500 sítios visitados. Que o nosso agradecimento chegue a todos; a todas as pessoas e entidades, que a título associativo, público ou privado, concorreram para este resultado final e que são, na sua essência, os verdadeiros protagonistas deste projeto. Que esta obra seja, em si mesma, entendida como uma justa homenagem a todos quantos, no passado, no presente e no futuro, primam pela salvaguarda da história e do património da nossa região.

/ To name every single person and entity that contributed to this collaborative project is a difficult task. This work is indeed the outcome of a fortunate convergence of efforts: a concerted political will on a regional scale, available funding, high quality research and academic output, technical cooperation from municipalities, the collaboration of regional heritage agencies and the kindness and goodwill of all those who watch over the more than 500 sites we visited. We would like to express our appreciation to all the people and entities – private, public and associative – that contributed to this outcome; they really are the main protagonists of this project. This work should thus be seen as a fitting tribute to all those who cherish and preserve our region's history and heritage – in the past, present and future.

INTRODUÇÃO

INTRODUCTION

/ Contar uma história à escala de 22 concelhos e de 15 séculos é uma odisseia; uma aventura digna de ser acompanhada por registos do melhor escrivão da corte.

Fazê-lo, partiu da firme convicção de que a história da região de Coimbra merecia ser, de forma inédita, contada segundo uma perspetiva contínua, do ponto de vista físico e temporal. Por um lado, porque Coimbra, e a região envolvente, foi território central em diferentes episódios, capitais e sucedâneos, de uma história que é agora lida com a sua fluidez natural. Por outro, porque a quantidade e diversidade do património edificado que hoje ainda podemos visitar justifica que ele seja enquadrado em rede, a fim de que a sua importância seja efetivamente compreendida num quadro de ação maior do que a simples circunstância do território onde foi outrora erguido.

/ To embark on the history of 22 municipalities over 15 centuries is an odyssey worthy of the chronicles of the best pen of the realm.

We set up to do it led by the firm conviction that, for the first time, the history of this region should be approached from a continuous perspective, in a physical and temporal sense. On the one hand, Coimbra and its surrounding region were the stage for several major and subsidiary events which are now integrated in a fluid historical narrative. On the other hand, the volume and diversity of the region's built heritage amply justifies the creation of this network, so that these constructions may be perceived by visitors in a wider context, beyond the actual circumstances of the territory where they arose.

A viagem que agora empreendemos contribui de forma decisiva para relembrar a identidade da região de Coimbra, tantas vezes esquecida e espartilhada. À escala nacional, a identidade desta região é única; ela foi criada ao longo destes 1500 anos e encontra-se profundamente enraizada numa teia de conflitos, ocupações, contactos, permeabilidades e aculturações sucessivas. Assim a memória seja transmitida...

Em narrativa descomplicada, as páginas que se seguem contarão a história desta região, desde o século II a.C. até ao século XIV, considerando os conteúdos que melhor cruzam e colocam em rede todo o território, os temas mais apelativos e passíveis de articular o património existente nos 22 concelhos (Alvaiázere, Ansião, Arganil, Cantanhede, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Góis, Lousã, Mealhada, Mira, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Mortágua, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra, Penacova, Penela, Pombal, Tábua, Soure e Vila Nova de Poiares).

Esta história acompanha o leitor (e, fazemos fé, o futuro visitante) na descoberta desta herança cultural com que fomos presenteados, descodificando o quanto ela decorre do intenso encontro de culturas fortemente vivido nestas paragens. A assimetria

This journey is meant to outline the often forgotten and restricted identity of Coimbra and its region. At national level, its identity is unique: formed over 1500 years, it is deeply rooted in successive experiences of conflict and occupation, of interaction and acculturation. May this memory be passed on...

In a straightforward narrative, the following pages follow the history of this region from the second century BC to the fourteenth century, highlighting the subjects that best connect the whole territory, and the most appealing themes that best interconnect the heritage of its 22 municipalities (Alvaiázere, Ansião, Arganil, Cantanhede, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Figueira da Foz, Góis, Lousã, Mealhada, Mira, Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Mortágua, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra, Penacova, Penela, Pombal, Tábua, Soure and Vila Nova de Poiares).

This (hi)story helps the readers (and hopefully future visitors) to discover our cultural heritage, and to understand that it is the outcome of the intense cultural interaction and exchange experienced in these landscapes. The imbalance between the different municipalities, regarding

entre concelhos, no que toca à quantidade, tipologia e qualidade do património possível de ser integrado neste arco temporal, esbate-se quando o desafio que resulta desta narrativa é o de olhar para o território no seu conjunto, como um todo. Acreditamos que chegou a hora do património visitável, independentemente da sua dimensão ou do efeito visual que gera, ser compreendido como porta de entrada para uma história que transcende a simplicidade das pedras com que foi construído.

Por isso, pela primeira vez, várias entidades (públicas e associativas) organizaram-se para valorizar e contar de forma conjunta e ininterrupta a história que atravessa esta região ao longo de séculos. Essa história assume agora a materialidade desta edição, possível após um ano de trabalho de investigação e de trabalho de campo, realizado por uma equipa concertada e multidisciplinar de arqueólogos, historiadores e historiadores da arte, que folhearam milhares de páginas e que palmilharam o território ao encontro de mais de 500 registos patrimoniais edificadas, sendo acolhidos por anfitriões e zeladores que honrosamente cumprem a tarefa de proteger uma herança que a todos pertence.

Que comece aqui a sua viagem...

quantity, typology and quality of the built heritage pertaining to this time frame, is toned down in the overall perspective of the territory adopted in this narrative. We believe it is time to view visitable heritage sites, regardless of size or visual impact, as the gateway to a history that transcends the simplicity of their building stones.

Thus, for the very first time, several public and private organizations joined together to promote and to tell the common history of this region over the centuries – a history which is now put into print with this publication, made possible after a year of research and field work by a multidisciplinary team of archaeologists, historians and art historians. This team went through thousands of pages and visited over 500 registered built heritage sites, where they were received by hosts and keepers who proudly fulfil the task of protecting this our common inheritance.

Let the journey begin...

ÍNDICE

INDEX

/ PARTE I: UM TERRITÓRIO IMPERIAL

- I • Terras com mais mar
- II • A chegada das legiões
Acampamento de guerra
- III • Que as armas cedam lugar às togas
Linhas de fronteira
- IV • As cidades do Império
O destino das cidades
- V • Sangue, tragédia e comédia
Entre a espada e a arena
- VI • A engenharia da água
Levar água às suas termas
- VII • Os campos povoados
A *villa*. O ritmo dos dias
- VIII • Lavrar a terra e criar o gado
Os primeiros lagares
- IX • Os caminhos do tempo
Milhas contadas
- X • Rios de ouro
Estradas do sal
- XI • Um amplo mercado comum
Ânforas: imagens de marca
- XII • Uma moeda única
Os tesouros perdidos
- XIII • Entre escravos e cidadãos
A importância do nome

/ PART I: A TERRITORY OF THE EMPIRE

- Lands embraced by the sea 021
- The arrival of the legions 029
A military camp 037
- Let arms yield to the toga 041
Boundary lines 046
- The cities of the Empire 051
The destiny of the towns 062
- Blood, tragedy and comedy 065
Life and death in the arena 070
- Water engineering 073
Bringing water to everyone's baths 078
- Settling in the countryside 083
The *villa*. The rhythm of days 090
- Working the land and raising cattle 093
The first wine and oil presses 100
- The ways of time 105
Counting the miles 116
- Rivers of gold 121
The salt roads 127
- An ample common market 131
Amphoras: brand images 139
- A single currency 143
Lost treasures 146
- Slaves and citizens 151
The importance of a name 157

XIV	• Laços de sangue <i>Mater piissima, filiae dulcissimae</i>	• Blood ties <i>Mater piissima, filiae dulcissimae</i>	161 166
XV	• Que a terra te seja leve À beira da passagem	• May the earth be light upon you Resting by the roadside	171 176
XVI	• Novos e velhos deuses Altars de culto	• New and old gods Votive altars	179 186
XVII	• O latim, escrito e falado As letras que nos acompanham	• Latin, a written and spoken language Latin never died	189 195
XVIII	• A herança cultural	• The cultural legacy	197

/ PARTE II: UM TERRITÓRIO EM TRANSFORMAÇÃO

XIX	• A religião triunfante De militar a mártir
XX	• O fim da Pax Romana

/ PART II: A CHANGING TERRITORY

• The triumph of Christianity Soldier to martyr	207 211
• The end of Pax Romana	217

/ PARTE III: UM TERRITÓRIO COBIÇADO

XXI	• Aqueles que vêm de Norte
XXII	• Aqueles que vêm de Sul Conhecer a terra: descrever e desenhar Palavras herdadas
XXI	• O vaivém de exércitos: o longo processo da Reconquista
XXIV	• As gentes que ficam, os senhores que passam Marcos de pedra: sinais dos tempos

/ PART III: A MUCH COVETED LAND

• Those who came from the North	223
• Those who came from the South Knowing the land, describing and drawing it Inherited words	229 237 240
• Armies coming and going: the long process of the Reconquista	243
• The people stay, the lords pass by Stones that bear marks of the times	255 258

/ PARTE IV: UM TERRITÓRIO NO CORAÇÃO DO REINO

- XXV • Conquistar, defender e povoar
Uma cidade para um rei
Os nomes que se davam
ao fazer da guerra
- XXVI • O castelo: forma e função
Velar e roldar
Cuidar e reparar
- XXVII • A cada um o seu lugar: governar,
rezar, combater e trabalhar
O quotidiano nas cartas de foral
Pagar e receber: os direitos senhoriais
- XXVIII • Do trono do bispo
Contra doenças e todos os males
- XXIX • Monges e mosteiros
Entre visões apocalípticas e
promessas de salvação
- XXX • Armados de cruz e espada
- XXXI • Cavaleiros e donas
A última morada
Com São Pedro por porteiro
- XXXII • De mãos em mãos: a transferência de
terras e poderes entre “potentes”
- XXXIII • A gente da cidade e das vilas
- XXXIV • Percorrer o território
Vencer as margens
Uma pausa na jornada

/ PART IV: A TERRITORY IN THE HEART OF THE KINGDOM

- To conquer, to defend, to populate 269
A city for a king 277
The making of war: different names
for different strategies 280
- The castle: form and function 283
Keeping watch 291
Maintaining and repairing 294
- Each in his proper place: those who rule, those
who fight, those who pray and those who work 297
Daily life according to the charter 301
To pay and to receive: seigneurial rights 304
- The bishop's throne 309
Against ills and evils 323
- Monks and monasteries 331
From apocalyptic visions to promises
of salvation 344
- Armed with the cross and the sword 349
- Knights and ladies 357
The final resting place 367
With St. Peter as the doorkeeper of Heaven 374
- From hand to hand: the transfer of land
and power among the powerful 379
- The town population 385
- Travelling 397
Bridging the rivers 406
A break in the journey 412





PARTE I

UM TERRITÓRIO DO IMPÉRIO

A TERRITORY OF THE EMPIRE



TERRAS COM MAIS MAR LANDS EMBRACED BY THE SEA

Chamam-se estuários às depressões cobertas pelo mar nas enchentes da maré e que, como rios, permitem a navegação para o interior e para as cidades nas suas margens.

Estrabão (séc. I d.C.), Geografia, III, 1, 9

Ora a região de que estamos a falar é fértil e atravessada por rios grandes e pequenos, todos eles fluindo desde as partes orientais, paralelos ao Tejo; e a maior parte deles tem navegações rio acima e uma grande quantidade de pepitas de ouro. Destes rios, os mais conhecidos, a seguir ao Tejo, são o Mondego, que permite uma pequena navegação rio acima, bem como o Vouga. Depois destes o Douro [...]

Estrabão (séc. I d.C.), Geografia, III, 3, 4

/ Se pudéssemos recuar no tempo cerca de dois mil anos não deixaríamos de reconhecer muitos dos traços principais que desenham a paisagem desta região, desde as serranias no interior, às terras baixas e mais aplanadas, voltadas ao mar. Mas essa geografia não seria exatamente a mesma. A forma como se distribuía e mostrava o povoamento de

The name of estuaries is given to hollows that are covered by the sea at the high tides, and, like rivers, afford waterways into the interior and to the cities on their shores.

Strabo (1st century AD), Geography, III, 1, 9

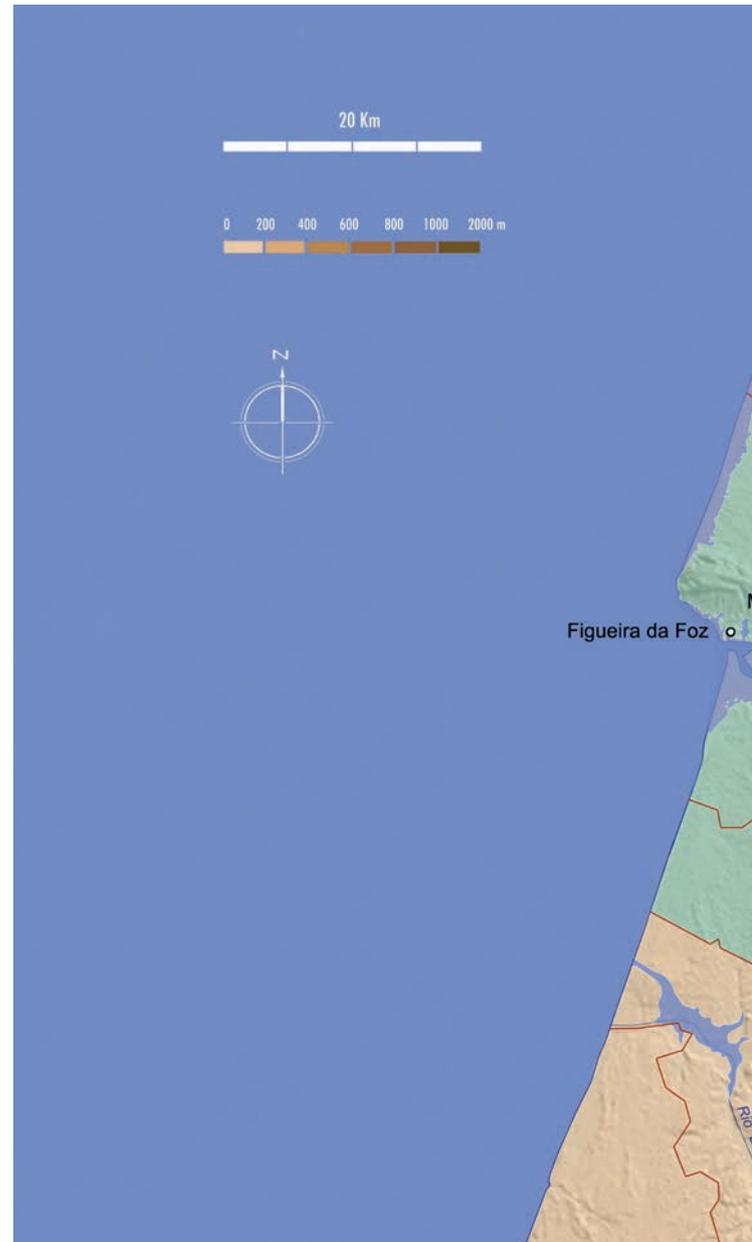
At all events, the country of which I am speaking is fertile, and it is also traversed by rivers both large and small, all of them flowing from the eastern parts and parallel to the Tagus; most of them offer voyages inland and contain very great quantities of gold-dust as well. Best known of the rivers immediately after the Tagus are the Mundas, which offers short voyages inland, and likewise the Vacua. After these two is the Durius [...]

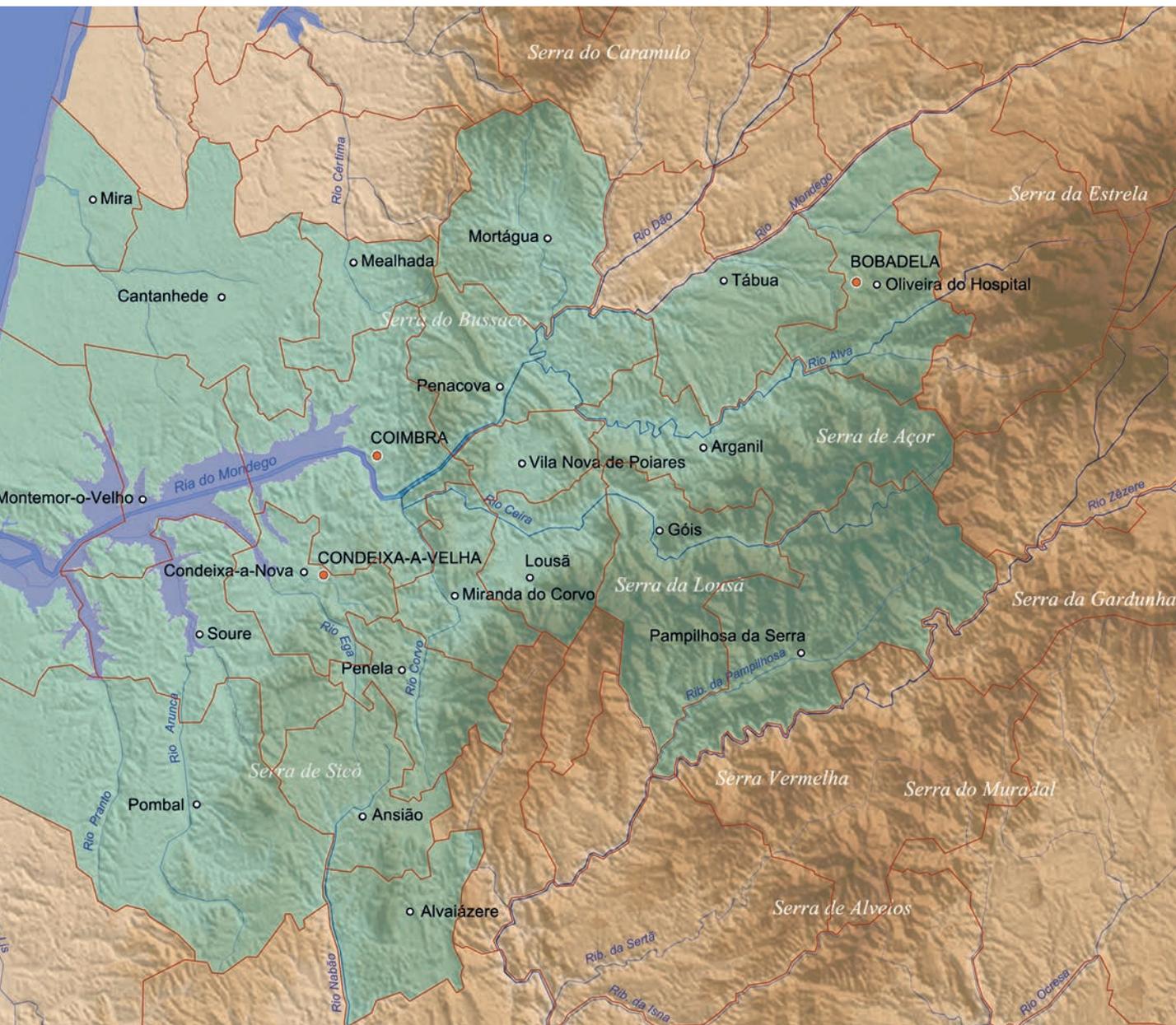
Strabo (1st Century AD), Geography, III, 3, 4

/ If we could go back in time two thousand years, we would still recognize many of the main features of this landscape, from the inland mountains to the lowlands and coastal plains, overlooking the sea. But its geographic layout would not have been exactly the same. Settlement patterns were different, as well as the vegetation. In the

então era diferente. Mas também seria diferente a vegetação que cobria estas terras. Não nos referimos apenas aos olivais e às vinhas que começaram gradualmente a preencher os espaços arroteados, roubados aos matos, ou aos soutos que vão ganhando o início das encostas das terras mais altas – com a intensificação da desflorestação e a introdução de novas espécies cultivadas a paisagem em Época Romana modifica-se. Referimo-nos também às espécies nativas que de forma mais expressiva cobriam as terras desta região a sul e a norte do **Mondego**: predominariam as matas de carvalhos, mas também as azinheiras, os sobreiros e os pinheiros; choupos e ulmeiros seriam frequentes junto a rios e ribeiras ou a áreas mais pantanosas; algumas terras seriam essencialmente cobertas por uma vegetação arbustiva, composta por medronhos e mirtilos, murtas e giestas, ou ainda por cardos e alcachofras.

Roman Era, a more intense deforestation and the introduction of new species brought changes to the landscape: olive groves and vineyards gradually began to cover the cultivated fields gained to the forest, and chestnut groves slowly extended into the foothills of the mountains. But the country north and south of the River **Mondego** was mostly covered with native species: the oak forests predominated, along with plenty of holm oaks, cork oaks and pine trees, as well as poplars and elm trees close by rivers and creeks, or by marshy lands; in some areas the land would have been covered with scrubland composed of strawberry trees, bilberries, myrtle and broom, as well as thistle and artichokes.





^ Concelhos abrangidos pelos territórios de *Aeminium* (Coimbra), *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) e da *Splendidissima civitas* (Bobadela), com reconstituição do estuário do Mondego e da linha de costa há dois mil anos / Municipalities included in the territory of *Aeminium* (Coimbra), *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) and of the *Splendidissima civitas* (Bobadela), showing the Mondego estuary and the coastline as they were two thousand years ago / © José Luís Madeira, ADCMMM | Adaptado de/ Adapted from Alarcão, J. (2004).

Mas talvez o que despertasse mais a nossa atenção seria a frequência das lagunas de água salobra estendidas ao longo da costa e, sobretudo, o grande estuário que então era o **Baixo Mondego**. Há cerca de 5.000 anos, na Pré-História, a linha de costa seria diferente da atual – encontrava-se mais avançada (em direção ao interior) entre 1 e 2 km, uma vez que se calcula que o nível médio das águas do mar estivesse mais elevado cerca de 5 m em relação ao atual. A partir de então o mar recuou progressivamente e formou-se um cordão dunar: uma grande e contínua barreira de areia que separava o mar dessas extensas lagunas abertas para o *Oceano*. Essas lagunas de água a saber a mar foram ficando assoreadas, talvez ainda em Época Romana, evoluindo para pequenas e espaçadas lagoas de água doce.

And yet the most striking feature, for us, would probably have been the numerous brackish lagoons along the coast, and above all, the large estuary of what was then the **Lower Mondego**. About 5000 thousand years ago, the coastline would have been different from what it is today – reaching between 1 and 2 km further inland, since the average sea level is believed to have been 5 m higher than it is today. From then onwards, the sea gradually receded, forming a dune system: a large and continuous barrier of sand separating the sea from these extensive lagoons opening up to the ocean.

Baixo Mondego na zona de Ereira (Montemor-o-Velho) >
The Lower Mondego near Ereira (Montemor-o-Velho)
© Nuno Marques, ADCMMM





Nesse tempo, a par destas lagunas com contornos de rias, existentes, por exemplo, nas zonas de **Mira, Tocha (Cantanhede)** e **Quiaios (Figueira da Foz)**, a linha de costa estabilizou, apresentando um traçado não muito diferente do atual, encontrando-se apenas num ou noutro ponto um pouco mais avançada em direção a terra.

O **Baixo Mondego**, por sua vez, seria um grande estuário. O curso do rio e os campos que hoje vemos entre **Coimbra** e a **Figueira da Foz** resultam de um continuado processo de assoreamento que poderá ter alteado o leito do **Mondego** cerca de 14 m desde o início da era cristã. O rio corria bem mais profundo e uma boa parte da área que o acompanhava para além das margens estaria então submersa. Os campos baixos e aplanados do **Baixo Mondego**, inundáveis ainda hoje quando as chuvadas são fortes e persistentes, seriam há dois mil anos um amplo estuário, de águas doces, salobras e marinhas, que trazia a influência do mar até às portas do lugar onde se encontra **Coimbra**.

These brackish lagoons were gradually silted, possibly still during the Roman Age, and evolved into small, scattered, freshwater lakes. In those days, as these lagoons were being formed in the areas of **Mira**, **Tocha (Cantanhede)** and **Quiaios (Figueira da Foz)**, the coastline stabilized, its layout not very different from the present one, with occasional segments reaching further inland.

The **Lower Mondego** must have been a large estuary. The river course and its surrounding fields between **Coimbra** and **Figueira da Foz** are the result of a continuous stiling process that may have raised the riverbed up to 14 m since the beginning of the Christian era. The river ran much deeper then, and a substantial part of its surrounding fields must have been under water. The low plains of the **Lower Mondego**, which today are still subject to flooding under heavy persistent rain, must have formed a large estuary 2000 years ago, with fresh, brackish and sea water, bringing the influence of the sea to the area where **Coimbra** now stands.



A CHEGADA DAS LEGIÕES THE ARRIVAL OF THE LEGIONS

Diz-se que os Lusitanos são dados a emboscadas, à espionagem, que são vivos, ligeiros, bons em manobras. Têm um escudo pequeno de dois pés de diâmetro, côncavo na frente, preso [ao corpo] por correias, pois não tem manilhas nem outro tipo de pegas. Têm também um punhal ou um cutelo. A maior parte usa couraças de linho; alguns, porém, usam-nas de malha e elmos de três penachos, mas os restantes, elmos feitos de tendões. E os de infantaria têm também cnémides e vários dardos cada um; uns quantos usam ainda uma lança (as pontas são de bronze).

Estrabão (séc. I d.C.), *Geografia*, III, 3, 6

At any rate, the Lusitanians, it is said, are given to laying ambush, given to spying out, are quick, nimble, and good at deploying troops. They have a small shield two feet in diameter, concave in front, and suspended [from the shoulder] by means of thongs, for it has neither arm-rings nor handles. Besides these shields they have a dirk or a butcher's-knife. Most of them wear linen cuirasses; a few wear chain-wrought cuirasses and helmets with three crests, but the rest wear helmets made of sinews. The foot-soldiers wear greaves also, and each soldier has several javelins; and some also make use of spears, and the spears have bronze heads.

Strabo (1st Century AD), *Geography*, III, 3, 6

/ A conquista da *Hispania* começou pela força das armas. Foi um processo longo, arrastando-se por quase duzentos anos. Os Romanos chegaram ao atual território português nos inícios do século II a.C. A conquista dos territórios entre o Tejo e o Douro foi demorada, sobretudo devido à resistência dos Lusitanos a partir de meados daquele século, sob o comando de Viriato. Os Romanos encontraram nestas regiões uma variedade de povos independentes uns dos outros o que tornou a conquista mais difícil, provavelmente mais violenta do que em regiões peninsulares meridionais, implicando a tomada povoado a povoado, mas também deslocalizações coercivas das populações de alguns destes lugares habitados.

/ Taking almost two centuries, the conquest of Hispania began with the force of arms. The Romans reached the lands of present-day Portugal in the beginning of the second century BC. The conquest of the land between the rivers Tagus and Douro was lengthy, mostly because of the resistance put forward by the Lusitanians from the mid-second century onwards, under the rule of Viriato. The Romans encountered several autonomous peoples in this region, making this a hard and more violent conquest, probably, than those of other southern regions of the Peninsula. It involved the conquest of settlement after settlement, as well as the coercive dislocation of the inhabitants of some of these communities.





^ Cabeço de Trás-de-Figueiró (Ansião): povoado ocupado aquando da chegada dos Romanos, sobranceiro ao vale por onde passava a estrada que se dirigia a *Conimbriga*
Hillock, Trás-de-Figueiró (Ansião): an occupied settlement by the time the Romans arrived, overlooking the valley crossed by the road to *Conimbriga*
© Nuno Marques, ADCMMM

O primeiro contacto com as legiões romanas nesta região terá ocorrido em 138-137 a.C., quando da campanha militar de Décimo Júnio Bruto contra lusitanos e galaicos, que, partindo de *Olissipo* (Lisboa), avançou com as suas tropas em direção às regiões a norte do Douro, seguindo provavelmente o caminho que mais de um século depois se constituiria como a principal estrada que ligava as cidades de *Seilium* (Tomar), **Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova)** e **Aeminium (Coimbra)**.

O ano de 138 a.C. terá sido, assim, o ano da chegada das legiões romanas e do primeiro confronto com as populações indígenas. Não sabemos em que medida as comunidades que então viviam nos povoados amuralhados de altura ofereceram resistência ao invasor romano, se guerrearam e foram submetidas pela força ou se logo se renderam. Nem sabemos ao certo se esta região a partir de então ficou sob domínio efetivo de Roma ou se só terá sido definitivamente ocupada pelos Romanos durante o século I a.C.

Sabemos, contudo, que esta região também terá sido palco do conflito entre Sertório, general romano revoltoso que comandou hostes de lusitanos, e Metelo, general ao serviço de Roma (80-72 a.C.).

The first encounter with the Roman legions is thought to have taken place in 138-137 BC, during the military campaign of Decimus Julius Brutus against the Lusitanians and the Gallaeci. Starting in Olisipo (Lisbon), he advanced to the regions north of the Douro, probably taking the route which, a century later, became the main road connecting *Seilium* (Tomar), **Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova)** and **Aeminium (Coimbra)**.

138 BC must therefore have been the date of the arrival and of the first clashes with the native population. There is little information regarding the reaction of those communities who lived in walled settlements, whether they offered any resistance to the invader, whether they surrendered by force, or opted for submission. We don't even know with any certainty if this region effectively fell under Roman power at this time, or only during the 1st century BC.

We do know that it was here, in this area, that the rebellious Roman general Sertorius, leading hosts of Lusitanians, confronted Metellus, a general in the service of Rome (80-72 BC).



^ Moedas de prata (Coíço, Penacova)
Silver coins (Coíço, Penacova)
© Ana Ferreira, ADCMMM

Sabemos também que outras campanhas militares se sucederam e que os combates com os Lusitanos prosseguiram nas décadas seguintes, nomeadamente sob o comando de Júlio César, em 61 a.C. Sabemos ainda que Q. Cássio Longino, em 48 a.C., atacou, tal como Júlio César, o *Mons Herminius*, de localização algo incerta, mas que poderá corresponder à cordilheira da qual fazem parte as serras da **Estrela**, do **Açor** e da **Lousã**.

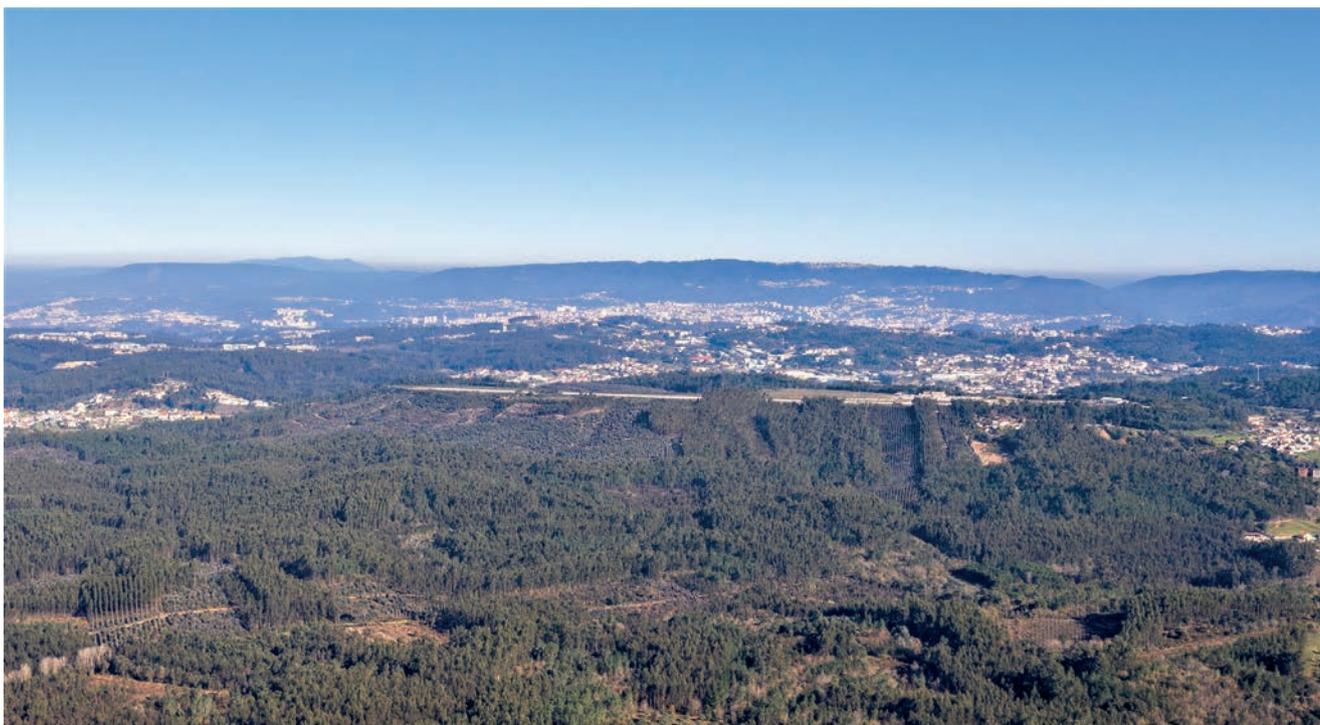
Deste tempo de guerra, marcado pelo avanço das legiões romanas, não existem vestígios arqueológicos que claramente o revelem. Mas destaca-se um: o acampamento romano de **Antanhol (Antanhol e Assafarge, Coimbra)**, estrategicamente situado a meio caminho entre **Conimbriga** e **Aeminium**. A descoberta em **Maiorca (Figueira da Foz)**, próximo da antiga feitoria fenícia de Santa Olaia, de uma possível embarcação romana naufragada, também poderá associar-se a este tempo de guerra, uma vez que a carga que transportava, composta essencialmente por ânforas com vinho itálico e datadas do tempo de Décimo Júnio Bruto, se destinaria a abastecer o exército romano em campanha.

Alguns dos tesouros que têm sido encontrados na região também poderão resultar destes tempos de confronto e instabilidade. A um primeiro momento, situado na passagem do século II a.C. para o século I a.C., pertencerão os seguintes: o tesouro de **Alvorge (Ansião)**, com moedas cujas datas de cunhagem recuam a 152 a.C. e 100 a.C.; o tesouro de Chão de

We also know that there were other military campaigns in the following decades, namely under the command of Julius Cesar (61 BC). And we also know that in 48 BC Quintus Cassius Longinus launched an attack on *Mons Herminius*, whose precise location is not known, although it is believed to correspond to the mountain chain comprising the **Estrela, Açor** and **Lousã** Ranges.

There is no clear archaeological evidence for this period of warfare, marked by the advance of the Roman legions. However, the Roman camp of **Antanhol (Antanhol and Assafarge, Coimbra)** is known to have been strategically situated halfway between *Conimbriga* and *Aeminium*. In **Maiorca (Figueira da Foz)**, near the former Phoenician trading post, the discovery of what may have been a Roman shipwreck could eventually be linked to this period, because its cargo – essentially made of amphoras with Italian wine, dating from the times of Decimus Junius Brutus – was possibly meant as provisions for the Roman army.

Some of the hoards found in the region may also date from this period of conflict and instability. The following may possibly date from the turn of the 2nd century to the 1st century BC: the **Alvorge (Ansião)** hoard, whose coins bear dates from 152 to 100 BC; the Chão de Lamas (**Lamas, Miranda do Corvo**) hoard, with jewels, two vases and seven silver coins (*denarii*) dated 148-92 BC; the six *denarii* found in **Condeixa**, whose dates vary



^ Vista sobre o aeródromo de Antanhol (com Coimbra ao fundo): lugar de acampamento militar romano
View over the airfield of Antanhol (with Coimbra in the background), the site of a Roman military camp
© Nuno Marques, ADCMMM

Lamas (**Lamas, Miranda do Corvo**), composto por joias, dois vasos e sete moedas em prata (denários), estas datadas entre 148-92 a.C.; os seis denários de **Condeixa**, com datas de cunhagem situadas entre 165-92 a.C.; e, eventualmente, o tesouro de S. Tibério (**Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze, Pombal**), do qual só se conhecem dois denários (haveria mais), um cunhado em 114-113 a.C. e outro em 106 a.C. A uma segunda fase, talvez relacionáveis com as guerras sertorianas, andarão por sua vez associados os seguintes: o tesouro do Coiço (**Oliveira do Mondego e Travanca do Mondego, Penacova**), composto por um fragmento de bracelete (*torques*) em prata e vinte denários, quase todos cunhados em Roma entre 155 a.C. e 82/81 a.C.; o tesouro de **Meruge (Oliveira do Hospital)** com denários datados entre 82-79 a.C.; o tesouro de Cabeça da Corte (**Degracias e Pombalinho, Soure**), composto por mais de uma centena de denários, e cuja data de cunhagem da moeda mais recente é de 74 a.C.; e o tesouro de Vila Nova ou Trás de Figueiró (**Alvorge, Ansião**), com vinte e três denários também de 74 a.C. Todos estes achados podem ter sido escondidos (e não recuperados pelos seus proprietários) face à presença ou passagem de tropas romanas pela região. Serão, desta forma, sinais indiretos de guerra, da chegada das legiões romanas.

from 165 BC to 92 BC; and possibly the S. Tibério hoard (**Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze, Pombal**), of which only two *denarii* are known (though it is believed to have had more), one dated 114-113 BC and the other 106 BC. From a later stage, possibly associated to the Sertorian wars, are the following: the Coiço hoard (**Oliveira do Mondego e Travanca do Mondego, Penacova**), consisting of a fragment of a silver bracelet (*torques*) and twenty *denarii*, most of which minted in Rome between 155 and 82/81 BC; the Meruge (**Oliveira do Hospital**) hoard, showing *denarii* from 82-78 BC; the Cabeça da Corte (**Degracias e Pombalinho, Soure**) hoard, comprising more than a hundred *denarii*, whose most recent minting date is 74 BC; and the hoard of Vila Nova or Trás-de-Figueiró (**Alvorge, Ansião**), with twenty three *denarii* also from 74 BC. All these findings may have been hidden (and remained unclaimed by their owners) when the legions were staying or passing through the region. Consequently, they are indirect signs of war, of the arrival of the Roman legions.

ACAMPAMENTO DE GUERRA / A MILITARY CAMP

/ O primeiro contacto das comunidades desta região, habitantes dos castros (povoados de altura amuralhados), com as famosas legiões romanas data de 138 a.C. Este é um ano importante, uma marca no tempo que anuncia uma nova era. Dessa primeira presença dos Romanos nestas terras são escassos os vestígios. Mas existe um, localizado num planalto sobranceiro ao caminho que ligava **Conimbriga** a **Coimbra**, que poderá andar associado a essa passagem das tropas do cônsul Décimo Júnio Bruto: o acampamento militar romano de **Antanhol**.

O aeródromo de **Antanhol (Antanhol e Assafarge, Coimbra)** foi construído, na década de 50/60 do século XX, sobre esse acampamento, destruindo-o em grande parte. No entanto, subsistem algumas estruturas (como seja o talude em terra e fosso defensivo) que carecem de estudo e proteção, pela importância e significado que encerram.

/ The communities of this region, who lived in castros (hill forts) had their first encounter with the legendary Roman legions in 138 BC. This is an important date, signalling the beginning of a new era. Only a few vestiges remain of those first years of Roman presence. One of these is situated on a plateau overlooking the route connecting **Conimbriga** to **Coimbra**: the Roman military camp of **Antanhol** may be linked to the passage through the region of the troops under the command of consul Decimus Junius Brutus.

The construction of the aerodrome of **Antanhol (Antanhol and Assafarge, Coimbra)** in the 1950/60s, over this camp, destroyed most of it. A few structures have nevertheless survived – namely the earth slope and the defensive moat – which should be studied and preserved, given their importance and significance.

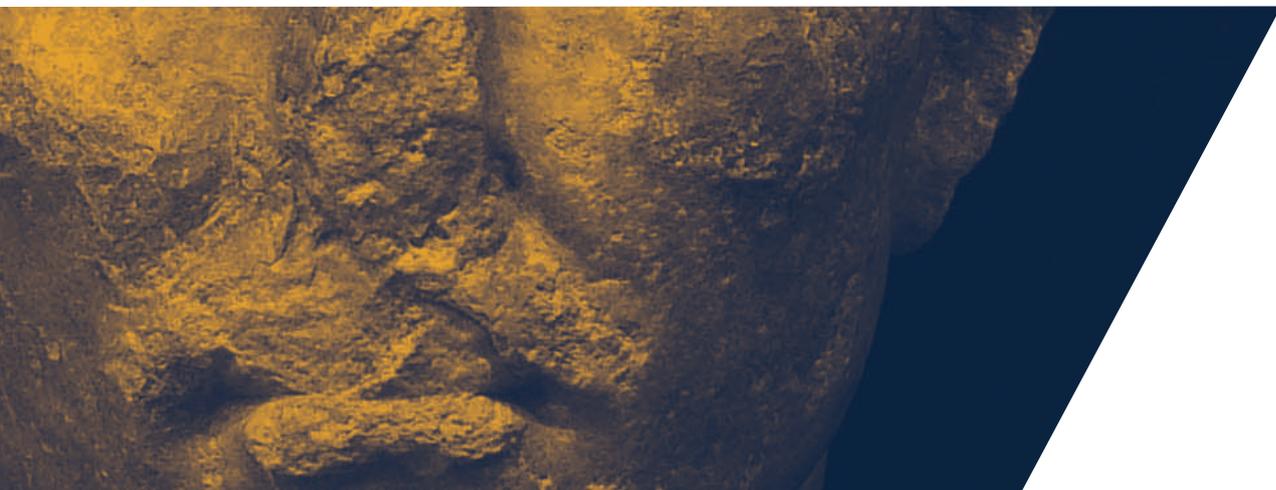


A sua vinculação a outras contendas militares que ocorreram passadas as primeiras décadas do século I a.C., como as que foram comandadas pelo próprio Júlio César, também é possível. A estas campanhas de César da década de 60 a.C., poderá também andar eventualmente associado o acampamento militar da Lomba do Canho (**Secarias, Arganil**).

There may be a connection with other, later military encounters, by the mid-first century BC, such as those led by Julius Caesar himself. The military camp of Lomba do Canho (**Secarias, Arganil**) may also have been associated with these campaigns led by Caesar in the 60s BC.



- ▲ Vista sobre a Lomba do Canho (com Arganil ao fundo): lugar de acampamento militar romano, junto ao rio Alva e a uma antiga área de exploração de ouro
View over Lomba do Canho (with Arganil in the background), the site of a Roman military camp situated near the Alva River and an old gold mining area
© Nuno Marques, ADCMMM | © Município de Arganil



QUE AS ARMAS CEDAM LUGAR ÀS TOGAS LET ARMS YIELD TO THE TOGA

/ Pacificado este território, as armas cederam lugar às togas dos magistrados civis que doravante passaram a administrá-lo à maneira romana. A implementação de uma estrutura administrativa que procurasse servir os interesses de Roma constituía a condição *sine qua non* para que o processo de ocupação e exploração destes territórios tivesse lugar. A criação das *ciuitates* destacou-se neste processo de organização administrativa ocorrida ao tempo do primeiro imperador de Roma, Augusto (27 a.C. – 14 d.C.). Derivadas do modelo político romano, impostas e reconhecidas por Roma, as *ciuitates* constituem as unidades territoriais e fiscais de referência destas novas paisagens integradas na província da *Lusitania* romana, com sede em *Emerita* (a atual cidade espanhola de Mérida) e capital conventual (distrito jurídico) em *Scallabis* (Santarém). As *ciuitates* possibilitaram a integração jurídica das comunidades locais e favoreceram a administração descentralizada dos territórios conquistados.

/ Once peace was established, power was placed in the hands of civil magistrates, whose function was the administration of the territory according to Roman law. An administrative structure modelled upon that of Rome and serving the interests of Rome was an essential part of the process of occupation and exploration of the conquered territories. The creation of *civitates* played a key role in this process, which took place during the reign of Augustus, Rome's first emperor (27 BC – AD 14). The *civitates* are the basic territorial and fiscal units in these new landscapes of the Roman province of *Lusitania*. *Emerita* (the present-day Spanish city of Merida) was its capital, and *Scallabis* (Santarém) was the seat of a *conventus iudicis* (judicial district). The *civitates* allowed for the juridical integration of local communities and encouraged the decentralization of the administration in the conquered territories.

Uma *ciuitas* era, portanto, uma circunscrição administrativa, algo que na atualidade designaríamos de concelho, ainda que as *ciuitates* tivessem uma área bem mais ampla e mais parecida com a dos atuais distritos. Cada *ciuitas* tinha uma cidade capital – sede do poder político, fiscal e religioso. No fórum (o principal espaço público) de cada capital, os magistrados eleitos reuniam-se para debater as causas comuns (*res publica*) respeitantes ao povo (*populus*) que vivia no território (*territorium*) da *ciuitas*. No governo de cada cidade estava um senado local (*ordo decurionum*): um concelho de cidadãos constituído pelos homens mais ilustres e endinheirados de cada *ciuitas*, detentores de ricas casas (*domus*) na cidade e de grandes quintas (*villae*) nos campos. Entre eles eram eleitos anualmente dois magistrados (os duúnviros, os cônsules locais) que detinham o poder executivo sobre a cidade e o seu território. Estes, entre outras atribuições, julgavam alguns conflitos, geriam os bens da cidade e asseguravam o cumprimento da lei romana (ainda que algumas das tradições locais se mantivessem, quando não colidiam com o direito romano). No exercício dos seus cargos, a expensas próprias, custeavam jogos ou obras públicas, em troca do prestígio social e político que conseguiam por via dessas ações beneméritas (evergéticas). Estes magistrados principais eram auxiliados por outros magistrados, com funções ou

A *civitas* was, therefore, an administrative subdivision, similar to what we nowadays call a municipality, even if *civitates* covered much broader areas, more in line with present-day districts. Each *civitas* had a capital, the centre of political, fiscal and religious power. The forum was the centre of political life of the capital, where the elected magistrates met to discuss the business of the community (*res publica*), concerning the population (*populus*) who lived in the area (*territorium*) of the *civitas*. The government of each town was in the hands of a local senate (*ordo decurionum*): a council of citizens formed with the most illustrious and wealthy men of each *civitas*, who owned fine town houses (*domus*) and large farms in the country (*villae*). Once a year this council elected two magistrates (the *duumviri*, local consuls), who held the executive power in the city and in its territory. Amongst other duties, they dealt with conflict resolution, managed the city's property and enforced Roman law – although some local usages were allowed, as long as they didn't contradict Roman law. In the scope of these functions, they sponsored games or public works of their own pocket, aiming for the social and political prestige that such acts of public benefaction afforded them (evergetism).

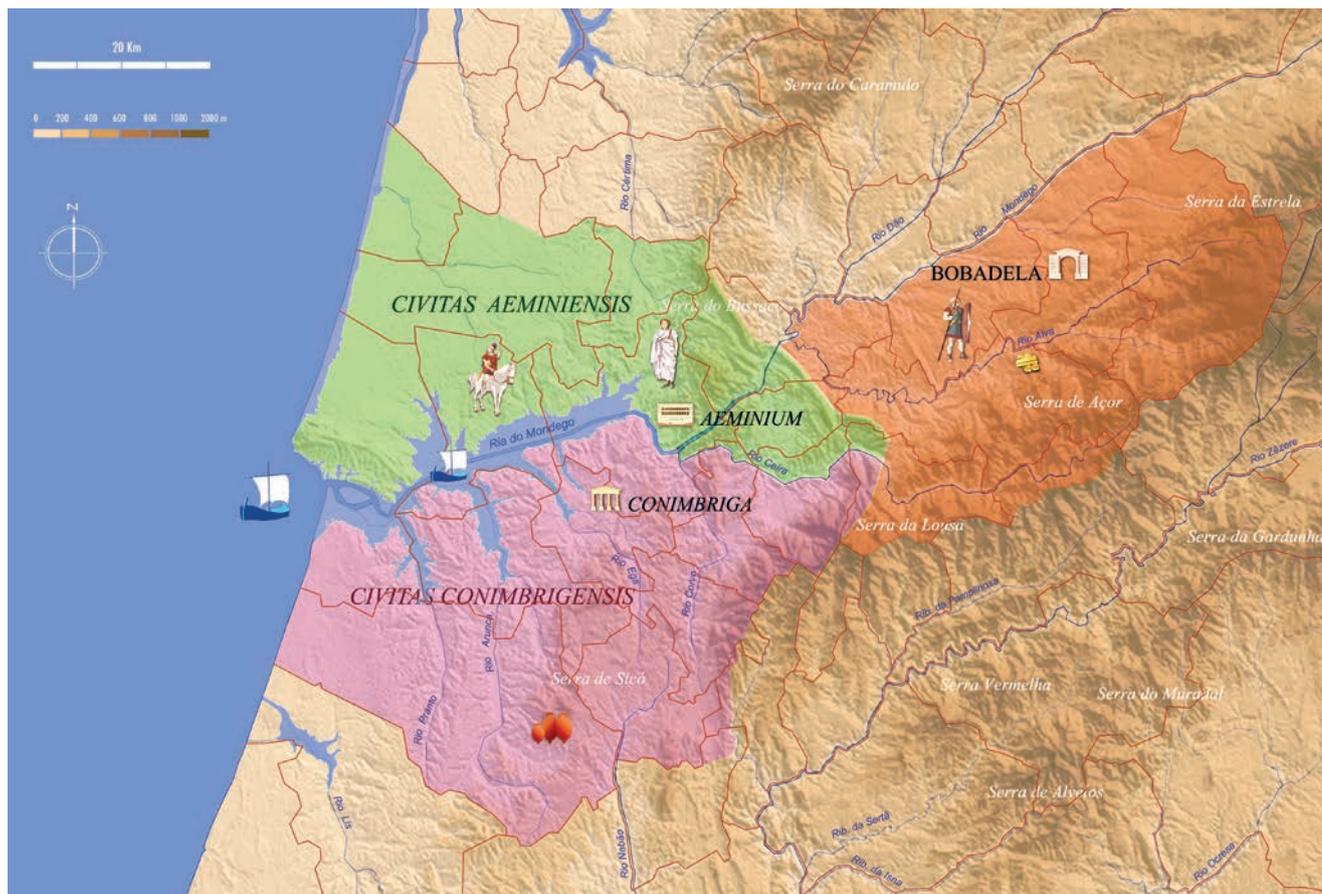


pelouros específicos, contando ainda com o serviço de funcionários públicos pagos pelo erário municipal, afetos, por exemplo, aos serviços de segurança, higiene e limpeza, vigilância dos mercados e controlo de pesos e medidas ou manutenção de equipamentos públicos da cidade e do seu território.

Esta região, ao tempo de Augusto, foi repartida essencialmente por três *ciuitates*: a *ciuitas Aeminienses*, com capital em **Aeminium (Coimbra)**, a *ciuitas Conimbrigenses*, com capital em **Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova)** e uma outra *ciuitas* com capital em **Bobadela (Oliveira do Hospital)**, mas cujo nome romano da cidade desconhecemos, ainda que então alguns a designassem de *Splendidissima ciuitas*. **Aeminium, Conimbriga** e a *Splendidissima ciuitas* foram assim, em Época Romana, as principais cidades capitais desta região. Cada uma destas cidades geria uma área que abarcava o território de vários concelhos atuais. Mais a norte, uma outra *ciuitas* com capital em **Talabriga (Cabeço do Vouga, Águeda)** poderia estender o seu território à parte norte do atual concelho de **Cantanhede**, enquanto outra, com capital em Viseu (*Vissaium*), poderia estender-se até ao concelho de **Mortágua**. A sul, por sua vez, a *ciuitas* com capital em *Seilium* (Tomar) poderia abarcar o concelho de **Alvaiázere** e, eventualmente, o de **Pampilhosa da Serra**, enquanto o de **Pombal** integraria parcialmente o território de *Collipo* (cidade romana localizada em S. Sebastião do Freixo, Golpilheira, Batalha, no limite com o concelho de Leiria).

These high magistrates were assisted by other magistrates with specific functions, as well as by other public officials paid by the city's treasury, who were assigned to security, public health and sanitation, security in markets, inspection and control of weights and measures and maintenance of public works in the city and in its territory.

Under Augustus, this region was essentially divided into three *civitates*: the *civitas Aeminienses*, with **Aeminium (Coimbra)** as its capital, the *civitas Conimbrigenses*, with its capital in **Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova)** and a third *civitas* whose capital was **Bobadela (Oliveira do Hospital)**, a town whose Roman name is unknown, even if it was sometimes referred to as *Splendidissima Civitas*. **Aeminium, Conimbriga** and **Bobadela** were, therefore, the three most important capital cities of this region. Each of them ruled a territory corresponding to several present-day municipalities. Further north, another *civitas*, its capital in **Talabriga (Cabeço do Vouga, Águeda)** might perhaps extend into the northern section of the present-day municipality of **Cantanhede**, while another, its capital in Viseu (*Vissaium*) might possibly reach the **Mortágua** municipality. In its turn, to the south, the *civitas* with its capital in *Seilium* (Tomar) might perhaps include the municipality of **Alvaiázere**, and possibly that of **Pampilhosa da Serra**, while the municipality of **Pombal** is thought to have partially included the territory of *Collipo*, a Roman town situated in S. Sebastião de Freixo, Golpilheira, Batalha, on the border of the municipality of Leiria.



^ Cidades romanas e limites administrativos, antigos (*civitates*) e atuais (concelhos)
 Roman cities and old (*civitates*) and current (municipalities) administrative boundaries
 © José Luís Madeira, ADCMMM

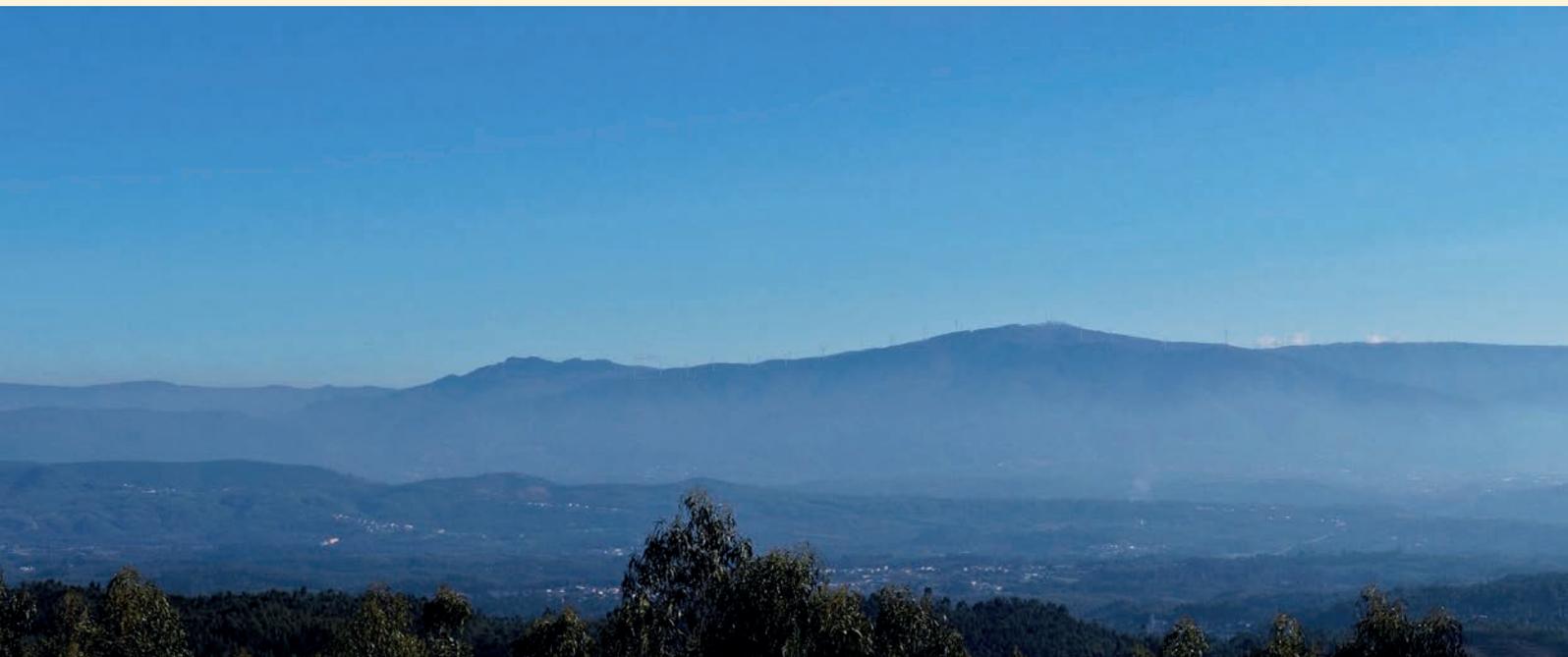
LINHAS DE FRONTEIRA / BOUNDARY LINES

/ O Estado Romano entendia cada *ciuitas* sobretudo como unidade fiscal: estabelecia um tributo que cada comunidade devia pagar (mediante o pagamento de imposto em numerário ou em dias de trabalho), deixando nas mãos dos governos locais o modo como essa cobrança era efetuada. Daí também a necessidade de estabelecer claramente os limites territoriais entre cada *ciuitas*.

À semelhança do que aconteceu nos tempos que se seguiram (e na atualidade) os territórios administrativos em Época Romana foram delimitados por acidentes geográficos. Os seus limites corriam essencialmente pelas cumeadas de serras (como as do **Açor**, da **Lousã** e do **Buçaco**) ou seguiam o curso de alguns rios (como o **Mondego**, o **Ceira** e o **Alva**). A assinalar esses limites, sobretudo onde estes eram cruzados por estradas importantes, podiam encontrar-se inscrições (*termini augustales*) que registavam o nome das *ciuitates* que nesse ponto confrontavam (tal como acontece nos nossos dias com as placas divisórias distritais ou concelhias).

/ In Roman administration, each *civitas* was first of all a fiscal unit: each community paid a tribute, in money or workdays, and local government was free to find the means to meet this requirement. Hence the need to define the boundaries of each *civitas*.

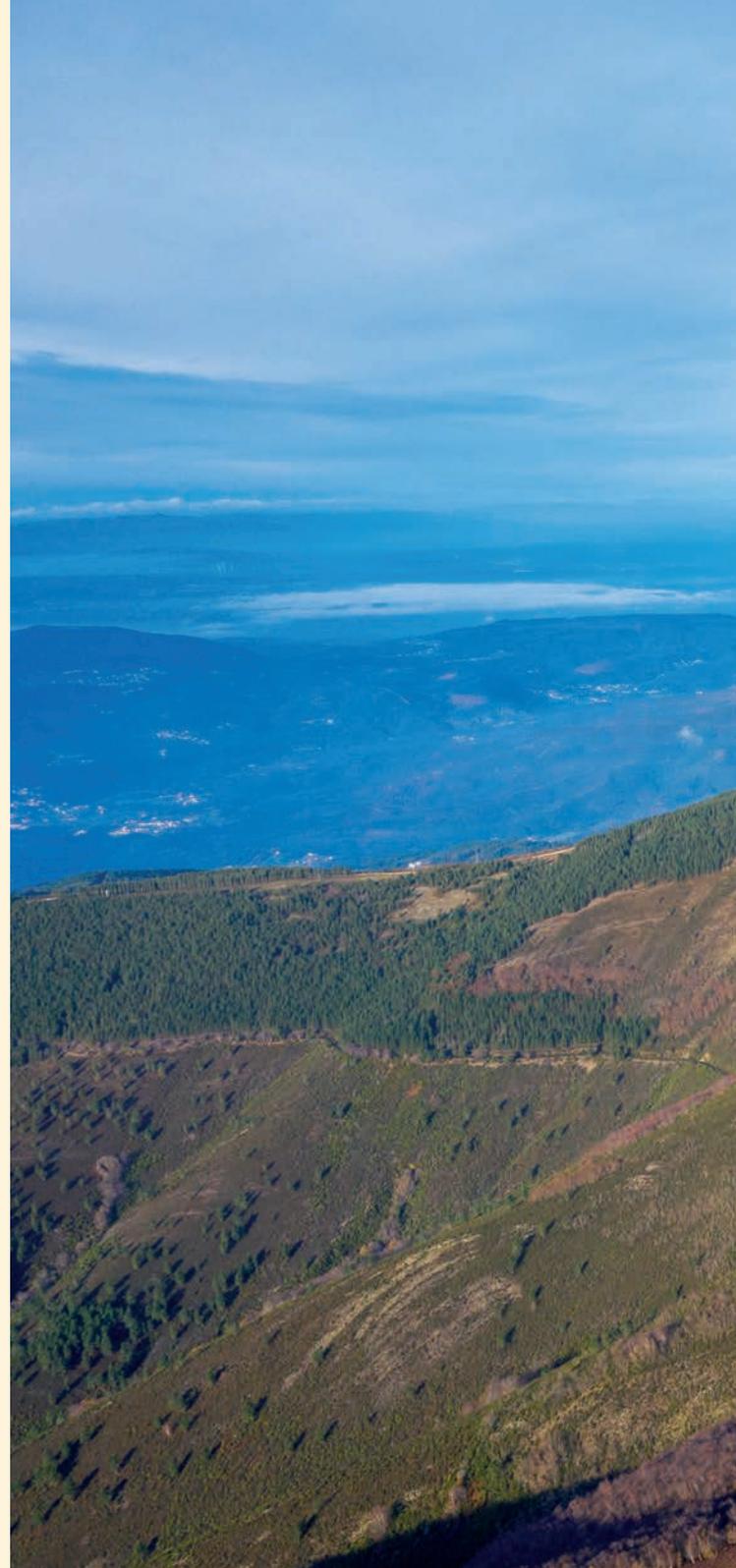
In the Roman Age, as in the times that followed (and indeed, at the present time), the definition of administrative boundaries followed the natural terrain features – either mountain ridges (such as **Açor**, **Lousã** and **Buçaco**) or the course of rivers (such as the **Mondego**, the **Ceira** and the **Alva**). These boundaries were demarcated, particularly where they were intercepted by important roads, with inscriptions (*termini augustales*) identifying the limits of those *civitates* (such as the district or municipality boundary signs of our days).



▲ Serra da Lousã (e Alto do Trevim): linha de fronteira, onde as terras do litoral e do interior se encontram
Lousã Mountain Range (and Alto do Trevim): boundary line, where the coastal and interior lands meet
© Pedro C. Carvalho, ADCMMM

Um desses marcos poderia também encontrar-se no Trevim, na serra da **Lousã** – topónimo que parece derivar de *trifinium*, possível lugar onde convergia o território de três *ciuitates*: as que tinham sede em **Bobadela (Oliveira do Hospital)**, **Conimbriga** e **Seillium** (ou mesmo **Aeminium**). Hoje, essas antigas linhas de fronteira podem ser de certo modo intuídas, tendo algumas sido decalcadas e perpetuadas por limites administrativos posteriores entre concelhos e distritos. A atual geografia administrativa encontrará assim as suas origens nessa geografia política antiga.

One of those boundary markers would probably have existed in Trevim, on the **Lousã** Mountain Range. This toponym seems to derive from *trifinium*, possibly the place where the boundaries of three *civitates* met: those whose capital cities were **Bobadela (Oliveira do Hospital)**, **Conimbriga** and **Seillium** (or even **Aeminium**). Nowadays, those ancient boundaries can be somehow discerned, inasmuch as some of them have been reproduced and perpetuated by subsequent administrative limits to define both municipalities and districts. Thus, the current administrative geography has probably had its origins in the ancient political geography.







AS CIDADES DO IMPÉRIO THE CITIES OF THE EMPIRE

/ À imagem de Roma, todas as cidades fundadas no Império passam a ser o lugar por excelência da afirmação do espaço público – de um novo espaço público, enquanto espaço cívico, fundador da cidadania, palco privilegiado dos cidadãos (*ciues*). Também à imagem da capital do Império, as cidades provinciais, capitais de *ciuitates*, são construídas obedecendo a conceitos que as tornam semelhantes, ainda que o seu desenvolvimento urbano e aparato arquitetónico seja maior ou menor em função da importância relativa de cada cidade. De todo o modo, todas as cidades começam por ser desenhadas em função de duas ruas principais (o *cardo* e o *decumanus*), tendencialmente retilíneas e que se cruzam no centro, onde se constrói o fórum – o principal espaço público e monumental de uma cidade romana.

No fórum, em torno de uma praça pública porticada e descoberta, concentravam-se as funções essenciais ao funcionamento de uma capital de *ciuitas*: a religiosa, representada por um templo, a político-administrativa e jurídica, através da presença de uma basílica, e a comercial, observável nas *tabernae*. Era no fórum que os homens se

/ Having Rome for a model, all the cities founded throughout the Empire become above all places where a new kind of public space is prevalent – as civic space, as producer of citizenship, a space of and for the citizen (*cives*). The provincial towns, *civitas* capitals, follow certain guidelines which make them similar to each other, even if their specific urban development and architectonic layout would vary according to each town's status. But for all the cities, the initial layout is based on the two main and predominantly rectilinear streets (the *cardo* and the *decumanus*) which intersect at the centre – the place of the forum, the main public and monumental space of a Roman town.

At the forum, around an open, porticoed public square, rose the buildings that served the religious, political-administrative and juridical, and commercial purposes of a *civitas* capital: there was a temple, a basilica and the shops (the *tabernae*). This was the place where the men gathered to deliberate, discuss law and pray to the gods. The forum, thus, symbolized the power of Rome in the city.

reuniam para deliberar, para ouvir falar de direito e para orar aos deuses. O fórum representava assim numa cidade o domínio de Roma.

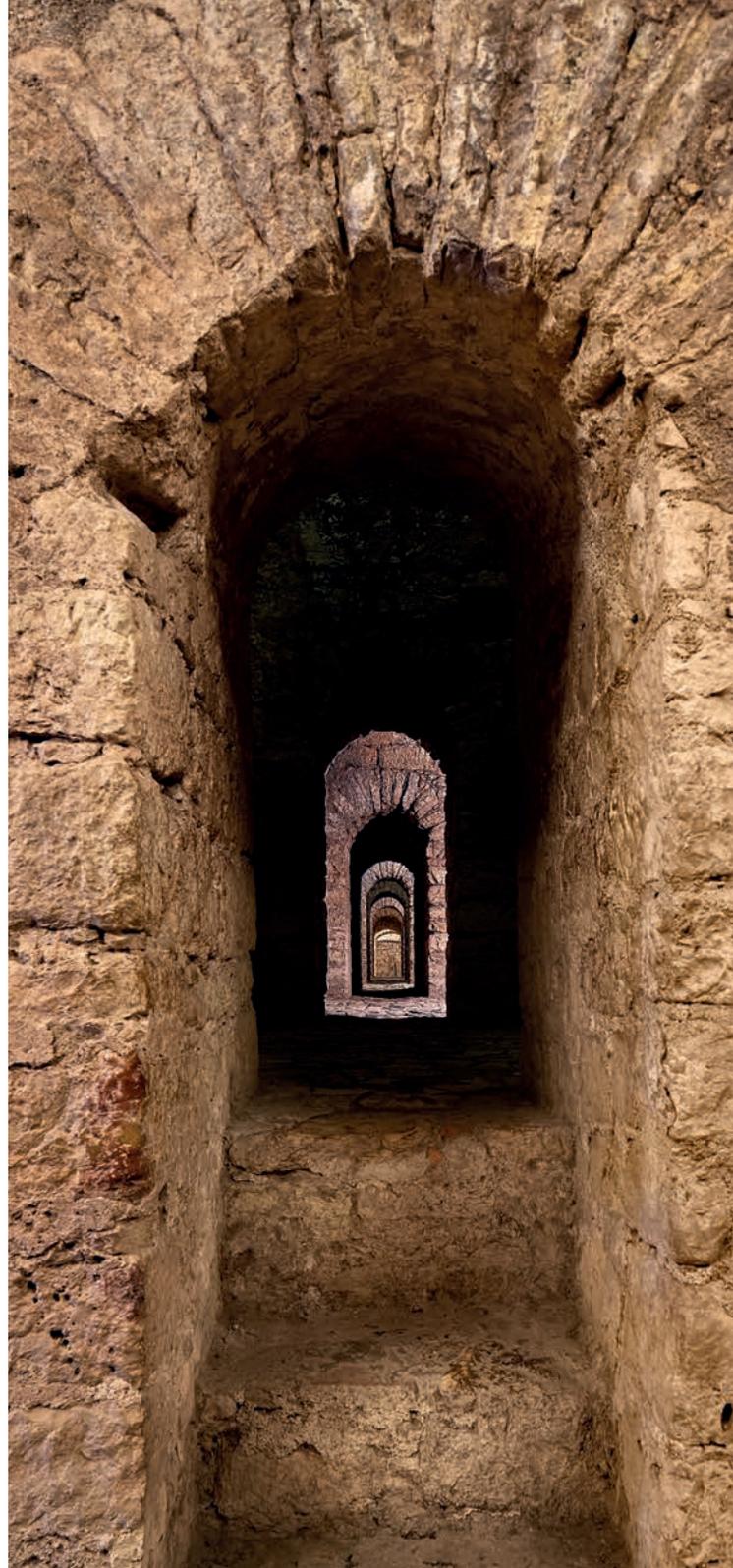
Uma cidade romana também poderia estar rodeada de uma muralha, repartindo-se a restante área urbana tanto por casas particulares, desde os bairros populares (*insulae*), às moradias dos senhores mais abastados (*domus*), como por edifícios públicos, quase sempre monumentais, desde aqueles que se destinam ao lazer e divertimento (teatros, anfiteatros e hipódromos), aqueles relacionados com diferentes facetas do quotidiano, das termas aos mercados públicos. Os aquedutos que levavam água à cidade, por vezes percorrendo longas distâncias, também constituíam um equipamento urbano fundamental, assim como as cloacas para escoar águas sujas e que representam a primeira rede de saneamento básico conhecida.

Nestes territórios destacavam-se três cidades: **Aeminium (Coimbra)**, **Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova)** e **Bobadela (Oliveira do Hospital)**. **Aeminium** foi uma das mais importantes cidades romanas do litoral norte da província da Lusitânia. Situada nas margens do rio **Mondego** (designado de *Munda* na antiguidade, derivando depois para *Mondecus*) e com uma ligação privilegiada com o mar, este anterior povoado proto-histórico passou a ser capital de *ciuitas* a partir

Often surrounded by defensive walls, Roman towns had many other types of buildings: private houses – from popular blocks (*insulae*) to the residences of wealthy families (*domus*) – and public buildings, as a rule monumental ones, from those meant for leisure and entertainment (theatres, amphitheatres and hippodromes), to those that served other purposes, such as baths or street markets. Equally fundamental in terms of urban equipment were the aqueducts, which carried water to the city, often through long distances, and the sewers, to drain off waste waters – the world’s earliest known sewage system.

Three towns stand out in this territory: *Aeminium* (Coimbra), *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova) and Bobadela (Oliveira do Hospital). *Aeminium* was one of the most important Roman cities on the northern coast of Lusitania. Situated on the banks of the River Mondego (known as *Munda* in antiquity, and then by *Mondecus*) and with a ready access to the sea, this former protohistoric settlement became *civitas* capital under the reign of Augustus (27BC – AD 14). The name *Aeminium*, probably pre-Roman, was latinized. The town’s first forum dates from this period, around the change of era, as part of the first large urban renewal. One of the best preserved cryptoporticos of the Roman world lies under the Machado de Castro National Museum. Circa AD 40s





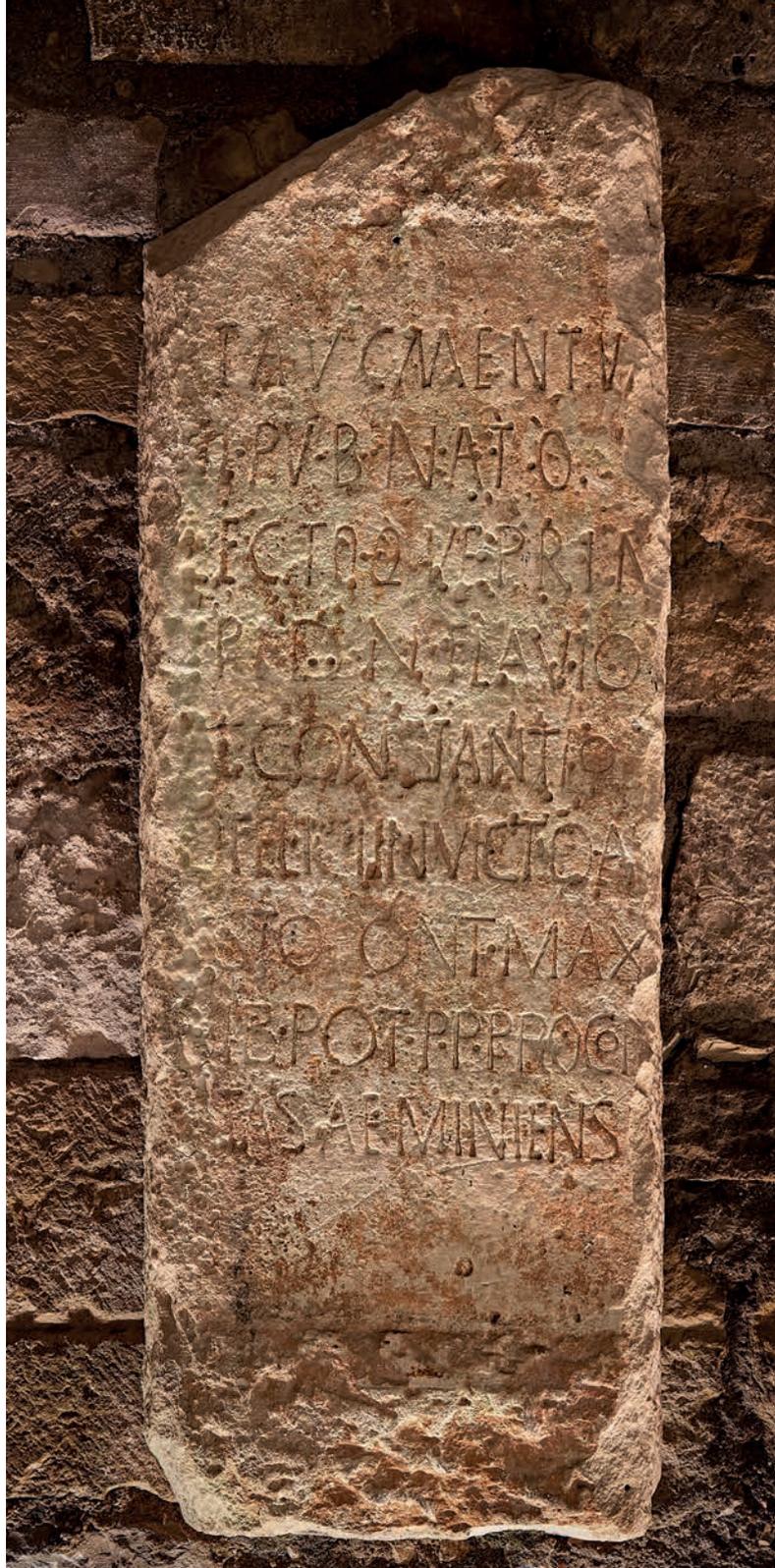
do reinado do imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.). O nome **Aeminium** é provavelmente de origem pré-romana, tendo-se assim mantido, embora latinizado. É desse tempo, em torno da mudança de era, que data a primeira grande renovação urbana de **Aeminium**, tendo sido construído um primeiro fórum. Atualmente, sob o Museu Nacional de Machado de Castro, observa-se um dos mais bem conservados criptopórticos do mundo romano. Sobre esse criptopórtico, em torno dos anos 40 ou 50 d.C., foi erguido um fórum renovado e mais condizente com a importância adquirida pela cidade durante as primeiras décadas do século I d.C. **Aeminium** terá atingido uma extensão de cerca de 20 hectares, englobando vários edifícios públicos e privados cujos restos permanecem ocultos sob a atual Alta de **Coimbra**. Na Época Suevo-Visigótica será primeiro paróquia e depois sede de bispado.

or 50s, over this cryptoportico, a renewed forum was raised, more in line with the importance the town had acquired in the first decades of the century. **Aeminium** is believed to have reached about 20 hectares, comprising several public and private buildings whose remnants lie under the present-day Alta of **Coimbra**. In the Suevic-Visigothic era, the town was a parish, first,

< Criptopórtico de **Aeminium** (Museu Nacional de Machado de Castro)
Cryptoportico of **Aeminium** (Machado de Castro National Museum)
João Margalha, ADCMMM

Inscrição dedicada ao imperador Constâncio Cloro pela *civitas Aeminiensis*, >
em 305 ou 306 d.C. Foi descoberta em 1888, quando se demolia uma casa na Couraça dos Apóstolos, ajudando a desfazer as dúvidas sobre a localização de **Aeminium** e **Conimbriga** (Museu Nacional de Machado de Castro)
Dedication to Emperor Constantius Chlorus by the *civitas Aeminiensis*, AD 305 or 306. Found in 1888, during a house demolition in the Couraça dos Apóstolos, this slab helped to clear doubts about the exact location of **Aeminium** and **Conimbriga** (Machado de Castro National Museum)

© João Margalha, ADCMMM





▲ *Conimbriga*: área da cidade com o fórum em primeiro plano / *Conimbriga*: a section of the town, with the forum in the foreground
 © Nuno Marques, ADCMMM

Conimbriga foi também um povoado ocupado pelo menos desde a Idade do Bronze Final (séculos XII-IX a.C.), com uma importante ocupação na Idade do Ferro (séculos VIII-II a.C.) e convertendo-se em cidade capital de *ciuitas* ao mesmo tempo que **Aeminium**. O seu nome latino também será de origem pré-romana, significando “alto pedregoso”. Nesta cidade romana, parcialmente escavada (c. 15%), descobriram-se vários edifícios públicos, destacando-se o fórum e as termas públicas, além do anfiteatro, ainda por escavar.

and then a diocese.

Similarly, *Conimbriga* was populated since the Late Bronze Age (12th century- 9th century BC), with a dense population in the following centuries (8th century – 2nd century BC). It became a *civitas* capital at the same time as **Aeminium** and its Latin name also probably predates Roman occupation, meaning “rocky eminence”. Amongst the several public buildings uncovered in this partially excavated (c. 15%) Roman town, the forum and





Também foram descobertos edifícios privados, entre os quais sobressaem algumas requintadas *domus* (como a dos Repuxos e a de Cantaber) e outras habitações mais modestas (*insulae*). A cidade teria entre 5000 a 6000 habitantes. A primeira muralha da cidade, de Época Augustana, cercava uma área com cerca de 20 hectares, sendo este perímetro urbano reduzido nos derradeiros anos do século III, quando uma nova muralha foi construída à pressa face à ameaça dos povos bárbaros. Embora atacada pelos Suevos, a cidade manteve a sua importância durante essa época, mas perdeu protagonismo com os Visigodos, quando, talvez numa data ainda anterior a 585, deixou de ser sede de bispado, a favor de **Aeminium**.

the public baths, as well as the yet unexcavated amphitheatre, stand out.

Some private buildings were also found, amongst which a few refined *domus* – such as the Casa dos Repuxos and the Casa de Cantaber – as well as other more modest residences (*insulae*). Its population is believed to have been between 5000 and 6000. Its earliest walls, erected during the Augustan age, enclosed an area of c. 20 hectares, but by the end of the 3rd. century, this urban perimeter was reduced, when a new wall was speedily built to withhold the threat of the Barbarians. Attacked by the Suebi, the town did not lose its importance, but under Visigothic rule,

< *Conimbriga*: peristilo de uma *domus* junto à muralha
Conimbriga: peristyle of a *domus* located close to the town wall
© Município de Condeixa-a-Nova

A aldeia de **Bobadela** também começou por ser um povoado na Idade do Ferro, como as escavações arqueológicas recentes parecem comprovar. A sua fundação como capital de *ciuitas* terá ocorrido também nos anos que enquadram a viragem de era. O nome romano da cidade não o conhecemos. Nenhum achado o permitiu até agora desvendar. Sabemos apenas que alguém a designou então de *Splendidissima ciuitas*, a esplêndida cidade. Desta cidade conservam-se sobretudo restos do fórum, particularmente da porta monumental que lhe dava acesso, e também do anfiteatro, o melhor conservado e, por isso, o mais significativo até agora do Portugal romano.

Descobriram-se ainda restos de um bairro de casas modestas datado do século I d.C. Os vestígios de uma muralha e de um aqueduto, presumivelmente romanos, seriam ainda visíveis no século XIX. Esta cidade do interior apresentaria um certo desenvolvimento urbano e aparato arquitetónico, mas a sua área seria relativamente pequena, quando comparada com a de **Aeminium** e de **Conimbriga**, não ultrapassando os 10 hectares. Nos séculos V-VI passa a ser sede de paróquia sueva.

possibly even before 585, *Conimbriga* lost its bishopric to *Aeminium*.

Recent archaeological excavations seem to ascertain that the village of **Bobadela** also began as an Iron Age settlement. Its foundation as *civitas* capital must have taken place around the change of era. Its Roman name remains unknown. We only know that the Romans admired it, calling it *splendidissima civitas* – magnificent city. Some remains of the forum can be seen, in particular the monumental doorway, as well as the amphitheatre, which is the best preserved, and hence the most significant example of an amphitheatre, until now, in Roman Portugal.

A few remains of a block of modest housing were also found, dating from the 1st century. Vestiges of a wall and of an aqueduct, both presumably Roman, were apparently still visible in the 19th century. This country town seems to have reached a certain level of urban development and architectonic aplomb, but its size would have been relatively small, compared to *Aeminium* and *Conimbriga*, no more than 10 hectares. In the 5th-6th century it became a Suevic parish seat.



- ▲ Inscrição que regista a *Splendidissima civitas*, onde Júlia Modesta, sacerdotisa do culto ao imperador, pagou do seu bolso as portas do fórum. Esta inscrição é uma cópia feita em 1746, colocada na fachada da Igreja Matriz
Inscription mentioning the *Splendidissima civitas*. Julia Modesta, imperial cult priestess, paid for the doors of the town's forum out of her own pocket.
This is a 1746 copy of the original inscription placed on the facade of the church
© Rui Pedro Lamy | ETHNO, ADCMMM



- ▲ A aldeia de Bobadela (Oliveira do Hospital) sobre a cidade antiga / Bobadela (Oliveira do Hospital), the village built over the ancient town / © Rui Pedro Lamy | ETHNO, ADCMMM



^ Bobadela: porta do fórum / Bobadela: doorway to the forum / © Rui Pedro Lamy | ETHNO, ADCMMM

O DESTINO DAS CIDADES / THE DESTINY OF THE TOWNS

/ **Aeminium**, **Conimbriga** e **Bobadela** tiveram sortes diferentes. **Conimbriga**, entre 464 e 468, foi tomada e em parte destruída pelos Suevos. Nem uma nova e forte muralha, construída à pressa nos finais do século III ou nos inícios do IV, que deixou fora parte da cidade, evitou o assalto desses povos a que os Romanos chamavam bárbaros. As suas gentes, contudo, resistiram e não a abandonaram. Reganhou até uma nova importância. Sabemos que em 561 era sede de bispado, incluindo como “paróquias”, no seu vasto território eclesiástico, **Aeminium** (Coimbra), *Lurbine* (Lorvão, Penacova), *Insula Antunane* (Antuã, Estarreja) e ainda *Seilium* (Tomar). Mas, no final desse século VI, ao tempo dos Visigodos, perdeu esse estatuto. O bispo de **Conimbriga** procurou mais segurança e mudou-se para **Aeminium**, levando com ele as famílias mais importantes e o nome da cidade. Restaram poucas gentes que, também elas, aos poucos, a foram abandonando até se instalarem definitivamente num vale vizinho e contíguo, onde hoje se encontra a aldeia de **Condeixa-a-Velha**.

/ **Aeminium**, **Conimbriga** and **Bobadela** suffered different fates. Between 464 and 468, **Conimbriga** was conquered and partly destroyed by the Suebi. Not even the hurried construction of a new and strong wall at the end of the third or possibly at the beginning of the fourth century could prevent the assault of these people known as barbarians to the Romans. In spite of this, the population did not abandon the town, which even regained some influence. In 561 it was a bishopric, comprising within its vast ecclesiastical territory the “parishes” of **Aeminium** (Coimbra), *Lurbine* (Lorvão, Penacova), *Insula Antunane* (Antuã, Estarreja) and *Seilium* (Tomar), but by the end of the 6th century, under Visigoth control, it lost that status. For reasons of security, the bishop moved to **Aeminium**, taking with him the most influential families, as well as the town’s name. The few people who remained in **Conimbriga** followed the same trend, leaving it little by little, and settled in a nearby valley, where the village of **Condeixa-a-Velha** now stands.

Aeminium também terá sido atacada em finais do século V pelos Suevos. Resistiu a esse abalo e reganhou força no final do século VI quando se tornou morada do bispo de **Conimbriga**, sendo doravante uma das sedes episcopais do reino Visigodo. Nesse tempo passa a ser conhecida como a cidade do bispo de **Conimbriga**, do *episcopus Conimbrigensis*, e com essa mudança o nome da cidade também se alterou: **Conimbriga – Colimbria – Coimbra**.

Com a queda do Império Romano do ocidente a outrora *Splendidissima civitas* de **Bobadela**, no século V-VI, passa a ser sede de paróquia, dependente da diocese sueva de Viseu. Perdeu então o nome da cidade romana, desconhecendo-se o nome pelo qual passou a ser conhecida. Será a *eclesia Rodomiro*? Ou seria a de *Suberbeno* ou de *Submontio*, também referidas num documento dessa época?

Cada uma destas cidades romanas conheceu destinos diferentes. **Conimbriga** ficou desabitada, sendo hoje um sítio arqueológico de referência internacional. Sobre as ruínas da *Splendidissima civitas* encontra-se a aldeia de **Bobadela**, sede de freguesia do concelho de **Oliveira do Hospital**. **Coimbra** mantém-se como importante cidade há dois mil anos.

Aeminium also came under attack by the Suebi, possibly at the end of the 5th century, but withstood the blow. By the end of the 6th century, with the arrival of the bishop of Conimbriga, it regained some influence, and became one of the episcopal seats of the Visigothic kingdom. By then it began to be known as the city of the bishop of **Conimbriga** – the *episcopus Conimbrigensis* – and this brought about the change of name: **Conimbriga – Colimbria – Coimbra**.

With the collapse of the Roman Empire of the West, the former *Splendidissima civitas* of **Bobadela** becomes a parish seat in the 5th – 6th century, as part of the Suevic dioceses of Viseu. It lost its Roman name, and its new name remains unknown. Could it have been *eclesia Rodomiro*? Or perhaps *Suberbeno* or *Submontio*, mentioned in a contemporary document?

Each one of these Roman towns suffered a different fate. **Conimbriga** lost its inhabitants, and is nowadays an archaeological site of international repute. Over the ruins of the *Splendidissima civitas* lies the village of **Bobadela**, civil parish of the municipality of **Oliveira do Hospital**. As to **Coimbra**, it was and continues to be an important town for two thousand years.



SANGUE, TRAGÉDIA E COMÉDIA BLOOD, TRAGEDY AND COMEDY

/ Uma cidade romana também podia ter edifícios públicos de espetáculos: teatros, anfiteatros e hipódromos. Nos teatros os atores (todos homens) evoluíam em cena representando os seus papéis baseados em textos dramáticos latinos, sendo apreciadas mais as comédias do que as tragédias. Nos anfiteatros tinham lugar os tão afamados combates de gladiadores (*munera gladiatores*), mas também as caçadas de animais selvagens (*venationes*). Nos hipódromos (*circus*) assistia-se às corridas de cavalos e, mais tarde, de carros (*bigas* e *quadrigas*) puxados por cavalos. Na *Hispania*, os anfiteatros e os hipódromos parecem ter sido mais frequentes, atraindo um maior número de pessoas – reuniram nas suas bancadas verdadeiras claques que torciam fervorosamente pelos ídolos de então ou pelas suas equipas, envergando mesmo as cores que as representavam.

O anfiteatro de **Bobadela** é o único edifício deste tipo totalmente a descoberto no Portugal Romano. Em **Conimbriga** também se sabe onde se encontra o anfiteatro, mas este ainda não foi escavado – apenas se conhecem grandes galerias abobadas, voltadas a **Condeixa-a-Velha**, que permitiam o

/ Public entertainment buildings, such as theatres, amphitheatres and hippodromes, were also common in Roman towns. On stage, the actors, all male, performed Latin dramas, comedies being more popular than tragedies. The amphitheatres were venues for the famous gladiatorial fights (*munera gladiatores*), as well as the wild animals hunts (*venatores*). The hippodromes (*circus*) held horse races, and later chariot races (*bigas* and *quadrigas*). In Hispania, amphitheatres and hippodromes seem to have been more frequent, drawing a larger number of people – there were groups of supporters applauding and cheering their idols or their teams, even wearing their colours.

The Roman amphitheatre of **Bobadela** is the only fully excavated building of this kind in Portugal. The site of the amphitheatre of **Conimbriga** is known but not excavated. There are two vaulted galleries facing **Condeixa-a-Velha**, believed to have given access to the interior. In **Coimbra**, in the Alta area, the configuration of certain streets seems to point to the previous existence of an amphitheatre and of a theatre (the walls of present-day houses

acesso ao recinto. Em **Coimbra**, na zona da Alta, suspeita-se da presença de um anfiteatro e de um teatro, face à configuração de certos arruamentos (as paredes de atuais casas podem ter como alicerce os muros arredondados desses anteriores edifícios), mas só futuros acompanhamentos arqueológicos de obras nessa zona permitirão confirmar a veracidade destas hipóteses. Não se conhecem hipódromos nestas cidades. Se existissem, situar-se-iam no seu exterior, uma vez que estes recintos compridos exigiam áreas mais extensas para serem construídos. Chegou a propor-se que a Praça Velha, em **Coimbra**, seria em Época Romana lugar de um destes recintos, mas não parece ser muito provável que assim fosse.

Os jogos no Império Romano eram um ritual social, mas eram também um importante meio de propaganda política (“pão e jogos” - *panem et circenses*). Os magistrados de uma cidade, quando do exercício de cargos públicos, patrocinavam esses espetáculos, procurando ganhar a simpatia da população, especialmente dos seus eleitores. Os espetáculos eram, assim, geralmente gratuitos: todos podiam assistir. Embora não se comprassem bilhetes, o acesso podia ser controlado através da distribuição prévia de pequenos pedaços de argila com um número inscrito, remetendo para os lugares marcados nas bancadas. Nestas, as filas da frente estavam reservadas para as famílias mais importantes de cada cidade.

may have used the curved walls of those earlier buildings as foundations); but this can only be ascertained with archaeological interventions in the works taking place in the area. There is no evidence of hippodromes in these towns. If they existed, they would have been situated outside the town, because these buildings demanded extensive grounds. It has even been suggested that the Praça Velha (Old Square), in **Coimbra**, might have housed a hippodrome, but this is very unlikely.

The games were a social ritual in the Roman Empire, but they were equally important as a means of political propaganda (“bread and games” - *panem et circenses*). While holding office, the city magistrates sponsored these spectacles, hoping to increase their popularity, especially among voters. Consequently, the shows were generally free, open to all. And although tickets were not for sale, access could be controlled by means of the previous distribution of small pieces of clay engraved with a number, corresponding to the numbered seats on the seating tiers. The front rows were reserved for the most important families of each city.



Galerias de acesso ao anfiteatro de *Conimbriga*, voltadas para Condeixa-a-Velha [▲]
Access galleries to the amphitheatre in *Conimbriga*, facing Condeixa-a-Velha
© João Margalha, ADCMMM

Os jogos na Roma Antiga tinham ainda um forte cunho religioso. Constituíam um divertimento popular que era também proporcionado aos deuses e destinavam-se a ganhar os seus favores. Todos estes espetáculos seriam celebrados em dias de festa religiosa, sendo habitualmente precedidos do desfile de uma procissão (*pompa*) que conduzia as estátuas das divindades pelas ruas de uma cidade até cada um destes edifícios, para que estas pudessem também assistir aos espetáculos.

No último século do Império Romano muitos destes edifícios foram abandonados e entraram em ruína. A partir do século III, e sobretudo no século IV, com o enfraquecimento da estrutura administrativa do Império, as elites locais deixaram de financiar este tipo de espetáculos dispendiosos. No caso dos anfiteatros, habitualmente também se relaciona o seu desaparecimento com a difusão do cristianismo. Nos inícios do século IV o imperador Honório proibiu formalmente os combates de gladiadores no Império Romano do ocidente. Segundo a tradição cristã, o último combate em Roma entre gladiadores teve lugar a 1 de janeiro de 404.

In Ancient Rome, the games had a strong religious significance. They were a popular entertainment that was also meant to please the gods and obtain their favour. All these shows were held on religious feast days and usually began with a procession (*pompa*) marching through the streets carrying images of the deities until it reached each amphitheatre, thus assuring that the gods also enjoyed the show.

In the last century of the Roman Empire, many of these buildings were abandoned and left to decay. From the second century, and especially from the fourth century onwards, as the administrative structure of the empire weakened, local elites ceased to subsidize these costly shows. The abandonment of amphitheatres is also linked to the spread of Christianity. In the beginning of the fourth century, Honorius banned gladiatorial fights in the Roman Empire of the West. According to Christian tradition, the last of these combats took place on January 1st, 404.



▲ Anfiteatro da cidade romana de Bobadela / Amphitheatre of the Roman town of Bobadela / © Rui Pedro Lamy | ETHNO, ADCMMM

ENTRE A ESPADA E A ARENA / LIFE AND DEATH IN THE ARENA

/ Em **Bobadela** encontramos o anfiteatro romano que melhor se conhece em território nacional. Foi construído no século I d.C. e abandonado no século IV. Estima-se que poderia receber nas suas bancadas cerca de 1000 espectadores. Em **Conimbriga** é conhecida a localização do anfiteatro, mas só a sua escavação permitirá colocar a descoberto a sua estrutura que parece ser monumental.

Nas arenas destes anfiteatros teria lugar o espetáculo preferido destas populações – os combates de gladiadores. Estes distinguiam-se entre si pelo equipamento e armamento utilizado (geralmente os gladiadores representavam os povos conquistados pelos Romanos). Mas para além destes combates, outras representações decorriam nesses palcos: as caçadas e lutas de animais selvagens (desde os javalis, ursos e touros, aos leões, crocodilos e rinocerontes) ou até o lançar condenados a esses animais.

Alguns gladiadores eram escravos treinados para esses combates. Outros seriam homens livres, mas que acabavam por abraçar essa carreira para se libertarem da pobreza. Outros ainda seriam prisioneiros de guerra ou criminosos condenados, obrigados como pena a serem gladiadores. Mas muitos parecem ter sido lutadores voluntários, vinculados por contratos a empresários e a academias – alguns eram mesmo desportistas de elite, vistos como homens de coragem, aclamados pelas multidões.

/ The Roman amphitheatre of **Bobadela** is the best preserved in Portugal. It was built in the first century and abandoned in the fourth. It is believed to have had the capacity for about 1000 spectators. The one in **Conimbriga**, unexcavated so far but whose location is known, appears to be monumental.

The gladiatorial combats, the people's favourite entertainment, were staged in the arena. Their fighting gear differentiated them (they usually represented the different peoples conquered by Rome). But there were other spectator events: wild or exotic animal hunts – from wild boars, bears and bulls to lions, crocodiles and rhinoceros –, fights between these animals, and even the execution of criminals by throwing them to wild beasts.

Some gladiators were slaves trained for these fights, while others were free men who hired themselves out as gladiators out of poverty. Others might be war prisoners or convicted criminals, condemned to become gladiators. Yet many seem to have been voluntary fighters, contracted by managers or by academies. Some even became elite sportsmen, regarded as men of courage and acclaimed by the crowds.

Nos séculos I e II a grande maioria das lutas não terminaria com a morte de um dos gladiadores. Os combates seriam sobretudo uma mostra de destreza e força no manejo das armas. Mesmo perdendo o combate, a sua vida era poupada (o investimento na formação de um gladiador de carreira era grande). Todavia, na parte final do Império, nos séculos III e IV, tornaram-se mais frequentes os combates que terminavam com morte.

O público que assistia aos combates poderia interferir no seu desfecho. Porém, o polegar para cima e para baixo será uma criação moderna, do século XIX. É de algum modo um “mito cinematográfico”, difundido por Hollywood – ainda que pareça poder admitir-se que o polegar para baixo significasse precisamente o contrário, pedia clemência para o vencido (pedia o embainhar da espada), e na horizontal simbolizaria o degolar do vencido.

In the first and second centuries, most fights would not end with the death of one of the gladiators. The combats were viewed as a show of strength, endurance and skill at arms. Training a career gladiator represented a large investment, and consequently, they tended to be spared even if they lost. However, towards the end of the empire, especially in the 3rd and 4th centuries, the fights to the death became more frequent.

The public watching the fights could have a say in their outcome, but the thumbs-up and thumbs-down is believed to be a 19th century invention. It is a widely diffused “Hollywood myth”, although it is possibly true that the thumbs-down meant precisely the opposite – suggesting clemency for the vanquished gladiator (with the meaning of dropping the sword), while the horizontal thumb would mean death.



A ENGENHARIA DA ÁGUA WATER ENGINEERING

/"As águas fazem uma cidade", referiu Plínio, no século I d.C. Para os Romanos a existência de água potável era fundamental quando se fundava uma cidade ou se escolhia o lugar no campo para construir uma *villa* ou quinta. Para o efeito, abriam poços, instalavam noras e construíam barragens e cisternas. Exigiam-nos os cultivos dos campos ou mesmo uma frente de exploração mineira. Para abastecimento das cidades construíam ainda aquedutos que transportavam água desde uma nascente, por vezes longínqua. Os aquedutos, juntamente com as termas, serão mesmo o tipo de edifício que melhor caracterizará a sociedade e a arquitetura romana – constituem verdadeiro serviço público. A canalização de água corrente em grande quantidade era fundamental para o abastecimento das termas, das fontes públicas e até das residências particulares das famílias mais abastadas de uma cidade (as *domus* eram dotadas de água canalizada que poderia correr no interior das paredes em canos de chumbo). Esta rede de canalizações de água potável ligava-se depois à rede de esgotos, públicos e privados. Por essas cloacas eram escoadas tanto as águas pluviais, que ruas e praças recebiam, como as águas sujas despejadas pelas habitações privadas e latrinas públicas. Desta forma, procurava-se assegurar a higiene e saúde pública de uma cidade.

/"Water makes a city", says Pliny, in the first century AD. Clean water was an essential element for the Romans, when planning a city or choosing a site in the country to build a *villa* or a farm. For this purpose, they dug wells, installed norias and built dams and cisterns, needed for agriculture or even for a mining operation. To supply water to towns, Romans built aqueducts which carried water from a source, often situated far away. Aqueducts and baths are, in fact, the type of building that best represents Roman society and architecture – a true public service. Channelling large amounts of running water was fundamental to supply baths, public fountains and even private households of the city's wealthier families (the *domus* were equipped with lead pipes inside the walls). This drinking water supply network was linked to the public and private sewage system. The *cloacas* carried both rainwater accumulated in the streets and the effluent from private houses and public toilets. In this way, Romans tried to ensure personal hygiene and public health in the city.

O aqueduto de **Conimbriga** terá sido construído nos primeiros anos do século I d.C. Conserva-se ainda boa parte do seu percurso original, ainda que não seja possível ser observado em toda a sua extensão por quem procura as ruínas de **Conimbriga**. Em **Alcabideque (Condeixa-a-Nova)**, no lugar de uma nascente particularmente caudalosa, conservam-se ainda importantes ruínas de uma construção que em Época Romana reunia a água para o aqueduto: é o *castellum aquae* de **Alcabideque**. A água era recolhida num largo tanque, funcionando como caixa de decantação e sifão que regularia a pressão da água, sendo depois distribuída através do aqueduto que percorria cerca de 3,2 km até chegar a **Conimbriga**. O canal de água corria quase sempre rente ao chão, elevando-se apenas sobre arcos junto à cidade, ao cruzar um vale. O abastecimento de água a **Aeminium** também foi assegurado por um aqueduto. O atual aqueduto de S. Sebastião, construído no século XVI, parece ter origem e pelo menos em parte seguir o percurso do aqueduto romano que mais adiante distribuiria a água pela cidade a partir do antigo largo da Feira, junto à Sé Nova. No caso de **Bobadela (Oliveira do Hospital)** os restos de um presumível aqueduto romano seriam ainda visíveis no século XIX.

The aqueduct of **Conimbriga** was probably built at the beginning of the first century AD. A substantial part of its original structure remains, although it's not visible to visitors of **Conimbriga** ruins in all its extension. In **Alcabideque (Condeixa-a-Nova)**, next to a heavy flow water spring, lie the important ruins of the structure that collected the water for the aqueduct: the *castellum aquae* of **Alcabideque**. Collected in a large tank that served as header and settling tank to regulate the water pressure, the water was then distributed through the aqueduct for 3,2 km until it reached **Conimbriga** close to the ground for most of its course, except near the town, where it rose on arches, over the valley. The water supply in **Aeminium** was also ensured by an aqueduct. The present aqueduct of St. Sebastian, built in the 16th century, seems to have originated, and at least to have partly followed the course of the Roman aqueduct which, further away, would have distributed the water through the town from the former Feira Square, next to Sé Nova Church. As to **Bobadela**, apparently in the 19th century there were still some vestiges of a presumably Roman aqueduct.



Castellum aquae de Alcabideque (Condeixa-a-Nova) [^](#)

Castellum aquae, Alcabideque (Condeixa-a-Nova)

© Pedro C. Carvalho, ADCMMM

Nas cidades, as termas eram os edifícios que mais precisavam de abundante água corrente, sobretudo as grandes termas públicas, frequentadas diariamente por muitos utilizadores. Em **Conimbriga** conhecem-se três edifícios termais públicos: um construído ao tempo de Augusto, outro, bem mais amplo e exuberante, edificado cerca de um século depois, nos inícios do século II d.C., era então Trajano imperador, e um terceiro, mais tardio, localizado na zona norte da cidade. Em **Aeminium** também terão existido grandes termas públicas, mas, até hoje, a arqueologia ainda não as localizou na cidade: localizar-se-iam próximo do lugar onde, no século XII, foi construído o mosteiro de Santa Cruz e onde ainda existiam uns banhos públicos régios, talvez frequentados por D. Afonso Henriques? Em **Bobadela** não se conhecem por agora as termas, mas uma cidade romana não podia deixar de as ter no seu espaço público. Uma rara inscrição a Neptuno, hoje reaproveitada na parede da igreja matriz, sugere ainda a presença nessa cidade de um ninfeu (*nymphaeum*), isto é, de um fontanário de águas sagradas, para abastecimento público, onde o culto a Neptuno teria lugar. Por sua vez, nesta cidade ou no território desta *civitas*, um indígena, endinheirado, terá mandado construir à sua custa possivelmente uma fonte pública, como é assinalado numa inscrição achada em **Póvoa de Midões (Tábua)**.

In towns, vast amounts of water were needed for the baths, especially the public ones, used daily by many people. Three public baths have so far been discovered in **Conimbriga**: one dating from the reign of August, a second one, larger and more decorated, built under Trajan, roughly a century later, at the beginning of the second century AD, and a later one, in the northern part of the town. **Aeminium** must also have had spacious public baths, which remain undiscovered, possibly near the place where, in the 12th century, the Santa Cruz Monastery was built, and where there were royal public baths, eventually frequented by King Afonso Henriques. And although no public baths have been discovered in **Bobadela** until now, they must have existed since all Roman towns had them. A rare inscription to Neptune which nowadays is part of a church wall suggests the existence of a fountain of sacred water (*nymphaeum*) for public consumption, possibly dedicated to Neptune. Also in this town or in the territory of the *civitas*, a wealthy inhabitant is believed to have had a public fountain built at his own cost, according to an inscription found in **Póvoa de Midões (Tábua)**.



LEVAR ÁGUA ÀS SUAS TERMAS / BRINGING WATER TO EVERYONE'S BATHS

/ A ida às termas (*balnea*) no mundo romano era não só uma questão de higiene pessoal, mas também um ritual social. O dia útil de trabalho de um romano poderia terminar às duas horas, pelo que boa parte da tarde podia ser passada nas concorridas termas da cidade. A todos seria permitido o prazer do banho, da sauna e da massagem, por um percurso que cruzava diferentes salas por onde corria água fria (*frigidarium*) ou água quente (*caldarium*) – sob o pavimento destas últimas, na cave, uma fornalha (*praefurnium*) aquecia a água, mas também o ar que circulava canalizado por baixo do chão e pelo interior das paredes. Nas termas, homens e mulheres tinham espaços distintos reservados. Também o custo da entrada poderia variar, a não ser que um magistrado, em campanha eleitoral ou no exercício do seu mandato, tornasse gratuita, durante algum tempo, a entrada nas termas, ao assumir pessoalmente as despesas.

As termas eram assim lugar de encontro e descanso. Serviam para relaxar o corpo e afugentar o cansaço. Serviam também para colocar as conversas em dia, estabelecer acordos políticos e fechar negócios. Algumas, construídas em lugares de nascentes de águas sulfurosas e medicinais, serviam ainda para debelar as maleitas. Outras ainda, associadas a estalagens viárias, seriam o refúgio mais procurado no final de uma árdua jornada de viagem. Nas termas revelava-se bem o modo de vida romano – um modo de vida sofisticado.

/ Going to the baths (*balnea*) wasn't simply a question of personal hygiene, it was a social ritual. A Roman's workday might end at 2 pm, leaving him plenty of time to attend the popular public baths. The pleasures of bath, sauna and massage were available to all, in complexes comprising several rooms, with cold water (*frigidarium*) or hot water (*caldarium*). In the basement, under the *caldarium*, there was a furnace (*praefurnium*) to heat the water, as well as the air that circulated in pipes embedded under the floor and in the wall. Men and women enjoyed separate rooms. The cost would have varied, but occasionally the entrance could be made free if a magistrate, during an electoral campaign or in office, chose to support the costs.

The public baths were, thus, a place to socialize and to relax. Users could catch up on each other's work and families, strike business deals and make political agreements. Some bath-houses, built next to sulphurous or medicinal waters, were also healing places, and yet others, associated to inns, were a most sought-after refuge after the hardships of the journey. The public baths reflected the sophisticated Roman way of life.

O hábito de frequentar termas estava tão enraizado que as principais *domus* de uma cidade também tinham as suas termas particulares – em **Conimbriga** conhecem-se algumas, destacando-se as da *domus* de Cantaber; em **Coimbra**, no Pátio da Universidade, descobriram-se as termas associadas a uma importante *domus* de **Aeminium**. Também as ricas residências senhoriais (*uillae*) espalhadas pelo campo construíam as suas próprias termas, como sucede no **Rabaçal (Penela)** ou na *uilla* do **Desterro (Montemor-o-Velho e Gatões, Montemor-o-Velho)**. Outras, ainda não escavadas, revelam-se à superfície dos terrenos onde jazem alguns indícios que permitem aos arqueólogos saber da sua presença. Algumas permanecerão ainda por descobrir, como poderá acontecer no sítio arqueológico da **Rominha**, na origem de **Alvaiázere**, face também à presença do sugestivo topónimo “Algar dos Banhos Romanos”.

This was such an engrained habit that the wealthiest houses even had their own private baths, of which some can be found in *Conimbriga*, namely in the Cantaber *domus*; in Coimbra the baths of an important *Aeminium domus* have been discovered in the University Courtyard. The same happened with the region’s wealthier country *villa* owners who, as in **Rabaçal (Penela)** or in the *villa* of **Desterro (Montemor-o-Velho e Gatões, Montemor-o-Velho)**, had their own private baths constructed. Others are still uncovered, but archaeologists can detect their presence from vestiges found on the surface ground. And some might still be undiscovered, as in the archaeological site of **Rominha** (possibly the origin of the present town of **Alvaiázere**) given the suggestive toponym “Algar dos Banhos Romanos” (Pit Cave of the Roman Baths).







OS CAMPOS POVOADOS SETTLING IN THE COUNTRYSIDE

/ As paisagens rurais alteraram-se em Época Romana. A par de alguns povoados de altura pré-romanos (os castros) que continuaram habitados, fundaram-se novos núcleos de povoamento nas terras baixas. Entre eles destacam-se as ricas residências de campo (*uillae*), vocacionadas para a exploração agropecuária. As *uillae* constituem a melhor representação do modo como os Romanos ocupavam e exploravam os campos. Equivalem ao que hoje consideraríamos uma grande quinta, pertença de uma família abastada. Destacavam-se pela riqueza e requinte da área residencial e pela extensão da propriedade (*fundus*). Mostram sinais de um modo de vida sofisticado, refletidos tanto nos pavimentos de mosaico como no edifício termal ou ainda no peristilo porticado (pátio interior rodeado de colunas) e ajardinado que estruturava as casas. Mas também de um novo sistema de produção, revelado pelas instalações e equipamentos (lagares, adegas, fornos e forjas) e pela escala da produção agropecuária. Neste novo tempo, o arado toma definitivamente o lugar da espada.

/ The rural landscape changed during the Roman Era. Beyond the pre-Roman fortified settlements (*castrae*) which continued to be inhabited, several new ones were founded in the low lands. Amongst them were the rich country houses (*villae*), involved in agriculture and cattle raising. *Villae* are the best representatives of Roman land use. A *villa* was the equivalent of a large, prosperous family farm nowadays, with a luxurious farmhouse and extensive lands (*fundus*). They evince signs of a sophisticated way of life, both in the mosaic pavements as in the bath house and in the porticoed and landscaped peristyle (an interior court surrounded by columns). Their installations and equipment (the mills, wine cellars, furnaces and forges) as well as the scale of their agricultural production and cattle raising are the signs of a new production system. By this time, the plough definitively takes the place of the sword.

Nesta região, algumas *uillae* encontram-se em parte escavadas e revelam bem as suas típicas características. A *uilla* do **Rabaçal (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)** destaca-se pelo seu desenho arquitetónico original, pelos mosaicos que as salas principais ostentam e ainda pelas suas termas. Pavimentos em mosaicos observam-se na parte residencial da *uilla* de **Santiago da Guarda (Ansião)**, sobre a qual, no século XVI, se ergueu uma outra casa senhorial. Na *uilla* de **S. Simão (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)**, desenhado no mosaico, um curioso letreiro pede aos visitantes para não entrarem calçados com botas a fim de não estragarem o pavimento da casa.

A presença de mosaicos e termas, identificados em trabalhos arqueológicos de campo (escavações ou prospeções), é o denominador comum deste tipo de sítios, ajudando a localizá-los no terreno, como por exemplo em: Vimieira (**Casal Comba, Mealhada**), Pardieiros (**Portunhos e Outil, Cantanhede**), Escoural (**Cernache, Coimbra**), Olival da Miquinhas (**Sebal e Belide, Condeixa-a-Nova**), Quinta de S. Tomé (**Soure**) e Senhora da Graça (**São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela**). A estas junta-se ainda a *uilla* do **Carvalho (Santiago da Guarda, Ansião)**, revelada por uma grande estrutura abobadada bem conservada, e a *uilla* de **Dordias (Degracias e Pombalinho, Soure)**, cuja escavação mostrou vários compartimentos estruturados em torno de um pátio central e permitiu a descoberta de mais de cem pesos de tear.

In some of the partially excavated *villae* of this region, their most typical features are clearly shown. The *villa* of **Rabaçal (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)** stands out by its original architectural design, the mosaics of its main rooms and its baths. The residential section of the *villa* of **Santiago da Guarda (Ansião)**, over which a manor house was built in the 16th century, displays a mosaic floor. In the *villa* of **S. Simão (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)**, a mosaic floor displays a curious sign asking visitors to remove their footwear to avoid damaging the floors of the house.

The presence of mosaic floors and baths, revealed in archaeological excavations and surveys, is the common denominator of this kind of sites and is thus a helpful factor in their discovery, as, for example, in the following cases: Vimieira (**Casal Comba, Mealhada**), Pardieiros (**Portunhos e Outil, Cantanhede**), Escoural (**Cernache, Coimbra**), Olival da Miquinhas (**Sebal e Belide, Condeixa-a-Nova**), Quinta de S. Tomé (**Soure**) and Senhora da Graça (**São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela**). To add, there is the *villa* of **Carvalho (Santiago da Guarda, Ansião)**, revealed by a large, well-preserved vaulted structure, and the *villa* of **Dordias (Degracias e Pombalinho, Soure)**, whose excavation exposed several compartments arranged around a central patio, and led to the discovery of more than one hundred loom weights.







A *villa* da **Senhora do Desterro**, em **Montemor-o-Velho**, distingue-se pelas suas termas, sendo pertença de uma importante família do território de **Aeminium**, a dos Cádios, de possível origem itálica. Também na **Pedrulha (Alhadas, Figueira da Foz)** terá existido uma *villa*, a julgar pelo aparecimento do busto de um jovem romano, talvez relacionado com o epitáfio de um tal Caletus, filho de Célio.

The *villa* of Senhora do Desterro, in Montemor-o-Velho, stands out by its baths; it belonged to the Cádios, an important family from the region of **Aeminium**, possibly of Italic origin. The discovery of a bust of a young Roman, which could be related to an epitaph of a certain Caletus, son of Celius, in Pedrulha (Alhadas, Figueira da Foz) may also indicate the existence of a *villa*.

Em **Ançã (Cantanhede)**, onde se descobriram restos de mosaico e os “arcos de tijolo” das termas, existiria uma outra *uilla*, residência de um outro proprietário abastado, talvez chamado *Antius* – deste nome, aliás, terá derivado o nome medieval de *uilla Antiana*, que estará na origem do topónimo Ançã; assim como, nas proximidades, os topónimos das atuais povoações de **Ourentã** e **Cordinhã (Cantanhede)** sugerem a presença de possíveis *uillae* romanas, propriedade, respetivamente, de um *Aurentius* e de um *Cordinius*. Exemplos que apontam ainda num outro sentido: muitas das atuais povoações desta região terão como origem um núcleo de povoamento rural romano.

Para além destas famílias proprietárias mais abastadas e das suas *uillae*, os campos eram povoados por outras gentes menos favorecidas pela fortuna. Alguns dos novos lugares habitados corresponderão simplesmente a pequenas quintas e casais dispersos. Habitualmente, os vestígios arqueológicos que os revelam não são muito expressivos. Dessas antigas moradas pouco resta hoje à superfície dos terrenos: fragmentos de louças dispersos pelo solo, pedras do que há muito se desmoronou, reaproveitadas nos muros que dividem propriedades, pedaços de mós ou de escórias, assinalam a área desses antigos lugares habitados, perdidos no tempo e apagados da memória.

In Ançã (Cantanhede), where some mosaic remains and the “brick arches” of the baths were found, there may have been another *villa*, the household of another wealthy Roman, possibly named Antius – whose name, by the by, is the root of the medieval expression *villa Antiana*, believed to be the origin of the toponym Ançã. In the same way, the toponyms of the neighbouring present-day villages of Ourentã and Cordinhã (Cantanhede) suggest the possible previous existence of Roman *villae*, respectively belonging to an *Aurentius* and a *Cordinius*. These examples also seem to suggest that many of the present settlements of this region may have developed from Roman rural settlements.

Apart from these wealthy *villa* owners, other people, of more modest means, lived in the country. Some of the new settlements may have been no more than small, scattered farms, of which only scanty archaeological traces can be found. Very little is left on the ground of these ancient dwellings: scattered ceramic shards, loose stones from collapsed houses, reused to build the walls separating the fields, fragments of millstones or slag mark the place of old forgotten dwellings lost in time.

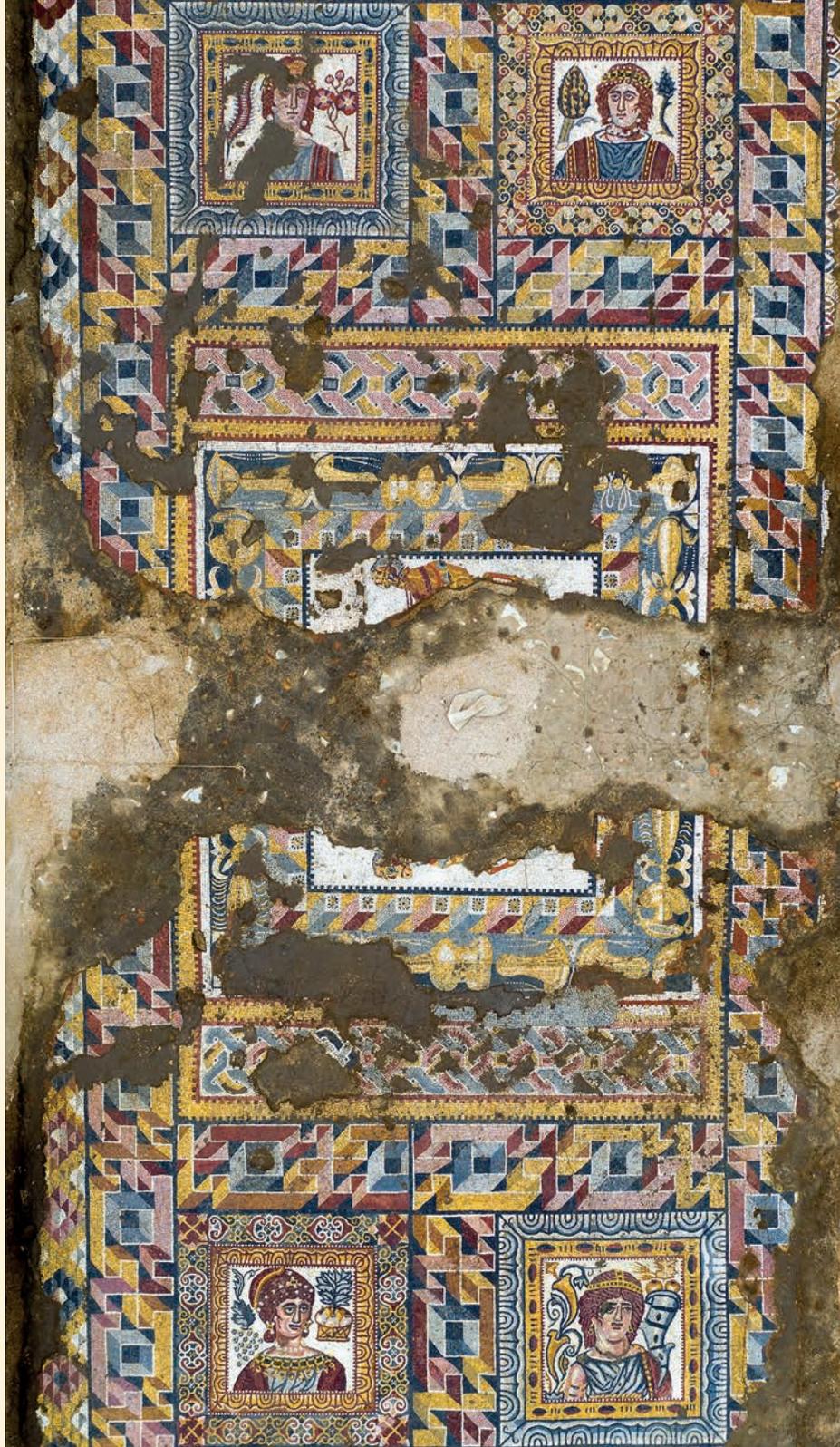


^ Mosaico com inscrição da *villa* romana de S. Simão (Penela)
Mosaic with inscription, Roman villa of S. Simão (Penela)
© Sónia Vicente, Município de Penela

A VILLA. O RITMO DOS DIAS / THE VILLA. THE RHYTHM OF DAYS

/ A *uilla* romana do **Rabaçal (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)** corresponde a uma casa de campo de uma família particularmente abastada. A sua parte residencial estrutura-se em torno de uma área central porticada e ajardinada de plano octogonal. A singularidade desta arquitetura é acentuada pelos mosaicos que revestem os chãos dos principais aposentos, destacando-se aqueles que representam as quatro estações do ano. Relativamente afastado ficava o seu balneário privado e outras áreas construídas (celeiro, eira, cozinha, zona de moagem, casa dos teares, forja) relacionadas com os trabalhos agropecuários levados a cabo numa propriedade que poderia rondar uma centena de hectares. A sucessão das estações do ano, das luas e dos sobressaltos climáticos, marcava o ritmo dos dias de quem vivia e trabalhava nos seus campos cultivados (*agri*), entre chãos de azeite, de vinho e de trigo, apascentava os rebanhos de cabras e ovelhas nos pastos (*saltus*) ou procurava lenha e cama para o gado na mata (*silva*). A *uilla* do **Rabaçal**, uma das mais conhecidas (e mais escavada) nesta região, terá conhecido um especial desenvolvimento durante o século IV, estando integrada no território de **Conimbriga**.

/ The Roman *villa* of Rabaçal (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela) has the characteristics of a particularly wealthy rural household. Its residential area is built around a porticoed octagonal courtyard and garden. This singular design is enriched by the mosaic floors of the main rooms, particularly those representing the four seasons. The bathhouse and a few other buildings – such as the granary, threshing floor, kitchen, mill house, looms and forge, needed to explore a property that could have reached a hundred hectares – were separated from the main building. The seasons, the lunar cycle and the climate events marked the rhythm of the days of those who lived off the land (*agri*), making their own olive oil, wine and bread, shepherding goats and sheep to the pastures (*saltus*) or gathering fuel and fodder in the woods (*silva*). The *villa* of **Rabaçal**, one of the best known and most excavated in the territory of **Conimbriga**, must have thrived during the fourth century.





LAVRAR A TERRA E CRIAR O GADO WORKING THE LAND AND RAISING CATTLE

/ Grande parte da população de então encontrava na terra o seu sustento. Para muitos a terra era também a sua principal fonte de riqueza. A posse ou usufruto da terra era essencial nas economias antigas. Em Época Romana, às novas formas de explorar a terra e às novas ferramentas (como o arado) e equipamentos (como a azenha e a nora), junta-se a introdução de novas espécies cultivadas, entre as quais se destacam a oliveira e a videira.

No atual território português, nas regiões mais a sul, as primeiras oliveiras cultivadas, introduzidas pela mão dos colonizadores fenícios, poderão datar dos séculos IX-VIII a.C. Mas o seu cultivo de forma expressiva só se verificou alguns séculos depois, já em plena Época Romana. Foi sobretudo a partir do século I d.C. que a olivicultura e o consumo de azeite (na alimentação, como combustível de iluminação, sendo ainda utilizado como artigo de cosmética e medicinal) se estenderam a estas regiões.

/ In those days, a large part of the population lived off the land. Possession or usufruct of land was essential in ancient economies. Besides new forms of working the land and the new tools, such as the plough, and new equipment (such as the water mill or the noria), the Romans introduced new species, amongst which the olive tree and the vine.

In the more southern regions of present-day Portugal the cultivation of olive trees dates back to the 9th-8th century BC, introduced by Phoenician colonizers, but it was only centuries later, under the Romans, that it became more widespread. It was mostly from the first century AD onwards that olive growing and olive oil consumption (used for cooking, lighting, and also for medicinal purposes and cosmetics) extended northwards to these regions.



Olival e vinha na várzea de Santiago da Guarda (Ansião) ^
Olive groves and vineyards in the plains of Santiago da Guarda (Ansião)
© João Margalha, ADCMMM

Numa fase inicial seria consumido aquele que, transportado em ânforas, era oriundo de regiões peninsulares mais meridionais. Mais tarde, a existência de grandes centros de consumo, como as cidades de **Aeminium**, **Conimbriga** e **Bobadela**, também justificou e estimulou a produção local de azeite, difundindo-se então o cultivo da oliveira pelos campos desta região. A produção de azeite seria então muito rentável. Para Columela (um escritor e agrónomo do século I d.C.) a oliveira era a primeira de todas as árvores – *prima omnium arbor*. Nos tratados de agricultura romanos é sublinhada a rentabilidade da oliveira, face à rápida generalização do consumo de azeite a todo o Império Romano.

O vinho, tal como o azeite, anda muito associado ao mundo romano. Os autores clássicos também se referem frequentemente ao vinho e à vinha. Através desses textos sabemos que a qualidade e a origem dos vinhos comercializados (tal como o azeite) seriam muito diferentes. O de melhor qualidade seria consumido pelos mais abastados. Outro, corrente, chegaria à mesa de todos ou quase todos. As mulheres apenas podiam beber vinho doce (o *passum*, feito a partir de uvas semi-secas). O vinho era então consumido misturado com água (o vinho puro era a bebida dos deuses). Adicionavam-lhe ainda outros produtos, aromatizando-o e originando diferentes tipos de vinho. Particularmente apreciado seria o vinho adocicado com mel (*mulsum*). Ao vinho podiam ainda acrescentar-se mostos cozidos, como

Initially, it must have been transported in amphoras from more southern regions of the peninsula. Later on, the increased consumption in towns such as *Aeminium*, *Conimbriga* and *Bobadela* must have stimulated local production, and thus its culture became widespread in the region, where it must have been very profitable. The 1st century writer and agronomist Columella considers the olive the first of all trees – *prima omnium arbor*. Roman treatises on agriculture underline its profitability, in view of the widespread growth of olive oil consumption throughout the Empire.

Wine, like olive oil, is closely associated to the Roman world. Classical authors write much about viticulture and wine production. Thus we know that there was a wide range of wines (as of olive oil), in quality and origin. The best wines would have been reserved for the wealthier households, while the average ones would have been available to all, or almost all people. Women were only allowed sweet wine (*passum*), made with semi-dried grapes. As a rule, Romans drank it mixed with water (pure wine was the beverage of the gods), but they also mixed it with other ingredients, flavouring it and creating different kinds of wine. The *mulsum*, or wine mixed with honey, was particularly appreciated. They would also add boiled must to the wine, a process known as the *defrutum*. As a rule, wines were sour, thick and somewhat cloudy, and because

o chamado *defrutum*, um dos derivados vínicos. Por norma os vinhos eram amargos, densos e algo turvos. Daí o uso de coadores antes de serem servidos, para a filtragem de borras e resíduos de plantas aromáticas. A grande difusão da vitivinicultura também decorreu da conquista romana da *Hispania*. Foi sobretudo no século I d.C. que o cultivo da vinha (*vinea*) alastrou e ganhou escala. Nos séculos II e III o consumo de vinho produzido nesta região será mesmo prática generalizada, face à proliferação das vinhas. As ânforas que o transportavam a longas distâncias por mar serão substituídas por odres, tonéis, e potes cerâmicos mais pequenos, que o comercializam por terra e por rio regionalmente.

Ao mesmo tempo, nas terras altas e mais frias, onde não se dá a vinha ou a oliveira, multiplicaram-se os castanheiros. Um pouco por todo o lado ter-se-á também intensificado o cultivo dos cereais de sequeiro (trigo, cevada, aveia e sorgo milheto ou milho-miúdo). A intensificação dos cultivos nessa época observar-se-á no aumento da superfície cultivada, com o desbravamento e desmatação de terras até então incultas. Essa intensificação é ainda favorecida pela nova tecnologia agrária – funcionalmente tão eficaz que algumas ferramentas (como a enxada, o sacho, o alvião, o ancinho ou o arado) se mantiveram quase que inalteráveis em termos de forma até à atualidade.

of this they strained them through a cloth before serving, to eliminate residue of aromatics and lees. The diffusion of viticulture was a result of the conquest of Hispania. It was in the first century that viticulture (*vinea*) became widespread. Given the expansion of vineyards in the second and third century, consumption of the wine produced in this region must have been common practice. The amphoras used to transport it over long distances by sea were replaced by wineskins, barrels and smaller ceramic vessels in which it was carried by land or river, within the region.

At the same time, in the colder highlands, where the vine and the olive tree do not grow well, chestnut cultivation seems to have spread. The cultivation of dryland cereals (namely wheat, barley, oat, sorghum and millet) would also become more widespread and more intensive: with deforestation and land clearing, there was an increase in cultivated area, which was also encouraged by the introduction of new agrarian technology. Tools such as the hoe, the mattock, the rake and the plough were so effective that they remained almost unchanged until the present time.



Nesta região, tal como em muitas outras, a criação de gado em Época Romana assumiu um papel de destaque nas economias domésticas. O pastoreio não se restringiria a uma prática subsidiária ou complementar da atividade agrícola. A lã, o leite e a carne que ovelhas e cabras forneciam poderiam representar para muitos núcleos familiares algo mais do que um mero suplemento das colheitas. Os pesos de tear em abundância que se encontram nos sítios de Época Romana documentam a importância da prática da tecelagem e a frequência de rebanhos de ovelhas. Talvez se encontre também neste tempo romano a origem de alguns dos queijos tradicionais (como o da Estrela ou Rabaçal) na atualidade.

A importância da agropecuária, à qual se juntava a caça, revela-se na própria escolha dos temas decorativos que figuram nos pavimentos de mosaicos, quer nos de algumas casas da cidade, como revela a cena de caça – com javalis, veados e lebres – que decorava uma sala da Casa dos Repuxos em **Conimbriga**, quer nos chãos das ricas casas de campo, destacando-se aqui o designado mosaico das quatro estações da *villa* do **Rabaçal (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)**.

In this region, as in many others, sheep and goat rearing held an important place in Roman domestic economy. In many households, the wool, milk and meat of these animals meant more than a supplement to the harvests. The large numbers of loom weights found in these sites document the relevant role of weaving and the large numbers of flocks. We may also have to go back to Roman times to find the origin of some of the current traditional cheeses, such as Estrela or Rabaçal.

The importance of agriculture and sheep raising, together with hunting, is clearly shown in the choice of themes for mosaic pavements. This can be seen both in some town houses – namely in the hunting scene, featuring wild boars, deer and rabbits, of one of the rooms of the Casa dos Repuxos, in **Conimbriga** – and in wealthy country houses, as in the case of the four seasons mosaic of the villa of Rabaçal (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela).

Os campos (*agri*) estavam sujeitos ao pagamento de um imposto à *civitas* (*vectigal*), como uma inscrição encontrada na *uilla* de **Santiago da Guarda (Ansião)** parece sugerir. O dono dessa *uilla* requer uma decisão judicial para resolver um problema: situando-se a propriedade (*fundus*) na fronteira entre os territórios de **Conimbriga** e de *Seilium* estaria a ser duplamente tributada por coletores de impostos de ambas as cidades.

Em Época Romana cada comunidade tendia a produzir o que necessitava, cultivando os campos e apascentando o seu gado. Em cada casa moía-se o trigo, cozia-se o pão, fabricavam-se tecidos de linho ou em lã. Pequenas forjas permitiam produzir algumas ferramentas em ferro, indispensáveis ao amanho da terra. Mas a pertença a um vasto Império estimulou o aumento substancial da produção agropecuária e, por conseguinte, de excedentes.

An inscription found in the *villa* of **Santiago da Guarda (Ansião)** seems to suggest that a tax was due to the *civitas* (*vectigal*) on the revenue derived from land (*agri*). The owner of the *villa* requests a judicial decision regarding the fact that since his property (*fundus*) lies on the boundary of the **Conimbriga** and *Seilium* territories, he was being doubly taxed by both cities.

In Roman days each community tended to produce what it needed, working the fields and grazing their flocks. Each household milled their grain, baked their own bread and weaved their own linen or wool garments. They possessed small forges where some of the indispensable iron tools to work the land could be made. But the vastness of the empire stimulated a substantial increase in agricultural production, with the consequent surplus.

OS PRIMEIROS LAGARES / THE FIRST WINE AND OIL PRESSES

/ Nesta região existem vários testemunhos arqueológicos que indicam a produção e consumo de vinho (*vinum*) em Época Romana. Para além das ânforas (os principais contentores que transportavam o vinho por mar) e dos *dolia* (grandes recipientes cerâmicos de armazenamento e onde o mosto fermentava), achados em escavações arqueológicas, destacam-se os lagares escavados na rocha onde as uvas eram pisadas (*calcatoria*) originando o mosto. As grainhas, as peles e o engaço resultantes da pisa da uva podiam ainda ir à prensa (*torcular*) para dele se extrair ainda algum vinho, não se devendo misturar com o resultante da pisa, segundo os agrónomos antigos, por ter outra composição. Estes primeiros lagares de vinho encontram-se em diversos lugares, ainda que por vezes abandonados à sua sorte. Muitas das simples bacias quadrangulares ou retangulares cavadas na pedra, ligadas frequentemente por um canal a um pio circular mais baixo, parecem poder identificar-se como *calcatorium* (lugar de pisa das uvas), como sucede com os lagares de **Travanca de Lagos (Oliveira do Hospital)**, nomeadamente o lagar de Boiçã, onde se conserva também, para além da área de pisagem, a base de prensagem.

/ A certain number of archaeological vestiges in this region testify to the production and consumption of wine (*vinum*) during the Roman Era. Apart from amphoras (the main vessels to carry the wine by sea) and the *dolia* (large earthenware containers to store the wine and ferment the must) found in archaeological excavations, there are wine presses in the form of shallow vats dug into the rock (*calcatoria*) where the grapes were crushed to make the must. The seeds, skin husks and stems could still be put under the press (*torcular*) to attempt to extract yet a little more wine, but according to ancient agronomists, they should not be mixed with the other juices, because of their different composition. These early wine presses can be found in several places, although often abandoned and neglected. Many of the simple square or rectangular shallow vats dug into the rock, often connected to a lower positioned circular basin by a channel, seem to qualify as *calcatoria* (wine-presses) – as in **Travanca de Lagos (Oliveira do Hospital)**, namely in the wine-press of Boiçã, which still houses not just the area for crushing, but also the pressing base.



Galeagra | Barrica de prensagem

Calcatorium | Pia de pisagem

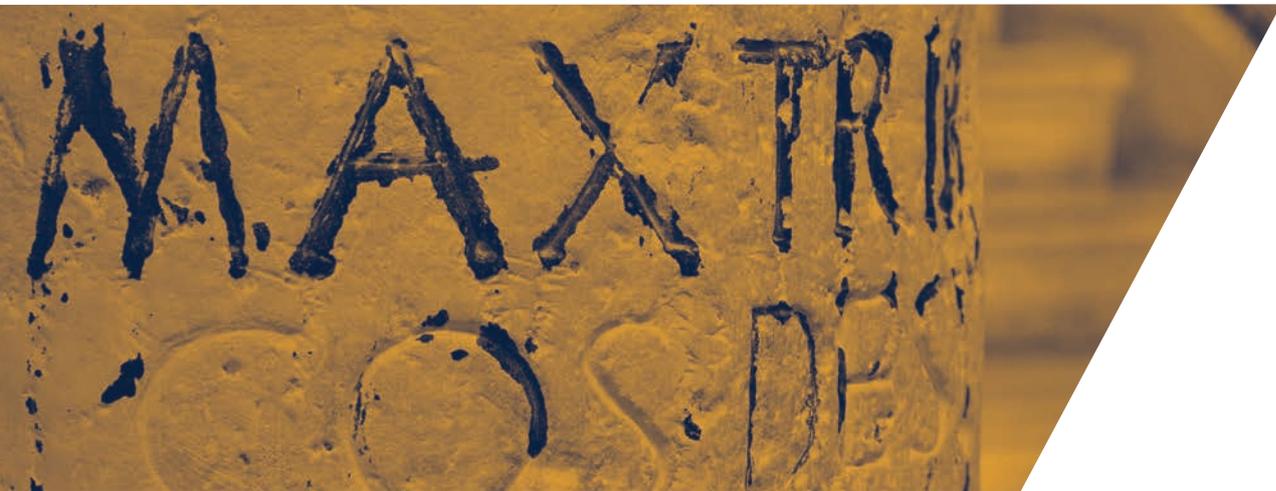
Lacus | Pio

Será também com os Romanos que a tecnologia do azeite se desenvolve. Acelera-se o processo de trituração da azeitona, mediante o uso de moinhos (*trapetum* ou *mola olearia*), e melhora-se o sistema de obtenção do azeite, através da introdução de prensas - a pasta (*sampa*), resultante da moagem, em seguida era metida em seiras de esparto (*fiscina*), previamente escaldadas para que estas não absorvessem o azeite; na prensa (*torcular*) as seiras empilhadas eram comprimidas pela ação do *prelum* (grande tronco em madeira ligado a um volumoso peso em pedra). A tecnologia de produção de azeite passou a ser tão eficaz que cruzou o tempo e a História - sobreviveu cerca de dois mil anos, perdurando quase até à atualidade.

The olive oil technology is also developed under the Romans. With the introduction of mills (*trapetum* or *mola olearia*), crushing is expedited and the system for obtaining the oil is improved with the introduction of presses: the paste thus obtained (*sampa*) was placed in esparto flat baskets (*fiscina* or *capistra*), previously scalded so as not to absorb the oil. The esparto baskets were then piled on the press (*torcular*) where they were compressed by the action of the *prelum* (a large wooden beam linked to a voluminous stone block). It was such an efficient method that it crossed the times and survived for around two thousand years, almost until the present time.

As *uillae* desta região teriam os seus olivais e os seus lagares de azeite (*torcularium*). Mas nem sempre é fácil distinguir um lagar de azeite do de vinho, podendo mesmo a área de prensagem servir para ambas as finalidades. Seja como for, estes primeiros lagares escavados na rocha são comuns na região. Só na área de **Oliveira do Hospital** já se identificaram mais de vinte estruturas deste tipo, aparecendo também, ainda que por agora em menor número, nos concelhos de **Tábua, Coimbra, Penela e Ansião**.

The *villas* of the region would have had their own olive groves and olive presses (*torcularium*). However, it is not always easy to distinguish between a wine and an olive press; in fact, the pressing area could have served for both purposes. In any case, these early wine and olive vats dug into the rock are common in this region. Around **Oliveira do Hospital** alone, there are more than twenty such structures, and they also appear, although in smaller numbers, in the municipalities of **Tábua, Coimbra, Penela and Ansião**.



OS CAMINHOS DO TEMPO THE WAYS OF TIME

/ As estradas romanas foram projetadas para ligar as cidades da forma mais direta possível. A maior parte do seu percurso era térreo, sendo apenas lajeado em zonas de serra, com fortes pendentes, em zonas baixas e alagadiças ou à entrada das cidades. Dos caminhos térreos, poeirentos no verão e lamacentos no inverno, já nada resta. Dos empedrados ainda subsistem alguns troços de calçadas por vezes trilhadas dos rodados. Nesta região conhecem-se alguns, ainda que nem sempre se possa afirmar que sejam seguramente de Época Romana.

A via que ligava *Seilium* (Tomar) a **Conimbriga** passava nos concelhos de **Alvaiázere**, **Ansião** e **Penela**, chegando a **Conimbriga** pela Mata da Abufarda. Aqueloutra que ligava *Collipo* (S. Sebastião do Freixo, Batalha) a **Conimbriga** cruzava os concelhos de **Pombal** e **Soure**, passando o rio dos Mouros muito provavelmente na ponte da Sancha (**Condeixa-a-Velha**, **Condeixa-a-Nova**), hoje muito arruinada.

/ Roman roads were designed to connect cities as directly as possible. They were, for the greater part, dirt roads; only certain sections would be stone-paved – those that crossed mountains with steep slopes or low lying flood plains, and those leading to towns. Nothing remains of the dirt roads, dusty in the summer and muddy in the winter. But some sections of the stone-paved ones, sometimes marked by the wheels, still remain. There are a few in this region, although we can't always ascertain that they date from Roman times.

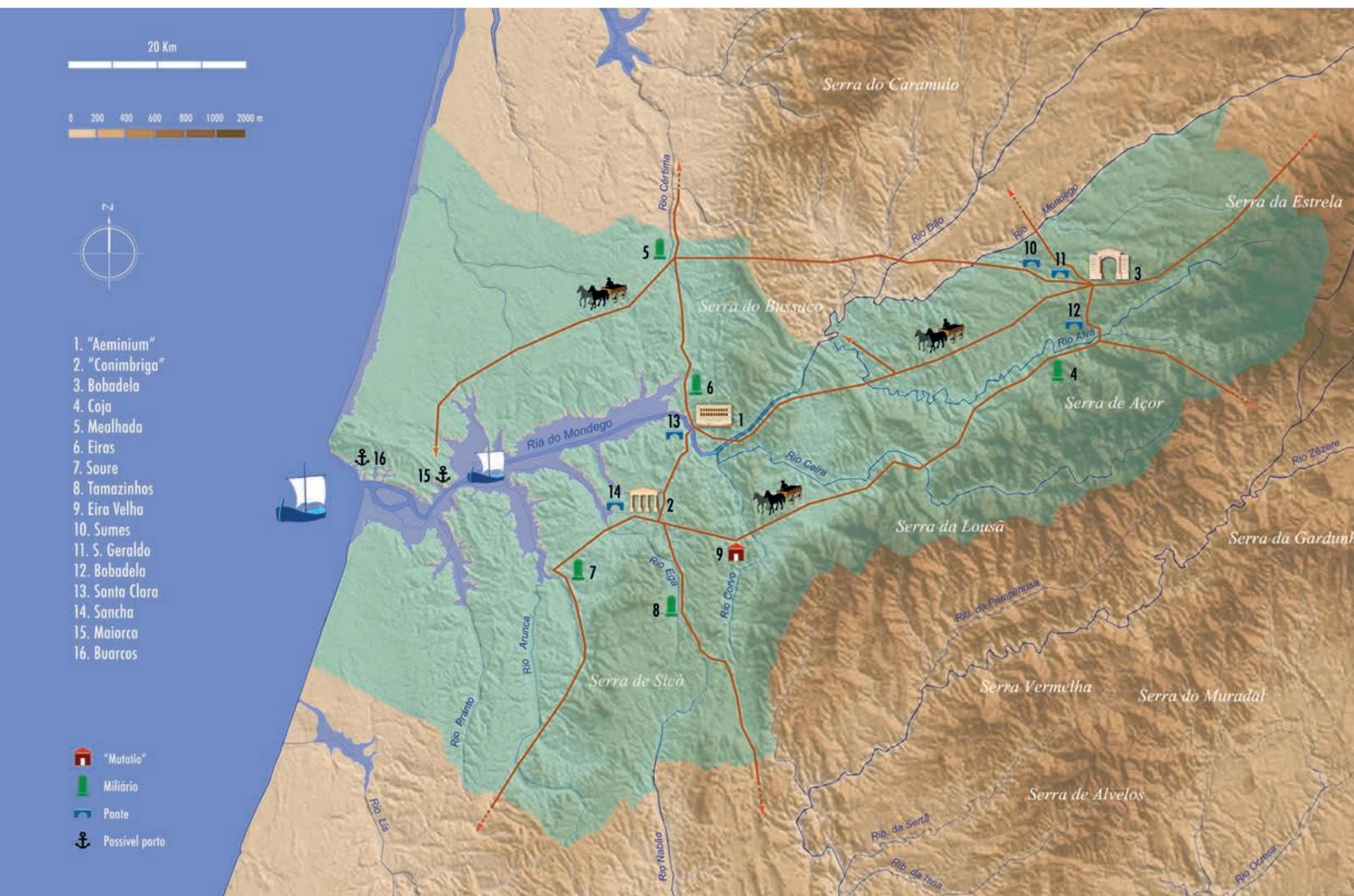
The road leading *Seilium* (Tomar) to **Conimbriga** crossed the municipalities of **Alvaiázere**, **Ansião** and **Penela**, and reached **Conimbriga** through the Abufarda Woods. The one connecting *Collipo* (S. Sebastião do Freixo, Batalha) to **Conimbriga** crossed the municipalities of **Pombal** and **Soure**, and probably crossed the River Mouros at the Sancha bridge (**Condeixa-a-Velha**, **Condeixa-a-Nova**), nowadays ruined.

A partir de **Conimbriga** a estrada seguia num único percurso para Norte até **Aeminium**, não muito distante, a cerca de 11 milhas. Seguia por **Cernache**, passando ao largo do acampamento romano de **Antanhol**, e pela Cruz dos Morouços. Uma ponte de pedra, refeita ao tempo de D. Afonso Henriques, mas há muito desaparecida, permitia a travessia do **Mondego** (*Munda*) em **Aeminium**, cruzando depois a via a atual **Baixa de Coimbra**, talvez pela Praça do Comércio e entre as ruas da Louça e Direita.

De **Aeminium** seguia uma estrada para norte, por **Eiras** e pela **Mealhada**, no sentido de *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda), prosseguindo depois para *Cale* (Porto) e *Bracara Augusta* (Braga), enquanto uma outra prosseguia para nascente, em direção a outra capital, a *splendidissima ciuitas* de **Bobadela** (**Oliveira do Hospital**). A designada “estrada da Beira”, que passa em **Vila Nova de Poiares** e cruza o rio **Alva** na ponte da Mucela, poderá decalcar em grande medida esta antiga estrada romana.

From *Conimbriga*, the road stretched north, to *Aeminium*, which was not far, roughly 11 miles. It went through *Cernache*, off the Roman military camp of *Antanhol* and Cruz dos Morouços. A stone bridge, rebuilt in the reign of King Afonso Henriques but long gone, allowed the crossing of the River *Mondego* (*Munda*) in *Aeminium*, where it passed through present-day *Baixa de Coimbra*, possibly through Praça do Comércio and between Louça and Direita Streets.

A road headed north from *Aeminium*, through *Eiras* and *Mealhada*, in the direction of *Talabriga* (Cabeça do Vouga, Águeda), after which it continued to *Cale* (Porto) and *Bracara Augusta* (Braga). Another road led east, towards another capital, the *splendidissima civitas* of *Bobadela* (*Oliveira do Hospital*). It is possible that the so-called “Estrada da Beira”, which runs through Vila Nova de Poiares and crosses the River *Alva* at the Mucela Bridge, follows the course of this old Roman road to a large extent.





Uma outra estrada ligava diretamente as cidades de **Conimbriga** e a **Bobadela** romana. Esta deveria cruzar os atuais concelhos de **Miranda do Corvo**, **Lousã**, **Góis** e **Arganil** até atingir o de **Oliveira do Hospital**. Desta via, que seguia ao longo do vale do **Alva**, quase nada subsiste, mas a sua passagem parece estar assinalada pela provável estalagem romana da Eira Velha (**Lamas**, **Miranda do Corvo**) e talvez pelo marco de Coja (**Coja e Barril de Alva**, **Arganil**).

Another road, connecting the two Roman towns of **Conimbriga** and **Bobadela**, probably crossed the present-day municipalities of **Miranda do Corvo**, **Lousã**, **Góis** and **Arganil** until it reached the municipality of **Oliveira do Hospital**. Almost nothing remains of this road that followed along the **Alva** valley, but it seems to be marked by what was possibly the Roman inn of **Eira Velha** (**Lamas**, **Miranda do Corvo**) and possibly by the **Coja** milestone (**Coja** and **Barril de Alva**, **Arganil**).



Vista sobre o vale do Rabaçal (Penela), por onde passava a estrada romana que se dirigia a *Conimbriga* ^
View of the Rabaçal Valley (Penela). The Roman road to Conimbriga cut through the valley / © João Margalha, ADCMMM

A **Bobadela** romana encontrava-se ligada por estradas a outras cidades vizinhas. Uma dirigia-se para *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda), atravessando o território de **Tábua**, podendo passar perto da ponte de Sumes ou da ponte de S. Geraldo (**Midões, Tábua**); enquanto uma outra seguiria talvez pela calçada da Pedra da Sé (**Tábua**), cruzando depois o território de **Mortágua** em direção à **Mealhada** (pelas encostas da serra do **Buçaco**), prosseguindo pelo de **Cantanhede**, tendo como provável destino

Several roads connected Roman Bobadela with other neighbouring Roman towns. One headed towards Talabriga (Cabeço do Vouga, Águeda), crossing the territory of Tábua, possibly passing near the Sumes or the S. Geraldo bridge (Midões, Tábua); another may have followed the walkway of Pedra da Sé (Tábua), crossing the region of Mortágua in the direction of Mealhada (through Buçaco Mountain Range), continuing to the region of Cantanhede, its probable destination being the Roman port of

Calçada de Vila Pouca da Beira >
(Oliveira do Hospital), no
trajeto entre Bobadela e o
vale do Alva
Cobbled lane of Vila Pouca da
Beira (Oliveira do Hospital), on
the route between Bobadela
and the Alva Valley
© Rui Silva | Município de Oliveira
do Hospital



o porto romano de **Maiorca (Figueira da Foz)** no estuário do **Mondego**. Outra seguia para Viseu (*Vissaium*), atravessando o **Mondego** em Caldas da Felgueira (Nelas). Outra encaminhava-se para a serra da **Estrela**, pelas Pedras Lavradas (Seia/Covilhã), em direção a *Igaedis* (Idanha-a-Velha). De todas estas vias enumeradas poucos vestígios restarão que possam ser identificados como sendo de Época Romana, subsistindo sobretudo a memória de caminhos antigos, decalcados, frequentemente, por outros atuais. Quem há dois mil anos percorreu estas vias podia pedir a proteção dos *Lares viales* (deuses das vias), como nos lembra uma inscrição encontrada em **Conimbriga**.

Maiorca (Figueira da Foz) on the Mondego estuary. One other road led to Viseu (*Vissaium*), crossing over the Mondego in Caldas da Felgueira (Nelas). And another headed to the Estrela Mountain Range, through Pedras Lavradas (Seia/Covilhã), in the direction of *Igaedis* (Idanha-a-Velha). Very little remains of all these roads that may be identified as Roman; the memory of ancient routes lingers on mostly in the roads and paths that were frequently built over them. An inscription found in **Conimbriga** reminds us that those who used these roads 2000 years ago could invoke the protection of the *Lares viales* (guardian deities of the roads).



< Calçada de Avô (Oliveira do Hospital), na encosta da serra do Açor
Cobbled lane of Avô (Oliveira do Hospital), on the slope of Açor Mountain Range
© João Margalha, ADCMMM

Estalagens de apoio aos viajantes (*mutationes* ou *mansiones*) eram construídas ao longo dessas estradas principais, posicionando-se onde estas se cruzavam ou antes da difícil subida de uma serra, mas sempre espaçadas entre si o suficiente para que os viandantes pudessem descansar no final de um demorado dia de marcha (cerca de 20 a 24 milhas, ou seja, 30 a 35 km). Estas estalagens prestavam apoio, antes de mais, aos correios e transportes de pessoas e mercadorias vinculadas à administração imperial (serviço do *cursus publicus*) que circulavam pelas principais vias do Império. Seriam tanto lugar de pernoita como de paragem breve a meio de um percurso, onde os animais de carga recuperavam forças e os viajantes poderiam relaxar o corpo nas

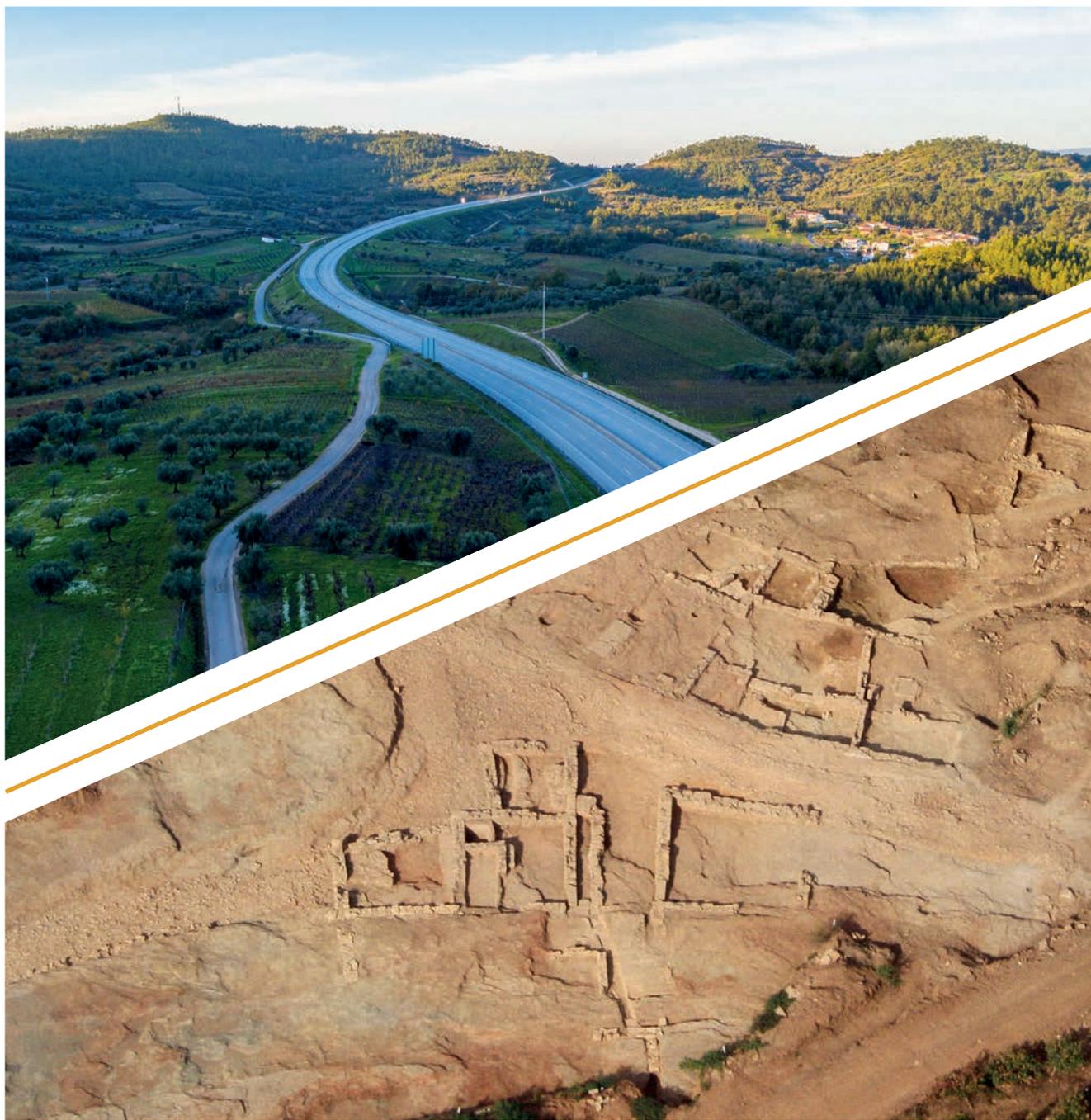
There were roadside inns for travellers (*mutationes* or *mansiones*) on each main road, located at intersections or at the start of a steep incline. They were spaced out enough so that travellers could rest at the end of a long day's march (20 to 24 miles, i.e., 30–35 km). These inns were destined above all to the postal service and to those in the service of the imperial administration (*cursus publicus*) in the main Empire roads. They offered a shelter for the night or a brief rest during a pause in the journey, where the pack animals recovered their strength and the traveller could rest his body in the baths and his mind in the tavern. Small clusters of houses may have gathered around some of these inns, possibly the origin of future medieval

termas e o espírito na taberna. Em redor de algumas destas estalagens poderão ter-se aglomerado conjuntos de casas, estando depois na origem de algumas povoações medievais e mesmo de atuais sedes concelhias, como poderá ser o caso de **Soure** e **Mealhada**. Trabalhos arqueológicos levados a cabo durante a construção da A13 permitiram identificar em Eira Velha (**Lamas, Miranda do Corvo**) um local que parece corresponder a uma pequena estalagem romana (*mutatio*), provavelmente associada à via que ligava **Conimbriga** a **Bobadela** – uma descoberta que merece destaque pela sua singularidade e que foi feita sintomaticamente quando da abertura de um trajeto viário atual e próximo do sítio onde se achou o importante tesouro de Chão de Lamas.

Outra estalagem viária existiria na área da **Mealhada**, precisamente onde a via **Aeminium – Talabriga** seria cruzada por outra secundária que ligaria o território da *civitas* com capital em **Bobadela** ao provável porto de **Maiorca (Figueira da Foz)**. Esta estalagem pode ter sido propriedade de um Caio Fábio Viator, cujo sugestivo nome surge registado numa inscrição votiva encontrada não muito distante, em **Murtede (Cantanhede)**, no enfiamento desse outro caminho que ligava as terras interiores desta região ao estuário do Mondego. No lugar da Telhada (**Vermoil, Pombal**) também poderá ter existido uma estalagem, funcionando como “estação de serviço” da estrada que ligava *Collipo* e **Conimbriga**.

villages and even of municipalities – which may have been the case of **Soure** and **Mealhada**. Archaeological excavations undergone when the A13 was being built led to the identification of a place that seems to correspond to a small Roman inn (*mutatio*) in Eira Velha (**Lamas, Miranda do Corvo**) which was probably associated to the road connecting **Conimbriga** and **Bobadela**. It is quite significant that this singular discovery was made while a contemporary road was being laid out, and not far from the site where the famous hoard of Chão das Lamas was discovered.

There may have been another roadside inn in the **Mealhada** region, precisely at the intersection of the **Aeminium – Talabriga** road with a secondary road linking the **Bobadela civitas** to what was presumably the port of **Maiorca (Figueira da Foz)**. This inn may have belonged to a certain Caius Fabius Viator, whose suggestive name comes up in a votive inscription found not very far, in **Murtede (Cantanhede)**, on the course of that other path connecting the region’s interior country to the Mondego estuary. In Telhada (**Vermoil, Pombal**) there may have existed an inn working as “road station” on the road between *Collipo* and **Conimbriga**.



Para além das estradas principais, assinaladas por miliários e contando com o apoio de verdadeiras estações de serviço, muitos outros caminhos existiam em Época Romana. Uma rede de caminhos secundários retalharia também este território. Davam sobretudo resposta às necessidades de circulação de âmbito local ou regional. Alguns permanecem na memória popular como caminhos romanos ou designados como “estradas reais”, outros, cruzando as serras de **Arganil, Góis, Lousã** e **Pampilhosa da Serra**, são hoje conhecidos como “estradas do sal”. Estes trajetos, porém, dificilmente podem ser identificados na atualidade como romanos. Alguns destes caminhos poderão ter sobrevivido ao passar arrastado do tempo, enquanto a racionalidade que ditou o seu traçado foi mantendo alguma atualidade – podem mesmo subsistir, sem o sabermos, no traçado de caminhos e estradas que ainda percorremos. Muitos outros, porém, por nada já os justificar, foram sendo abandonados e apagados da memória.

Besides major roads, marked with milestones and provided with veritable service stations, there were many other paths. A network of secondary roads is believed to have crisscrossed this region, allowing for the circulation at a local and regional level. Some remain in popular memory as Roman paths, or “royal roads”, while others, crossing the mountain ranges of **Arganil, Góis, Lousã** and **Pampilhosa da Serra**, are nowadays known as “salt roads”. Nevertheless, these routes can hardly be identified as Roman. Some of them may have survived while their rational alignment kept its usefulness – they may, in fact, have survived, unbeknown to us, in the layout of paths and roads we travel through – but many others, no longer useful, were abandoned and erased from memory.

A identificação como estrada romana dos trajetos principais, mesmo quando se lajeavam, nem sempre é segura, uma vez que este tipo de calçadas (e de pontes em pedra) perdura no tempo como técnica construtiva, sendo usual em Época Medieval e Moderna. Muitas vezes os troços lajeados que se observam refletem diversos tempos. Por percorrerem corredores naturais de circulação, cruzaram o tempo e a história, sendo continuamente utilizados e reparados. Alguns destes antigos trajetos passam mesmo a funcionar como limite entre povos ou concelhos, sendo essas extremas mencionadas na documentação medieval como estradas velhas ou antigas.

The identification of major routeways as Roman roads, even when stone-paved, is not always certain, because this kind of track (and stone bridge) continued to be built throughout the Middle and the Modern Ages. Stone-paved paths often reflect different historical times. Because their layout follows natural circulation routes, they crossed time and history, in continuous use and repair. Some of these old routes were even adopted as boundary between municipalities, and are mentioned in medieval documents as old or ancient roads.

MILHAS CONTADAS / COUNTING THE MILES

/ Uma outra novidade desse tempo: a distância, em milhas (1 milha = c. 1480 m), em relação à cidade mais próxima, passa a ser contada nos miliários – colunas colocadas, milha a milha, na berma de cada uma das estradas principais. Um miliário do tempo do imperador Calígula (37-41 d.C.), encontrado na **Mealhada**, marca a milha XII (= c. 18 km), sendo **Aeminium** o ponto de origem da contagem. Um outro miliário conhecido, que indica a milha IV, poderia estar originalmente na zona de **Eiras (Eiras e São Paulo de Frades, Coimbra)**, integrando assim também a via que partia de **Aeminium** para Norte, pela **Mealhada**, no sentido de **Talabriga** (Cabeço do Vouga, Águeda).

Em **Tamazinhos (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)**, na fronteira com **Alcalamouque (Ansião)**, um miliário do imperador Décio (249-251 d.C.) indicava aos viajantes que faltava caminhar VIII milhas (c. 12 km) até **Conimbriga**. Um outro, achado em **Soure**, do tempo do imperador Caracala (211-217 d.C.), no qual já não é possível ler as milhas, revela que por aí – lugar de eventual estalagem romana – passava a estrada longa de mais de 40 milhas que ligava as cidades de **Conimbriga** e de **Collipo**. O marco de **Coja (Coja e Barril de Alva, Arganil)**, ainda que não indique milhas, poderá corresponder a um miliário, talvez associado à via que vinha de **Conimbriga** (ou então de **Aeminium**) em direção a **Bobadela (Oliveira do Hospital)**.

/ Another innovation introduced by the Romans: the distance in miles (1 mile = c. 1480 m) between cities was indicated in milestones – stone pillars set up every mile by the roadside of each of the main roads. A milestone from the reign of Caligula (AD 37-41), found in **Mealhada**, marks mile XII (c. 18 km), counted from **Aeminium**. One other known milestone, marking mile IV, may originally have been placed in the region of **Eiras (Eiras e São Paulo de Frades, Coimbra)**, and would thus have been on the road heading north, from **Aeminium**, in the direction of **Talabriga** (Cabeço do Vouga, Águeda), passing through **Mealhada**.

In **Tamazinhos (São Miguel, Santa Eufémia e Rabaçal, Penela)**, on the boundary with **Alcalamouque (Ansião)**, a milestone from the reign of Decius (AD 249-251) informed travellers that they had yet to travel eight miles (c. 12 km) to **Conimbriga**. Another one, found in **Soure**, dates from the time of Caracalla (AD 211-217), and although it is no longer legible, it shows that this area – possibly the location of a roadside inn – was crossed by the long road connecting **Conimbriga** and **Collipo**, a stretch of over 40 km. Although it does not record a distance, the **Coja** marker (**Coja e Barril de Alva, Arganil**) might be a milestone, possibly associated to the road from either **Conimbriga** or **Aeminium** to **Bobadela (Oliveira do Hospital)**.

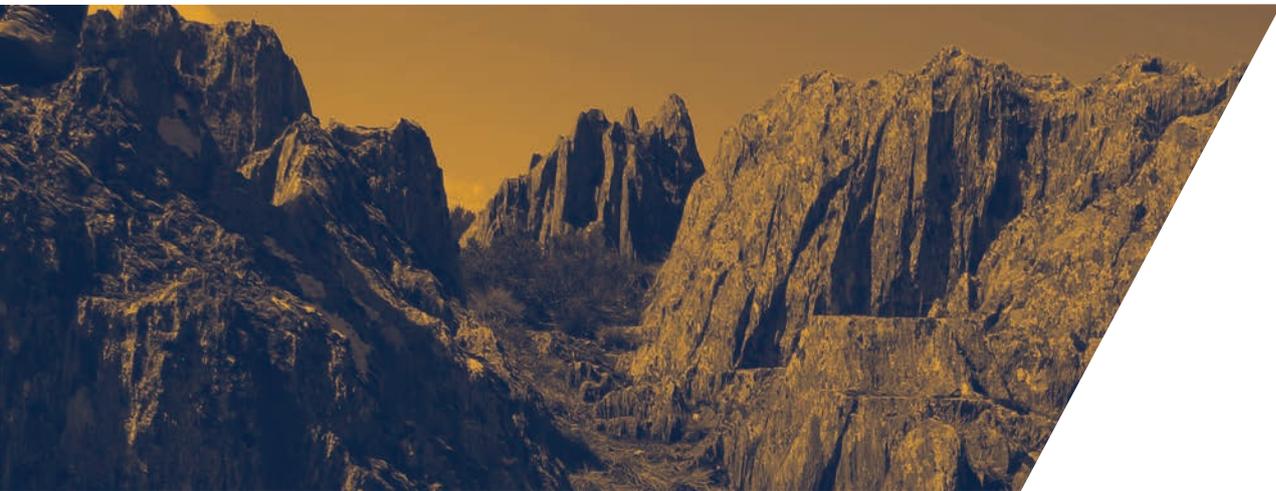


Os miliários seriam colocados nas bermas das estradas quando estas eram construídas ou reparadas. Sabemos, assim, por exemplo, que a via *Collipo-Conimbriga* foi reparada durante o reinado do imperador Adriano, no século II. Miliários datados dos séculos III e IV revelam que a via de **Conimbriga** proveniente de *Seilium* foi objeto de várias reparações durante esses séculos. A colocação de miliários nesses momentos seria também uma forma de homenagear o imperador de então pela concretização da obra pública.

Os miliários andam associados à passagem de vias romanas importantes e certificam essa passagem. Mas o achado de miliários poderá também permitir aos investigadores traçar o território de uma *ciuitas*, uma vez que as milhas eram contadas a partir de cada cidade até ao limite do seu território. Um miliário achado em Paços da Serra (Gouveia), junto ao atual limite com o concelho de Seia, sugere que o território de **Bobadela** romana se prolongaria pelo menos até essa zona, nas encostas da serra da Estrela, uma vez que as XXI milhas indicadas no miliário são contadas a partir da cidade capital desse território – essa capital seria a **Bobadela** romana.

The milestones were placed on the roadside when the roads were being built or repaired. We know, for example, that the *Collipo-Conimbriga* road was repaired during the reign of Adrian, in the second century AD. In their turn, milestones dated from the second and fourth centuries reveal that the road from *Seillium* to *Conimbriga* underwent repair during those centuries. Milestones could also be a means to pay homage to the emperor for the building of a public work.

Milestones mark and certify the passage of important Roman roads, but they can also help researchers in the definition of the boundaries of a *civitas*, since miles were counted from each town to the limit of its territory. A milestone found in Paços da Serra (Gouveia), near the present-day border with the municipality of Seia, seems to suggest that the territory of Roman **Bobadela** would have extended to this area, on the slopes of Estrela Mountain Range, since the 12 miles inscribed on the milestone are counted from the capital of that territory – which would have been Roman **Bobadela**.



RIOS DE OURO RIVERS OF GOLD

Os recursos mineiros da *Hispania* terão constituído uma das principais razões que explicam a sua integração no Império Romano. Nesta região também existiam esses recursos. Desde logo os filões de ouro eram conhecidos e foram explorados pelos Romanos. A exploração de ouro, inclusivamente, parece ter constituído a atividade económica mais importante nas terras interiores desta região. Este facto poderá em parte explicar a monumentalização das cidades de **Aeminium** e da *Splendidissima ciuitas*, assim como a riqueza de alguns indivíduos, como será o caso de Caio Cantio Modestino, que à sua custa construiu pelo menos dois pequenos templos junto ao fórum da cidade de **Bobadela** romana (além de um outro na *civitas Igaediatonorum*, Idanha-a-Velha).

The mining resources of *Hispania* were probably one of the main reasons for its integration in the Roman Empire. And such resources existed in this region. The gold veins were soon found and explored by the Romans. Gold mining seems in fact to have been the most important economic activity in the interior of this territory. This may partly explain the monumentalization of cities such as **Aeminium** and the *Splendidissima civitas*, as well as the wealth of some men, such as Caius Cantius Modestino – who, at his own cost, had two small temples built next to the forum of the Roman town of **Bobadela** (and another in the *civitas Igaediatonorum*, Idanha-a-Velha).

Toda a bacia hidrográfica do **Mondego** e do **Zêzere**, sobretudo ao longo do **Alva** e do **Ceira**, apresenta expressivos vestígios desta atividade extrativa, constituindo mesmo uma das áreas mineiras de exploração de ouro mais extensas da *Hispania* romana. Os vestígios dessas explorações antigas correspondem ao que hoje designamos por “conheiras”: denominação local para grandes acumulações de seixos que resultavam da lavagem das areias auríferas dos rios. Estas conheiras têm muita expressão nos concelhos de **Oliveira do Hospital**, **Tábua**, **Arganil**, **Pampilhosa da Serra** e **Lousã** ou ainda em **Vila Nova de Poiares** e **Penacova**. Em **Arganil**, nas minas do Paço Grande e Pequeno, na **Pampilhosa da Serra**, numa galeria do Cabeço do Eirinho, na **Lousã**, nomeadamente na mina do Cabeço do Moiro (**Lousã e Vilarinho**), registam-se diversos materiais que poderão ser romanos. Em **Góis**, na ribeira de **Bordeiro**, na mina da Escádia Grande (**Alvares**) e na mina da Cova dos Ladrões (**Alvares**) encontraram-se duas inscrições dedicadas a uma divindade indígena chamada *Ilurbeda*, bem como diversos materiais vinculados ao Período Romano, como sejam ferramentas em ferro, lucernas e um pendente de ouro.

Talvez esta riqueza explique também a instalação precoce de colonos itálicos, como sejam as famílias *Manlia* e *Iunia* na **Bobadela** romana, ou mesmo de indivíduos provenientes de outras paragens distantes, como a cidade de *Caesaraugusta* (Saragoça), registados em inscrições. Mas explicará igualmente

The whole of the Mondego and Zêzere river basins, especially along the Alva and the Ceira, shows clear vestiges of this activity – it is, in fact, one of the most extensive gold mining areas of Roman *Hispania*. The vestiges correspond to what is nowadays known as “conheiras”, a local designation for the large heaps of pebbles resulting from the washing of the gold-bearing sands. These “conheiras” are very common in the municipalities of Oliveira do Hospital, Tábua, Arganil, Pampilhosa da Serra and Lousã, as well as in Vila Nova de Poiares and Penacova. In the mines of Paço Grande e Pequeno, Arganil, in a gallery of Cabeço do Eirinho, Lousã, particularly in the mine of Cabeço do Moiro (Lousã and Vilarinho), a number of items, possibly Roman, have been found. In Góis, on the Bordeiro creek, in the mines of Escádia Grande and Cova dos Ladrões (Alvares) were found two inscriptions addressed to a native deity called *Ilurbeda*, as well as several items of the Roman Era, such as iron tools, oil lamps and a gold pendant.

This abundance of resources might also explain the early arrival of Italian settlers, such as the families *Manlia* and *Iunia*, or even the arrival of people from distant lands, such as the city of *Caesaraugusta* (Saragoça). But it will certainly account for the presence of Roman legionaries in this area in times of peace, since gold deposits were state property (*ager publicus*). The deployment of small army teams near large



a presença de legionários romanos nestas terras em tempo de paz, uma vez que as jazidas de ouro eram propriedade do Estado Romano (*ager publicus*). A instalação de pequenos destacamentos do exército romano junto de importantes áreas mineiras justificava-se não só pela necessidade de policiar o escoamento do ouro, mas sobretudo porque era no quadro do exército que se encontrava a mão de obra qualificada capaz de orientar tecnicamente os trabalhos mineiros. O acampamento da Lomba do Canho (**Secarias, Arganil**), instalado junto ao rio **Alva**, constituirá talvez o sinal mais recuado dessa presença militar associada ao início da exploração

mining areas was necessary not just to oversee the transport of the gold, but mostly because the army provided the skilled human resources needed for the technical supervision of the works. The Lomba do Canho camp (Secarias, Arganil), near the River Alva, is probably the earliest sign of this military presence associated to the beginning of Roman gold mining in this region in mid-1st century AD. The free native population must have found work in mining, paying part of the tax due to Rome in the form of workdays.



romana do ouro, em meados do século I a.C. Nesta atividade trabalharia ainda a população nativa, de condição livre, pagando em parte o imposto devido a Roma sob a forma de dias de trabalho nas minas.

Mas outros recursos seriam explorados e dinamizavam a economia destas regiões em Época Romana. Nas serras calcárias extraía-se pedra e cal para a construção. Exploradas já em Época Romana seriam as pedreiras na área de **Cantanhede**, particularmente junto a **Ançã**, **Outil**, **Pena** e **Portunhos**, sendo conhecidas e aproveitadas

But there were other economic resources in the region. In the chalky mountains, stone and lime were extracted for construction. The quarries near Cantanhede – particularly those near Ançã, Outil, Pena and Portunhos, and the characteristics of their limestone, were already known to, and used by, the Romans. The villa owners of the region probably exploited those quarries. Moreover, the high density of Roman settlers in the Cantanhede area might be at least partly explained by the activity of these quarries.



Conheiras de Alvoco das Várzeas (Oliveira do Hospital) ^

"Conheiras" in Alvoco das Várzeas (Oliveira do Hospital) / © Pedro C. Carvalho, ADCMMM

as particulares características desse calcário – é provável que os proprietários das *uillae* conhecidas na zona explorassem as pedreiras. Aliás, a grande densidade de povoamento romano na zona de **Cantanhede** poderá ser explicada, pelo menos em parte, pela atividade nestas pedreiras. Relacionadas com esta atividade extrativa estavam as oficinas de materiais de construção. Em **Conimbriga** conhecemos inclusivamente os nomes de alguns dos seus proprietários: *Maelo*, *Primus*, *Duatius* e *Allius Avitus*. Estas oficinas beneficiaram não só do surto construtivo que durante o século I d.C.

There were workshops to supply building materials for this extractive activity. In **Conimbriga**, we actually know the names of some of their owners: *Maelo*, *Primus*, *Duatius* and *Allius Avitus*. These workshops profited from **Conimbriga's** first-century building boom, and increased their business by supplying not just to the houses built around **Conimbriga**, but also to neighbouring towns, like **Aeminium**.

Conimbriga conheceu, como foram aumentando o seu negócio por servirem não apenas as moradas espalhadas pelos campos em redor, mas também por abastecerem outras cidades vizinhas, como **Aeminium**. Do litoral deste território viria o peixe fresco (e salgado), assim como alguns moluscos como as ostras, encontradas em grande quantidade nas escavações arqueológicas das cidades de **Aeminium** e **Conimbriga**. Em alguns cursos de água pescavam-se os peixes de rio, revelando-se uma prática dos próprios habitantes das cidades, face ao achado de anzóis em escavações. A lampreia era muito apreciada pelos Romanos, e podemos até perguntar se a tradição de a cozinhar como agora se faz, entre **Montemor-o-Velho** e **Penacova**, não encontra a sua origem há dois mil anos. Da costa marítima viria ainda o sal, essencial para conservar e condimentar alimentos. Este talvez fosse também escoado para territórios mais a sul, a caminho da foz do Tejo, para as fábricas de produção de *garum*: um molho e pasta de peixe que se misturava em diversos pratos, muito apreciado também nestas terras, como revela o achado das ânforas que o transportavam à distância.

Fresh and salted fish, as well as some molluscs – like oysters, found in large quantities in the archaeological excavations of **Aeminium** and **Conimbriga** – came from the coast. Fishing was practiced in some rivers and streams, and in view of the large number of hooks found in excavations, rather common among town dwellers. Lamprey was highly appreciated by the Romans, and one could even wander if the lamprey cooking tradition of **Montemor-o-Velho** and **Penacova** does not go back two thousand years. Sea-salt, necessary for food preservation and seasoning, also came from the coast. Salt may have been carried to more southern regions, towards the Tagus estuary, for the *garum* factories: *garum* was a fish sauce and paste used in many different dishes, and highly appreciated in these areas, as proven by the amphoras used to carry it.

/ Não se conhecem restos de salinas de Época Romana neste litoral, mas é quase certo que elas existiram, particularmente junto à foz do **Mondego** (*Munda*), na **Figueira da Foz**. No entanto, a fragilidade dessas estruturas, feitas de pisos de terra batida e seixos rolados, o avanço e recuo das marés, a alteração da configuração do estuário junto à **Figueira da Foz**, e até a eventual manutenção dos lugares de exploração em época posteriores, não contribuíram para a sua conservação. Também podemos supor que o sal recolhido na desembocadura do **Mondego** era encaminhado para as terras do interior através de barcas à vela que subiam o “braço de mar” que chegava quase a **Aeminium** e não ficaria muito distante de **Conimbriga**. A partir da **Coimbra** romana essas antigas barcas subiam o *Munda*, até à Foz do Alva e ao Porto da Raiva (**Oliveira do Mondego e Travanca do Mondego, Penacova**), seguindo depois a carga de sal por caminhos trilhados pelas carroças pela base da serra da Atalhada até às terras interiores da *Splendidissima ciuitas*, entroncando na estrada que saía de **Aeminium** (talvez junto à ponte da Mucela, perto da qual existe uma velha ponte em pedra), ou mesmo para além das serras do **Açor** e da **Lousã**, onde nas suas encostas íngremes e ventosas subsistem ainda algumas calçadas trilhadas dos rodados e que hoje são conhecidas como “estradas do sal” – talvez os seus profundos sulcos resultem da passagem continuada de mercadores de sal e de outras mercancias muito para além da Época Romana.

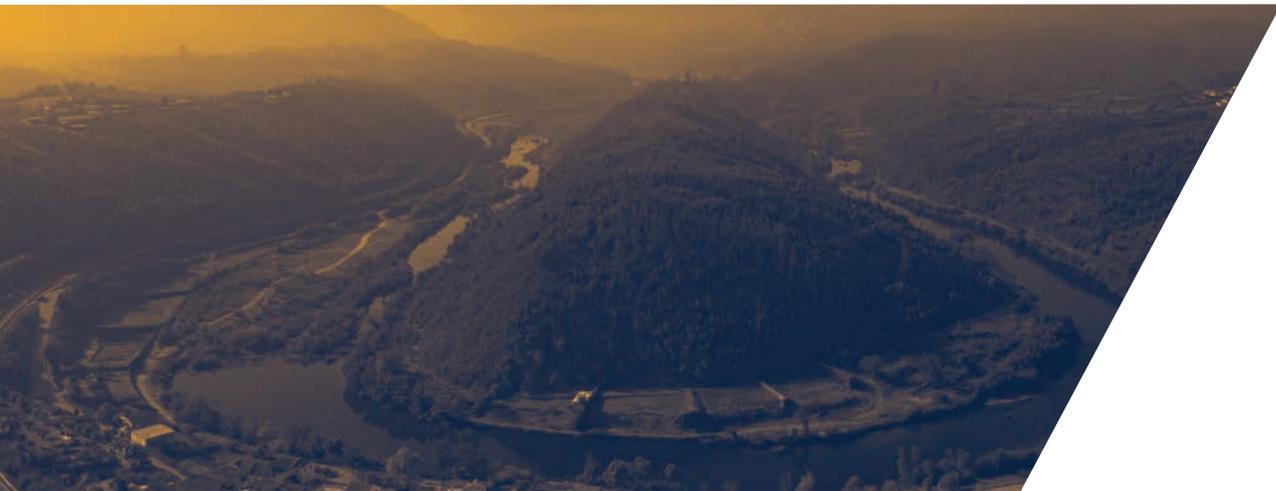
/ Although it is almost certain that there were Roman salt pans on this coast, particularly on the Mondego (*Munda*) estuary, in **Figueira da Foz**, there are no vestiges of their existence. Many factors may explain this: The fragility of these structures, with their shingly, earthen floors, the advancing and retreating tides, the changes in the configuration of the estuary, close to **Figueira da Foz**, and even their continuous exploration in later times. The salt collected at the mouth of the **Mondego** would then be carried inland on boats that would sail up the “sea branch” that reached almost as far as **Aeminium** and would not be too distant from **Conimbriga**. From Roman Coimbra these old barges would sail the River *Munda* up to Foz do Alva and Porto da Raiva (**Oliveira do Mondego e Travanca do Mondego, Penacova**). From there onwards, the salt cargo would be carried on cart-trodden paths along the base of Atalhada Mountain Range to the interior lands of the *Splendidissima civitas*, where it intersected the road that started from **Aeminium** – possibly close to the Mucela bridge, not far from which there is an old stone bridge, or even beyond the mountain ranges of **Açor** and **Lousã**. In these steep and windy mountains a few wheel grooved tracks are still known as “salt roads” – perhaps those deep grooves result from the continuous passage of salt merchants and others well after the Roman Era.



Salinas (Figueira da Foz) ^
Salt pans (Figueira da Foz)
© Nuno Marques, ADCMMM



^ Estradas do sal na serra do Açor (Arganil e Góis)
Salt roads in the Açor Mountain Range (Arganil and Góis)
© Município de Arganil | © Pedro C. Carvalho, ADCMMM



UM AMPLO MERCADO COMUM AN AMPLE COMMON MARKET

/ Nesta região, sobretudo a partir do século I a.C., adquirem-se e consomem-se produtos comercializados a grandes distâncias. Produtos como o azeite, o vinho e o *garum* eram depositados em ânforas e transportados sobretudo por via marítima pelos circuitos comerciais de um grande mercado comum, centrado no *Mare Nostrum* (o Mar Mediterrâneo) – um amplo espaço unificado e pacificado por Roma.

Ao largo da linha de costa das *ciuitates* de **Aeminium** e **Conimbriga** passava a longa rota atlântica que ligava o Mediterrâneo ao Mar do Norte, desde os portos de Óstia (o porto de Roma) e de Cádiz (no extremo sul da *Hispania*), aos portos da Grã-Bretanha (*Britannia*). Alguns barcos romanos terão naufragado durante essas longas e tormentosas viagens, sendo por vezes parte da sua carga encontrada ocasionalmente nas redes dos pescadores, como testemunham as ânforas encontradas no lugar das **Morraceiras**, nas águas da **Figueira da Foz**.

/ There is a long-distance commercial exchange in this region, particularly from the first century AD onwards. Products such as olive oil, wine and *garum* were packaged in amphoras and carried mostly by sea within the trade routes of a large common market centred on the *Mare Nostrum* (the Mediterranean Sea) – a vast space unified and pacified by Rome.

The long Atlantic route connecting the Mediterranean Sea to the North Sea passed off the coast of the **Aeminium** and **Conimbriga** *civitates*. This route connected the ports of Ostia (Rome's seaport) and Cádiz (in the south of Hispania) to those of Great-Britain (*Britannia*). Some Roman vessels would have sunk during those long and difficult travels, and part of their cargo is occasionally caught in fishermen's nets – as witnessed by the amphoras found in Morraceiras, in the waters of Figueira da Foz.



^ Louça de mesa e de cozinha (Museu Monográfico de Conimbriga)
Tableware and kitchenware (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC



^ Louça de mesa importada: *terra sigillata* (Museu Monográfico de Conimbriga)
Imported tableware: *terra sigillata* (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC

Chegada por via marítima aos entrepostos portuários, parte dessas cargas, onde se encontravam outras mercadorias (cerâmicas, tecidos, etc.), seguia para as regiões interiores. A última etapa destas viagens poderia ser feita através de barcos mais pequenos que subiam os rios navegáveis, como o **Mondego**, ou então as mercadorias seguiam por terra, em carroças que percorriam as estradas romanas – nos casos do azeite, do vinho e do *garum*, estes seguiam por terra em odres ou potes.

O achado de ânforas um pouco por toda esta região, particularmente nas cidades de **Conimbriga** e **Aeminium**, testemunha esse grande comércio, feito à escala do Império, ainda que pareça observar-se uma diferença na frequência de certos produtos importados entre as regiões mais interiores, boa parte delas inscrita na *civitas* com sede em **Bobadela**, e aquelas voltadas ao *Oceano*, como eram as de **Conimbriga** e **Aeminium** – a interioridade não facilitava as deslocações e encarecia os produtos (seriam, já então, os custos da interioridade).

O comércio de produtos alimentares (e outros artesanais, de primeira necessidade) marcaria sobretudo as produções e transações de âmbito local e regional. Talvez se encontre nesse tempo a origem de alguns dos atuais produtos tradicionais, dos queijos às louças. Podemos imaginar os mercadores de então a percorrer os caminhos desta região, à procura dos mercados locais e, sobretudo, daqueles que

Once arrived at the port, part of that cargo, which included other products (ceramics, fabrics, etc) was channelled inland. The last leg of these journeys could be made in smaller boats that sailed up navigable rivers, such as the **Mondego**; but the cargo could also be carried overland in carts, using the Roman roads – namely olive oil, wine and *garum*, stored in goatskins or pots.

The findings of amphoras all over this region, and particularly in **Conimbriga** and **Aeminium**, bear witness to this large trade, on the scale of the empire, although certain imported goods seem to have been less frequent in the interior (mainly the **Bobadela civitas**) than in the coastal regions (perhaps the problems of living inland were already being felt).

Foodstuffs (and other essential craft goods) would have dominated local and regional production and trade. Maybe the origin of some of today's traditional products, such as cheese and pottery, could be found here. We can imagine the merchants treading the paths of the region, to trade in the local markets and

tinham lugar nas cidades de **Aeminium**, **Conimbriga** e **Bobadela**. É certo que o comércio com alguma escala era feito preferencialmente por mar. Por barco, o comércio era mais rápido e eficiente, podiam ser transportadas mais mercadorias (as maiores embarcações, por mar, poderiam transportar entre 100 a 200 toneladas) e, por conseguinte, as transações comerciais eram mais rentáveis. Mas a rede de estradas e os rios navegáveis terão desempenhado igualmente um papel fundamental ao nível da dinâmica comercial regional que se gerou.

Neste território merece especial destaque o **Mondego**, o *Munda* na antiguidade. Este rio seria em Época Romana navegável até ao lugar de Porto da Raiva (**Oliveira do Mondego** e **Travanca do Mondego**, **Penacova**) por embarcações que seriam longínquas antepassadas das designadas “barcas serranas” que até às primeiras décadas do século XX ainda subiam o **Mondego** carregadas de sal e de outras mercadorias. A partir desse porto fluvial, e provável povoação em Época Romana, as mercadorias seguiriam por terra para o interior do território, sobretudo da *ciuitas* com capital em **Bobadela**. A existência de um grande estuário que, desde a **Figueira da Foz** se estendia quase até às portas de **Coimbra**, ocupando as atuais terras baixas e aplanadas do **Baixo Mondego**, facilitou a chegada por via marítima dos produtos que viajavam desde longe, assim como as exportações de produtos locais.

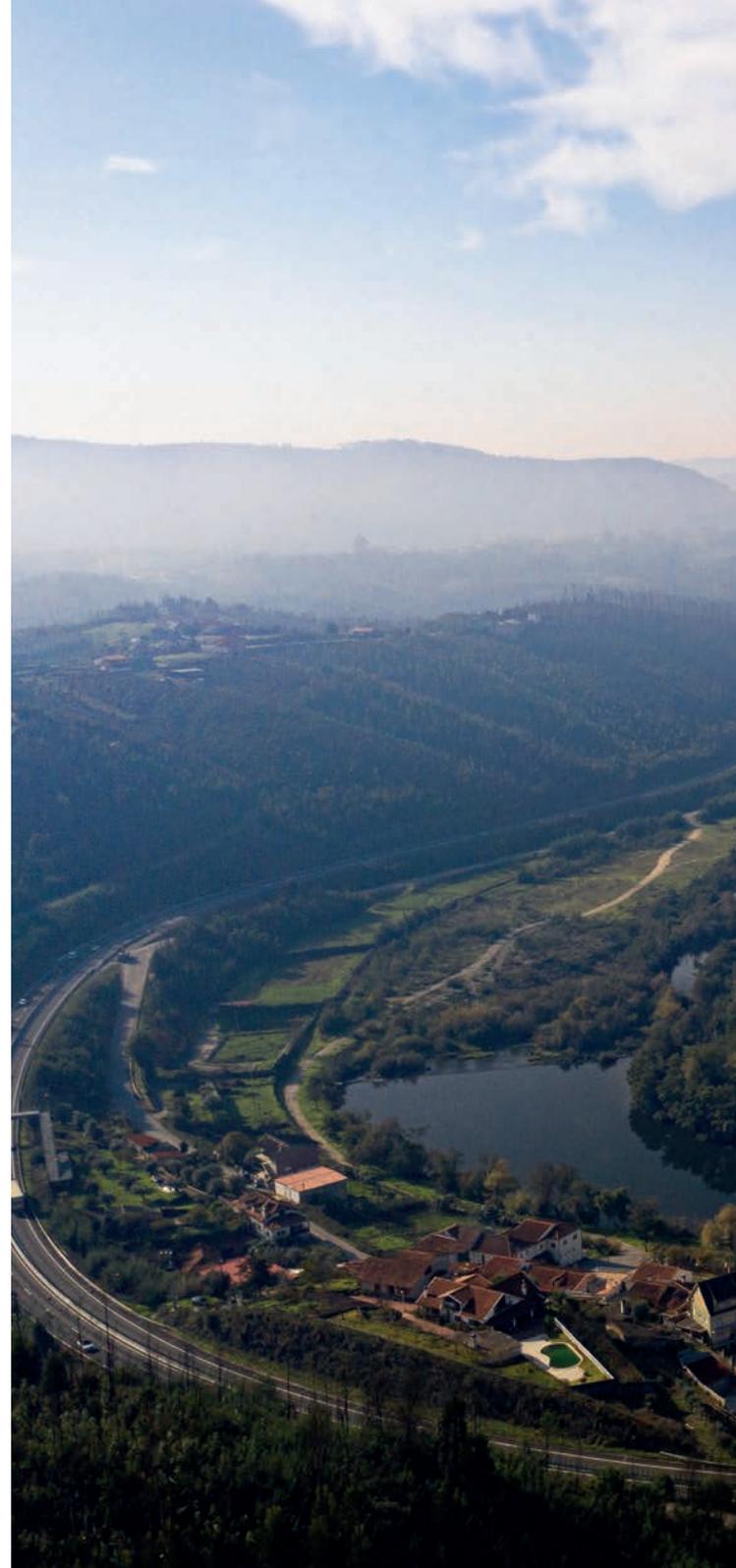
above all in the town markets of *Aeminium*, *Conimbriga* and *Bobadela*. It is true that larger trade would preferably have used sea routes: it was quicker, more efficient and more profitable, since boats could carry a larger bulk of merchandise (the larger vessels could carry between 100 and 200 tons). But the road network and the navigable rivers must also have played a fundamental role in the regional trade dynamics of those days.

The River **Mondego** (*Munda*, in antiquity), deserves special notice. In Roman times it appears to have been navigable until Porto da Raiva (**Oliveira do Mondego** and **Travanca do Mondego**, **Penacova**), used by vessels that could be seen as the distant ancestors of the so-called “barcas serranas” (mountain boats) that used to sail up the river, loaded with salt and other goods, until the early decades of the twentieth century. From that river port (and probably also a settlement in those days), the goods would proceed by land to the interior regions, mostly to the *Bobadela civitas*. The large estuary that extended from **Figueira da Foz** almost until **Coimbra**, occupying the low plains of the **Lower Mondego**, favoured the arrival by sea of goods from distant origins, as well as the export of local products.

Nas margens deste estuário encontravam-se alguns portos ou ancoradouros e uma ou outra povoação onde se cruzavam mercadores e barqueiros. Particularmente importante poderá ter sido o possível porto localizado em Arruelas (**Maiorca, Figueira da Foz**), não muito distante da antiga feitoria fenícia de Santa Olaia (**Ferreira-a-Nova, Figueira da Foz**). Um porto romano (e um farol) poderá ter existido na desembocadura do estuário do Mondego, localizado na **Figueira da Foz**, possivelmente onde se encontra o Forte de Santa Catarina (construído sobre estruturas romanas) ou na área de **Buarcos**, mais exposto ao mar aberto (e onde também se descobriram vestígios de Época Romana).

On the banks of this estuary there were some ports and anchorages and a couple of settlements where merchants and boatmen crossed paths. An important port has possibly existed in Arruelas (**Maiorca, Figueira da Foz**), not far from the former Phoenician trading post of Santa Olaia (**Ferreira-a-Nova, Figueira da Foz**). A Roman port (and a lighthouse) may have existed at the mouth of the Mondego, in **Figueira da Foz**, possibly on the site where the Fort of Saint Catherine (built over Roman structures) now stands, or in **Buarcos**, more exposed to the high seas (and where Roman vestiges have also been uncovered).

Vista sobre o Porto da Raiva (Penacova) >
Porto da Raiva (Penacova)
© Nuno Marques, ADCMMM





Um outro porto, de localização incerta, poderia servir diretamente a cidade de **Conimbriga**, enquanto outro se encontraria às portas de **Aeminium** (talvez nas imediações do Arnado), em certa medida uma cidade marítima em Época Romana. A importância ou o desenvolvimento da cidade de **Aeminium**, e também de **Conimbriga**, explicar-se-á em parte devido a esta ligação privilegiada com o mar.

Nas cidades existiam edifícios que funcionavam como lugares de mercado (*macellum*). Em **Conimbriga** conhece-se um desses edifícios. Mas também havia lojas de comércio tal como acontece nos nossos dias. Só em **Conimbriga**, na pequena parte da cidade que se encontra a descoberto, conhecem-se cerca de 30 lojas (*tabernae*) voltadas para as ruas. As principais poderiam mesmo ter lugar num dos lados da praça pública da cidade, como se verifica no primeiro fórum de **Conimbriga**. Pelas ruas desta e das outras cidades distribuíam-se padarias, tinturarias, lavandarias, tabernas e outras lojas, umas mais especializadas do que outras, e com funções não muito distintas das atuais. Vendia-se de tudo, o que chegava de longe e o que era produzido na cidade ou nos campos.

One other port, of uncertain location, could have served the town of **Conimbriga** directly, while yet another one might have existed near **Aeminium** (possibly around the Arnado area), since in those days this was, to a certain extent, a seaside town. **Aeminium**'s prominence, and **Conimbriga**'s as well, are probably due to this easy access to the sea.

Roman towns usually had indoor market buildings (*macellum*). One such building is known to have existed in **Conimbriga**, but there were also shops, as in the present time. In **Conimbriga** alone, in the small part of the town that has been excavated, 30 street shops (*tabernae*) have been uncovered. The main ones could even have been situated on one of the sides of the public square, as seen in the first forum of **Conimbriga**. On these streets, as in other cities, there were bakeries, dyeing shops, laundries, taverns, etc, some more specialized than others, whose function did not differ much from the present ones. All sort of things were for sale: products coming from afar and locally produced goods.

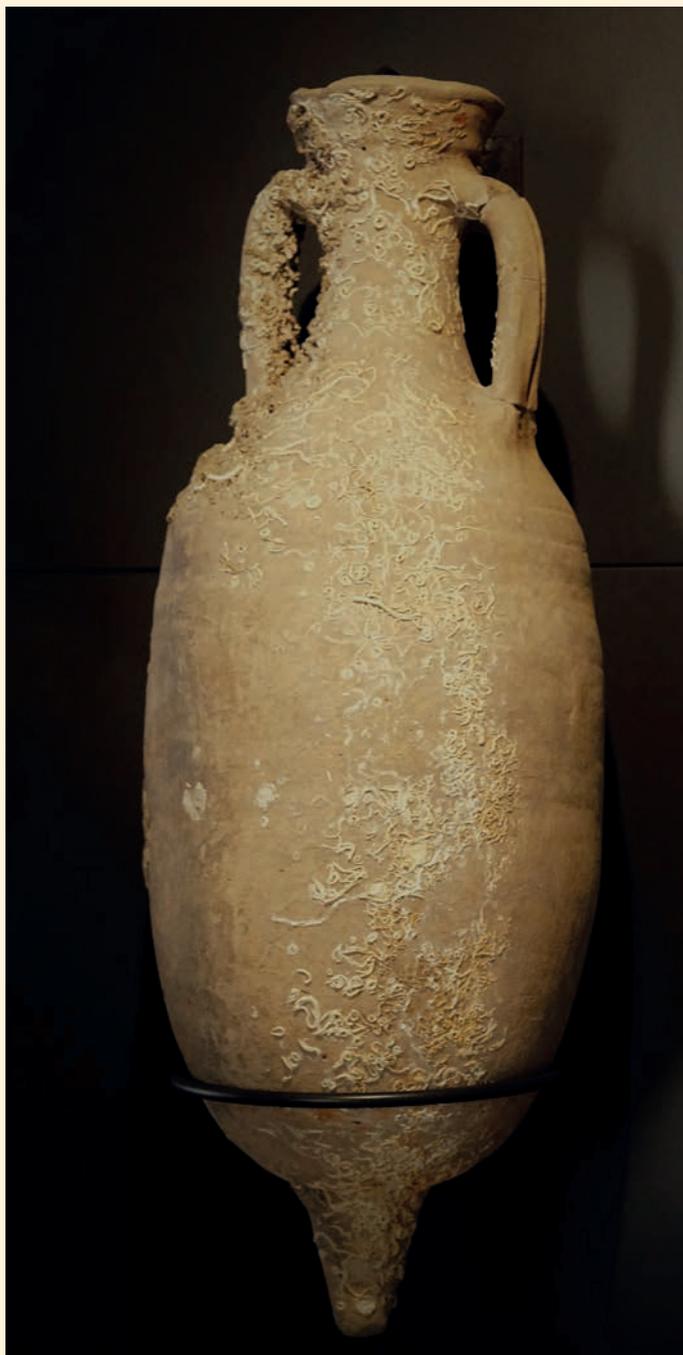
/ As ânforas são os típicos contentores cerâmicos, com fundo pontiagudo, que empilhadas no fundo dos navios transportavam vários produtos alimentares comercializados à distância: sobretudo o azeite, o vinho e o *garum*. O perfil e tamanho de cada ânfora variava consoante o produto que continha e a região de onde provinha, o que permitia identificá-la em função das suas características formais, tal como hoje se distinguem produtos e marcas em função da forma dos recipientes. No seu exterior podiam ainda encontrar-se marcas pintadas, gravadas ou impressas. Essas marcas – a primeira rotulagem das embalagens – destinavam-se a informar os comerciantes, os consumidores e também o Estado: podiam registar a quantidade dos produtos que continham, medida em libras (1 *libra mensuaralis* = 0,3 litros), o nome do fabricante do produto transportado, o dono da olaria, o nome do transportador, os portos de destino e até o nome do funcionário do fisco que procedia ao controlo oficial da mercadoria.

/ Amphoras are the characteristic ceramic containers, with a pointed bottom, used to transport a variety of foodstuffs, but mostly olive oil, wine and *garum*. They were stacked together tightly at the bottom of the ships. The shape and size of each amphora varied according to its content and provenance; they were easily identified by their formal characteristics, in a similar manner as products and brands are differentiated nowadays. Often they were marked on the exterior, which could be painted, stamped or incised (the first example of package labelling), to provide information to traders, consumers and also to the State. This could include the weight of the oil in the amphora (measured in pounds – *libra mensuaralis* = 0,3 litres); the name of the oil producer (the farmer/landlord), of the owner of the pottery or of the carrier; the destination ports; or even the name of the official in charge of the fiscal control of the merchandise.

Cada ânfora podia conter algumas dezenas de litros do produto comercializado. O seu bocal era vedado com uma tampa de argila cozida, cortiça ou mesmo pinhas, podendo ainda ser selado com cal. O achado de fragmento destas ânforas é frequente um pouco por todo o mundo romano, nomeadamente nesta região e sobretudo nas cidades que a estruturavam. Em **Conimbriga**, durante as escavações, encontraram-se milhares de fragmentos de ânforas, estando algumas peças expostas no Museu Monográfico. Em **Mira**, no Museu do Território da Gândara, encontra-se em exposição uma ânfora completa recolhida pelas redes de um barco de pesca no designado Mar da Vela, a noroeste do Cabo Mondego.

Each amphora could hold up to dozens of litres of olive oil. The stopper was made of fired clay, cork or even of pinecone, and sometimes sealed with lime. Amphora fragments, frequently found all over the Roman world, are also common in this region, particularly in the towns. Thousands of amphora shards were found during the **Conimbriga** excavations, some of which are in exhibition at the Monographic Museum. In **Mira**, at the Museum of the Gândara Territory, there is a whole amphora on exhibition. It was caught in the nets of a fishing boat called Mar da Vela, northwest of Cape Mondego.

Ânfora (Museu do Território da Gândara, Mira) >
Amphora (Museum of the Gândara Region, Mira)
© Marta Simões, ADCMMM





UMA MOEDA ÚNICA A SINGLE CURRENCY

/ A rede global de comércio tecida por Roma é um dos seus feitos mais notáveis. As estradas e as pontes construídas por todas as províncias foram os fios condutores dessa rede. E também os rios, quando navegáveis. As rotas marítimas prolongaram essa teia, consolidaram-na e conferiram-lhe ainda mais escala. Mas esta rede de comércio que envolvia o vasto Império Romano só se concretizou desta forma porque uma moeda única, a moeda romana, serviu de base a estas transações. A existência de uma moeda única estimulou a formação do amplo mercado comum do Império.

Em Época Romana assiste-se também nestes territórios à generalização da moeda como instrumento de troca. Esta é uma das novidades que marca este tempo. No dia a dia as pessoas usavam moedas em bronze e cobre: o *sestércio* (= 4 *asses*), o *dupôndio* (=2 *asses*) e o *as* (a unidade monetária). As moedas em prata (1 *denarius* = 16 *asses*) e em ouro (1 *aureus* valia 25 denários ou equivalia a 100 sestércios) seriam destinadas sobretudo aos grandes negócios, que exigiam somas mais avultadas.

/ The global trade network is one of Rome's most remarkable achievements. The roads and bridges built throughout the provinces were the main threads of that network, as well as the rivers, when they were navigable. The sea routes extended and strengthened that network. But this was only made possible by the existence and wide use of a single currency, the Roman currency, which stimulated the formation of that global trade network.

These times also witnessed the beginning of the widespread use of money as a means of exchange in this province. On their everyday dealings, people used bronze and copper coins: the *sestertius* (= 4 *asses*), the *dupondius* (= 2 *asses*) and the *as* (the monetary unit). Silver (1 *denarius* = 16 *asses*) and gold coins (1 *aureus* was valued at 25 *denarii* and equivalent to 100 *sesterces*) would have been used in more substantial deals, involving greater sums of money.

Os preços dos produtos foram variando ao longo do tempo e também em função da região do Império. Em termos gerais, o custo dos bens e serviços era muito mais elevado em Roma do que nas províncias. No entanto, ao tempo do imperador Augusto, nos inícios do século I d.C., sabemos que 1 *modius* de trigo (= 8,75l) custava 3 sestércios e 500 g de pão um *as*; meio litro de azeite 2 *asses*, 3 litros de vinho ordinário 5 *asses*, 5 ovos 1 *as* e um coelho 2 sestércios; o preço de uma ânfora de vinho poderia variar entre os 12 e 48 sestércios. Cícero, algumas décadas antes, informa-nos que um operário ganhava cerca de 3 sestércios por dia, o bastante para se poder alimentar a si e à sua família. Estima-se que uma pessoa precisaria de cerca de 8 *asses* por dia para comprar o que precisava para se alimentar.

Prices varied throughout the times and also varied from region to region. Generally, prices were much higher in Rome than in the provinces. We do know that in the reign of Augustus, at the beginning of the first century AD, 1 *modius* of wheat (= 8,75l) cost 3 *sesterces*, and 500 g of bread, one *as*; half a litre of olive oil, 2 *asses*; 3 litres of ordinary wine, 5 *asses*; 5 eggs, 1 *as*, and a rabbit, 2 *sesterces*; the price of an amphora of wine could cost between 12 and 48 *sesterces*. A few decades earlier, Cicero writes that a worker made 3 *sesterces* a day, enough to feed his family. It is estimated that a person would need 8 *asses* a day to feed him- or herself.



^ Tesouro de moedas de ouro (Museu Monográfico de Conimbriga)
Hoard of gold coins (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC

OS TESOUROS PERDIDOS / LOST TREASURES

/ É relativamente habitual encontrarem-se moedas romanas durante as escavações arqueológicas. Por vezes, de modo fortuito, podem também encontrar-se à superfície de um terreno habitado em Época Romana. Mas ocasionalmente também poderão surgir verdadeiros tesouros monetários – tesouros assim hoje designados não tanto pelo valor que encerram, mas antes por reunirem um conjunto mais ou menos numeroso de moedas (associadas, por vezes, a joias, lingotes ou outras peças de valor).

A razão da formação destes tesouros que a arqueologia revela pode ser distinta: alguns, num momento de particular conflito ou instabilidade, foram escondidos pelo seu proprietário e este, por algum motivo, não os recuperou. Outros serão verdadeiros aforros, resultantes de progressiva acumulação de riqueza por parte de alguém que morreu sem que dela fizesse uso ou a deixasse em herança. Outros poderão ser considerados de carácter ritual, depositados deliberadamente num santuário e que acabaram por se perder.

Neste território, para além dos tesouros de moedas associados ao avanço das legiões romanas em conquista, temos outros que foram sendo achados,

/ It is not unusual to find Roman coins during archaeological excavations. They can also be accidentally found on the ground surface in places formerly occupied by the Romans. Sometimes, however, veritable hoards are found – viewed as treasures not only for their worth, but mostly because they are significant collections of coins (sometimes in conjunction with jewels, ingots or other valuable items).

The explanation for these archaeological hoards varies: sometimes, in periods of conflict and unrest, the hoard was buried for safety and for some reason unretrieved by its owner; it could be the savings of someone who died without using them or leaving them as inheritance. Hoards could also have a ritual character, deliberately deposited on a sanctuary and eventually lost.

In this territory, apart from coin hoards associated to the advance of the invading Roman legions, there are a few that were found, almost always by chance, among the stones of a wall or in a pot buried in the ground. Some end up sold or melted before undergoing any research, while others survive only partly, and are now kept in museums or in private collections.



▲ Tesouro de moedas de bronze (Museu Monográfico de Conimbriga)
Hoard of bronze coins (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC

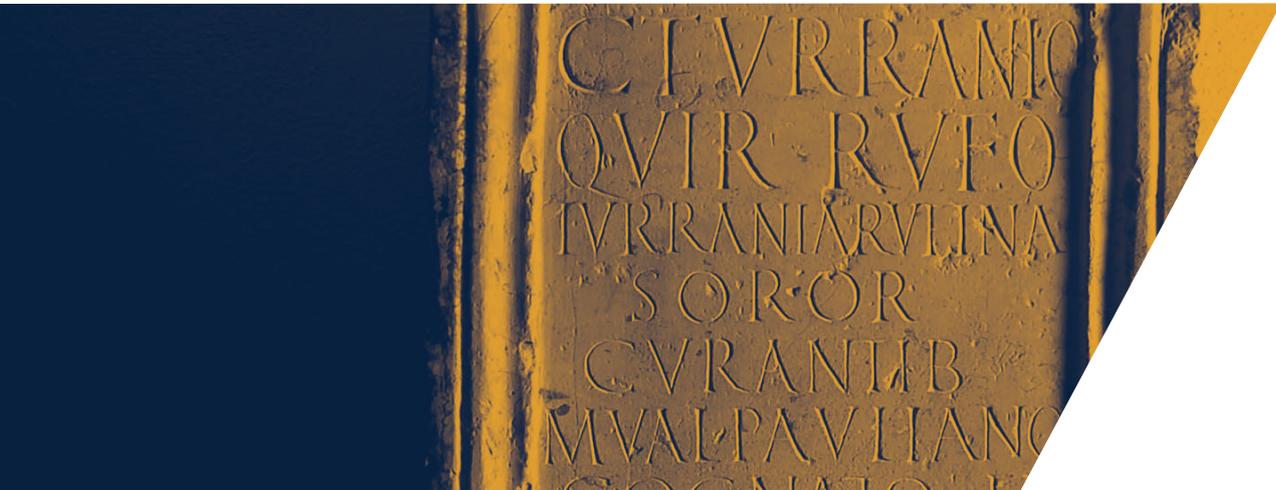
quase sempre de forma ocasional, entre as pedras de uma parede ou num pote enterrado no solo. Alguns, depois de descobertos, acabaram por ser vendidos ou derretidos, sem que deles fosse feito o devido estudo. Outros, só em parte sobreviveram e encontram-se depositados num museu ou numa coleção particular.

Entre os tesouros de moedas romanas conhecidos neste território podemos referir alguns que não foram mencionados anteriormente: o tesouro de **Pelmá**, em **Alvaiázere**, composto por mais de oitenta moedas de ouro, prata e cobre, derretidas após a sua descoberta; o tesouro da **Aldeia das Dez**, em **Oliveira do Hospital**, constituído por moedas de cobre, encontradas dentro de uma panela de barro; o tesouro de duzentos e dez denários encontrados numa bolsa de prata no sítio da Fraga da Safrinha, em **Cerdeira e Moura da Serra, Arganil**; o tesouro de **Fundo da Vila**, em **Tábua**, com sete mil exemplares, cunhados entre 390 e 395 d.C.; o tesouro achado no sítio de Forte (**Cantanhede e Pocariça, Cantanhede**), com trinta e um denários e um outro, com mais de mil moedas, cunhadas nos séculos IV e V, encontrado nos **Pardieiros (Portunhos e Outil, Cantanhede)**. Merece especial destaque o tesouro de Chão de Lamas (**Lamas, Miranda do Corvo**), tanto pela sua antiguidade (século II a.C.), como por ser composto por joias e vasos, para além de denários, mas também por ter sido encontrado de forma ocasional em 1913 e em parte então vendido em Espanha ao Museu Arqueológico Nacional (Madrid), onde se encontra atualmente exposto.

Other hoards of Roman coins, not previously mentioned, have been found in this area: the **Pelmá** hoard, in **Alvaiázere**, comprising more than eighty gold, silver and copper coins, melted after its discovery; the hoard of copper coins found in a ceramic pot in **Aldeia das Dez, Oliveira do Hospital**; the hoard of two hundred and ten *denarii* found in a silver purse in Fraga da Safrinha (**Cerdeira e Moura da Serra, Arganil**); the hoard of Fundo da Vila, **Tábua**, with seven thousand items, minted between AD 390 and 395; the hoard found in Forte (**Cantanhede e Pocariça, Cantanhede**), with thirty one *denarii* and another one, of more than a thousand coins minted in the 4th and 5th centuries, found in **Pardieiros (Portunhos e Putil, Cantanhede)**. A special mention should be made to the hoard of Chão de Lamas (**Lamas, Miranda do Corvo**), not only for its antiquity (2nd century BC), but also because it comprises jewellery and vases, apart from the *denarii*, as well as for the fact that it was found by chance in 1913, after which it was sold to the National Archaeological Museum, in Madrid.



Peitoral em prata do tesouro de Chão de Lamas (Lamas, Miranda do Corvo) [▲]
Silver necklace from the hoard of Chão de Lamas (Lamas, Miranda do Corvo)
© Museo Arqueológico Nacional. Inv.28587. Foto: Ángel Martínez Leva



ENTRE ESCRAVOS E CIDADÃOS SLAVES AND CITIZENS

/ A sociedade romana é marcadamente hierarquizada. Sob o ponto de vista jurídico há desde logo uma distinção a fazer: por um lado, existem os escravos (*servus*) e os libertos (*libertus*); por outro, aqueles que, desde o nascimento, usufruem da condição livre (*ingenuus*). Mas homens e mulheres livres poderiam ser tanto os cidadãos romanos (*cives*), como os indígenas (*peregrini*), não usufruindo os segundos do conjunto de direitos que estava reservado aos cidadãos romanos. Ainda que fosse uma sociedade de contrastes, havia alguma mobilidade social (ou sociojurídica) uma vez que tanto o escravo o podia deixar de ser, tornando-se liberto, como o indígena, livre, podia conseguir o estatuto de cidadão romano.

Em Época Romana a grande maioria da população que vivia nesta região seria indígena. Os seus antepassados teriam uma origem local. A população vinda de fora, nomeadamente os emigrantes itálicos (os Romanos propriamente ditos), representariam uma percentagem relativamente diminuta no conjunto da população. A epigrafia, tanto funerária como votiva, revela-nos o nome de alguns destes homens e mulheres, e, inclusivamente, as suas relações de parentesco:

/ Roman society was hierarchical. From a juridical perspective, the first important distinction lies between the slaves (*servus*) and the freed person (*libertus*), on the one hand, and those who are free from birth (*ingenuus*). Among the free men and women, there was a difference between Roman citizens (*cives*) and the local inhabitants (*peregrini*), who did not enjoy the rights of Roman citizens. Even if it was a society of contrasts, there was a certain degree of social (or social-juridical) mobility, since it was possible for the slave to earn his freedom and for the local inhabitant to acquire Roman citizenship.

In Roman times, most of the population of this region would have been indigenous, like their ancestors. The population from outside, namely Italic emigrants (the Romans), represented a relatively small percentage of the population. The surviving votive and funerary inscriptions reveal the names of these men and women, as well as their kinship:

Lovésio, filho de Púcio, e a sua filha Búcia (**Pombeiro da Beira, Arganil**); Rufina, filha de Lubeco e de Oculatia (**Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze, Pombal**); Pisira, filha de Duato, esposa de Frontão, filho de Locetão (**Penacova**); Aviciano, filho de Avito (**Alvares, Góis**); Severo, filho de Vitulo (**Póvoa de Midões, Tábua**); Avito, filho de Cenão e Súnua, filha de Tangino (**Ega, Condeixa**). Estes constituem alguns dos nomes conhecidos mais antigos de pessoas que viveram nesta região há dois mil anos.

Outros, ainda que em menor número, seriam cidadãos romanos, encontrando-se neste caso quer aqueles de origem indígena que a dado momento ganham esse estatuto, como recompensa pelo exercício de um cargo público ou pelo serviço militar cumprido ao serviço de Roma, quer aqueles cidadãos com origem noutras partes do Império, mas que aqui se estabeleceram, nas cidades e *uillae* da região. Conhecemos também o nome de alguns destes indivíduos, pertencentes às famílias mais ilustres de então. Em **Conimbriga** destacam-se as ricas famílias dos Turrânios, Sulpícios, Valérios ou Aurélios – ou ainda a de Cantaber, que no século V, à frente da cidade, fez frente ao ataque dos Suevos, mas acabou por ver

Lovesius, son of Pucius, and his daughter Buccia (Pombeiro da Beira, Arganil); Rufina, daughter of Lubecus and Oculatia (Santiago de Litém e São Simão de Litém and Albergaria dos Doze, Pombal); Pisira, daughter of Duatus, wife of Fronto, son of Locaeto (Penacova); Avicianus, son of Avitus (Alvares, Góis); Severus, son of Vitulus (Póvoa de Midões, Tábua); Avitus, son of Caeno and Sunua, daughter of Tanginus (Ega, Condeixa). These are the names of some of the inhabitants of this region some 2000 years ago.

A smaller number of inhabitants would have had the status of Roman citizens. They might have gained that status as reward for services rendered while holding public office or in the Roman army. They also included those citizens who came from other parts of the Empire and who settled here, in the towns and villas of the region. The names of some of these individuals who belonged to the most illustrious families are known to us. In **Conimbriga**, there were the wealthy families of the Turranii, Sulpicii, Valerii or Aurelii, as well as the house of Cantaber – a man who, in the 5th century, was involved in the defence of the town against the attack of the Suebi, during which his

a sua mulher e filha ficarem cativas de Resismundo, rei dos Suevos. Outras, igualmente importantes, serão mesmo oriundas da Península Itálica: as famílias Apónia, Vitélios, Lucânicos e Múrrios. Nesta cidade, algumas famílias parecem ter enriquecido à custa do negócio no ramo da construção – eram proprietárias de oficinas de materiais de construção, em pedra e tijolo. É o caso das famílias dos Melões e dos Álios, unidas depois por casamento com outras famílias de notáveis locais: os Turrânios e os Valérios. Em **Aeminium** destacam-se membros das famílias Cádía, Lulia e Vagélia, esta última talvez de origem itálica. Em **Bobadela** distinguem-se as famílias Lulia, Manlia e dos Apónios. Alguns membros destas famílias influentes ganharam ainda mais notoriedade pública por terem conseguido ser eleitos sacerdotes ou sacerdotisas do culto que se prestava ao imperador romano, uma honra não muito habitual: em **Bobadela**, Sexto Apónio Scaevo Flaco e, a sua esposa, Júlia Modesta; em **Conimbriga**, Marco Júnio Latrão, que ergueu na capital provincial (Mérida) um pedestal em honra do imperador Vespasiano; e Lúcio Papírio, também sacerdote do culto imperial, cujo nome se regista numa homenagem ao divino Augusto.

wife and daughter were captured by Remismund, king of the Suebi. Other equally important families were probably of Italic origin: the Aponii, Vitellii, Lucanii and Murrii. Some of the wealthy families of **Conimbriga** seem to have made their fortune in building, with their brick and wood workshops. This is the case of the family of Maelo as well as of the Allii, later joined by marriage to other notable local families: the Turranii and the Valerii. In **Aeminium** there were the Cadii, Lulii and Vagelii families, the latter possibly of Italic origin. In **Bobadela** the Lulii, Manlii and the Aponii stand out. Some of the members of these influential families increased their public status by having been allowed to become imperial cult priest or priestess, an unusual honour: in **Bobadela**, Sextus Aponius Scaevus Flacus and his wife, Julia Modesta; in **Conimbriga**, Marcus Junius Latro, who erected a pedestal in honour of Vespasian in the provincial capital (Mérida); and Lucius Papirius, also an imperial cult priest, whose name is recorded in a votive dedication to the divine Augustus.

Muitas destas famílias cidadinas mais ilustres teriam as suas *uillae* no campo. Uma delas deveria situar-se em **Tentúgal (Montemor-o-Velho)**, à vista do largo estuário do Mondego, e pertenceria a Manio Antístio Agripino, talvez descendente de emigrantes itálicos – foi Gaio Flávio Bético, um outro cidadão importante, talvez originário da *Baetica* (atual Andaluzia), que mandou lavrar a lápide funerária deste, cumprindo assim uma das últimas vontades que Manio Antístio Agripino terá deixado no seu testamento. Seriam estes os indivíduos que estavam à frente dos destinos das cidades, da “coisa pública” (*res publica*).

No lado oposto da sociedade estavam os escravos. As conquistas romanas originaram uma grande quantidade de escravos. O escravo era juridicamente propriedade de um homem livre, do seu senhor (*dominus*). Os que trabalhavam nos campos e nas minas tinham uma vida particularmente difícil. Mas outros, escravos domésticos, podiam exercer funções importantes no seio familiar, serem instruídos, tomando conta da educação dos filhos ou da gestão dos negócios do seu senhor. Eram parte integrante dessa família. É neste quadro que se compreende melhor a tendência para conceder aos escravos a liberdade – surgindo assim os libertos, cujos filhos nascem já como homens e mulheres livres e com um conjunto de direitos que esse estatuto lhes confere.

Many of these illustrious city families had their own country *villae*. One such house must have been located in **Tentúgal (Montemor-o-Velho)**, overlooking the (at the time) large Mondego estuary. It is believed to have belonged to Manius Antistius Agripinus, a possible descendent of Italic emigrants; his tombstone was made to order by Gaius Flavius Beticus, another important citizen, possibly from Baetica (present-day Andalusia), according to what must have been Agripinus' will. Men such as these ruled the towns. They were in charge of the “res publica”.

The slaves were on the other end of the social spectrum. Roman conquests originated a large number of slaves. The slave was legally the property of a free man, of his lord (*dominus*). Those who worked in the fields and in the mines had a particularly hard life, but others, namely domestic slaves, could hold important functions in the household, receive instruction and take charge of the children's education or of the management of their masters' businesses. They were an integral part of the family, and it is within this framework that the tendency to give freedom to slaves can be better understood: the freedmen, whose children are already born free men and women, with the attendant rights.

Inscrição funerária de um cidadão romano, encontrada em >
Tentúgal: *Manius Antistius Agrippinus, filho de Agripa, da tribo Quirina, deixou em testamento. Gaius Flavius Baeticus, seu herdeiro, mandou fazer* (Museu Monográfico de Conimbriga)
Funerary inscription of a Roman citizen, found in Tentúgal: *Manius Antistius Agrippinus, son of Agrippa, of the Quirina tribe. Gaius Falvius Baeticus, his heir, had [this] erected in accordance with his will* (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC



Conhecemos o nome de alguns escravos, sendo frequentes os nomes de origem grega. Em **Conimbriga**, por exemplo, os de Afrodisia, de Sulpicia e de Atimeto. Em **Aeminium** regista-se uma Amoena e talvez um Alo, servos de Avitiano, e ainda uma Chrisys.

Na epigrafia da região também se encontram os nomes de alguns libertos, essencialmente nas cidades, mencionando alguns o nome do seu *patronus/a*. Em **Conimbriga**, Públio Aélio Januário, liberto do Imperador; Vernáculo, liberto de Materna; Fortunata, liberta de Amília; Félix, liberto de Boutia; Galia, liberta de Grata; e Níger, liberto de Coela. Em **Aeminium**, Parato e Júlio Dexter. Em **Bobadela** parece poder identificar-se um liberto, de seu nome Júlio Rufo. No campo, em **Pombal (Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze)**, regista-se um Rústico, cujo antigo nome de escravo parece remeter para o trabalho agrícola a que estava destinado. Alguns libertos, muito instruídos, foram funcionários imperiais. Terá sido o caso do liberto imperial Públio Élio Januário, talvez oriundo de Mérida, capital provincial, mas cuja lápide sepulcral se encontrou em **Conimbriga**.

The names of some slaves are known to us; Greek names seem to have been common. In *Conimbriga*, for example, Afrodisia, Sulpicia and Atimetus. In *Aeminium* there is a reference to an Amoena and possibly an Alo in the service of Avitianus, and also of a Chrisys.

The region's epigraphic records also mention the names of some freedmen, mostly in towns, and in some cases including the name of their *patronus/a*. In *Conimbriga*, Publius Aelius Januarius, freedman of the Emperor; Vernaculus, freedman of Materna; Fortunata, freedwoman of Amília; Felix, freedman of Boutia; Galla, freedwoman of Grata; and Niger, freedman of Coela. In *Aeminium*, Paratus and Julius Dexter. In *Bobadela* there seems to have been a freedman whose name was Julius Rufus. In the region of Pombal (*Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze*), there is a Rusticus, whose name seems to indicate the work he assigned to him. A few highly educated freedmen rose to become imperial clerks. This may have been the case of the imperial freedman Publius Elius Januarius, possibly from Merida, the provincial capital, whose tombstone was discovered in *Conimbriga*.

A IMPORTÂNCIA DO NOME / THE IMPORTANCE OF A NAME

/ O estatuto sociojurídico de cada um começava por se observar na forma como escreviam o seu nome. Um escravo utiliza habitualmente um único nome, podendo fazer referência ou não à sua condição de escravo (*servus*) e ao nome do seu senhor (*dominus*): Charito, escravo de Januário (**Conimbriga**). Um liberto também se pode identificar apenas com um nome, seguido do nome do seu *patronus* e da sua condição de *libertus*: Parato, liberto de Modesto (**Aeminium**). O escravo e o liberto não podiam associar ao seu nome o nome do pai ou da mãe. O cidadão pode identificar-se à maneira romana: três nomes (*tria nomina*) – sendo o do meio o nome de família (*gens*) e o terceiro (*cognomen*) o nome pelo qual poderia ser chamado – mais o nome do pai e o da tribo romana onde foi inscrito: Manio Antístio Agripino, filho de Agripino, da tribo Quirina (**Tentúgal, Montemor-o-Velho**). Um indígena identifica-se com um único nome (o cognome) seguido do nome do pai (o patronímico): Lovésio, filho de Púcio (**Pombeiro da Beira, Arganil**).

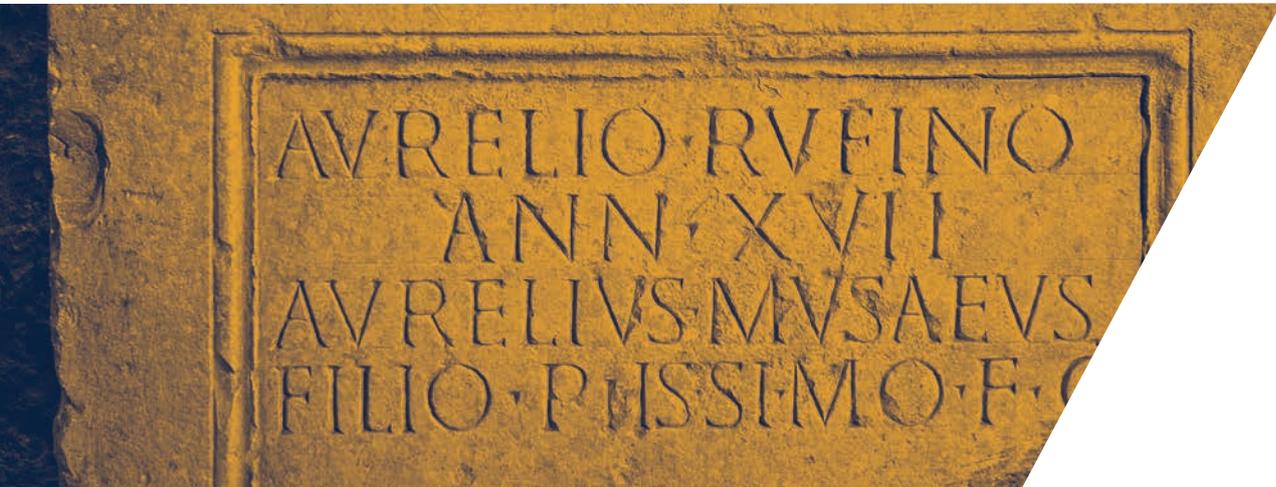
/ The social and legal status of a person could be seen from the way his or her name was written. As a rule, a slave would use a single name, to which his or her condition of slavery (*servus*) and the name of his or her master (*dominus*) could be added: Charitus, slave of Januarius (**Conimbriga**). A freedman can also be identified by a single name, followed by the name of his *patronus* and of his condition as *libertus*: Paratus, freedman of Modestus (**Aeminium**). The slave and the freedman could not add their father's or mother's name to their own. The citizen would identify himself in the Roman way: three names (*tria nomina*) – of which the middle name was the family name (*gens*) and the third (*cognomen*) was the name by which he could be addressed – followed by his father's name and the Roman tribe in which he had been enrolled: Manius Antistius Agripinus, son of Agripinus, of the Quirina tribe (**Tentúgal, Montemor-o-Velho**). A native man is identified by a single name (his *cognomen*), followed by his father's name (the patronymic): Luvesius, son of Pucius (**Pombeiro da Beira, Arganil**).

A origem local da população desta região revela-se frequentemente nos nomes herdados (ainda que latinizados) de um passado pré-romano (como por exemplo, Tangino e Boutia) mas muitos já são nomes latinos, importados da Península Itálica (como é o caso de Severo ou Ocelia). Ou seja, em Época Romana, a forma como cada um se identificava revelava desde logo a sua condição sociojurídica.

O costume de atribuir a um filho/a o nome próprio do pai/mãe ou do avô/avó já era habitual em Época Romana – não se herdava apenas o nome de família: Marco Aurélio Avito é filho de Marco Aurélio Laberiano e de Públia Avita (**Conimbriga**); Arco é filho de Albino e neto de Arco (**Conimbriga**). Por vezes o nome próprio do filho é o diminutivo do nome do pai, como Rufo – Rufino; ou então os nomes atribuídos teriam a ver com características físicas do indivíduo: Rufo (nome próprio presente por exemplo em **Conimbriga**) significa ruivo.

The local origin of the population of this region is frequently shown in their inherited (even if Latinized) names of a pre-Roman past (such as Tangino and Boutia), but many are already Latin names, imported from the Italic Peninsula (for example, Severus or Ocelia). Thus in the Roman Era everybody's legal and social condition was revealed in their name.

The habit of naming a child after his father, mother or grandfather/grandmother was widespread. Romans didn't receive just the family name: Marcus Aurelius Avitus is the son of Marcus Aurelius Laberianus and Publia Avita (*Conimbriga*); Arcus is the son of Albinus and grandson of Arcus (*Coinimbriga*). Sometimes the son's first name is short for his father's, as in Rufus – Rufinus; other times, the names carried an indication of the individual's physical features: Rufus (a name seen in *Conimbriga*) means red-head.



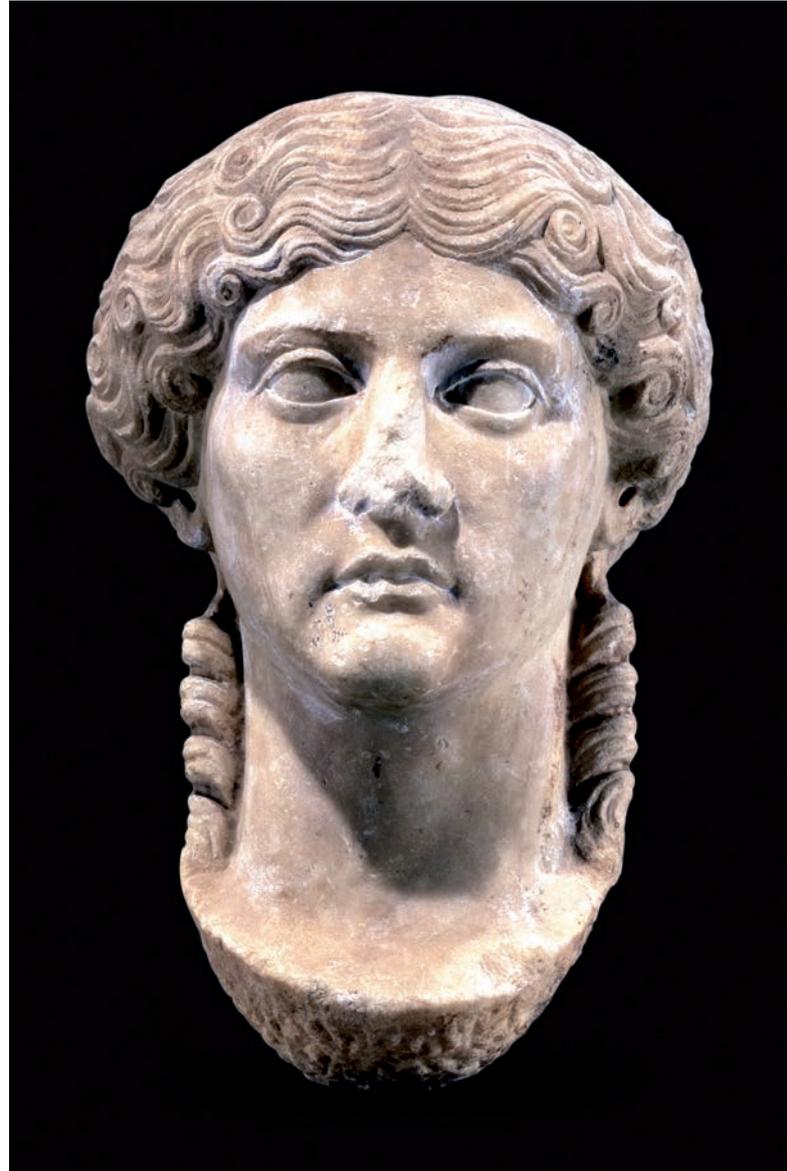
AVRELIO RVEINO
ANN XVII
AVRELIVS MVSÆVS
FILIO PISSIMO F C

LAÇOS DE SANGUE BLOOD TIES

/ A palavra *familia*, que é latina, designava não apenas um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue, mas também os seus dependentes, muito em particular os escravos, além dos filhos adotivos, relativamente habituais nessa época. Os nomes, tal como hoje, ligavam e identificavam as famílias. No caso dos cidadãos, herdavam e tinham em comum o nome de família (*gens*), o nome do meio, transmitindo-se geralmente o nome de família (gentílico) do pai.

/ The word *family* – a Latin word – described not just a group of persons united by blood ties, but also their dependents, particularly the slaves, and adopted children, relatively common at the time. Then, like now, the names linked and identified the families. Citizens inherited and shared the family name (*gens*), the middle name, and in general the father's name was passed on to the children.

Agripina, esposa do imperador Cláudio e mãe >
de Nero (Museu Nacional de Machado de Castro)
Agrippina, wife of emperor Claudius and Nero's
mother (Machado de Castro National Museum)
© Arquivo Fotográfico do MNMC



Os homens e mulheres livres que não gozavam do estatuto de cidadão associavam sempre ao seu nome próprio (muitas vezes único) o nome do pai: Lovésio, filho de Púcio e pai de Búcia (**Pombeiro da Beira, Arganil**); Gaio Flávio, filho de Gaio (**Cantanhede e Pocariça, Cantanhede**); Caletto, filho de Célio (**Alhadas, Figueira da Foz**); Rufina, filha de Lubeco e Oculácia (**Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze, Pombal**); Pisira, filha de Duato e mulher de Frontão, filho de Locetão (**Penacova**); Aviciano, filho de Avito (**Alvares, Góis**); Servo, filho de Tangio (**Vale de Remígio, Cortegaça e Almaça, Mortágua**); Severo, filho de Vitulo (**Póvoa de Midões, Tábua**); Flavo, filho de Lépidio (**Serpins, Lousã**); Arco, filho de Mauco (**Lourosa, Oliveira do Hospital**); Júlio Fortunato, filho de Cláudia Vital e irmão de Júlia (**Ega, Condeixa-a-Nova**).

A sociedade romana era patriarcal. À frente de cada família encontra-se o *pater familias* (“pai da família”). Os filhos mantinham-se sob a jurisdição do *pater familias* até à morte deste. No seio familiar os deuses *Lares* protegiam o espaço doméstico, afastando os demónios maléficos, o mau olhado, e assegurando a abundância e prosperidade da família. Em cada casa (*domus*) da cidade ou grande quinta (*uilla*) no campo havia um pequeno altar (*lararium*) onde esse culto familiar tinha lugar: pequenas estatuetas das divindades cultuadas, uma inscrição com os seus nomes gravados, assim como uma candeia

Free men and women who did not have the status of citizen always associated their first name (often their only name) to their father’s: Lovesius, son of Pucius and father of Bucia (Pombeiro da Beira, Arganil); Gaius Flavius, son of Gaius (Cantanhede e Pocariça, Cantanhede); Caletus, son of Celius (Alhadas, Figueira da Foz); Rufina, daughter of Lubecus and Oculacia (Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze, Pombal); Pisira, daughter of Duatus and wife of Fronto, son of Locaeto (Penacova); Avicianus, son of Avitus (Alvares, Góis); Servus, son of Tangius (Vale de Remígio, Cortegaça e Almaça, Mortágua); Severus, son of Vitulus (Póvoa de Midões, Tábua); Flavius, son of Lepidus (Serpins, Lousã); Arcus, son of Maucus (Lourosa, Oliveira do Hospital); Julius Fortunatus, son of Claudia Vital and brother of Julia (Ega, Condeixa-a-Nova).

Roman society was patriarchal. The *pater familias* (“father of the family”) was the head of the family and the children remained under his jurisdiction until his death. The *Lares* were the deities that looked after the household, fighting the evil spirits, the evil eye, ensuring abundance and prosperity for the family. In every town house (*domus*) or large country house (*villa*), there was a small altar (*lararium*) where that household cult took place: small statuettes of the deities, an inscription with their names, and an oil lamp (*lucerna*)

(lucerna) iluminando o nicho onde estas estavam pousadas, compunham o altar em frente ao qual as preces e as oferendas eram feitas com regularidade. Este poderá ser o contexto da inscrição aos deuses Lares proveniente de **Mortágua (Vale de Remígio, Cortegaça e Almaça)**.

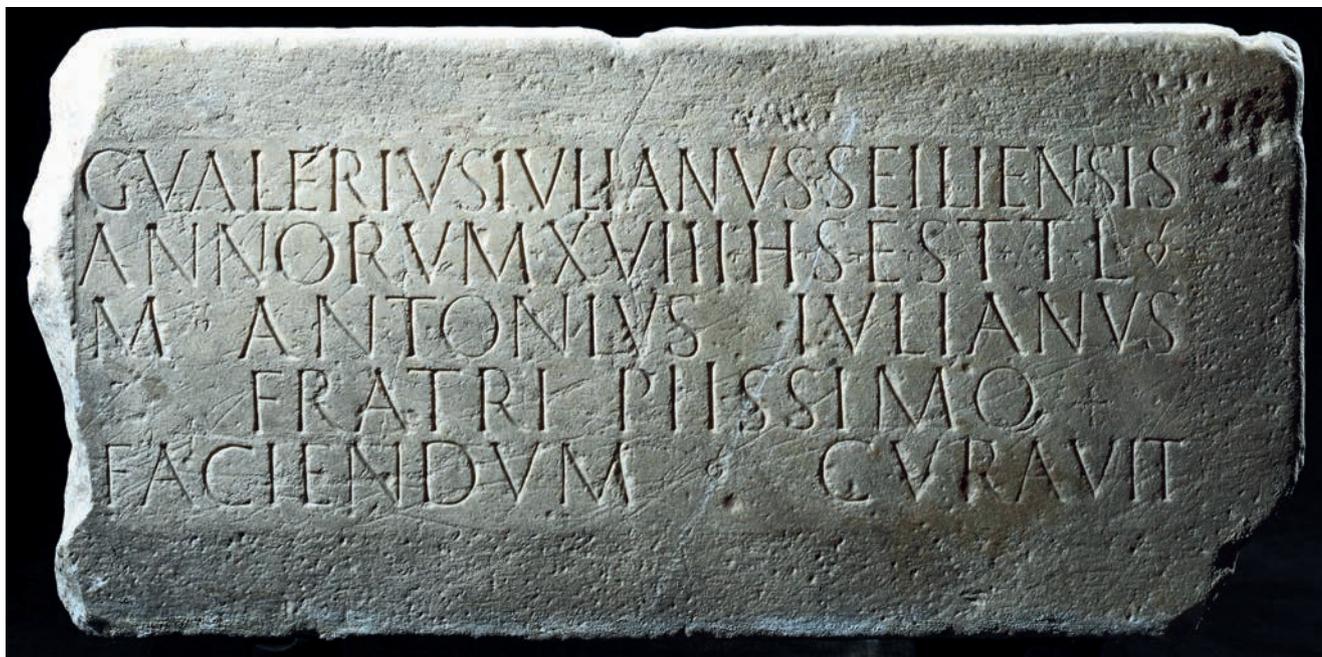
Nas pedras escritas que assinalavam os túmulos, muitos são os casos nesta região em que os estreitos laços de sangue se revelam sob a forma de dedicatória simples, mas sentida. Numa placa que figuraria num jazigo de família da *uilla* de **Nossa Senhora do Desterro (Montemor-o-Velho e Gatões, Montemor-o-Velho)** gravou-se: *Consagrado aos deuses Manes. A Lúcio Cádio Cela, de 27 anos. Os pais, Lúcio Cádio Caro e Valéria Rufina, mandaram fazer ao ótimo filho. Em Conimbriga, Avito, filho de Arcão, e Rufina, filha de Rufo, recordam numa lápide a memória do filho Vegeto, que morreu apenas com 18 anos, muito longe da cidade (no Monte Mariano, na serra Morena, Espanha); na mesma cidade, ficou gravada para sempre a homenagem de uma mãe – Arquia Helena – que viu três filhos partir: Heleno, de 33 anos, Festiva, de 18, e Augustina, de 15; ou ainda o pai que chora a sua *filiae dulcissimae* (doce filha) – Aurelia Avita Restituta, de apenas 5 anos. Em Lorvão (Penacova), Marco António Iuliano honra o seu *frati piissimo* (irmão dedicadíssimo) que era natural de *Seilium* (de Tomar, portanto).*

usually composed the shrine in front of which offerings and prayers were made to the gods. The inscription to the Lares found in **Mortágua (Vale de Remígio, Cortegaça e Almaça)** may possibly be placed in this context.

Among the inscribed tombstones found in this region, there are many simple dedicatory inscriptions that reveal close family feelings. The following was inscribed on a slab that may have been part of the family grave of the *villa* of **Nossa Senhora do Desterro (Montemor-o-Velho e Gatões, Montemor-o-Velho)**: *To the Manes Gods. To Lucius Cadius Cela, 27 years old, his parents Lucius Cadius Carus and Valeria Rufina, for the memory of their excellent son. In Conimbriga, Avitus, son of Arco, and Rufina, daughter of Rufus, pay tribute to their son Vegetus, dead at only 18 years of age, very far from home (in Mount Mariano, on the Morena Mountain Range, Spain); also in Conimbriga, the tribute of a mother – Arquia Helena – who lost three children is engraved for ever: Heleno, 33, Festiva, 18, and Augustina, only 15 years of age; and there is the father who weeps the loss of his *filiae dulcissimae* (his sweet daughter), Aurelia Avita Restituta, only five years of age. In Lorvão (Penacova), Marcus Antonius Iulianus pays hommage to his *frati piissimo* (devoted brother), who was from *Seilium* (i.e., Tomar).*



▲ Inscrição funerária: Consagrado aos Deuses Manes. A Aurelius Rufinus, de 17 anos (de idade), Aurelius Musaeus, ao querido filho, mandou fazer (Museu Nacional de Machado de Castro)
Funerary inscription: To the Manes, Aurelius Musaeus had this made to his beloved son, Aurelius Rufinus, 17 years (old) (Machado de Castro National Museum)
© João Margalha, ADCMMM



- ^ Inscricção funerária, encontrada em Lorvão (Penacova): *Valerius Iulianus, Seiliense, de 18 anos (de idade), está aqui sepultado. Marcus Antonius Iulianus mandou fazer (este monumento) em memória de seu dedicadíssimo irmão. Que a terra te seja leve (Museu Nacional de Arqueologia)*
Funerary inscription found in Lorvão (Penacova): *Valerius Iulianus, from Seilium, 18 years (old), lies buried here. Marcus Antonius Iulianus had (this monument) made to his most devoted brother. May the earth be light upon you (National Museum of Archaeology)*
© José Pessoa, DGPC/ADF

MATER PISSIMA, FILIAE DULCISSIMAE / MATER PISSIMA, FILIAE DULCISSIMAE

/ Na família tradicional romana à mulher estavam reservadas as tarefas domésticas e, em particular, a prática da fiação e tecelagem – era a senhora (*domina*) da casa (*domus*). Por lei uma mulher podia casar a partir dos 12 anos (e o homem a partir dos 14), quando atingia a maioridade. Quando casada, a mulher não recebia o nome de família do marido, mantendo o seu. Continuava dependente do seu pai, da autoridade do seu próprio *pater familias*. Os bens da sua família constituíam herança apenas sua. Se divorciada (a lei romana reconhecia o divórcio), ficava com o que lhe pertencia por herança. Assim, no plano jurídico, a mulher gozava de um estatuto que lhe conferia uma relativa autonomia, nomeadamente em relação ao marido. A mulher casada vestia a *stola* (“vestido longo”) e em espaços públicos protegia a cabeça com a *palla* (véu ou xaile), reveladora da sua dignidade, resguardando-a também de inevitáveis olhares indiscretos.

O exercício da atividade política era apenas privilégio dos homens. Às mulheres estavam reservadas poucas funções de natureza pública, destacando-se o exercício do sacerdócio do culto imperial (culto organizado, a partir de Augusto, em honra do imperador e da sua família). A afirmação na sociedade, a notoriedade na vida pública, por exemplo de Júlia Modesta (**Bobadela, Oliveira do Hospital**) fez-se por esta via – como flaminica, integrava o colégio de sacerdotisas que tinha a seu cargo a organização do culto ao imperador.

/ In the traditional Roman family, the woman – the lady (*domina*) of the house (*domus*) – was assigned the domestic tasks, particularly spinning and weaving. According to the law, the minimum marriage age was 12, for a woman, and 14, for a man (when he became of age). The married woman did not adopt her husband’s family name, she kept her own. She remained under the authority of her own *paterfamilias*, her father. Her family’s goods were her own inheritance, and if she divorced (possible, under Roman law) she could keep it. One can therefore say that from a legal point of view she retained a measure of autonomy in relation to her husband. The married woman wore a *stola* (a long dress) and in public spaces covered her head with a *palla* (a mantle or veil), which showed her status and protected her from unwanted stares.

Political activity was reserved for men. Women could only perform a few public functions, amongst which the imperial cult priesthood (the cult of the emperor and his family was created under August). The visibility and prominent role of some women in public life – women like Julia Modesta (**Bobadela, Oliveira do Hospital**) – was achieved by this means. As flaminica, she was one of the priestesses in charge of the cult to the emperor.



▲ Pulseira formada por uma cadeia de ouro decorada com contas de vidro e uma granada
Gold chain bracelet with glass beads and a garnet
© MMC-MN/DGPC

O papel da mulher no quadro familiar era central. Muitas das inscrições funerárias desta região invocam a memória de mulheres – mães, filhas, esposas, destacando-se as suas qualidades nos elogios fúnebres escritos na pedra: *Em honra da memória de Ália Vagélia Avita, de 26 anos. Gaio Álio Avito, o pai, à filha modelo de piedade (filiae piissimae), e Quinto Silvânio Silvano, o marido, à esposa de coração magnânimo e modelo de merecimento (vxori indvlgentissimae et meritissimae), mandaram fazer (esta inscrição) (Aeminium).*

Outras inscrições são mandadas lavrar por mulheres em lembrança dos seus entes mais queridos, como é o caso de uma mãe que, em **Conimbriga**, chora à distância a morte de um filho: *Aos deuses Manes. A Públio Lucânio Reburino, filho de Públio, de trinta e um anos, sepultado em Roma. Sua mãe, Públia Prócula, mandou fazer esta memória;* ou ainda desta outra inscrição semelhante, encontrada no **Paço da Ega (Ega, Condeixa-a-Nova)**, onde uma mãe e a sua filha recordam também quem perderam para sempre, lá muito longe, na capital do Império: *Aos deuses Manes. A Júlio Fortunato, de 28 anos, sepultado em Roma – Cláudia Vital, a mãe; Júlia, a irmã.*

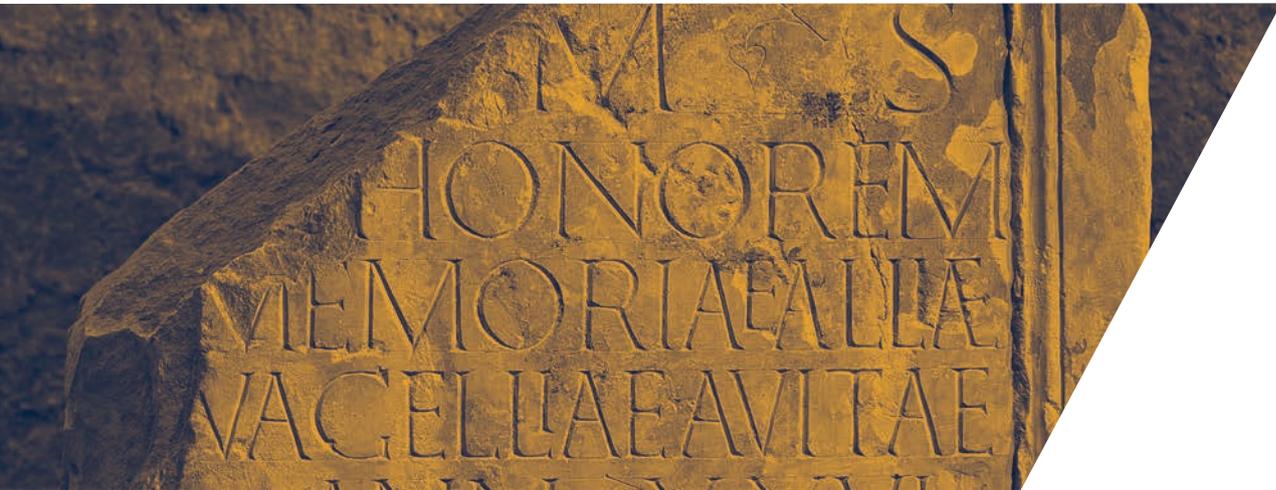
Women played a central role in the family. Many of the funerary inscriptions found in the region pay tribute to women – mothers, daughters and wives whose qualities are praised in stone: *In memory of Alia Vagelia Avita, aged 26. Her father, Gaius Alius Avitas, to his model daughter (filiae piissimae), and Quintus Silvanus Silvanus, her husband, to his most generous and worthy wife (vxori indvlgentissimae et meritissimae), had this (this inscription) made (Aeminium).*

Women also had inscriptions engraved in memory of their dear ones, as in the case, in **Conimbriga**, of a mother who mourns the death of her son on a distant land: *To the Manes. To Publius Lucanius Reburinus, son of Publius, aged thirty one, buried in Rome. His mother, Publia Procula, dedicates this memory.* In a similar inscription found in **Paço da Ega (Ega, Condeixa-a-Nova)**, a mother and her daughter mourn the loss of their son and brother who died far away, in the Empire's capital: *To the Manes. To the memory of Julius Fortunatus, aged 28, buried in Rome – Claudia Vital, his mother; Julia, his sister.*

Inscrição funerária de Cadius Carianus, falecido aos 21 anos, mandada fazer por Alleicea Avita, a mãe. Na última linha, pede-se àqueles que transitam por ali que digam *Que a terra te seja leve*. Lateralmente tem representados como decoração instrumentos de escrita, *instrumenta scriptoria* (Museu Nacional de Machado de Castro)

Funerary inscription of Cadius Carianus, deceased at 21, erected by his mother, Alleicea Avita. The last line addresses passers-by, asking them to say *May the earth be light upon you*. The sides of the tombstone are decorated with writing implements, *instrumenta scriptoria* (Machado de Castro National Museum)

D · M · S
C · A · D · I · O
C · A · R · I · A · N · O
A · N · N · X · X · I
A · L · L · E · I · C · E · A
A · V · T · A · M · A · T · E · R
F · I · L · I · O · T · A · C · C ·
D · I · C · R · O · C · O · M · P · R · A · N · S · U · S · S · E · T · I · B · E
T · E · R · R · A · L · E · N · S



QUE A TERRA TE SEJA LEVE MAY THE EARTH BE LIGHT UPON YOU

/ De acordo com o hábito romano, o espaço funerário localizava-se sempre afastado das moradas dos vivos e junto à passagem de um caminho. No caso das cidades, as lápides que assinalavam os sepulcros encontravam-se logo a seguir às portas da muralha, ao longo das estradas que lhe davam acesso. No campo, o espaço onde enterravam os mortos estaria a poucas centenas de metros dos lugares habitados.

Cada sepultura era assinalada por uma pedra epigrafada, fincada no solo, com o nome do defunto. As famílias mais ilustres dispunham de jazigos, também eles com inscrições funerárias, agora gravadas em placas para afixar nas paredes. Em qualquer caso, o hábito romano de lavar epitáfios em pedra generalizou-se, denunciando o cuidado em perpetuar a memória dos familiares falecidos. Na lápide sepulcral começam por se invocar os deuses Manes - os Manes eram os espíritos dos entes queridos falecidos. Depois grava-se o nome do defunto, perpetuando-se assim a sua memória, salvando-a do esquecimento. Regista-se a idade à morte.

/ Roman burial spaces were always built far from the dwellings of the living, and near a path or road. In towns, the tombstones marking the graves were placed immediately after the gateway, along the roads leading to it. In the country, the dead were buried a few hundred metres from the inhabited areas.

Each tomb had an inscribed tombstone set on the ground with the name of the deceased. The most illustrious families had a family vault, equally provided with funerary inscriptions, but in this case in plaques that were hung on the walls. In any case, the Roman custom of making inscribed tombstones became widespread, illustrating the wish to perpetuate the memory of deceased relatives. The inscription begins with an invocation to the Manes, the gods who protected the deceased in the afterworld; then comes the name of the deceased, to perpetuate his or her memory, saving it from oblivion. The age at the time of death is inscribed. Then the name of who has the tombstone made and often his or her family connection to the deceased.

Associa-se o nome de quem mandou lavrar o epitáfio e, frequentemente, a relação (familiar) entre ambos. Termina-se a gravação, por vezes, com uma fórmula, em sigla (por ser conhecida de todos), para que seja dita por aqueles que passavam por esses caminhos:

- HSE STTL
- *Hic Situs Est. Sit Tibi Terra Levis*
- Aqui jaz. Que a terra te seja level!

Muitas inscrições funerárias romanas têm sido descobertas nesta região. Em **Aeminium** e **Conimbriga** são cerca de cinco dezenas as inscrições deste tipo, reveladoras da sociedade que viveu e morreu nessas cidades. Mas outras têm sido encontradas de forma avulsa e ocasional por quase todos os concelhos, denunciando espaços funerários associados a núcleos rurais romanos dispersos pelos campos.

Em **Arganil (Pombeiro da Beira)**, no exterior da Capela de Nossa Senhora do Loureiro, encontra-se uma lápide que terá pertencido a um pequeno mausoléu de uma *uilla* e que terá sido mandada fazer por e para Lovésio, a propósito da morte da sua filha Búcia de 11 anos. Em **Cantanhede**, numa só lápide tumular identificam-se três pessoas: o filho Gáio Flávio, de 32 anos, o seu pai e a sua mãe. Na **Figueira da Foz**, na zona da Pedrulha (**Brenha**), associada provavelmente a uma *uilla*, achou-se um busto de um jovem romano e uma lápide funerária com o nome de Caletto, filho de Célio. Em **Montemor-o-Velho**, conhecemos o nome da família que habitaria a *uilla* do Desterro – a dos Cádios, graças a uma importante inscrição aí encontrada. Em **Tentúgal (Montemor-o-Velho)** conhece-se o epitáfio de um indivíduo com o estatuto de cidadão romano, uma vez que ao seu nome – Manio Antistio Agripino – se associa a tribo romana onde foi inscrito, a tribo Quirina. Também em **Pombal** encontramos monumentos deste tipo, nomeadamente um epitáfio que pertence a Rufina (**Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze**) e um outro dedicado a Gaio Sapídio (**Abiul**). Em **Penacova**, no interior da igreja matriz, uma lápide em calcário regista que Pisira, filha de Duato, mandou fazer o epitáfio do marido, Frontão, filho de Locetão. Em **Lorvão (Penacova)**, uma lápide é dedicada por Marco António Iuliano ao seu jovem irmão, Gaio Valério Iuliano, que talvez por ter sido sepultado longe da sua terra natal fez questão de revelar que era natural de *Seilium* (Tomar). Também na **Lousã (Serpins)** se registam dois monumentos deste

The epitaph sometimes ends with a formula (an abbreviation understood by everybody), to have it repeated by those who passed by:

- HSE STTL
- *Hic Situs Est. Sit Tibi Terra Levis*
- Here lies. May the earth be light upon you!

A substantial number of funerary inscriptions exist in this region. In *Aeminium* and *Conimbriga* about five dozens have been found, mirroring the society of these towns. But others have been found in almost all the municipalities, which points to the existence of Roman rural communities in the surrounding countryside.

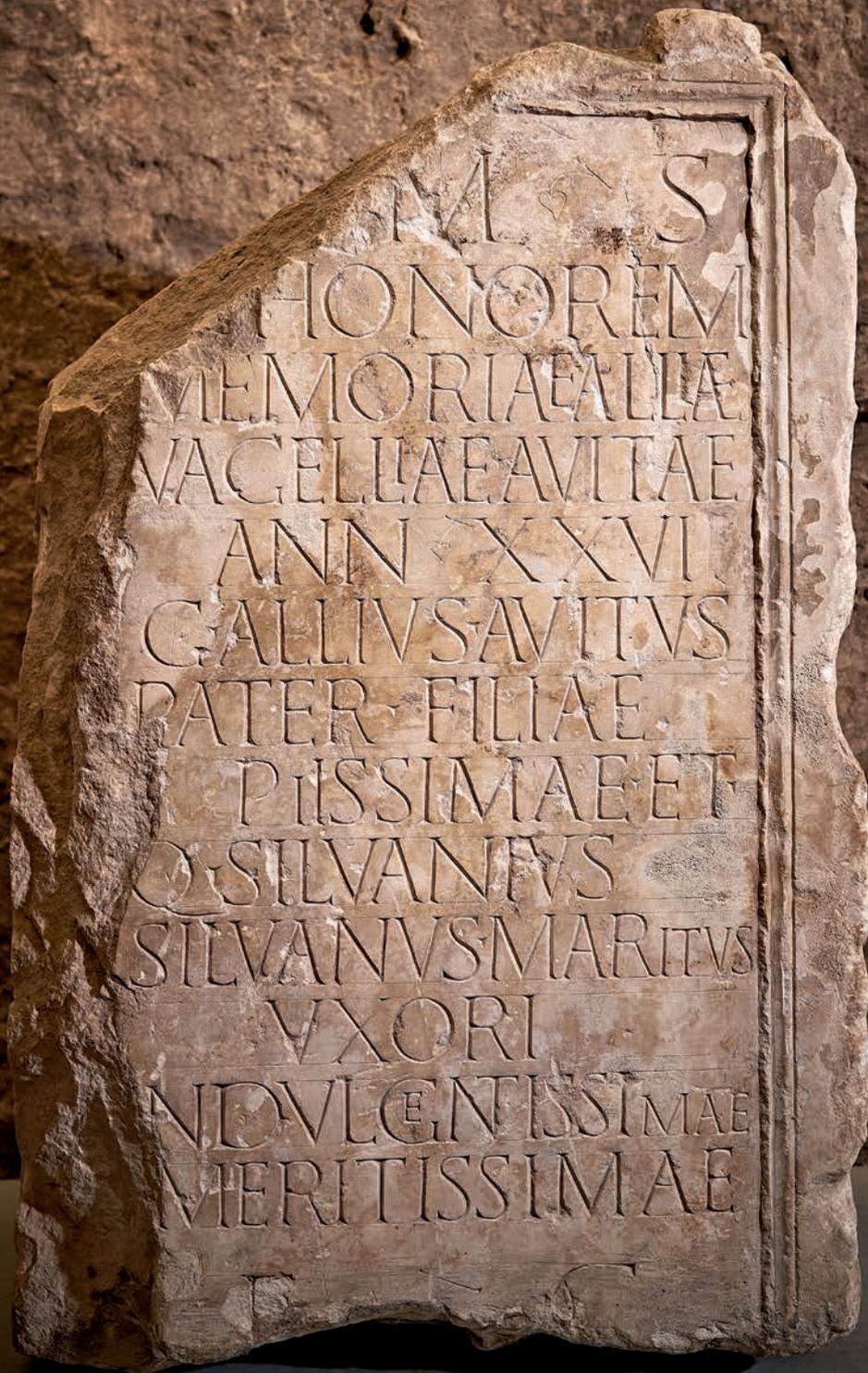


In *Arganil (Pombeiro da Beira)*, outside the Chapel of Nossa Senhora do Loureiro, there is a gravestone that may have belonged to a small mausoleum of a villa, possibly commissioned by and for Lovesius, when Bucia, his eleven-year old daughter, died. In *Cantanhede*, a single tombstone is engraved with the name of three persons: a son, Gaius Flavius, aged 32, and his father and mother. The bust of a young Roman and a gravestone with the name Caletus, son of Celius, were found In *Figueira da Foz*, in the area of Pedrulha (*Brenha*), probably with a connection to a *villa*. In *Montemor-o-Velho*, we know of a family who may have lived in the *villa* Desterro of the Cadii family, in view of an important inscription found at the site. The epitaph of a man, in *Tentúgal (Montemor-o-Velho)*, tells us that he enjoyed the status of Roman citizen because his name – Manius Antistius Agripinus – is associated to the Roman tribe in which he was enrolled, the Quirina tribe. There are monuments of this kind in *Pombal*, namely an epitaph to Rufina (*Santiago de Litém e São Simão de Litém e Albergaria dos Doze*) and another one to Gaius Sapidius (*Abiul*). In *Penacova*, an inscribed limestone plaque in the main church informs that Pisira, daughter of Duatus, had the epitaph of her husband, Fronto, son of Locaeto, made. In a tombstone dedicated to his young brother, Gaius Valerius Iulianus, in *Lorvão (Penacova)*, Marcus Antonius Iulianus makes a point of revealing that his brother was from *Seilium* (Tomar), possibly because

< Inscrição funerária de um indígena chamado *Fronto*, filho de *Locaeto*, dedicada ao marido (Homem = *Vir*) por *Pisira*, filha de *Duatus* (Igreja Matriz de Penacova)

Funerary inscription of a native man called *Fronto*, son of *Locaeto*. Dedicated by *Pisira*, daughter of *Duatus*, to her husband (Man = *Vir*) (Penacova Church)

© Pedro C. Carvalho, ADCMMM



tipo, ainda que a leitura dos mesmos seja mais difícil. Todas estas inscrições constituem memórias de um tempo onde se grava na pedra o nome das pessoas que nele viveram e que hoje podem surgir perdidas e reaproveitadas na parede de uma casa ou de um simples muro de propriedade.

Durante os séculos I e II (e boa parte do século III) a prática mais habitual seria a de incineração – os corpos eram cremados e as cinzas daí resultantes eram enterradas, por vezes dentro de um pequeno pote ou urna de vidro. A cremação do corpo, acompanhado de oferendas, poderia ainda ocorrer numa armação em madeira erguida sobre uma cova larga que receberia assim as cinzas diretamente. Posteriormente, generalizou-se a prática de inumação. Já então havia o hábito de atirar um punhado de terra para a cova onde estava o corpo.

Para manter viva a memória do defunto e assegurar a sua imortalidade eram celebrados banquetes funerários, no dia do enterro e nove dias depois, e realizadas oferendas e libações, recorrendo a bebidas como o vinho que simbolizava a vida. Os banquetes também tinham lugar nas festas funerárias do calendário romano, quando se visitavam as sepulturas, entre 13 a 21 de fevereiro (*parentalia*) e 9 a 13 de maio (*lemuria*).

he was buried so far. There are two other monuments of this kind in Lousã (Serpins), but they are hard to read. All these inscriptions – reminders of days when people inscribed their names in stone – may come up inadvertently while redoing a wall in a house or a property fence.

In the first and second centuries (and during most of the third century), incineration was the most common practice. After cremation, the ashes were buried, sometimes in a small pot or glass urn. The cremation of the body, together with offerings, could take place in a wooden structure built over a large grave, whereupon the ashes would fall directly into it. Later on, inhumation became more common. The custom of throwing a handful of dirt into the grave, over the body, was already in use. To keep the memory of the departed alive and ensure his or her immortality, there was a funerary banquet on the day of the funeral and nine days later, and there were offerings and libations, with beverages such as wine, as a symbol of life. Banquets were also held during the funerary festivals of the Roman calendar, when people visited the graves, from February 13 to 21 (*parentalia*) and May 9 to 13 (*lemuria*).

< Inscrição funerária de *Vagellia Rufina Iunior* mandada fazer pelo pai, *Siluanus Siluanus*, e pelo avô, *Allius Auitus* (Museu Nacional de Machado de Castro)
Funerary inscription of *Vagellia Rufina Iunior* commissioned by her father, *Siluanus Siluanus*, and her grandfather, *Allius Auitus* (Machado de Castro National Museum)
© João Margalha, ADCMMM

À BEIRA DA PASSAGEM / RESTING BY THE ROADSIDE

/ Em **Aeminium** conhece-se a localização de uma das necrópoles da cidade, ao cimo do Jardim Botânico, próximo do Largo D. Dinis, na Universidade, acompanhando a estrada romana que seguindo no início o aqueduto tomava logo depois o rumo de **Bobadela**. Em **Conimbriga**, face aos achados, encontra-se também localizada a necrópole norte da cidade, estendida ao longo da estrada que saía para **Aeminium**. Em **Bobadela**, contudo, o antigo cemitério romano da cidade permanece por identificar.

/ The location of one of *Aeminium's* necropolis is known: at the top end of the Botanical Gardens, next to Square D. Dinis, at the university site, along the Roman road that ran by the aqueduct and then turned in the direction of **Bobadela**. In *Conimbriga* the location of one of the necropoles is also known, to the north of the town, along the road to *Aeminium*. In **Bobadela**, however, the graveyard remains unknown.

VEGETO AVITI F
ANXVII DEFVNGTO
MONTE MARIANO
O AVITVS ARCONIS F
ET RUFINA RUFII F
PARENTES F C STT L

- ^ Inscricão funerária: A Vegeto, filho de Avito, de 18 anos, falecido no Monte Mariano; trasladado o corpo, os pais, Avito, filho de Arcão, e Rufina, filha de Rufo, mandaram executar (este monumento). Que a terra te seja leve. (Museu Monográfico de Conimbriga)
Funerary inscription: To Vegetus, son of Avitus, aged 18, deceased at Mount Mariano; after his body was translated, his parents, Avitus, son of Arco and Rufina, daughter of Rufus, had this (monument) built. May the earth be light upon you (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC



NOVOS E VELHOS DEUSES NEW AND OLD GODS

/ Nas cidades constroem-se templos em tudo semelhantes aos de Roma. Mas também se erguem alguns templos romanos no campo, no lugar de anteriores santuários até então ao ar livre, estreitamente relacionados com a natureza. Aos novos templos juntam-se os novos deuses do panteão clássico, encabeçados por Júpiter, enquanto as anteriores divindades indígenas (pré-romanas) permanecem, mantendo-se os cultos de sempre e respeitando-se assim as crenças locais. Ambos, novos e velhos deuses, são venerados tanto por cidadãos romanos, mesmo aqueles cuja família se deslocou para estas terras desde muito longe, como pela população de sempre, com antepassados nativos: em **Conimbriga**, o indígena Tangino, filho de Tongina, dedica os seus votos ao principal deus romano, Júpiter Ótimo Máximo. Ao mesmo tempo adotam-se os novos rituais romanos, mas fundindo-se, por vezes, com os pré-romanos. Através das inscrições gravadas na pedra cumprem-se promessas e pede-se proteção divina, tanto em espaço público como no recato do lar. Nestes altares gravados utiliza-se o latim e usam-se fórmulas religiosas latinas, mesmo quando é para venerar uma divindade indígena. À semelhança das

/ The temples built in the towns are absolutely similar to those of Rome, but some Roman temples are also built in the country, replacing earlier sanctuaries built outdoors, in close touch with nature. In these new temples the new gods of the classical pantheon, with Jupiter as their leader, are worshipped, but the earlier native (or pre-Roman) deities are not rejected; their cult continues, and respect for local beliefs prevails. The new and old gods are worshipped both by the Roman citizens and their families – even by those who arrived from distant lands – and by the native population, with local ancestors: in **Conimbriga**, the native Tonginus, son of Tongina, worships Jupiter Optimus Maximus. At the same time, while new rituals are adopted, in some cases they merge with pre-Roman ones. The stone-engraved inscriptions were meant to fulfil promises and to pray for divine protection, in public life and in the household. The inscriptions are in Latin, using Latin religious formulae, even when addressed to native deities. For the first time, these deities are represented in statues, like Roman ones; they could be touched and were more open to the imagination. In these regions,

romanas, algumas destas divindades locais passam a representar-se, pela primeira vez, sob a forma de estátua, que a mão podia tocar e a imaginação acolher. Assim, nestas regiões, a partir do século I d.C., convivem cultos e divindades com distintas origens. De certa forma, a tolerância religiosa constitui uma das marcas desse tempo.

Apar dos deuses novos, que vêm de Roma, os deuses antigos, de origem pré-romana, continuaram a ser venerados. São vários os exemplos que atestam a manutenção desta tradição religiosa nativa, porque conhecemos o nome de alguns:

Tabudicus, em **Murtede (Cantanhede)**; *Ilurbeda*, em **Alvares (Góis)**; *Issibaeus*, em **Miranda do Corvo**; *Vasecus*, em **Soure**; e talvez *Picius* e *Arentius* em terras de **Oliveira do Hospital**. Estas sobrevivências religiosas perduram inclusivamente alguns séculos: na Quinta da Madalena, próximo de **Soure**, já no século III, alguém ainda mandou gravar num altar o nome do deus indígena *Vasecus*, talvez a divindade protetora do anterior povoado pré-romano existente no local.

therefore, from the first century AD, cults and deities of distant origins live side by side, which means that religious toleration is, in a way, a feature of those times.

We know the names of some of the old, pre-Roman gods; there are several examples that show the continuation of the native religious tradition:

Tabudicus, in **Murtede (Cantanhede)**; *Ilurbeda*, in **Alvares (Góis)**; *Issibaeus*, in **Miranda do Corvo**; *Vasecus*, in **Soure**; and possibly *Picius* and *Arentius* in the region of **Oliveira do Hospital**. These rituals endured for a couple of centuries: in the third century, in Quinta da Madalena, near **Soure**, someone had an inscription made on a shrine to the god *Vasecus*, possibly the protective deity of an earlier, pre-Roman settlement on that site.

Inscrição consagrada por *Caius Fabius Viator* ao deus indígena *Tabudicus*, >
achada em Murtede (Palácio de Sub Ripas, Coimbra)
Dedicatory inscription to the native god *Tabudicus* by *Caius Fabius Viator*,
discovered in Murtede (Sub Ripas Palace, Coimbra)
© IARQ | FLUC | UC

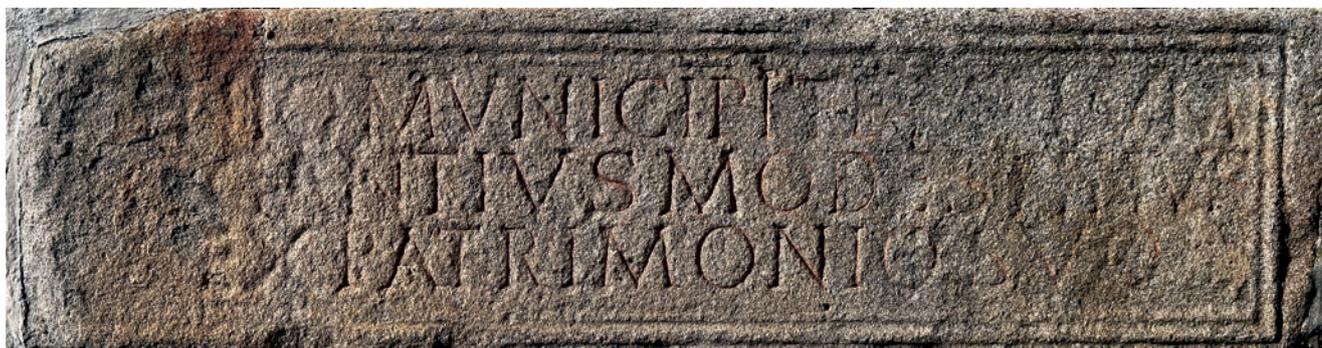


Os nomes de todas estas divindades são os mais antigos que conhecemos nestas terras. Curiosamente, estes deuses e deusas de origem pré-romana parecem estar ausentes (ou quase ausentes) dos espaços de culto nas cidades – apenas em **Conimbriga** surge o nome de duas possíveis divindades, de origem indígena, com nomes incomuns: Aius Rogatus e Remetes, este protetor das águas. Nos templos em ambientes urbanos dominam os deuses do panteão clássico, encabeçados por Júpiter, para além do próprio culto ao imperador. Em **Conimbriga** homenageou-se Júpiter, Marte, Minerva, Apolo, Fortuna, Baco (*Liber Pater*) e talvez Juno. Em altares e templos venera-se, de igual modo, o imperador e as suas virtudes, como a *Pietas* (Piedade).

These deities are the oldest we know of from these lands. Interestingly, they seem to have been absent (or nearly absent) from urban places of cult; only in **Conimbriga** do the names of two of these presumably native and uncommonly named gods come up: Aius Rogatus and Remetes, protector of the waters. In city temples, the gods of the classical pantheon prevailed, led by Jupiter, as well as the cult of the emperor. In **Conimbriga**, Jupiter, Mars, Minerva, Apollo, Fortuna, Bacchus (*Liber Pater*) and possibly Juno were worshipped. There were also shrines and temples for the worship of the emperor and of his virtues, such as *Pietas* (Duty).

Na epigrafia de **Conimbriga** surgem igualmente dedicatórias ao espírito divinizado ou às divindades protetoras especificamente desse lugar – ao Génio (*Genius Conimbrica*) e aos Lares (*Lares Conimbrica*) da cidade – ou mesmo das estradas que aí chegavam (*Lares Viales*). Em **Aeminium**, no fórum, também se reverenciava o Génio da Basílica, para além deste principal espaço público da cidade ser o lugar por excelência do culto imperial. Em **Bobadela**, na *splendidissima ciuitas*, sabemos que pelo menos Júpiter e Neptuno seriam objeto de devoção – o primeiro, no fórum, e o segundo, pouco habitual na Lusitânia e, menos ainda, em territórios interiores, longe do mar, talvez fosse venerado junto a uma fonte monumental (*nymphaeum*). Duas inscrições que se encontram na capela de S. Sebastião, em **Midões**, concelho de **Tábua**, serão provenientes de **Bobadela**, e revelam o culto a Vitória e ao Génio do Município. Mas estes deuses romanos não se encontram apenas registados nas cidades. Nos campos, provavelmente associados às ricas quintas (*uillae*) das famílias mais ilustres das *ciuitates*, surgem alguns testemunhos da sua presença: em **Casal Comba**, na **Mealhada**, foi encontrada uma estátua de Mercúrio; em **Montemor-o-Velho** identificou-se uma inscrição a Júpiter e uma estatueta talvez de Marte.

There are also dedications to the protective spirit or deities of the place – the Genius (*Genius Conimbriga*) and the *Lares* (*Lares Conimbriga*) – or even of the roads leading to it (*Lares Viales*). In **Aeminium**, the forum, as the town's main public space, was the epicentre of the imperial cult, but the Genius of the Basilica was also worshipped. We know of at least two gods worshipped in **Bobadela**: Jupiter, in the forum, and Neptune, rather unusually in Lusitania – and even less in non-coastal regions, far from the ocean – whose shrine must have been situated near a monumental fountain (*nymphaeum*). Two inscriptions in St. Sebastian chapel, in **Midões** (municipality of **Tábua**) have possibly come from Bobadela, and reveal the cult of Victoria and the Genius of the city. But the worship of Roman deities was not exclusive to the towns; there are vestiges of their presence in the countryside, probably in connection with the wealthy *villas* of the illustrious families of the *civitates*. In **Casal Comba** (**Mealhada**) a statue of Mercury was found, and in **Montemor-o-Velho** an inscription to Jupiter was identified, as well as a statuette, possibly of Mars.



- ^ Inscrição proveniente de Bobadela: *Caius Cantius Modestinus* pagou do seu bolso um templo dedicado à divindade protetora da cidade, *Genius Municipii* (Capela de S. Sebastião, Couto de Midões, Tábua)
 Inscription found in Bobadela: *Caius Cantius Modestinus* paid out of his own pocket for a temple to the town's protective deity, *Genius Municipii* (Chapel of S. Sebastião, Couto de Midões, Tábua)
 © João Margalha, ADCMMM



- Inscrição proveniente de Bobadela: *Caius Cantius Modestinus*, pagou do seu bolso um templo à deusa Vitória (Capela de S. Sebastião, Couto de Midões, Tábua)
 ^
 Inscription found in Bobadela: *Caius Cantius Modestinus* paid out of his own pocket for a temple to the goddess Victoria (Chapel of S. Sebastião, Couto de Midões, Tábua)
 © João Margalha, ADCMMM

No final do século IV, em 391, o Império Romano pagão adota o cristianismo como religião do Estado. E um tempo novo se começa definitivamente a projetar. As dioceses, divididas em paróquias, tomam o lugar das *ciuitates*. Surgem as primeiras igrejas e os primeiros batistérios. Em **Conimbriga** são conhecidos três epitáfios cristãos do século VI, sendo o mais antigo uma lápide funerária gravada no ano 522. Em **Bobadela** achou-se um raro jarro litúrgico hispano-visigótico, datado do século VII, talvez destinado a receber o vinho sagrado na Eucaristia – parece ter gravada a inscrição “Santa Igreja de Cristo”. Em **Aeminium**, entre as ruínas do fórum, descobriu-se em escavação um busto em calcário, possivelmente de Vénus, com escrita cursiva nas faces e na testa: alguém terá escrito “carantonha” nessa cabeça já desfigurada, revelador assim de um tempo em que as divindades de outrora o deixaram de ser.

By the end of the fourth century, in 391, with the adoption of Christianity in the Roman Empire, a new era is dawning. Dioceses, divided into parishes, replace *civitates*. The first churches and baptisteries are built. Three sixth-century Christian epitaphs have been found in *Conimbriga*, the oldest an engraved tombstone of 522. In *Bobadela*, a rare Hispano-Visigoth liturgical ewer (7th century) – possibly intended to hold the sacramental wine during the Eucharist, since it is inscribed “Holy Church of Christ” – was also found. And in *Aeminium*, a bust in limestone was discovered among the ruins of the forum, possibly of Venus, with cursive writings on its face and forehead: someone seems to have written “ugly face” on that already disfigured head, which is revealing enough of a time when former deities were no longer worshipped.



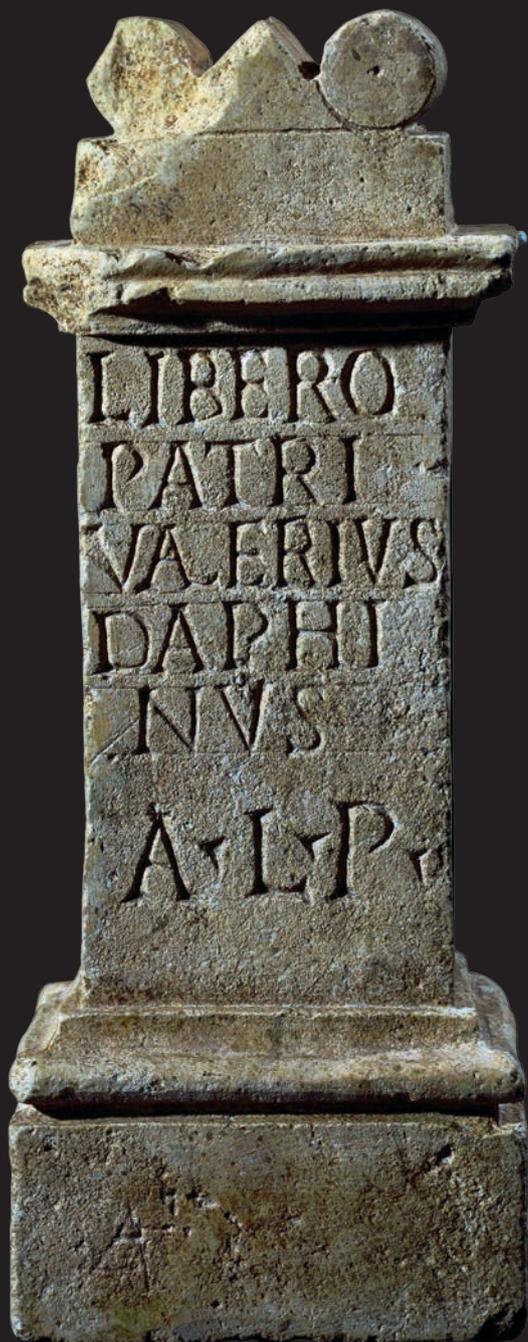
ALTARES DE CULTO / VOTIVE ALTARS

/ A religião estava presente em todas as dimensões da vida pública e privada dos Romanos. Todos os lugares e edifícios tinham a sua divindade protetora. Muitas das decisões e atividades eram precedidas de orações. Dirigiam-se as preces às divindades pedindo os seus favores, mas também se honravam familiares e amigos defuntos com orações. Para tal poderiam mandar lavrar na pedra tanto a dedicatória a um deus, como o epitáfio de um ente querido, ficando assim estes gestos gravados para sempre. Nesta região, espalhadas por quase todos os concelhos, temos cerca de três dezenas de inscrições votivas que o revelam. Constituem os primeiros testemunhos claros da devoção religiosa nesta região que invocam uma divindade cujo nome conhecemos.

Era sobre as aras epigrafadas (altares gravados com os nomes do deus e de quem prestava o culto) que as chamadas libações tinham lugar – ou seja, as orações eram acompanhadas pela queima de incenso ou de ervas aromáticas, e ao divino oferecia-se vinho, leite, mel, ou então os primeiros frutos de uma colheita. Estes rituais eram

/ Religion was present in every aspect of Roman life, both public and private. Every place and building had a protective deity. Many decisions and activities were preceded by prayers. Romans prayed for the gods' protection and favour, but also to honour deceased relatives and friends. As such, the inscriptions engraved on stone might be a dedication to a god or an epitaph to a loved one, gestures that would be engraved forever. About three dozen votive inscriptions, scattered throughout almost every municipality, are this region's first clear testimonies of religious devotion to a deity whose name we know.

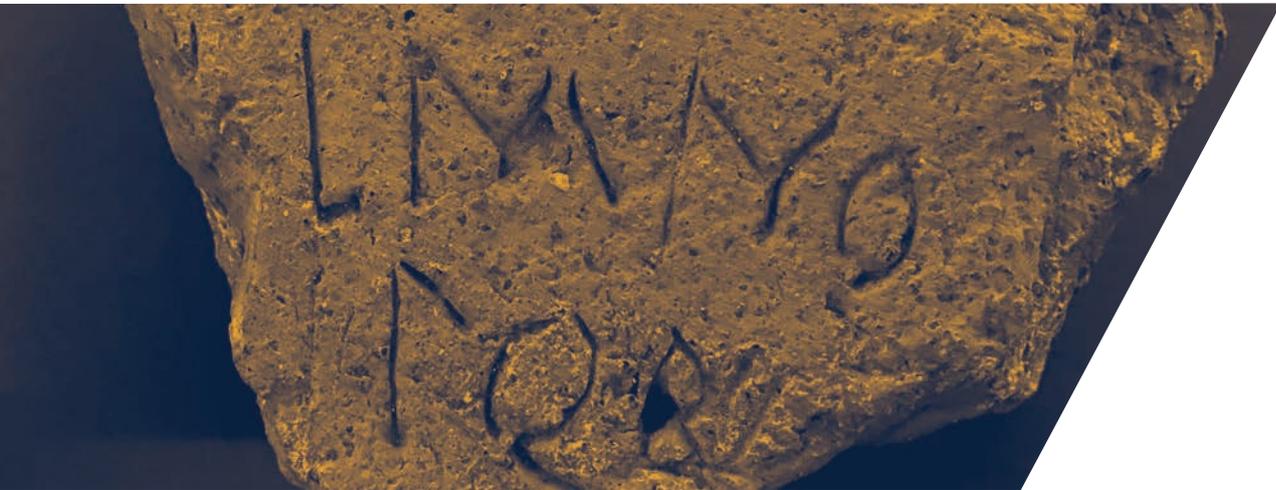
It was on the inscribed votive altars (inscribed with the names of the gods and of those who made the dedication) that the so-called libations were performed – the prayers were accompanied by the burning of incense and of aromatic herbs, with offerings of wine, milk, honey, or the first harvest fruits. These rituals took place in the household, at the family shrine (*lararium*), where the Lares were also worshipped (as witnessed in an inscription found in Vale do Remígio, Mortágua)



efetuados quer no interior das próprias residências, no altar (larário) familiar, onde os deuses lares eram também cultuados (como revelará uma inscrição encontrada em **Vale do Remígio**, em **Mortágua**), quer em templos construídos em recintos públicos. Mas estas práticas religiosas também podiam decorrer ao ar livre, em sítios (como as nascentes de água, em pontos proeminentes de uma serra ou junto a rios) muito associados ao sagrado e à dimensão simbólica do mundo de então. Quase sempre esses espaços naturais sacralizados seriam herdados do mundo pré-romano.

or in temples built in public areas. However, these rituals could also take place outdoors, in places which in those days had sacred implications or symbolic associations – like water springs, or outstanding locations in a mountain or by a river. In most cases, such sacred natural places would have been known to pre-Roman communities.

- < Inscrição “ao Pai Líber”, deus itálico da fecundidade, assimilado a Baco. Colocada por *Valerius Daphinus*, de bom grado - *A(nimo) L(ibens) P(osuit)* (Museu Monográfico de Conimbriga)
Inscription “to Liber Pater”, Italic god of fertility, whose cult was associated to Bacchus. Willingly placed by *Valerius Daphinus* - *A(nimo) L(ibens) P(osuit)* (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC



O LATIM, ESCRITO E FALADO

LATIN, A WRITTEN AND SPOKEN LANGUAGE

/ O latim, a língua comum a todo o Império, substituirá nesta região a língua pré-romana, dita lusitana. A partir do final do século I antes da era cristã o costume de falar latim ter-se-á progressivamente generalizado a toda a população do Império e a todos os domínios do quotidiano, assim como a prática da escrita. Cidadãos romanos de pleno direito, indígenas de condição livre, libertos e escravos, passaram a entender-se em latim. As leis que regem uma cidade, afixadas nas paredes do fórum, surgem em placas de bronze escritas em latim. As marcas que se observam tanto em tijolos como em ânforas ou os palavrões que se esgrafitam nas paredes de então, aparecem em latim. As preces dirigidas aos deuses são gravadas na pedra e escritas em latim. As lápides que assinalam os túmulos apresentam epitáfios em latim.

A generalização do latim, falado e escrito, constitui um inequívoco sinal da integração destas populações indígenas no espaço comum do Império. Nem todos seriam letrados. Provavelmente, nestas regiões, uma boa parte da população nativa poderia não saber ler e escrever.

/ Latin, the language used throughout the Empire, replaced the pre-Roman language of this territory, the Lusitanian. From the end of the first century BC, spoken Latin must have slowly extended to the whole population of the Empire, used in every aspect of everyday life, as well as in writing. Full Roman citizens, the native free men, the freedmen and the slaves – they all spoke Latin. The laws governing the city (*civitas*), inscribed on bronze tablets displayed in the Forum, were written in Latin; the marking on bricks and on amphoras and the graffiti on the walls are in Latin; the prayers and vows to the deities inscribed in stone are in Latin; the tombstone epitaphs are written in Latin.

The widespread use of spoken and written Latin is an unequivocal sign that this native population was fully integrated in the Empire. It is very probable that a large portion of the population in this territory did not know how to read or write, but they could ask those who were literate to write their messages for them – on small wooden tablets, parchment



▲ Tijolo onde se lê: *Ave Maelo* (Museu Monográfico de Conimbriga)
Brick with the inscription *Ave Maelo* (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC



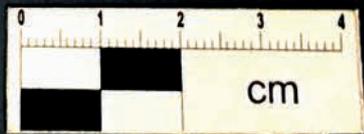
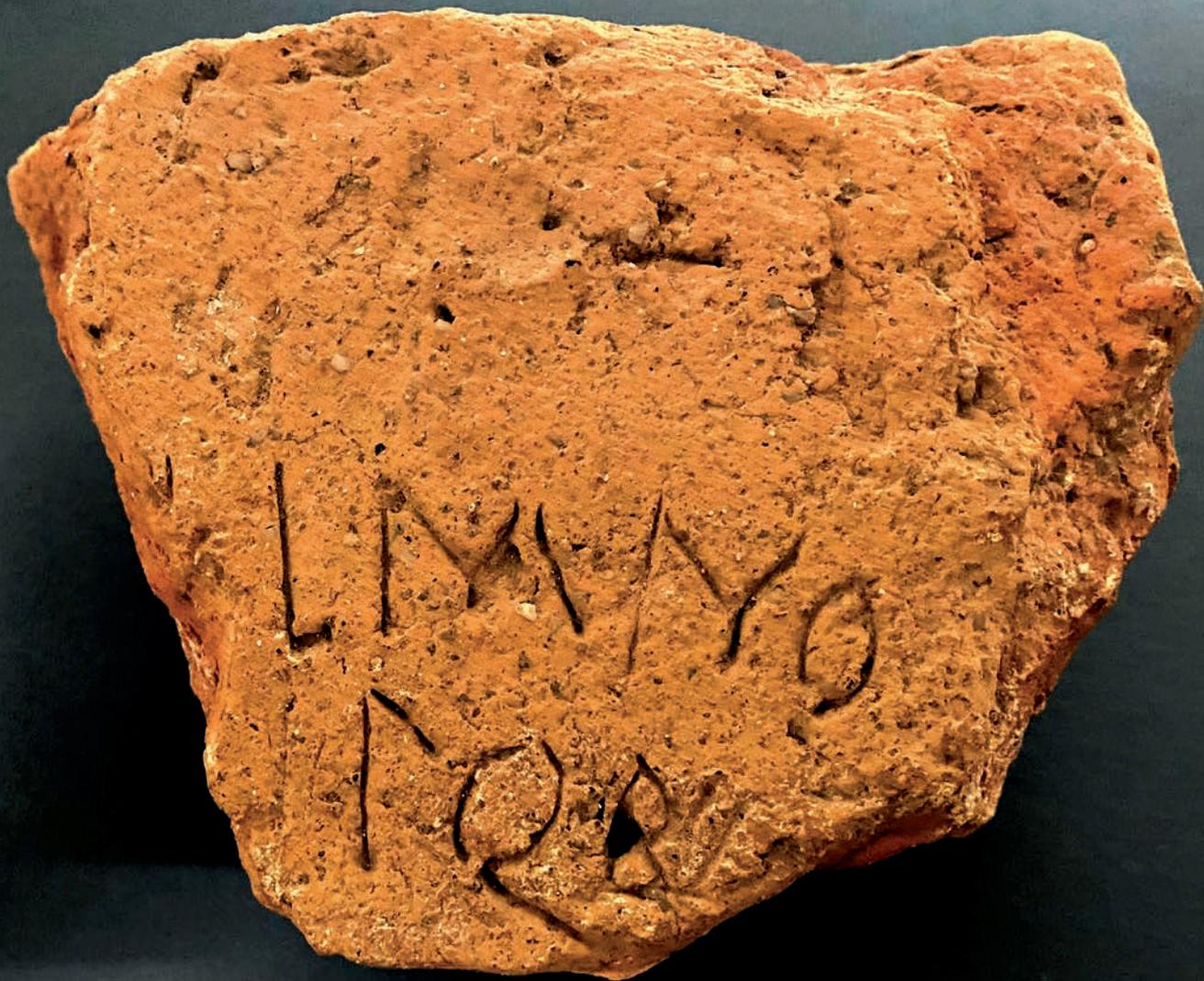
Tijolo onde se lê: *Da oficina de Maelo. Cumpri a produção diária (de tijolos) requerida* (Museu Monográfico de Conimbriga) [▲]
Brick with inscription: *From Maelo's workshop. I Fulfilled the required daily production (of bricks)* (Monographic Museum of Conimbriga)
© MMC-MN/DGPC

Mas mesmo os que não o sabiam podiam recorrer a quem soubesse ditar os seus textos para serem escritos em tabuinhas de madeira enceradas, em folhas de pergaminho e de papiro, ou para serem gravados na pedra pedindo a proteção de um deus ou invocando a memória de um familiar falecido. Na Antiguidade, os textos eram escritos para serem ouvidos, para serem lidos em voz alta, e, assim, seriam por todos compreendidos.

Os mais antigos testemunhos escritos nesta região datam deste tempo. Recuam dois mil anos, até à Época Romana. Revelam a generalização da língua latina, escrita e falada. Constituem também os primeiros exemplos do alfabeto e das letras maiúsculas que hoje utilizamos. As inscrições romanas gravadas na pedra que se encontram em quase todos os concelhos da região, revelam ainda os nomes dos homens e das mulheres que aqui viveram e aqui morreram: das suas vontades, das suas lembranças e dos seus temores. Estes constituem os mais antigos nomes conhecidos das pessoas que viveram nesta região. De igual forma, os nomes das divindades mais antigas que conhecemos em vários destes concelhos também se mostram gravados nessas inscrições com linguagem acessível. Por vezes escrevia-se como se falava. Na redação utilizam-se frequentemente siglas e abreviaturas por serem entendidas por todos ou quase todos. Algumas inscrições, porém, são mais

or papyrus sheets –, or their prayers to the gods or vows in memory of their deceased relatives to be inscribed in stone. In Antiquity, texts were meant to be heard, to be read out loud, and thus to be understood by all.

The oldest written testimonies of this region date from this period – the Roman Age, 2000 years ago. They reveal a widespread use of written and spoken Latin. They also constitute the earliest examples of the use of the alphabet and of capital letters as practiced today. The Roman inscriptions engraved in stone found in almost every municipality of this region reveal the names of the men and women who lived and died here: their wishes, memories and fears. They represent the earliest names of local inhabitants known to us, and in the same manner, engraved in stone in accessible language, we came to know the names of their earliest deities. Sometimes, the written language reproduced the spoken words: they used acronyms and abbreviations which most people understood. There are, however, a few more elaborate inscriptions, revealing more erudition – as



elaboradas, reveladoras de uma maior erudição, como esta mais poética, que se encontrou em *Conimbriga*, em parte escrita em verso por quem viria a morrer:

in the case of this more poetic inscription, found in *Conimbriga*, and partly written in verse by the person who later died:

D(is) . M(anibus) . VALERIO . AVITO VALERI MARINI
FIL(io) ANN(orum) . XXX VALERIA FUSCILLA
MATER . FIL(io) . CARISSIMO ET PIETISSIMO ET
OPSEQUEN TISSIMO P(osuit) SCRIBI INTITULO VER
SUCULOS VOLO QUIN QUE DECENTER VALERIUS
AVITUS HOC SCRIPSI CONIMBRICA NATUS MORS
SUBITO ERIPUIT VIXI TER DENOS ANNOS SINE
CRIMINE VITAE VIC TURI MONEO MORS
OMNIBUS IN STAT

Aos deuses Manes. A seu querido, saudosos e dedicado filho, Valério Avito, filho de Valério Marino, falecido com trinta anos. Valéria Fuscila, sua mãe, ergueu este monumento.

De minha vontade, gravem-se bem regrados estes cinco versos na pedra do meu túmulo. Eu, Valério Avito, natural de Conimbriga, os compus: "A morte brutal me arrancou; vivi três vezes dez anos, sem erro; vivei, vós que o destino quis que vivêsseis; mas eu vos previno: a todos a morte ronda."

To the Manes. Valeria Fuscila has erected this monument to her much loved, much missed and most excellent son, Valerius Avitus, son of Valerius Marinus, aged thirty.

It is my will that these five verses be inscribed on my tombstone. I, Valerius Avitus, born in Conimbriga, wrote them: "Brutal death took me; I lived three times ten years, without blemish; may you live on, whom destiny allowed to live; but beware: death takes all."

AS LETRAS QUE NOS ACOMPANHAM / LATIN NEVER DIED

Todos somos escravos das leis, para que possamos ser livres. Cícero (séc. I a.C.), Pro Clventio, 53

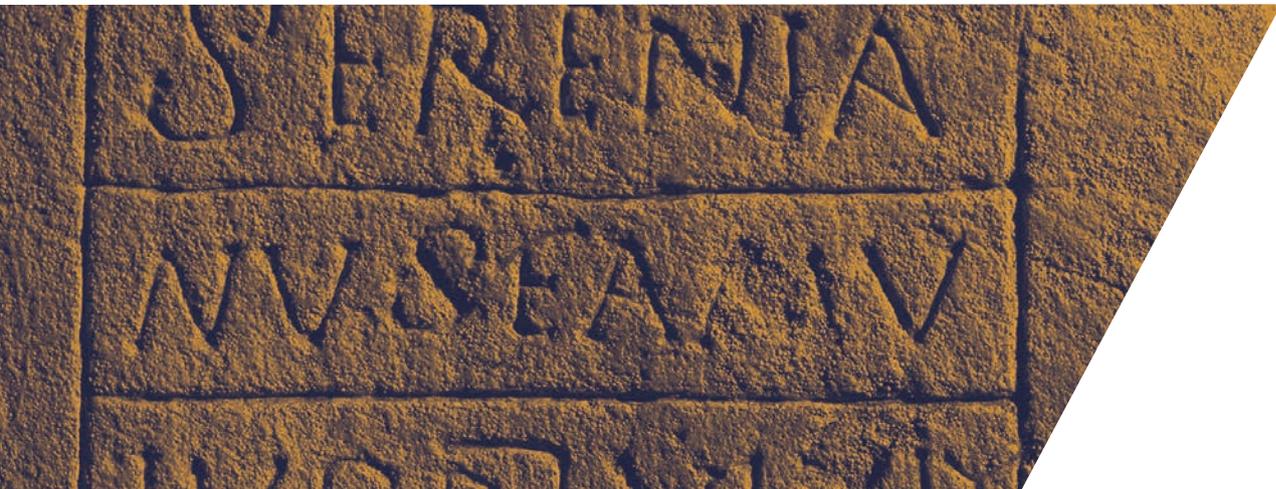
A qualidade de cada Estado depende da natureza e da vontade de quem o governa. Eis porque em nenhuma outra cidade, senão naquela em que o soberano poder pertence ao povo, a liberdade pode ter o seu domicílio. Não há nada que seja mais doce do que ela, e, se não for igual para todos, já não é liberdade. Cícero (séc. I a.C.), A República, I.31.47

/ Na cultura e literatura latinas encontramos muito das nossas raízes culturais. Autores como Cícero, Vergílio ou Tácito, continuam hoje a ser lidos e as suas frases em língua latina invocadas. Outros, como Plínio e Estrabão, permitem-nos construir de forma mais fundamentada a história e a geografia desse tempo na Lusitânia Romana. Muito do nosso saber técnico encontra nas obras de autores clássicos as suas origens: desde os tratados de Arquitetura de Vitruvius e de Medicina de Galeno, ao guia farmacêutico de Pedânio Dioscórides, aos manuais de agronomia de Catão, Varrão e Columela, ou ainda à coletânea de receitas culinárias de Apício. Os nomes dos nossos meses, por exemplo, são herdados do calendário romano. O sentido original de muitas palavras que usamos só o latim nos pode revelar. O latim mostra o sentido exato do que hoje dizemos. E de certa forma o latim trazido pelos Romanos continua vivo na língua que falamos, uma vez que o português é o resultado da sua evolução. O português não só nasceu do latim, como é uma forma de latim.

We are all slaves to the law so that we may be free. Cicero (1st C. BC), Pro Clventio, 53

Every government partakes of the nature and will of him who administers it. So that in no other state, save where the power of the people predominates, has liberty any home. Liberty the sweetest of all blessings, and which if it is not equal for all, is not liberty. Cicero (1st century BC), The Republic, I.31.47

/ Many of our cultural roots lie in Latin culture and literature. Authors such as Cicero, Virgil or Tacitus continue to be read and even quoted in Latin. Others, like Pliny and Strabo, are excellent sources to improve our knowledge and understanding of the history and geography of Roman Lusitania. Much of our technical knowledge comes originally from classical authors: treatises on Architecture and Medicine, respectively by Vitruvius and Galenus, Pedanius Dioscorides' pharmacopoeia, the treatises on agriculture by Cato, Varro and Collumela, or Apicius' cookbook are a few examples. The names of the months are based on the Roman calendar. Much of our vocabulary is of Latin origin. To a certain extent, the Latin introduced by the Romans remains alive in the language we speak, because the Portuguese language evolved from Latin – more than that, it is a form of Latin.



A HERANÇA CULTURAL THE CULTURAL LEGACY

Mas para além do saneamento, da medicina, da educação, da irrigação, da saúde pública, das estradas, da água canalizada, das termas, da ordem pública... o que é que os Romanos fizeram por nós?

Monty Python, *A vida de Brian*.

/ A língua latina foi a maior herança que os Romanos nos deixaram. Na língua portuguesa que falamos e escrevemos, mas também no alfabeto que utilizamos, encontra-se presente essa herança que recebemos dos Romanos há cerca de dois mil anos – será essa origem latina das palavras, da língua, de um património único que hoje nos identifica como povo, o nosso maior legado cultural.

Mas esta herança é imensa, verificando-se a diversos níveis. Muito do que hoje marca o nosso tempo e o nosso mundo encontra a sua origem nesse tempo de outrora. Das novas formas de organizar e administrar o território, de o povoar e cultivar, de explorar os principais recursos para comercializar à distância, às novas formas de conceber e construir o espaço para as gentes que o vivem e percorrem. Quantas atuais aldeias, vilas e cidades desta região não encontrarão a

But apart from the sanitation, the medicine, education, wine, public order, irrigation, roads, the fresh water system and public order, what have the Romans ever done for us?

Monty Python, *Life of Brian*

/ The Latin language, present in written and spoken Portuguese, was the Romans' most important legacy, 2000 years ago. And that Latin origin of the rich and unique heritage that identifies us as a people is, in its turn, our greatest cultural legacy.

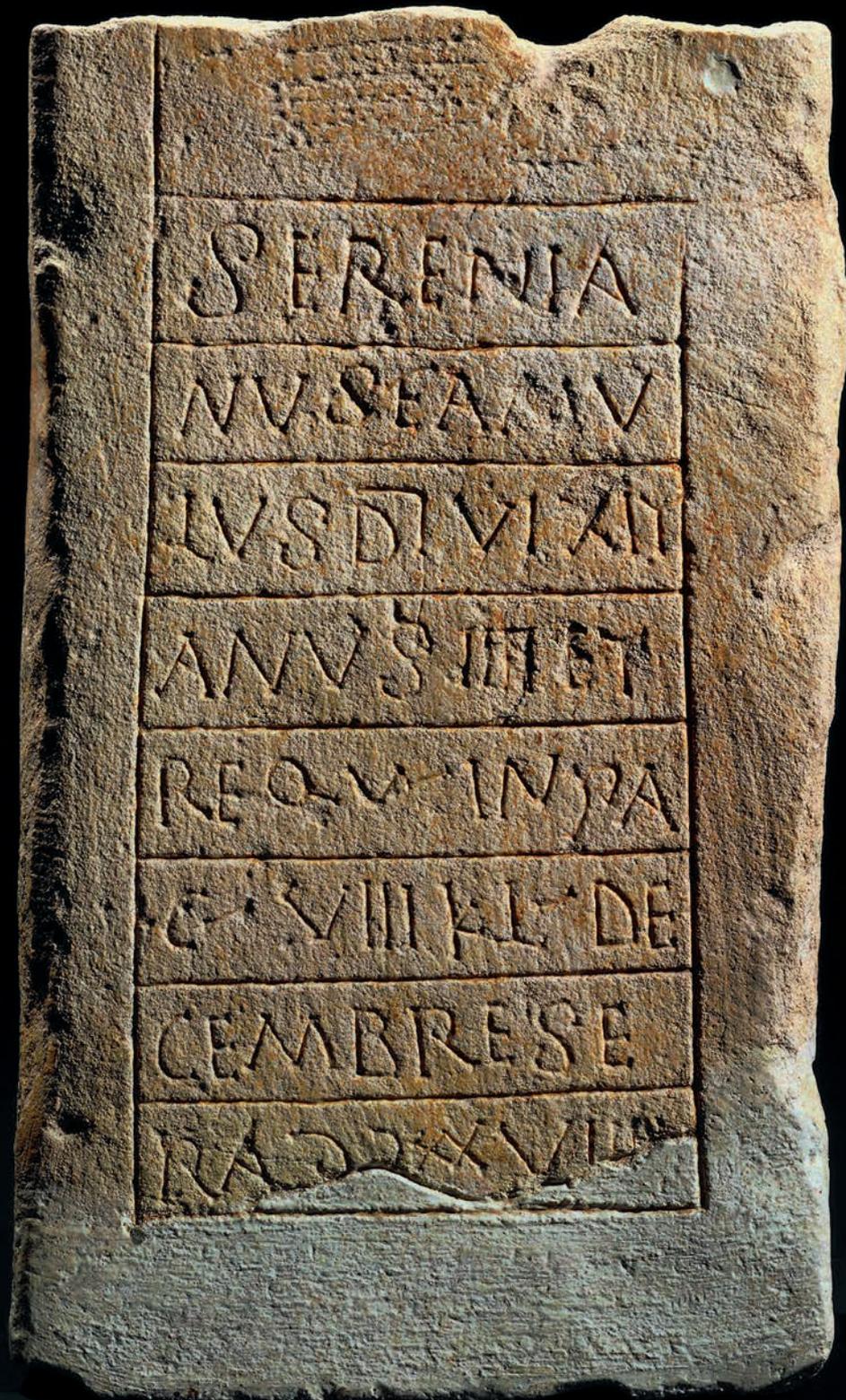
It is an immense and varied heritage. Much of what marks our times and our world has its origins in those days. New ways of organizing and administrating the territory, new forms of settlement and new methods of cultivating the land, of exploring its resources and organizing long-distance trade, new ways of conceiving and building space for the people who inhabit and cross that space. How many of the villages, small and large towns of this region have their origin in Roman times – whether they then were small or

sua origem, enquanto lugares habitados, quer fossem então sítios de muitas ou poucas casas, em Época Romana? Quantas ruas e praças centrais de atuais localidades reproduzem em parte a localização e o alinhamento daquelas que o foram em Época Romana? Quantas estradas que hoje cruzam esta região se sobrepõem, pelo menos em parte, a antigos caminhos romanos? Quantas linhas divisórias entre os atuais concelhos, ou mesmo entre distritos, decalcam antigos limites territoriais entre distritos (*civitates*) romanos? Para cada pergunta são vários os exemplos que poderiam ser dados.

O cimento, a telha, o tijolo, o vidro de janela ou a água canalizada e o saneamento básico, entre outras novidades em termos de técnicas, materiais e processos de construção, têm origem na Época Romana. A vinha e a oliveira, assim como o modo de se produzir vinho e azeite, encontram nas paisagens e lugares romanos os seus mais antigos testemunhos. Assim como a generalização do uso da moeda, estimuladora das transações comerciais num amplo espaço e mercado comum. Exemplos de um legado que se encontra ao nível dos materiais e da tecnologia, mas também ao nível das ideias e das instituições. O Direito Romano (do direito de família ao direito comercial) constitui a base do atual que se estuda nas Faculdades de Direito. O sistema fiscal e tributário também recua o seu início a essa Época. A Medicina (tal como a Arquitetura ou a Agricultura) também encontra nesse tempo os seus primeiros tratados conhecidos. Beber vinho, comer pão,

large settlements? How many streets and central squares reproduce in part the location and layout of those earlier, Roman counterparts? How many roads that cross this region follow, at least partly, the course of old Roman paths? How many boundaries delimiting present-day municipalities – or even districts – replicate former territorial boundaries between Roman districts (*civitates*)? Several examples could be given to answer each of these questions.

Regarding building techniques, materials and methods, concrete, roof tiles, bricks, window glass, or running water and public sanitation are a few examples of the many innovations introduced by the Romans. Roman presses testify to the earliest known cultivation of the vine and of the olive tree, as well as of wine and olive oil production. The general use of a currency, which fomented commercial transactions in a wide common market, is another innovation. But that legacy goes well beyond materials and technology; it extends into ideas and institutions. Roman law (from family to commercial law) is the cornerstone of Law studies in present-day Law faculties. The beginnings of our fiscal and tax system also go back to Roman times. The first known treatises of medicine, architecture and agriculture are



< Inscrição funerária: *Sereniano, servo de Deus, viveu 4 anos e descansou em paz a 24 de novembro de 541 d.C. (no oitavo dia antes das calendas de dezembro de 579 da Era Cristã). Encontrada em 1872 no alicerce da capela do Santíssimo Sacramento, em Condeixa-a-Velha (Museu Monográfico de Conimbriga)*
Funerary inscription: *Serenianus, God's servant, lived 4 years and passed away peacefully on 24 November AD 541 (the eighth day before the calends of December AD 579). Discovered in 1872 on the foundations of the chapel of Santíssimo Sacramento, Condeixa-a-Velha (Monographic Museum of Conimbriga).*

© MMC-MN/DGPC



assistir a jogos ou procurar espaços termais para fins terapêuticos, indicar a distância nas estradas em relação à próxima cidade ou mandar lavrar uma inscrição numa lápide, quer para evocar a memória de um ente querido quer para assinalar a inauguração de um edifício público, constituem, por sua vez, alguns dos comportamentos que fazem igualmente parte desse legado. E muito mais ao nível das práticas, das ideias e das instituições poderia ser aqui listado. Mas não podemos deixar de referir, por último, que o cristianismo se difundiu sobretudo a partir do final do século IV quando estes territórios ainda integravam o Império Romano. A liberdade de culto, possibilitada pelo Édito de Milão (313), fixado ao tempo do imperador Constantino, abre o caminho a uma nova era, onde as igrejas (*ecclesiae*) passam a ocupar um lugar central e o poder passa a apoiar-se na religião cristã. Este facto reforça ainda mais a importância de todo o legado cultural romano na construção do tempo que se seguiu e do mundo em que hoje vivemos.

A nossa matriz cultural, na origem,
é marcadamente romana.

from those days. Drinking wine, eating bread, watching games or going to the spa for therapeutic purposes; to indicate the distance on a road to the next town; or to have an inscription engraved on a tombstone or on a commemorative plaque at the inauguration of a public building – all of these are behaviours that can equally be seen as part of that legacy. And much more could be added, in terms of practices, ideas and institutions; but one last aspect must be outlined – the diffusion of Christianity, especially from the late fourth century onwards, when these territories were still part of the Roman Empire. Constantine's Edict of Milan (313) establishes freedom of cult, introducing a new era, when churches (*ecclesiae*) come to occupy central stage and religion becomes the foundation of power. This fact further strengthens the relevance of the Roman cultural legacy in the following centuries and in the world we live in.

Our cultural matrix is clearly
Roman in its origin.





PARTE II

UM TERRITÓRIO EM TRANSFORMAÇÃO

A CHANGING TERRITORY



/ A partir dos finais do século III, o território imperial é sujeito a profundas transformações. Entre todas as registadas, políticas, económicas, sociais, culturais, duas têm implicações decisivas: a adesão ao cristianismo, por um lado, e a pressão dos povos germânicos, por outro. Ao findar do século V, o Império Romano do Ocidente dá lugar a um mosaico de reinos novos. Em comum, têm a religião cristã a que todos, progressivamente, se convertem. A Europa mudou definitivamente. As páginas seguintes não descrevem já um povo e uma cultura. São muitos os que cruzam ou se estabelecem neste território e as transformações sucedem-se a um ritmo intenso e rápido.

/ From the late 3rd century onwards, the Roman Empire goes through profound changes – political, economic, social and cultural. Among these two stand out for their crucial impact: the adoption of Christianity, on the one hand, and the pressure of Germanic peoples, on the other. By the end of the 5th century, the Roman Empire of the West gives way to a mosaic of new kingdoms, all of which would gradually convert to Christianity. Europe is decisively changing. No longer focused on a single culture, the following pages will show the fast pace of change on this territory, as many different peoples arrive and settle on this land.

< Sarcófago “Grande Ludovisi”, século III, Palácio Altemps (Roma) 153x273x137 cm. A arca tumular, descoberta em 1621 junto à Porta Tiburtina das muralhas de Roma, retrata, em alto relevo, uma batalha entre as tropas romanas e uma tribo germânica, talvez os Dácios
“Grande Ludovisi” sarcophagus, 3rd century AD, Altemps Palace, Rome. 153x273x137. Found in 1621 near the Porta Tiburtina, a gate in the walls of Rome. In high relief, it depicts a battle between the Roman forces and a Germanic tribe, possibly the Dacians
© Egisto Sani



A RELIGIÃO TRIUNFANTE THE TRIUMPH OF CHRISTIANITY

/ Logo nas primeiras décadas da nossa era, a religião cristã inicia um processo de rápida difusão: partindo da província romana da Síria Palestina e aproveitando o dinamismo das rotas comerciais e a circulação intensa de pessoas, que o mar Mediterrâneo e as famosas estradas romanas permitiam, chega rapidamente aos confins do império. A crença num Deus único e a promessa de salvação eterna para todos, independentemente do seu estatuto de cidadãos, libertos ou escravos, promove uma rápida aceitação, sobretudo entre a população mais desfavorecida.

Na tolerante Roma imperial, todavia, onde coexistem tantos credos diferentes, os anticorpos contra os cristãos ganham cada vez mais força conduzindo a sucessivas vagas de perseguições. Duas práticas, sobretudo, eram contrárias ao sentimento da maioria pagã: o facto de os cristãos negarem todos os deuses à exceção do seu e, conseqüentemente, a recusa em prestarem culto ao imperador.

/ Christianity spread rapidly since the first decades of our era: from the Roman Province of Syria-Palestine, it reached the ends of the Empire, thanks to the dynamic trade routes and intense circulation of people that the Mediterranean Sea and the Roman roads network had facilitated. The belief in a single God and the promise of salvation for all, whatever their status – citizens, freedmen or slaves –, stimulates its rapid acceptance, particularly among the underprivileged.

Rome was tolerant of the many different religions of the Empire, but Roman opposition to the Christians increased with time, leading to successive waves of persecution. The two main features of Christianity that ran counter to the feelings of the pagan majority were their denial of any other god but their own and their consequent refusal to adhere to the cult of the emperor.

Entre as muitas acusações infundadas circulava que os cristãos praticavam atos de canibalismo, com base na partilha simbólica do corpo e sangue de Cristo no decorrer do ritual. Na prática, os cristãos funcionavam como bode expiatório para tudo o que de mal acontecia. O imperador Nero [r. 54-68], por exemplo, acusa-os de estarem na origem do grande incêndio da cidade de Roma, inflamando as perseguições populares.

Ainda assim, no decorrer dos dois séculos seguintes, a máquina de conversão foi tão eficiente, recrutando fiéis em todas as classes sociais, que o seu número não cessaria de aumentar. Em 313, o apoio direto do imperador Constantino [r. 306-337], através da concessão da liberdade de culto tornada pública com o édito de Milão, mudaria definitivamente o destino do cristianismo. Décadas depois, em 380, seria a vez de Teodósio I [r. 379-395] proclamar a religião cristã como a religião oficial do Império Romano, ou seja, a única permitida. Invertida a situação, as perseguições incidirão, doravante, sobre todos os restantes credos. Muitos templos foram destruídos, outros abandonados e transformados em pedreira, os seus bens confiscados, os sacerdotes perseguidos e as estátuas dos deuses pagãos quebradas.

Amongst other unfounded accusations was the belief that Christians practiced cannibalism, because of the ritual of the symbolic partaking of the body and the blood of Christ. Christians were, in fact, a scapegoat for everything that went wrong. Emperor Nero (54-68), for example, accused them of having set fire to Rome, inflaming popular anger and persecution of Christians.

Nevertheless, during the following two centuries the rate of conversion was so high, recruiting from every social class, that the number of Christians increased rapidly. In 313, the direct support of Emperor Constantine (306-337), whose Edict of Milan introduced freedom of worship, changed the fate of Christianity. Decades later, in 380, Theodosius I (379-395) declared Christianity the official imperial religion, and the only one allowed. It was now the turn for all the other creeds to be persecuted. Many temples were demolished, others were abandoned and turned into quarries, their possessions confiscated, their priests persecuted and the statues of pagan gods, destroyed.

Entretanto, o cristianismo, saído das catacumbas e progressivamente patrocinado pelas mais importantes e poderosas famílias, a começar pelas dos próprios imperadores – recorde-se o papel de Santa Helena, mãe de Constantino – é dotado de novos templos, dignos de uma religião triunfante. Seriam, todavia, profundamente diferentes dos anteriores. E não apenas para se demarcarem dos pagãos! Na realidade, o tipo de culto a isso exigiria. Se anteriormente as orações eram feitas em altares situados no exterior e a entrada no templo, onde se encontrava a estátua da divindade, reservada ao sacerdote, na religião cristã, pelo contrário, crentes e sacerdote reuniam-se obrigatoriamente num mesmo espaço. Eclésia, termo de origem grega, significa isso mesmo: uma assembleia, neste caso de todos os fiéis. Esta diferença obrigou a que se procurasse, entre as diferentes tipologias arquitetónicas existentes, um modelo amplo, adequado à função, escolha que recaiu sobre a basílica, edifício onde se praticava a justiça e se fazia comércio. Adotaram-se as suas três naves ou corredores, deslocou-se a porta para um dos lados menores, colocou-se o altar no outro topo. A basílica, na verdade, embora transformada, constitui a base das igrejas que todos conhecemos.

Meanwhile, out of the catacombs, Christianity was increasingly embraced by the most influential families, starting with those of the emperors themselves – the role of Saint Helena, Constantine's mother, is paramount. New temples were built, symbols of a triumphant religion. Very different temples, though, not only out of a need to highlight the specificity of their religion, but also because Christian rituals had different space requirements. In earlier pagan worship, prayers were performed at altars located outside, and only priests were allowed in the temple, where the statue of the god was placed; the Christian religion, in its turn, assembles all, priest and congregation, within the same space. The Greek term *Ecclesia* means precisely that: an assembly, in this case of all the faithful. This brought about the need to find an ample model, among the existing architectural typologies, that could fulfil this function. The choice fell on the basilica, a building where courts were held and trade conducted. The three aisles or corridors were adopted, the door was diverted to one of the shorter sides, and the altar placed at the other end. With some changes, the basilica became the standard model for Christian churches.

Os edifícios desta época são muito raros e no nosso território, por exemplo, não sobreviveram, embora a arqueologia comprove a sua existência: em **Conímbriga (Condeixa-a-Nova)**, no século IV, foi construída uma basílica no local onde antes existira uma *domus*.

Uma outra novidade deste período, e igualmente decorrente das transformações operadas pela aceitação generalizada da religião cristã, tem a ver com a localização dos cemitérios. Na cidade pagã, como vimos já, vivos e mortos ocupavam espaços diferentes, sendo proibido fazer enterramentos no interior das muralhas. Os cemitérios situavam-se ao longo das estradas que davam acesso às cidades, suscitando a oração de quem passava; com o cristianismo, pelo contrário, deslocam-se para o interior da cidade, para junto dos templos e dos seus muros sagrados. É isso que explica que, também em **Conímbriga**, surja no antigo fórum, o mais central dos locais, um espaço dedicado aos novos enterramentos.

Very few buildings of this period have survived, none in our territory; but archaeological surveys demonstrate their existence: In Conímbriga (Condeixa-a-Nova), a basilica was built in the fourth century, on the site where a *domus* had previously stood.

The location of cemeteries is another novel feature brought about by the widespread acceptance of the Christian religion. In the pagan city, as we have seen, there was a strict spatial separation between the living and the dead; burials were forbidden inside the city walls and cemeteries were located along the roads that led to the towns, invoking the prayers of passer-bys. Under Christian rule, they are situated within the city, near the temples and their sacred walls. This is the reason why, in **Conímbriga**, a new burial space was created in the forum, the town's most central space.

/ Ainda hoje, na nossa vivência quotidiana encontramos inúmeras marcas e memórias deste período, algumas de que nem suspeitamos. É o caso das esculturas de S. Sebastião, tão frequentes em igrejas deste território, mesmo que mais tardias. Na realidade, substituíram outras, anteriores.

Sebastião era um oficial de alta patente no exército romano que, à semelhança de muitos outros romanos, se converteu ao cristianismo, praticando-o de forma clandestina. Descoberto, em pleno reinado de Diocleciano [r. 284 a 305], um dos imperadores que mais violentamente perseguiu os cristãos, foi sentenciado à morte e entregue aos archeiros da guarda pretoriana. Milagrosamente, todavia, as feridas provocadas pelas flechas sararam e Sebastião escapou à morte. Mas não por muito tempo: o imperador condenou-o de novo, agora ao espancamento público, no hipódromo, junto ao palácio real. Procurando evitar que o seu corpo fosse venerado como santo, Diocleciano ordenou que o atirassem à cloaca máxima, o grande esgoto da cidade de Roma. Contudo, o corpo foi resgatado e sepultado nas catacumbas ao lado de outros mártires. A estes locais começou a acorrer

/ To this day, there are signs and memories of this period in our daily life, some of which we are totally unaware of. This is the case of statues of St. Sebastian, so frequent in our churches, although usually of a later date. They are, in fact, replacing other, earlier statues.

Sebastian was a high-ranking officer of the Roman army who, like many others, converted to Christianity and practised it in secret. When he was found out, Emperor Diocletian (284-305), one of the most notorious persecutors of the Christians, sentenced him to death at the hands of the archers of the Praetorian Guard. Sebastian did, however, miraculously survive his wounds, but he did not long escape death. The emperor sentenced him to be beaten to death, in the hippodrome, near the royal palace. To avoid veneration, he ordered his body to be thrown into the *cloaca maxima*, Rome's largest sewer. Nevertheless, his body was collected and buried in the catacombs, next to other martyrs. Large numbers of faithful started visiting the site, driven by their belief in the healing power of a simple contact with the remains of martyrs – the

um grande número de crentes, acreditando que o simples contacto com os restos mortais dos mártires, as relíquias, teria um poder curativo. Na realidade, rapidamente se registaria uma certa especialização: a vida e o tipo de martírio a que um santo era sujeito ditava a sua vocação. No caso de S. Sebastião, em função da sua carreira militar e das flechas contra ele disparadas, tornou-se patrono dos militares, em geral, e dos arqueiros, em particular. Já no que toca à proteção contra doenças tornou-se o grande defensor das populações contra as pandemias. A crença, amplamente divulgada no decorrer das Idades Média e Moderna, terá tido início em torno de 680, quando, no momento em que as relíquias do Santo eram solenemente trasladadas para uma basílica, desapareceu milagrosamente a terrível peste que então grassava em Roma. Na realidade, os atingidos pela peste rogavam ao santo que, à imagem do que lhe acontecera em relação às feridas das flechas, fizesse secar e desaparecer os bubões que a terrível doença deixava no corpo. Com este dom, e em função da frequência com que a peste surgia, S. Sebastião ganhava um lugar cativo nos altares de qualquer comunidade.

relics. Soon a certain measure of “specialisation” developed: the life and type of martyrdom undergone would determine his or her vocation. In the case of St. Sebastian, his military career and the arrows aimed at him dictated his vocation as patron of the military, in general, and of archers, in particular. He also became the great protector saint against pandemics. This widespread belief throughout the Middle Ages and the Modern Age seems to have begun c. 680, when Rome was miraculously freed from a raging plague while the Saint’s relics were being solemnly translated to a basilica. Those who were afflicted by the plague invoked the Saint to dry out the buboes caused by that dreadful disease, in the same manner that the arrow wounds had disappeared from his body. With this gift, and given the frequency of plagues, St. Sebastian was assured a place in the altars of every community.

Talvez por isso no nosso território existam tantas imagens de S. Sebastião, embora já quase todas dos séculos XV e XVI. Não são, todavia, encomendas isoladas, feitas a artistas de renome e de uma qualidade excecional. São o resultado de uma produção quase em série e a preços acessíveis, capaz de suprir as necessidades da devoção popular.

Encontram-se em **Góis** e **Cantanhede**, em **Oliveira do Hospital**, **Penacova**, **Mealhada e Condeixa-a-Nova**, em **Soure** e em **Arganil**, em **Verride (Montemor-o-Velho)**, na **Pampilhosa da Serra**, no **Coito (Midões, Tábua)** ou na **Granja (Ansião)**. Na sua simplicidade, por vezes quase representações ingênuas, ilustram a religiosidade do quotidiano, a proximidade aos homens e mulheres comuns que lhes confiam os seus receios e dirigem as suas preces.

O santo é normalmente representado ainda muito jovem, atado a uma coluna ou tronco, despido, apenas com um pano à cintura ou com umas bragas, deixando ver o corpo cravejado de flechas, embora na maior parte dos casos estas tenham desaparecido e permaneçam apenas as feridas que provocaram. As semelhanças de algumas destas imagens – na pose, no tratamento anatómico, nos traços do rosto ou do cabelo – denunciam a origem numa mesma oficina, certamente a laborar num dos centros urbanos deste território e a fornecer as diversas comunidades, maiores ou menores e mais ou menos distantes, destes preciosos amuletos.

This might be the reason for the great number of statues of St. Sebastian, although almost all date from the 15th and 16th centuries. These images are not outstanding works commissioned to famous artists; there was an accessibly priced near-mass production, suited to meet the needs of popular devotion.

They can be found in Góis and Cantanhede, in Oliveira do Hospital, Penacova, Mealhada and Condeixa-a-Nova, in Soure and Arganil, in Verride (Montemor-o-Velho), Pampilhosa da Serra, Coito (Midões, Tábua) or Granja (Ansião). Of simple design, these almost naif representations reflect the devotion of daily life, the familiarity of common men and women who entrust their worries and their prayers to the Saint.

St. Sebastian is usually represented as a youth, tied to a post or a trunk, naked except for a loincloth or breeches, his body pierced by arrows, even if in most cases these have meanwhile disappeared, and only the wounds remain. The similarities between some of these images – in posture, anatomical treatment, face and hair features – betray a common origin, which means that there must have been a workshop in one of the towns of this region supplying these precious amulets to several communities.

SÃO SEBASTIÃO



^ Centro Paroquial de Arganil
Parish Centre of Arganil

^ Igreja de S. Miguel de Meruge,
Oliveira do Hospital
St. Michael's Church, Meruge

^ Igreja de S. João de Figueira
do Lorvão, Penacova
St. John's Church,
Figueira do Lorvão

^ Igreja de Santo André,
Vila Nova de Poiares
St. Andrew's Church

^ Capela de Nossa Senhora das
Neves de Casas Velhas, Soure
Our Lady of the Snows
Chapel, Casas Velhas

St. SEBASTIAN



^ Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Ventosa do Bairro, Mealhada
Our Lady of the Assumption Church, Ventosa do Bairro



^ Capela de São Sebastião de Alvares, Góis
St. Sebastian Chapel, Alvares



^ Capela de São João Batista de Sepins, Cantanhede
St. Sebastian Chapel, Serpins



^ Igreja de Nossa Senhora das Neves de Pousaflores, Ansião
Our Lady of the Snows Church, Pousaflores



^ Cemitério de Vila Seca, Condeixa-a-Nova
Vila Seca Cemetery

© Marta Simões, ADCMMM



O FIM DA PAX ROMANA THE END OF PAX ROMANA

/ A desagregação do Império Romano, sentida com maior intensidade a partir do século IV, ficou a dever-se a vários fatores: instabilidade política, crise das instituições, aumento de impostos, e, sobretudo, à pressão exercida pelos povos germânicos nas fronteiras. As cidades, as *civitates* romanas descritas anteriormente, principais alvos de ataque, foram invadidas, saqueadas, incendiadas e destruídas: Roma, capital do império, sofreu um assédio brutal em 410.

Perante o clima de insegurança, o sistema, enfraquecido pelo menos desde o século III, mostra claros sintomas de desagregação e as rotas comerciais são interrompidas. É o fim da *Pax Romana* e do *mare nostrum*, um mar Mediterrâneo interior e integralmente em mãos romanas, que assegurava a viagem de gentes e mercadorias por todo o império.

/ The collapse of the Roman Empire, felt strongly from the beginning of the fourth century, had several causes: political instability, crisis of institutions, increased taxation, and above all, the continuing pressure of the Germanic tribes on its borders. The cities, the Roman *civitates* described above, were the main target of the invaders; they were sacked, burned down and destroyed. Rome, the capital of the empire, was sacked in 410.

Weakened since at least the third century, the system is wrecked with instability and shows clear signs of breakdown. Trade routes are interrupted: it is the end of *Pax Romana* and of *mare nostrum*, an interior Mediterranean Sea dominated by the Romans, ensuring the circulation of people and goods throughout the empire.

Quem pode abandona a cidade e refugia-se nas *villae*, grandes quintas rurais, longe dos locais de maior assédio e onde a sua subsistência poderia ser assegurada. Deste modo, as cidades não só perdem população como deixam de ter quem nelas invista; ao mesmo tempo, grandes edifícios e equipamentos que só faziam sentido em tempos de paz e de forte investimento – circos, anfiteatros, aquedutos e termas – são abandonados, entram em derrocada e servem de pedreira, por exemplo, para a construção urgente de muralhas, reduzindo o perímetro das cidades e tornando-as mais fáceis de defender. Foi o que aconteceu em **Conímbriga**, em finais do séc. III e inícios do IV, quando as pedras do anfiteatro foram utilizadas para erguer uma nova muralha, deixando do lado de fora parte importante da cidade, ou em **Bobadela** cujo anfiteatro perdeu a sua função, ainda antes de ser incendiado, em finais do séc. IV.

Por todo o império – não sendo este território exceção – a mancha urbana recuou, multiplicando-se os pequenos aglomerados rurais. A toponímia revela como muitas *villae* romanas poderão ter constituído o embrião de núcleos de povoamento que sobrevivem até aos dias de hoje: *villa Midonis* (**Midões, Tábua**), *villa Gundesindi* (**Vila Gosendo, Mortágua**) e *villa Samueli* (**Samuel, Soure**).

Those who could leave town took refuge in their *villae*, large farm houses where they felt safer and where their livelihood was less threatened. Thus cities not only loose inhabitants, they also loose investment; large buildings and urban equipment that can only subsist in peacetime and with heavy investment – circuses, amphitheatres, aqueducts and baths – are abandoned and fall into decay. They were used as quarries, for example, for the construction of much-needed town walls, to reduce the town perimeter and make them easier to defend. This happened in **Conímbriga**, by the end of the third, and beginnings of the fourth century, when the stones of the amphitheatre were used to build a new wall, leaving a significant part of the town outside it; or in **Bobadela**, whose amphitheatre lost its purpose even before it burned down, by the end of the fourth century.

All over the empire – this region included – urban occupation receded, while the number of small rural settlements increased. The study of toponyms reveals that many Roman villas may have been at the origin of settlements that have survived to this day: *villa Midonis* (**Midões, Tábua**), *villa Gundesindi* (**Vila Gosendo, Mortágua**) and *villa Samueli* (**Samuel, Soure**).

Entre os inúmeros povos que pressionaram as fronteiras do Império Romano, chegaram à Península Ibérica alanos, vândalos, suevos e visigodos. A partir de 409, este território perdeu a unidade romana, transformando-se num mosaico de povos e poderes. Se os vândalos e os alanos continuaram o seu caminho para sul, na direção de África, suevos e visigodos fixaram-se e deram origem a novos reinos.

Os textos e crónicas da época, escritos por aqueles que estavam a ser invadidos, chamam-lhes “bárbaros”, por oposição aos falantes de latim, ou seja, aos hispano-romanos. De facto, tratavam-se de povos com culturas e costumes diferentes, nómadas, só muito recentemente sedentarizados e convertidos ao cristianismo.

Um dos relatos mais impressionantes da visão apocalíptica do outro como selvagem, violento e causador de perturbação e destruição, certamente exagerado, foi escrito por Idácio, Bispo de Chaves [395?-468], sobre os saques da cidade de **Conímbriga** pelos suevos, ocorridos em 465 e 468. Conta-nos como as casas foram destruídas e “os habitantes reduzidos ao cativo e deportados. A cidade e a região transformam-se num deserto.”

Among the numerous peoples that came upon the frontiers of the Roman Empire, the Alans, the Vandals, the Suebi and the Visigoths reached the Iberian Peninsula. From 409, this territory lost Roman unity and became a mosaic of tribes. The Vandals and Alans continued on their way to Africa, but the Suebi and the Visigoths settled here and formed new kingdoms.

They are described in contemporary texts and chronicles, written by those who were being invaded, as “barbarians”, in contrast to those who spoke Latin, that is, the Hispano-Roman residents. With different cultures and customs, these nomad peoples had only recently been sedenterized and converted to Christianity.

One of the most dramatic accounts of these times, with an apocalyptic (and surely exaggerated) view of the other as a savage, bringing destruction and violence, was written by Idácio, Bishop of Chaves (395?-468), about the invasion of **Conímbriga** by the Suebi, in 465-468. He describes the destruction of houses and writes that “the inhabitants were imprisoned and deported. The town and the region were reduced to a desert”.





PARTE III

UM TERRITÓRIO COBIÇADO

A MUCH COVETED LAND



AQUELES QUE VÊM DE NORTE THOSE WHO CAME FROM THE NORTH

/ A fixação dos suevos no noroeste peninsular, a partir de 409 e com capital em Bracara Augusta (Braga), deu lugar a um período de alguma estabilidade política e social, ainda que o controle efetivo do território nunca chegasse a ser totalmente alcançado e a sobrepor-se às estruturas de organização de poder hispano-romanas pré-existentes, conservadas pelas elites nativas.

Embora cristãos, professavam correntes diferentes do catolicismo romano como o arianismo (visão defendida por Ário, presbítero de Alexandria no século IV, que negava a natureza divina de Jesus, reconhecendo-O como filho de Deus e criatura superior, mas não como uma mesma pessoa). Foi neste contexto que São Martinho [520-579], bispo de Dume, desempenhou um papel determinante na conversão de Teodomiro, rei dos suevos.

/ After 409, when the Suebi settled in the northwest of the peninsula, establishing their capital in Bracara Augusta (Braga), a period of relative social and political stability followed – even if they never achieved total effective control over the territory, since the native elites preserved their pre-existing Hispano-Roman structures of power.

The Suebi were Christians, but they followed different streams of Christianity, such as Arianism (a doctrine defended by Arius, a fourth-century presbyter from Alexandria who denied the divine nature of Jesus, acknowledging him as the son of God and a superior being, but not part of a single being in God). In this context, St. Martin (520-579), bishop of Dumio, played a very important role, when he converted the king of the Suebi, Theodemir.

A vida deste novo reino, todavia, não seria longa, submetido e anexado, em 585, pelos vizinhos visigodos, sob comando de Leovigildo [568-585], que assim voltava a unificar toda a Hispânia, fazendo da cidade de Toledo, bem no coração da Península, a sua capital. Apesar da mudança política, a vida das populações não terá sofrido alterações substanciais continuando o território muito fragmentado sob a administração quer das elites, quer das próprias comunidades locais. Para essa continuidade de vivências, aliás, contribuiria igualmente a conversão dos visigodos ao cristianismo católico, logo no reinado de Recaredo [585-601], filho de Leovigildo. Os bispos, instalados em todo o território, potenciaram a expansão crescente do cristianismo que, progressivamente, atingiria os meios rurais. A igreja e as suas estruturas atuariam, muito mais do que o poder político, como o cimento comum das populações e dos territórios peninsulares.

De novo, a estabilidade não duraria muito, sucedendo-se as lutas internas pelo poder ao mesmo tempo que o aumento de impostos conduzia a inúmeros levantamentos populares. Com uma monarquia que assentava na eleição (e não na hereditariedade), em apenas cem anos, de 612 a 711, sucederam-se 13 reis, número que revela bem as divisões internas que dilaceravam o reino e o clima de crise política. O descontentamento e a instabilidade criaram as condições para que, a partir de 711, os muçulmanos pudessem dominar, sem dificuldade de maior, a quase totalidade da Península Ibérica.

Nevertheless, this kingdom did not last long. It was conquered in 585 by their Visigothic neighbours, under Leovigild (568-85) who thus managed to unify the whole of Hispania once again, establishing his capital in Toledo, at the very heart of the Peninsula. In spite of the political changes, the life of the people must have continued in much the same way: a very fragmented territory ruled either by the elites or by the local communities. This continuity was encouraged by the conversion of the Visigoths to Catholic Christianity, early in the reign of Reccared (581-601), Leovigild's son. All over the territory, the bishops took charge of the growing expansion of Christianity, from the towns to the country. The Church and its structures were therefore much more instrumental than the political power in building a common ground for the peninsular populations and territories.

Again, this stability did not last long. Internal strife for power along with tax increase led to popular insurrections. In 100 years – from 612 to 711 – thirteen kings succeeded each other (this being an elective monarchy), a reflection of the level of internal strife and political crisis tearing the kingdom apart. Growing discontent and instability created the conditions for the relatively easy Muslim invasion and conquest of most of Iberia that started in 711.

No nosso território, subsistem pouquíssimos vestígios materiais da presença dos visigodos, fosse pelo pouco tempo que dominaram, fosse pela forma como adotaram as estruturas da cultura romana tardia, um padrão de vida que admiravam e a que deram continuidade, da língua às vestes, da cultura material ao direito, que desenvolveram de forma significativa.

There are very few material vestiges of the Visigothic presence in our territory. This may be due to their short domination or to their adoption of late Roman culture, which they admired and whose way of life they preserved, from the language to the clothes, from the material culture to the law – which they developed considerably.



▲ Pedra decorada, reaproveitada como lintel de porta, na Igreja de Nossa Senhora das Neves de Abiúl (Pombal)
Decorated stone reused as door lintel in Our Lady of the Snows Church, Abiúl
© Rodolfo Feio, ADCMMM



▲ Pedra decorada, reaproveitada como lintel de porta de uma das torres do Castelo de Soure / Decorated stone reused as door lintel on one of the towers of Soure Castle
© Sandra Veloso



Com efeito, para além de um recuo e empobrecimento da vida urbana, a vivência das populações não terá mudado radicalmente. A grande novidade neste período resulta da expansão do cristianismo e da conseqüente construção de igrejas. Que, mais uma vez, quase desapareceram na totalidade, desgastadas pelo tempo e substituídas por outras, no decorrer dos séculos seguintes, de acordo com as “modas” então vigentes. Restam quase tão só alguns fragmentos de pilastras – normalmente decorados por ramos de videira e cachos de uvas, frisos de rosetas, palmetas e cruces – provenientes dos concelhos de **Miranda do Corvo**, de **Coimbra** e de **Condeixa-a-Nova**, mas também de **Soure**, **Montemor-o-Velho**, **Pombal** e **Alvaiázere** e que hoje nos dão apenas uma pálida ideia da riqueza desses templos e das influências artísticas que chegariam de regiões distantes, por exemplo, através de tecidos orientais.

Da mesma época, e notável pela sua raridade, aliás, exemplar único em todo o país, é o vaso descoberto na década de 1960, em **Bobadela**, já aqui referido, certamente utilizado para receber o vinho sagrado no decorrer do serviço litúrgico, como poderá deduzir-se pela inscrição “Santa Igreja de Cristo”.

< Fragmento decorativo, datável dos séculos VIII-IX, ao que tudo indica pertencente a uma iconostasis (cancela que, num templo cristão, separava a zona dos crentes da zona dos clérigos), encontrado nas escavações do Alto do Calvário (Miranda do Corvo)

Decorative fragment (8th-9th centuries). It appears to have been part of an iconostasis (a screen that separated the faithful from the clergy in early Christian churches). It was found during excavations at Alto do Calvário (Miranda do Corvo)

© Marta Simões, ADCMMM

As a matter of fact, beyond urban decline and decay, everyday life does not seem to have changed radically. The most novel feature of the times – a consequence of the growth of Christianity – is the construction of churches. Once again, these churches have almost entirely disappeared, worn down by the years and replaced by others, in the following centuries, according to contemporary “fashions”. Only a few pilaster fragments remain – usually decorated with vine leaves and bunches of grapes, and friezes of rosettes, palmettes and crosses – found in the municipalities of **Miranda do Corvo**, **Coimbra** and **Condeixa-a-Nova**, but also in **Soure**, **Montemor-o-Velho**, **Pombal** and **Alvaiázere**. They give us but a pale notion of the richness of these temples and of the artistic influence of distant lands, possibly copied from eastern fabrics.

The already mentioned vase found in **Bobadela** in the 1960s dates from this period. Remarkable for its rarity – it is, in fact, unique in the country – it must have been used to hold the sacred wine during liturgy, as can be inferred from its inscription “Holy Church of Christ”.

Vaso litúrgico de Bobadela (Museu Nacional de Arqueologia) >
Liturgical vase, Bobadela (National Museum of Archaeology)
© José Paulo Ruas, DGPC/ADF





AQUELES QUE VÊM DE SUL THOSE WHO CAME FROM THE SOUTH

/ Expandindo-se rapidamente a partir da Península Arábica, os muçulmanos atingem a Hispânia, em 711, com um exército liderado por Tārik ibn Ziyād. Desembarcados em Gibraltar, vencem Rodrigo, rei dos visigodos, e ocupam, em apenas três anos, a quase totalidade da Península, a que chamam Al-Andaluz. Nem sempre, todavia, a ocupação foi feita de forma violenta, contando frequentemente com o apoio das próprias comunidades locais, descontentes face à instabilidade política e aos pesados impostos que sobre elas recaíam. Para grande parte da população a chegada do Islão poderá ter sido mesmo libertadora, o que justifica que exércitos tão pouco numerosos (os cerca de 7.000 homens de Tārik e os 18.000 de Muça) tenham conseguido tanto em tão pouco tempo. Terá sido essa a situação verificada na região entre Coimbra e Lisboa, que passa de mãos visigodas para muçulmanas através do estabelecimento de um pacto, celebrado em 714, entre o filho de Muça, Abd-al-Aziz, e Aidulfo, membro da derrotada família real visigótica, com capital em **Conimbriga**.

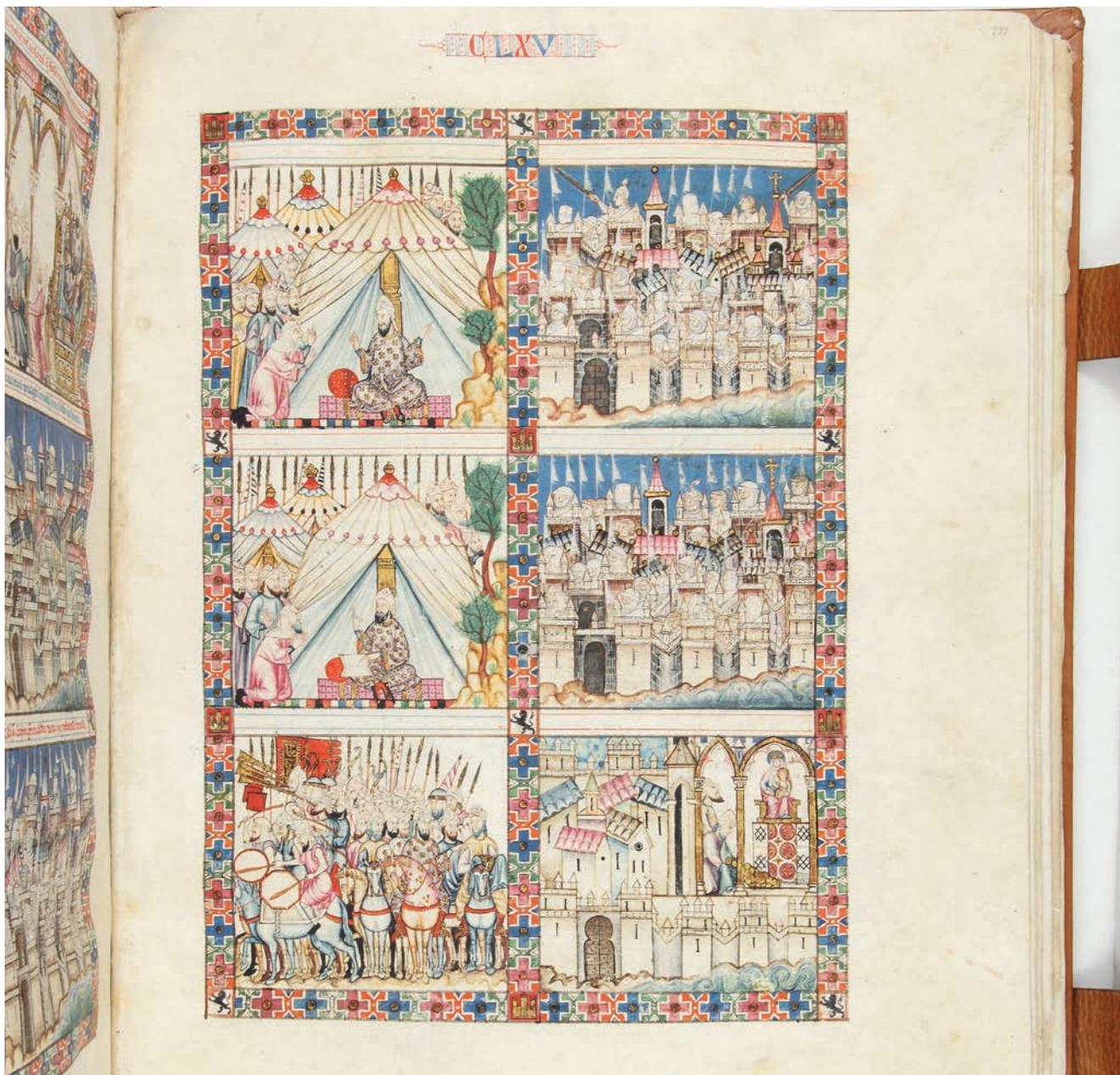
/ From the Arabian Peninsula, the Muslims rapidly expanded into Iberia, where they arrived in 711, under the leadership of Tārik ibn Ziyād. They landed in Gibraltar and defeated Rodrigo, king of the Visigoths. In just three years, they occupied most of Iberia, and named it Al Andalus. The occupation was not always violent, as it frequently counted on the support of local communities, tired of political instability and high taxes. The arrival of the Muslims may indeed have been seen as liberating by some of the people, which could explain how such a small army (Tārik's 7000 men and Musa's 18000) achieved so much in so little time. This is what seems to have happened in the region between Coimbra and Lisbon, which passed from Visigoth rule to the Muslims according to a pact, signed in 714, between Musa's son, Abd-al-Aziz, and Aidulfo, representing the Visigothic royal family, who had their capital in **Conimbriga**.

O processo de islamização no território que é hoje Portugal revela muitas assimetrias. No sul, onde a sua presença se estendeu por cerca de 500 anos, as comunidades absorveram grande parte da cultura e costumes muçulmanos; no norte, pelo contrário, devido ao menor tempo de ocupação, a miscigenação não foi tão intensa.

Na realidade, o domínio político, militar e cultural dependeu muito das estruturas de poder islâmico e dos diferentes momentos que atravessou: ora forte e coeso e com períodos de grande desenvolvimento económico, como se verificou com o califado de 'Abd al-Rahman III (929-961); ora enfraquecido e fragmentado em múltiplas unidades, os chamados reinos taifas, momentos marcados por grande instabilidade e lutas internas. Foi justamente no primeiro destes momentos de divisão do universo peninsular islâmico que os cristãos, aproveitando a conjuntura, lançam uma ofensiva que culmina, em 1085, com a conquista de Toledo, capital do antigo Reino Visigodo. Perante este avanço repentino, os reis das taifas de Sevilha e Badajoz chamam em seu auxílio os Almorávidas, tribo conhecida pelo seu fanatismo religioso, recém-chegada ao norte de África.

The process of Islamization in the territory of modern-day Portugal was not uniform. In the south, where their presence lasted about 500 years, the Muslim culture and customs were more ingrained, while in the north, where the occupation did not last as long, miscegenation was less intense.

Indeed, the political, military and cultural rule depended much on the Islamic power structures at different moments in time: sometimes it was strong and united, with noticeable economic growth, as during the caliphate of 'Abd al-Rahman III (929-961); other times it was weak, fragmented, as seen in the Taifa kingdoms, marred by great instability and internal strife. It was precisely during the first of these periods of internal division that the Christians, seizing the opportunity, launched an offensive that culminated in the conquest of Toledo, capital of the former Visigothic kingdom, in 1085. Faced with this unexpected advance, the kings of the Taifas of Seville and Badajoz appealed to the Almoravids, a recently arrived tribe from northern Africa, known for their religious zeal.



^ Cantiga de Santa María (165), iluminura do códice realizada a mando de Afonso X, o Sábio, Rei de Castela, entre 1252 e 1284
Cantiga de Santa María (165): illuminated page from the codex commissioned by Alfonso X, El Sabio (the Wise), King of Castile from 1252 to 1284
© Patrimonio Nacional. Real Biblioteca del Escorial. Cantigas de Santa María, (T-1-1, fol. 221v-222r)

Com as suas incursões rápidas e violentas, não só conseguem travar o avanço cristão como, em 1094, tomam o poder às taifas, reunificando o domínio islâmico. De um rigor fundamentalista, sustentam um califado forte durante cerca de 100 anos, até à década de 1130, quando os reinos cristãos intensificam as investidas e os fazem recuar progressivamente. Em consequência, o califado desmorona-se, sucedendo-lhe um novo período de taifas, estimulado pelo crescimento de fações radicais.

Este clima de instabilidade é habilmente aproveitado pelos Almóadas que, à semelhança dos Almorávidas, vieram do Norte de África, em auxílio de algumas taifas, acabando por se sobrepor à elite governante e inaugurando um novo califado, ainda mais violento e radical do que o anterior. Também este governo sucumbirá face às dissidências internas, crescentes a partir da década de 1220, inaugurando um terceiro e último período de taifas que dá aos cristãos a derradeira oportunidade de progressão para sul: é então que, para os portugueses, chega ao fim a reconquista, em 1249.

With their speedy and violent attacks, these Muslims succeeded in fighting back Christian advance; and not only that, in 1094 they took the power from the Taifa kingdoms and reestablished a unified Islamic rule. Driven by fundamentalist rigour, this strong caliphate lasted for 100 years, till the 1130s, when the Christian kingdoms intensified their attacks and gradually drove them back. Then the caliphate begins to disintegrate, and is followed by a new period of Taifa kingdoms, under growing radical dissent.

This instability was cleverly used by the Almoads, originally also from Northern Africa. They offered their support to some of the Taifa kingdoms, and eventually overcame the ruling elite, giving rise to a new caliphate, even more violent and radical than the previous one. Once again, the government fell victim to internal dissidence, more evident from the 1220s onwards, and thus a third and final period of Taifa kingdoms begins, one that will afford Christians with their last chance to advance to the south. And thus ends the Portuguese *Reconquista*, in 1249.

De novo, neste território, não são muitos os vestígios materiais que atestem a presença muçulmana. No entanto, é possível apontar algumas marcas fortes dessa permanência, como a criação de uma rede de castelos na orla do Mondego que incluía **Coimbra**, **Montemor-o-Velho**, **Santa Eulália (Figueira da Foz)**, **Pereira (Montemor-o-Velho)**, **Penacova**, **Soure** e, talvez, **Castelo Viegas (Coimbra)**. Do séc. XI, conservam-se no Museu Nacional de Machado de Castro um capitel e dois fragmentos provenientes de **Montemor-o-Velho**, talvez importados de Córdova pelas elites locais, o que indicia uma grande pujança económica. Em **Miranda do Corvo**, no Alto do Calvário, identificou-se um *al-maqabar*, cemitério muçulmano. **Coimbra** é, sem dúvida, o local que regista a marca mais imponente, embora camuflada. Com efeito, no topo da colina, em posição defensiva estratégica e gozando de uma ampla vista sobre todo o território envolvente, os muçulmanos ergueram, em torno do ano 1000, um imenso alcácer (*al-qaçr*), residência fortificada do governador da cidade.

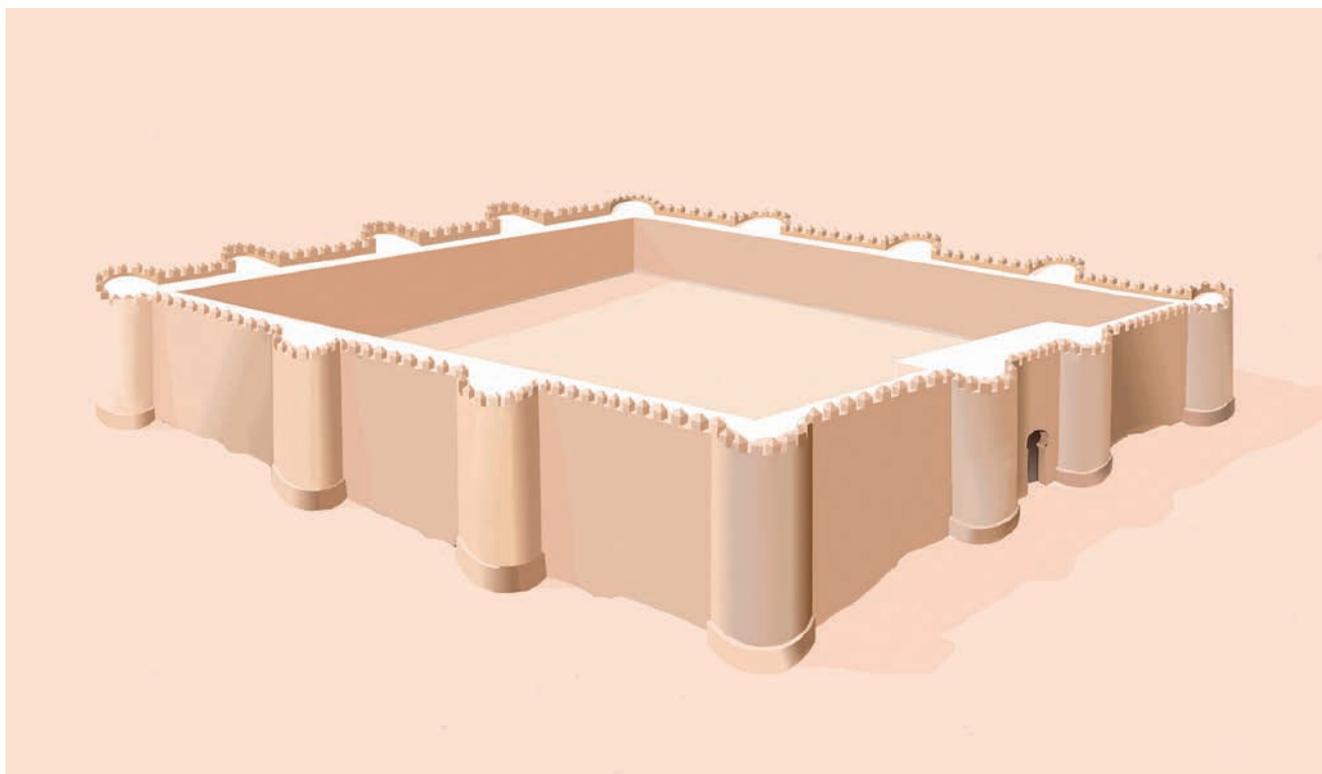
Again, there are few material remains of the Muslim presence. It is, however, possible to point out as strong signs of this presence the network of castles along the Mondego River, which included Coimbra, Montemor-o-Velho, Santa Eulália (Figueira da Foz), Pereira (Montemor-o-Velho), Penacova, Soure, and possibly Castelo Viegas (Coimbra). A capital and two fragments found in Montemor-o-Velho are kept in the Machado de Castro Museum. They may have been imported from Cordova by the local elite, which is indicative of substantial wealth. A Muslim cemetery, or *al maqbara*, was identified in Miranda do Corvo, at the Alto do Calvário. Coimbra has undoubtedly the most imposing, if camouflaged, mark of this period. At the top of the hill, in a strategic defensive location, overlooking the whole of the surrounding country, the Muslims built, about the year 1000, an immense alcázar (*al-qaçr*), the governor's fortified town residence.



Paço das Escolas (Coimbra) 
© ADCMMM

De perímetro quadrangular e altos muros reforçados por torres, o que resta dessa grande estrutura está hoje encoberto no Paço das Escolas, paço régio no decorrer de toda a Idade Média e sede da Universidade desde o século XVI, estrutura que investigações recentes permitiram conhecer com mais detalhe.

It had a quadrangular shape and high walls, reinforced with towers. What remains of this structure – which recent research has made better known – lies under the Paço das Escolas, the medieval royal palace and the University seat since the 16th century.



▲ Paço das Escolas. Reconstituição do alcácer de Coimbra, vista de sudoeste
Paço das Escolas. Reconstruction drawing of the alcázar: a southwestern view.

© António Filipe Pimentel, *A Morada da Sabedoria. I. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade*, 2005, p. 134 (desenho de José Luís Madeira)

Mas se a presença material não é abundante, já o legado que os muçulmanos nos deixaram sob o ponto de vista científico (matemática, filosofia), técnico (por ex. sistemas de rega), artístico (recorde-se a produção de azulejos que marcaria toda a arte portuguesa) e cultural é inestimável.

The Muslim material presence may be scarce, but the same cannot be said of other aspects. Their legacy is invaluable in the scientific (maths, philosophy), technical (for ex. their irrigation system), artistic (tile production, which would become a major field of Portuguese art) and cultural fields.



CONHECER A TERRA: DESCRIVER E DESENHAR KNOWING THE LAND, DESCRIBING AND DRAWING IT

/ Os muçulmanos, herdeiros da cultura clássica, tiveram um papel fundamental no desenvolvimento de várias ciências, entre elas a Geografia, que consideravam duplamente útil: do ponto de vista político, pela forma como permitia administrar os territórios conquistados; no âmbito religioso, por orientar as longas itinerâncias exigidas pelas obrigatórias viagens a Meca.

Esse desenvolvimento fica bem patente no conhecimento que promoveram deste território específico e que aqui destacamos a partir de dois exemplos, um escrito, outro desenhado. O primeiro é uma descrição da madinat Qulunbiryá ou seja, da cidade de **Coimbra**, redigida pelo geógrafo Al-Razi, no século X, destacando aspetos fundamentais à época como as qualidades militares do sítio e a fertilidade dos campos envolventes:

/ As heirs to classical culture, the Muslims played a fundamental role in the development of several sciences, amongst them, Geography, viewed as doubly useful: politically, it facilitated the administration of the conquered territories, and from the point of view of religion, it was a great help to plan the long voyages involved in that the mandatory pilgrimages to Mecca.

This development can be seen in the way they increased their knowledge of this specific region, exemplified here by a written text and a drawing. The first, dated from the 10th century, is a description by the geographer Al-Razi of the madinat Qulunbiryá, that is, the city of **Coimbra**, in which the military advantages of the site and the fertility of the surrounding fields – fundamental aspects in those days – are underlined:

< Capitel islâmico de Montemor-o-Velho, inícios do século XI. Museu Nacional de Machado de Castro, nº611/E362
Capital, Islamic architecture. Montemor-o-Velho, early 11th century. Machado de Castro National Museum, nº611/E362
© José Pessoa, DGPC/ADF

“A cidade de **Coimbra** é muito forte: é um castelo muito excelente. Está situado sobre o Mondego que toma a sua fonte na Serra da Estrela e passa ao pé de vários castelos que dependem de **Coimbra**. [...]. É bela e bem-dotada de bondades: possui na margem do rio uma veiga mui boa para cultura, mesmo sem ser irrigada. Quando o rio sai do seu leito cobre-a por inteiro. Depois quando se retira semeia-se o grão tão bem que os habitantes colhem trigo para todo o ano e para o ano seguinte [...]. A cidade de **Coimbra** tem muitos vergéis de bom rendimento e numerosos olivais que dão um azeite mui bom. **Coimbra** é uma terra muito antiga”.

O segundo exemplo, talvez mais interessante porque mais raro, é o planisfério de Al-Idrisi, um dos mais destacados geógrafos muçulmanos, nascido em Ceuta em 1115, onde se desenha o mundo então conhecido: a Europa, a Ásia e a África, com os seus mares, rios, desertos e cidades. Nele, com o rigor que os conhecimentos e as técnicas da época permitiam, identificou-se **Montmayur** (**Montemor-o-Velho**), cuja fortificação, como refere o autor, defende a desembocadura do rio Mondego.

“The city of **Coimbra** is very strong: it is a most excellent castle. It overlooks the Mondego, which draws its waters from the Estrela Mountain Range and runs along several castles that are subordinate to **Coimbra** (...) It is beautiful and bountiful: there is a very good floodplain by the riverside, even without irrigation. When the river overflows its banks, it completely covers it. Afterwards, when the river recedes, the soil is so ready to receive the grain, that the residents can harvest wheat for the whole year and even for the following year (...). The city of **Coimbra** has many good orchards and numerous olive groves that give very good olive oil. **Coimbra** is a very old place.”

The second example is perhaps more interesting in its rarity: the Al-Idrisi world map, the work of one of the most outstanding Muslim geographers, born in Ceuta in 1115, showing the known world at the time: Europe, Asia and Africa, with their oceans, rivers, deserts and cities. **Montmayur** (**Montemor-o-Velho**) – whose castle, as mentioned by the author, defended the mouth of River Mondego – is recorded on it, with as much technical accuracy as could be expected at the time.



Mapa (orientado a sul) incluído na obra “Nuzhat al-muštāq fi ihtirāq al-āfāq” (O livro de viagens agradáveis para terras distantes), realizada pelo geógrafo árabe Muhammad al-Idrīsī, em 1154, a pedido do rei normando Rogério II da Sicília, razão por que é também conhecida como Tabula Rogeriana. Nesta cópia, de 1929, realizada a partir do exemplar da Bibliothèque Nationale de France, Département des manuscrits, Arabe 2221, 3v-4r, as legendas árabes foram transliteradas para o alfabeto latino pelo geógrafo alemão Konrad Miller

Map (with the south depicted at the top) from the work “Nuzhat al-muštāq fi ihtirāq al-āfāq” (The book of pleasant travels to distant countries) written by the Arab geographer Muhammad al-Idrīsī in 1154, by request of the Norman king Roger II of Sicily – which is why it is also known as Tabula Rogeriana. In this 1929 copy, made from the map kept at the Bibliothèque Nationale de France, Département des manuscrits, Arabe 2221, 3v-4r, the Arabic captions were transliterated into the Latin alphabet by geographer Konrad Miller

© Bibliothèque Nationale de France, Département des manuscrits, Arabe 2221, 3v-4r

No pormenor à direita destaca-se a Península Ibérica, > os rios que a percorrem e o nosso território

In detail, to the right, is the Iberian Peninsula, its rivers and our territory



PALAVRAS HERDADAS / INHERITED WORDS

/ São inúmeros os termos que, na nossa língua, denunciam a influência árabe. Para além da toponímia (Almalaguês, Alvorge, Alvaiázere ou Alcabideque), de expressões (como *salamaleque*, que usamos como sinónimo de cumprimento exagerado e que decorre da expressão árabe *salam'alaik*, “que a paz esteja convosco”) ou de interjeições (como, por exemplo, *oxalá*, de *In sha Allah*, “queira Deus”), a cultura urbana conserva vários termos respeitantes a espaços, instrumentos, técnicas, pesos e medidas, condimentos, alimentos ou profissões.

/ There are countless words of Arabic influence in Portuguese. Beyond toponyms (such as Almalaguês, Alvorge, Alvaiázere ou Alcabideque), or words like *salamaleque* (used to express an exaggerated greeting and derived from the Arabic *salam'alaik*, “peace be upon you”) or interjections (such as *oxalá*, derived from *In sha Allah*, “God willing”), urban culture retains many words related to spaces, instruments, techniques, weights and measures, spices, foodstuffs or professions.

Vale a pena
relembrar
alguns
exemplos:



The
following
are a few
examples:

[açafraão](#) > saffron

[acepipe](#) > appetiser; delicacy

[acéquia](#) > watercourse

[açorda](#) > typical Portuguese dish
made with bread

[açougue](#) > butcher

[açúcar](#) > sugar

[açucena](#) > Madonna lily

[açude](#) > dam

[alcachofra](#) > artichoke

[alcáçova](#) > Moorish fortification

[alcaide](#) > commander, governor

[alcatruz](#) > the bucket from a noria

[aldraba](#) > door knocker

[alecrim](#) > rosemary

[alface](#) > lettuce

[alfândega](#) > customs

[alfazema](#) > lavender

[alferes](#) > second-lieutenant

[algodão](#) > cotton

[alicerce](#) > foundation

[almedina](#) > central/old part of a town

[almocreve](#) > muleteer

[almôndega](#) > meat ball

[almotolia](#) > oil-can

[almude](#) > measure for liquids

[almuinha](#) > small backyard
vegetable garden

[alqueire](#) > a measure for dry goods

[argola](#) > ring

[armazém](#) > warehouse

[arrabalde](#) > environs, outskirts

[arrátel](#) > a unit of weight

[arroba](#) > unit of weight, mass or volume

[atum](#) > tuna

[azeite](#) > olive oil

[azémola](#) > pack-horse, beast of burden

[azenha](#) > watermill

[azinhaga](#) > footpath

[chafariz](#) > fountain

[fateixa](#) > grapnel

[laranja](#) > orange

[limão](#) > lemon

[nora](#) > noria

[quintal](#) > yard

[xávega](#) > a traditional kind of fishing



O VAIVÉM DE EXÉRCITOS: O LONGO PROCESSO DA RECONQUISTA

ARMIES COMING AND GOING: THE LONG PROCESS OF THE RECONQUISTA

/ A reconquista, entendida como movimento de retoma das terras perdidas para os muçulmanos, tinha por objetivo restaurar o reino Visigodo de que os cristãos refugiados nas Astúrias se consideravam herdeiros. A Batalha de Covadonga, em 722, marca o ponto de partida desta longa guerra, feita de inúmeros avanços e recuos. No que diz respeito ao reino de Portugal, terminará em 1249, com a conquista do Algarve; no âmbito peninsular, todavia, só chegará ao fim com a tomada de Granada, em 1492, ou seja, 770 anos depois de Covadonga.

O avanço do reino das Astúrias em direção a sul fez-se progressivamente. No reinado de Afonso III [866-910] foi rápido e bem sucedido: em 868, os cristãos conquistaram o Porto, atingindo a linha do Douro; e em 878, sob o comando do conde Hermenegildo Guterres, tomaram **Coimbra** e chegaram ao Mondego. Segundo a *Cronica Gothorum*, a cidade foi esvaziada de inimigos e repovoada com galegos.

/ The purpose of the *Reconquista*, taken as the process of reacquisition of the territories lost to the Muslims, was the restoration of the Visigothic kingdom of which the Christians who had taken refuge in the Asturian Mountains saw themselves as heirs. The Battle of Covadonga, in 722, marks the beginning of this long war, made of countless advances and setbacks. As far as the Kingdom of Portugal is concerned, this war ended in 1249, with the conquest of the Algarve; but on the peninsular level, the end would only come with the conquest of Granada in 1492, 770 years after Covadonga.

The Kingdom of Asturias extended gradually to the south. The reign of Afonso III (866-910), witnessed a swift military advance: in 868, the Christians conquered Porto and reached the River Douro; and in 878, under the command of count Hermenegildo Guterres, they conquered Coimbra and reached as far as the River Mondego. According to the *Cronica Gothorum*, the city was emptied of enemies and repopulated with Galicians.

À medida que o processo da reconquista se desenrolava, o reino das Astúrias fragmentou-se dando lugar aos reinos de Leão, Castela, Navarra, Aragão e ao condado da Catalunha. Manteve-se, no entanto, o mesmo propósito: avançar e conquistar as terras a sul.

Do lado oposto, os muçulmanos, sob o comando do terrível al-Mansur, lançaram várias campanhas militares em sentido contrário: em 987 recuperaram **Coimbra** e, poucos anos depois, atingiram Santiago de Compostela, destruindo e saqueando um dos mais importantes centros espirituais de toda a Cristandade. Simbolicamente, os sinos da catedral foram levados como troféu, para Córdova.

Em meados do séc. XI, Fernando Magno [1016-1065], rei de Leão, inicia uma vasta operação militar com o objetivo de recuperar toda a região. Avançando pelas Beiras, toma Seia (1055), Lamego (1057) e Viseu (1058). Em 1064, lança cerco a **Coimbra** que conquista finalmente, em julho, ao fim de seis longos meses. A partir de então e por quase um século, até à reconquista de Lisboa em 1147, o vale do Mondego marcaria a linha de fronteira entre o norte cristão e o sul islâmico.

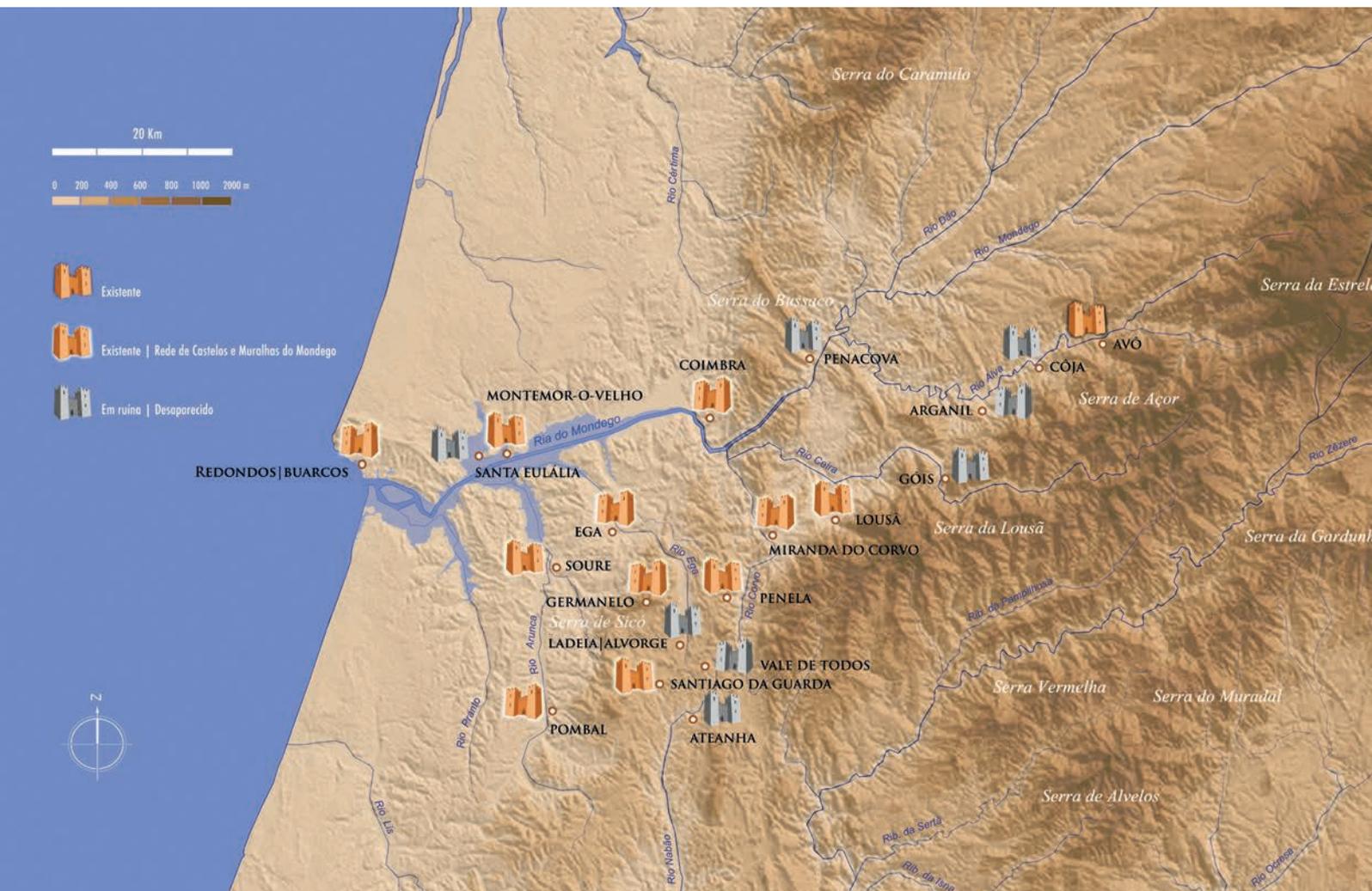
O monarca escolhe Sesnando Davides [?-1091], que com ele participara no cerco, para o governo da cidade e condado, atribuindo-lhe plenos poderes para repovoar, administrar e defender.

As the *Reconquista* advanced, the kingdom of Asturias was divided into the kingdoms of León, Castile, Navarre, Aragón and the county of Catalonia, but their aim remained the same: to advance and conquer the territories to the south.

On the opposite side, the Muslims, under the leadership of the redoubtable al-Mansur, launched several military campaigns to reconquer some of those lands: in 987 they recovered Coimbra and a few years later, they destroyed and sacked Santiago de Compostela, one of the most important spiritual centres of all Christendom. They took the cathedral bells to Cordova as a symbol of their conquest.

By the middle of the 11th century, the king of León, Fernando Magno (1016-1065), launches a vast military operation with the purpose of recovering the whole region. He advances through the Beira region, and conquers Seia (1055), Lamego (1057) and Viseu (1058). In July 1064, after a six-month long siege, he conquers **Coimbra**. From this date until the conquest of Lisbon in 1147, the Mondego Valley marks the frontier between the Christian north and the Islamic south.

To rule the city and the county, the king chose one of the men who had taken part in the siege, Sesnando Davides (?-1091), giving him full powers to repopulate, administrate and defend them.



Mapa de estruturas militares em uso no período da Reconquista Cristã
 Map of the military fortifications used during the Christian Reconquista
 © José Luís Madeira, ADCMMM | Adaptado de/ Adapted from Alarcão, J. (2004)



ANNO DOMINI MILLESIMO CCCC LXXIIII
MENSIS APRILIS DIE VIGINTI
PRIMO OBIIIT HIC
MAGISTER PETRUS DE
SANTO ANTONIO
CIVIS ET SACERDOS
DE VILLANOVA
CIVITATIS
SANTO ANTONII
CIVITATIS
SANTO ANTONII



O conde, que se pensa ser original de **Tentúgal (Montemor-o-Velho)**, havia sido capturado ainda jovem, no decorrer de uma investida muçulmana, sendo educado na corte de Abbad II al-Mutadid [?-1069], rei da taifa de Sevilha, onde chegou a desempenhar cargos de relevo como o de alvazil, entre 1040 e 1050. Embora se desconheçam as razões que o levaram a abandonar o sul islâmico e a oferecer os seus serviços a Fernando Magno, o certo é que o conhecimento profundo que tinha do inimigo fazia dele o homem certo para governar uma região de fronteira tão vasta quanto esta, delimitada a norte pelo rio Douro e a sul pela fronteira com os muçulmanos, a leste por Viseu e Lamego, a oeste pelo mar.

The count, believed to be from Tentúgal (Montemor-o-Velho), had been captured by the Muslims as a youth and brought up in the court of Abbad II al-Mutadid [?-1069], king of the Seville Taifa, where he had held senior positions: between 1040 and 1050, for example, he was named governor (“alvazil”). The reasons that led him to leave the Islamic south and to offer his services to Fernando Magno are unknown, but his profound knowledge of the enemy certainly made him the right man for the job, in a frontier region as large as this was, bordered on the north by the Douro, on the south by the frontier with the Muslims, to the east by Viseu and to the west by the ocean.

< Túmulo de D. Seshando, Claustro da Sé Velha (Coimbra)
Seshando Davides' tomb, Cloister of Sé Velha (Old Cathedral)
© António Luís Campos, ADCMMM

Ao mesmo tempo que incitava ao povoamento, entregando inúmeros espaços incultos e despovoados a religiosos e leigos (atraindo, por exemplo, cristãos originários dos territórios a sul, sob domínio islâmico), mandou construir ou reerguer castelos, torres e atalaias, escolhendo implantações estratégicas ao longo do curso dos rios, vias naturais de circulação. Nas margens do Mondego surgem em **Redondos e Santa Eulália (Figueira da Foz), Montemor-o-Velho e Penacova**. Seguindo o rio Alva até à vertente ocidental da serra da Estrela, acham-se as de **Arganil, Côja (Arganil), Avô (Oliveira do Hospital)**, São Romão e Seia. Protegendo o território a sul de **Coimbra**, vigiando e bloqueando os acessos à cidade, estas estruturas eram auxiliadas pelas de **Soure, Penela, Ateanha (Ansião), Vale de Todos (Ansião), Ladeia (Alvorge - Ansião), Miranda do Corvo, Lousã e Góis**.

Pouco depois da morte de D. Sesnando, em 1091, Afonso VI, imperador da Hispânia, integrou o território de **Coimbra** no Condado Portucalense, entregando-o a dois cavaleiros da Borgonha, D. Raimundo [1070-1107] e D. Henrique [1066-1112]. A presença destes guerreiros francos e a forma como, ao serviço dos reis cristãos, constituíram um poderoso auxílio na conquista e manutenção

To repopulate these lands, Sesnando granted countless uncultivated and depopulated fields both to religious orders and to laymen (he attracted Christians who lived in the south, under Islamic rule), and he built or rebuilt castles, towers and watchtowers, strategically located along the river courses – the natural circulation routes. On the banks of the Mondego they were built in Redondos and Santa Eulália (Figueira da Foz), Montemor-o-Velho and Penacova. Those of Arganil, Côja (Arganil), Avô (Oliveira do Hospital), São Romão and Seia follow the River Alva to the western slopes of the Estrela Mountain Range. To protect the territory south of Coimbra, watching and blocking access to the town, other such structures were built in Soure, Penela, Ateanha (Ansião), Vale de Todos (Ansião), Ladeia (Alvorge - Ansião), Miranda do Corvo, Lousã and Góis.

Soon after Sesnando's death, in 1091, Alfonso VI, emperor of Hispania, incorporated the territory of Coimbra in the Condado Portucalense (County of Portugal), and granted it to two knights: Raymond of Burgundy (1070-1107) and Henry of Burgundy (1066-1112). The presence of these two Frankish knights, actively engaged in the conquest and defence of the territory in the service of the

do território, não é difícil de explicar. A sua vinda integra-se nas chamadas cruzadas francesas, ainda anteriores às cruzadas na Terra Santa. Com efeito, ao longo do século XI, a guerra contra o “infidel” na Península Ibérica atraiu inúmeros cavaleiros pertencentes às grandes casas senhoriais da Borgonha, da Normandia ou da Aquitânia, maioritariamente filhos segundos que, ao mesmo tempo que procuravam honra e fortuna, respondiam ao apelo lançado pelo papa Gregório VII no sentido de resgatarem a “Hispania que antigamente pertencera de direito a S. Pedro”. Terá sido na grande expedição de 1086 que chegaram os dois jovens que tanta importância teriam nos destinos da Península.

Ambos casaram com filhas do imperador, Raimundo com D. Urraca, filha legítima, Henrique com D. Teresa, filha natural. Inicialmente, foi ao primeiro que o imperador entregou o governo do Reino da Galiza, onde se incluía o Condado Portucalense, cuja fronteira se estendia até ao Tejo. Mas a sua incapacidade em fazer frente aos muçulmanos levou Afonso VI a alterar a sua decisão e, em 1096, a confiar o condado a D. Henrique.

Christian kings, is easily explained: they were taking part in the so-called French crusades, which precede the Holy Land crusades. In fact, throughout the 11th century, the war against the “infidel” in Iberia attracted many knights of the noble families of Burgundy, Normandy and Aquitaine. They were mostly second sons, in search of fame and fortune, who responded to Pope Gregory VII’s call to rescue the “Hispania that had formerly and rightfully belonged to St. Peter”. These two young men, who came to play such an important role in the destiny of Iberia, are believed to have arrived in the great expedition of 1086.

They both married daughters of the emperor. Raymond married the emperor’s legitimate daughter, Urraca, and Henry married Teresa, Alfonso’s natural daughter. The emperor entrusted the government of the Kingdom of Galicia – which included the County of Portugal, extending as far as the River Tejo – to Raymond. However, his failure in fighting back the Muslims led Alfonso to change his mind and grant the County to Henry.



Como condes de Portucale, D. Henrique e D. Teresa, cuja corte teria em Viseu e **Coimbra** importantes polos de governação, dariam continuidade à política de reorganização, alargamento e povoamento do território, outorgando cartas de foral nesta região a **Tentúgal (Montemor-o-Velho)** (1108), **Coimbra** (1111) e **Soure** (1111), fazendo doações de terras e castelos a nobres, ordens militares e instituições religiosas que os secundassem nessa pesada tarefa. A Fernão Peres de Trava, influente nobre galego que D. Teresa, já viúva, nomeia tenente de Coimbra e com quem mantém uma relação de grande proximidade, doa **Ázere (Tâbua)**, **Santa Eulália (Figueira da Foz)**, **Soure**, **Côja (Arganil)** e **Quiaios (Figueira da Foz)**, todos eles situados em pontos-chave na defesa do território.

Entre 1113 e 1117, um outro nobre, Anaia Vestrariz, torna-se senhor dos castelos de **Góis** e **Bordeiro (Góis)**; pouco depois, em 1119, a Sé de **Coimbra** recebe a vila de **Lourosa (Oliveira do Hospital)** e, em 1122, o castelo de **Côja (Arganil)**. Consoante os sucessos e desastres militares ou as vicissitudes políticas, muitos destes bens mudavam de mãos: voltam à posse dos condes para, de novo, serem objeto de doação. É assim que, em 1128, D. Teresa reconsidera e entrega a vila e castelo de **Soure** aos monges-guerreiros da Ordem do Templo.

Conde D. Henrique, iluminura do Tumbo 'A' de Santiago ^

Album de los Reyes, 1129-1255, fol. 39r, CF 34

(Archivo de la Catedral de Santiago de Compostela)

Count Henry. Illuminated manuscript from Tumbo 'A' de Santiago /

Album de los Reyes, 1129-1255, fol. 39r, CF 34

(Archivo de la Catedral de Santiago de Compostela)

© Cabildo de la Catedral de Santiago de Compostela - Direitos reservados

As ruling counts of Portucale, Henry and Teresa held court in Viseu and Coimbra, both important centres of government. They continued the policy of reorganization, enlargement and settlement of the territory, granting charters (*cartas de foral*) to Tentúgal (Montemor-o-Velho) (1108), Coimbra (1111) and Soure (1111), and granting lands and castles to nobility, military orders and religious institutions in order to get their support in this laborious task. After she was widowed, Teresa appointed Fernão Peres de Trava, an influential Galecian nobleman with whom she kept a close relationship, governor of Coimbra, and granted him Ázere (Tábua), Santa Eulália (Figueira da Foz), Soure, Côja (Arganil) and Quiaios (Figueira da Foz) – all of which were strategically situated for the defence of the territory.

Between 1113 and 1117, another nobleman, Anaia Vestrariz, becomes lord of Góis and Bordeiro (Góis); soon after, in 1119, the See of Coimbra receives the small town of Lourosa (Oliveira do Hospital), and in 1122, the castle of Côja (Arganil). Military success or failure and political vicissitudes could determine a change of hands of any these assets – returned to the counts and redistributed. Thus, in 1128, Teresa changes her mind and gives back the small town and castle of Soure to the warrior-monks of the Order of the Templars.



▲ Condessa D. Teresa (ao centro), iluminura do Manuscrito do Mosteiro dos Santos Xusto e Pastor de Toxosoutos, séc. XIII (pormenor)
Countess Teresa (centre). Miniature from the Illuminated Manuscript of the Mosteiro dos Santos Xusto e Pastor de Toxosoutos, 13th century (detail)
© Tumbo del monasterio de los Santos Justo y Pastor de Toxos Outos.
Archivo Histórico Nacional, CODICES.L1002, imagen nº 20.

Apesar de todos estes esforços de organização não se pense que o território estava seguro. No verão de 1116, uma violenta investida almorávida comandada pelo próprio emir de Marrocos, Ali b. Yusuf, arrasa **Santa Eulália (Figueira da Foz)**, junto a **Montemor-o-Velho**, obrigando os habitantes de **Soure** a fugir para Coimbra, não sem antes incendiarem os seus próprios bens, e destrói **Miranda do Corvo**, cujo castelo e igreja teriam de ser reconstruídos. **Coimbra**, o alvo principal do exército islâmico, resiste a um cerco de três semanas, certamente graças à sua robusta muralha. Mas o perigo manter-se-ia: logo no verão seguinte, o mesmo Ali b. Yusuf voltaria a investir sobre a cidade que, na realidade, permaneceria sob ameaça constante até à década de 1130.

A instabilidade, todavia, era também interna. É bem conhecida a desavença entre D. Teresa e o seu filho Afonso Henriques [1109-1185], sobretudo decorrente da crescente influência dos nobres galegos no governo do condado. Em 1128, o confronto na Batalha de S. Mamede dá a vitória a D. Afonso Henriques, a quem, doravante, cabe o governo do território.

In spite of all these efforts, the territory was not secured. In the summer of 1116, the Almoravids, under the command of Ali b. Yusuf, the emir of Morocco himself, launch a violent attack on **Santa Eulália (Figueira da Foz)**, near **Montemor-o-Velho** – forcing the people of **Soure** to find refuge in **Coimbra**, but only after setting fire to their own property – and destroy **Miranda do Corvo**, whose castle and church would later be rebuilt. **Coimbra**, the main target of the Islamic army, resisted a three-week siege, probably thanks to its robust city walls. But the danger did not disappear. In the following summer, the same Ali b. Yusuf charged again on the town, which would in fact remain under threat until the 1130s.

In addition, there was internal instability. The well known disagreement between Teresa and her son Afonso Henriques (1109-1185) was mostly due to the growing influence of Galician nobles in the government of the county. In 1128, Afonso Henriques' victory in the Battle of S. Mamede results in his assumption of power.



AS GENTES QUE FICAM, OS SENHORES QUE PASSAM THE PEOPLE STAY, THE LORDS PASS BY

/ Nestes complexos processos de conquista e reconquista, avanços e recuos, derrotas e vitórias, nem tudo mudava para quem, de facto, vivia no território, a população propriamente dita. Cristãos, muçulmanos, moçárabes (cristãos sob domínio islâmico, na nossa região a parcela maioritária), mudéjares (muçulmanos sob poder cristão), muladis (autóctones convertidos ao islamismo) ou judeus, assistiam a um vaivém de exércitos e à passagem rápida de grupos de predadores. Ora abandonavam as suas casas e terras fugindo dos seus ataques, ora engrossavam temporariamente as suas hostes, defendendo os seus pertences. Passado o perigo voltavam e reconstruíam, uma e outra vez, as suas comunidades. A documentação escrita refere, por vezes com algum exagero, terras “esvaziadas”, zonas de “vasta solidão”, abandonos de vários anos, populações que preferem incendiar os seus bens a deixá-los cair em mãos do inimigo, como vimos acontecer em **Soure**.

/ In these complex times of conquest and *reconquista*, advance and retreat, victories and defeats, it wasn't all change for those who actually lived on these lands, the inhabitants themselves. Christians, Muslims, Mozarabs (the Christians who lived under Islamic rule, the majority in this region), Mudejars (the Muslims who lived under Christian rule), Muladis (Muslims of local descent) or Jews – they all lived with a constant movement of armies and of groups of predators. Sometimes they left their houses and lands, trying to escape these attacks, other times they temporarily joined the troops, to defend their belongings. Once the danger was over, they went back, trying to reconstruct their communities. Written sources register, at times with some exaggeration, “emptied” lands, areas of “vast solitude”, settlements abandoned for several years, or people who would rather burn down their houses than let them fall into enemy hands, as referred above about **Soure**.



Por outro lado, é preciso recordar como as terras de fronteira atraíam desenraizados, marginais ou simples aventureiros, gentes que, nos despojos e oportunidades da guerra, procuravam uma vida melhor. Por isso, também, à insegurança juntava-se um clima de instabilidade e conflitos.

E, todavia, ao mesmo tempo que os senhores disputavam protagonismos políticos e militares, todas as fontes – escritas, arqueológicas e materiais – deixam entrever, ao nível das populações e do quotidiano, um mundo de sinais contrários, feito de permeabilidades e convivências, de trocas intensas de saberes, técnicas e culturas. Nem sempre, com efeito, o clima foi de tensão e guerra. Houve momentos em que a coexistência foi pacífica. Quando mesquitas e igrejas se erguiam próximas e os diferentes credos coexistiam. Quando, diariamente, nos mercados, conviviam gentes das diferentes comunidades. Com condições, claro: o pagamento de um imposto, alguma discricção no culto e nos templos, o respeito devido a quem dominava. Foi assim de um lado e do outro, consoante os sucessos da guerra, sobretudo até finais do século XI. A partir de então os campos extremam-se e a convivência torna-se mais difícil.

On the other hand, it must be pointed out that frontier lands attracted uprooted people, outlaws or just adventurers, people who saw the opportunity of a better life in the midst of the spoils of war. A climate of instability and conflict bred even more insecurity.

And yet, along the inter-lordly disputes for military or political protagonism, all the sources – written, archaeological and material sources – seem to indicate a quotidian life made of coexistence and interchange, ordinary lives that shared and exchanged knowledge, techniques and cultures. It wasn't always war and tension. There were moments of pacific coexistence; when mosques and churches rose near one another and different creeds coexisted; when people of different communities met daily at the market. There were conditions, obviously: the payment of a tax, a measure of discretion in the worship and in the temples, a display of respect for those who ruled. This happened on both sides, depending on the events of the war, especially until the end of the 11th century. From then onwards, the fields were radicalized and coexistence became more difficult.

MARCOS DE PEDRA: SINAIS DOS TEMPOS / STONES THAT BEAR MARKS OF THE TIMES

/ Como temos vindo a perceber, os avanços e recuos deixaram sinais no território. Estruturas que se erguiam, destruíam, recuperavam. Sobretudo as de carácter defensivo e religioso constituíam grandes marcos de pedra, visíveis e duradouros.

Castelos e templos, não só assinalavam orgulhosamente a conquista do território como constituíam peças fundamentais de apoio ao povoamento. Se os primeiros defendiam corpos e bens, era às igrejas, por pequenas e modestas que fossem, que competia proteger as almas e assegurar o apoio espiritual das populações, fosse no quotidiano, fosse em momentos cruciais da vida de qualquer cristão, sobretudo na morte.

/ As we have seen, the constant movement of people and armies left marks in the territory. Buildings of different types arose, later destroyed and rebuilt, but religious and defensive buildings were the most visible and enduring milestones of these times.

More than proud symbols of conquest, castles and temples were essential elements in the settlement process. Castles defended lives and property, but churches, however modest in size, were meant to protect souls and provide spiritual comfort to the population, not only on a daily basis, but also in the crucial stages of the life of a Christian, especially in death.





Igreja de São Pedro da Lourosa
(Oliveira do Hospital)
St. Peter's Church, Lourosa
(Oliveira do Hospital)

Entre as que se preservam, a de São Pedro de **Lourosa (Oliveira do Hospital)** ocupa um lugar de destaque, enquanto testemunho do avanço do reino das Astúrias para sul, no decorrer dos séculos IX e X. De pequena dimensão, mas com uma técnica apurada, apresenta três naves separadas por arcos em ferradura, típicos deste período. Na sua construção, como era, aliás, comum, reaproveitou-se muito material romano, algum proveniente da vizinha cidade romana de **Bobadela**.

Terá sido esse o caso do pé de altar original, infelizmente já desaparecido, mas que se conhece por um desenho feito na altura do restauro: reutilizando uma ara romana, esculpiu-se, na sua face principal, uma cruz tipicamente asturiana, com quatro braços praticamente iguais, símbolo explícito da progressão militar e espiritual daquele reino cristão.

Apesar do ano de 912 estar inscrito numa lápide colocada sobre a porta principal, alguns autores admitem que esta data possa corresponder a uma reconstrução e não aos trabalhos iniciais. Estudos mais recentes, consideram duas campanhas construtivas, uma do reinado de Afonso II (791-842), outra do de Afonso III das Astúrias (866-910).

Among those still standing, the church of São Pedro de **Lourosa (Oliveira do Hospital)** is worth special mention, as a symbol of the advance of the kingdom of Asturias to the south, in the 9th and 10th centuries. Small, but displaying great technical skill, it has three aisles separated by the typical horseshoe arches of the period. Much of its building material was originally Roman – a common practice in those days – some of which from the neighbouring Roman town of **Bobadela**.

This seems to have been the case of the columns that originally supported the altar, unfortunately gone, but known from a drawing made at the time of its restoration: a Roman altar stone, on which a typically Asturian four-arm cross (its arms of practically the same size) was carved, an explicit sign of the military and spiritual advance of that Christian kingdom.

The date inscribed over the main entrance is 912, but some authors admit that this may be the date of the reconstruction, not of the initial work. Recent studies suggest that there were two building campaigns, the first during the reign of Afonso II (791-842), and the second during the reign of Afonso III of Asturias (866-910). Throughout the Middle Ages there were other interventions, the first and rather substantial one, in which most

A estas campanhas somaram-se várias outras ao longo da Idade Média, a primeira em torno de 1188, obra de vulto que afetou quase todo o edifício. Certo é que o aspeto atual da igreja resulta dos profundos restauros realizados na década de 1930, intervenção controversa que envolveu numerosos especialistas e diversas propostas de reconstrução. Numa tentativa de recuperar aquela que se entendia ser a imagem original retiraram-se muitos dos elementos decorativos considerados como acrescentos posteriores e partes significativas do edifício foram inteiramente refeitas.

Independentemente de todo o processo, ninguém, hoje, põe em causa a importância e o valor patrimonial deste templo, exemplar raríssimo da arquitetura religiosa da época.

O mesmo, porém, não acontece com outros marcos de pedra que, apesar do seu pouco impacto visual e falta de complexidade formal, dizem tanto acerca deste período. Não dos poderosos, reis e bispos, mas dos simples povoadores, das comunidades anónimas: referimo-nos às sepulturas escavadas na rocha e à forma como atestam um povoamento relativamente intenso, contrariando a ideia de que as terras de fronteira, perigosas e violentas, seriam despovoadas.

of the building was redone, around 1188. But it is perfectly clear that the present building is the result of a profound restoration process that took place in the 1930s, a controversial intervention involving many specialists and several proposals. With the purpose of recovering what was believed to have been the church's original design, many of the decorative elements viewed as later additions were removed, and significant parts of the building were entirely rebuilt.

Regardless of the restoration process, nowadays no one questions the importance and heritage value of this temple, an extremely rare example of religious architecture of this period.

The same cannot be said of other stone markers which, in spite of their reduced visual impact and lack of formal complexity, reveal so much about their time. Not about the powerful, the kings and the bishops, but about the simple people, the anonymous communities: the graves carved into the rock reveal a considerable population density, contradicting the notion that borderlands, riddled with violence and danger, were depopulated.



▲ Necrópole e Lagares do Gorgulão (Oliveira do Hospital) / Rock cut graves and wine presses, Gorgulão
© Rodolfo Feio, ADCMMM

São sempre difíceis de datar pois não foram exclusivas de um só credo religioso e o seu uso prolongou-se desde o fim do Império Romano até à Idade Média. Encontramo-las nos povoamentos rurais familiares (os chamados casais) ou junto de igrejas e ermidas. Mais ou menos concentradas, só nos concelhos de **Tábua** e de **Oliveira do Hospital** estão identificadas cerca de cinquenta. Em **Miranda do Corvo**, a campanha arqueológica levada a cabo no Alto do Calvário, em 2011, permitiu identificar, estudar e valorizar os vestígios da necrópole escavada na rocha a ele associada, incluindo, pelo menos, 17 sepulturas antropomórficas.

They are not easily dated, because they were in use since the end of the Roman Empire, throughout the medieval period, and were not exclusively used by a single creed. They can be found in small familiar rural settlements (known as “casais”), or close to churches and isolated chapels. More or less concentrated, there are, in the municipalities of Tábua and Oliveira do Hospital alone, around fifty graves. In Miranda do Corvo, the 2011 archaeological survey in Alto do Calvário identified, studied and preserved the remains of the rock-carved burial site associated to that settlement, including at least 17 anthropomorphic graves.



Necrópole da Quinta das Hortas (Tábua) / Rock cut graves, Quinta das Hortas [^](#)
© Luís Ferreira, Município de Tábua



Nas proximidades destas sepulturas, surge, por vezes, um outro tipo de estrutura, igualmente rasgada na rocha, mas com uma finalidade muito distinta: trata-se das lagaretas ou pequenos lagares, para produção de vinho ou azeite, que vimos já para a época romana e cujo uso igualmente se prolongou no tempo longo. Para além das que se encontram no concelho de **Oliveira do Hospital** podem ver-se, embora em menor número, nos de **Tábua, Coimbra, Penela e Ansião**.

Umás e outras, quase desconhecidas e, salvo raras exceções, abandonadas à sua sorte quando não mesmo vandalizadas, são fontes fundamentais para o conhecimento do passado dos homens e mulheres que aí viveram, revelando rituais e vivências da gente comum.

Another kind of rock-cut structure can sometimes be found near these graves, with a very different purpose: the small oil or wine presses (*lagaretas*), in continued use since Roman times. They can be found in the municipality of **Oliveira do Hospital**, and in smaller numbers, in the municipalities of **Tábua, Coimbra, Penela and Ansião**.

Little known, and with rare exceptions, abandoned or even vandalized, they are fundamental sources to improve our knowledge of the men and women who inhabited these lands, revealing the rituals and the experiences of the common people.



© ADCMMM





PARTE IV

UM TERRITÓRIO NO CORAÇÃO DO REINO

A TERRITORY IN THE HEART OF THE KINGDOM



CONQUISTAR, DEFENDER E POVOAR TO CONQUER, TO DEFEND, TO POPULATE

/ Com D. Afonso Henriques, primeiro como infante, depois de 1143 como rei, a reconquista e o alargamento do território ganharam um novo fôlego. Um sucesso para que contribuíram diversos fatores, como a deslocação da corte de Guimarães para Coimbra, em 1130, cuja proximidade às linhas inimigas permitiu ao monarca uma maior e mais intensa atividade guerreira, o apoio de um séquito fiel, constituído por cavaleiros vilãos e nobres de categoria inferior, e, não menos importante, o fracionamento do califado almorávida em reinos taifas, a partir de 1144.

/ The *Reconquista* and consequent expansion of the territory gained further impetus with Afonso Henriques, first as prince, and then, from 1143, as king. This was also partly due to other circumstances: the move of the court from Guimarães to Coimbra, in 1130, was an important factor, because this town's proximity to the enemy lines allowed a more intense war campaign; the king could also count on the support of a faithful entourage of "knight-villeins" (plebeian knights) and nobles of lesser rank. No less important was the fact that the Almoravid caliphate began to disintegrate into Taifa kingdoms from 1144.

A atuação do monarca no território teve como primeira preocupação a segurança da própria cidade e a consolidação da fronteira no Mondego, razão pela qual

“vendo que os habitantes de Coimbra viviam no meio de temor e tremor [...] por causa das frequentes incursões e depredações que os sarracenos aí faziam constantemente, [considerou] necessário construir um castelo no centro daquela terra, para garantir a segurança e defesa dos camponeses cristãos e detrimento dos ladrões sarracenos que até ali chegavam, e pôs ali cavaleiros para os guardarem e para segurança e defesa dos cristãos”.

(Sobre o castelo do **Germanelo**) Annales D. Alfonsi, E.1180 (ed. M. Blocker-Walter, 1966, p. 155)

The king’s first concern was the town’s safety and the consolidation of the Mondego frontier, and thus

“aware that the people of Coimbra lived in constant fear (...) because of the frequent attacks and violence from Saracens [he deemed it] necessary to build a castle in the centre of that town, in order to ensure the safety and defence of Christian peasants and fend off the Saracen thieves whenever they attacked, and for this purpose he established knights to guard and protect the Christians”.

(Sobre o castelo do **Germanelo**) Annales D. Alfonsi, E.1180 (ed. M. Blocker-Walter, 1966, p. 155)

Esta região da Ladeia, onde se ergueu o castelo do **Germanelo (Penela)**, detinha um valor estratégico fundamental, uma vez que por esse grande vale - delimitado a oeste pelas serras do Rabaçal e de Sicó, a este pelo Monte de Vez, a norte pela serra de Janeanes, prologando-se a sul quase até **Ansião** - passava uma das vias que ligava Tomar a **Coimbra**, corredor de circulação natural desde tempos romanos, como vimos, e de cujo controle dependia em grande parte a sorte da cidade que era, então, sede da corte. Não admira, por isso, que, em 1135-36, D. Afonso Henriques planeasse e dirigisse um fossado de grande envergadura para essa região. O fossado era uma prática comum, uma investida em território inimigo, com vista à destruição e pilhagem, realizada anualmente por cavaleiros de terras de fronteira, no decorrer dos meses de primavera e verão, e que era, aliás, igualmente usada pelos muçulmanos, sob o nome de algarada. Apesar de não se conhecerem detalhes sobre o fossado da Ladeia, como a duração ou o número de participantes, não resta dúvida de que terá sido suficientemente importante, a ponto de sobressair entre tantos outros e deixar memória na região.

Ladeia, where the castle of **Germanelo (Penela)** was built, was delimited to the west by the mountain ranges of Rabaçal and Sicó, to the east, by the Monte de Vez, to the north by the Janeanes Mountain Range, and to the south it reached almost as near as **Ansião**. It was a region of great strategic value, because one of the routes connecting Tomar with **Coimbra** crossed this large valley. It was a natural corridor of communication since Roman times, as we have seen, and whose control was essential for the future of the town where the king's court had been established. Afonso Henriques launched a "fossado", an offensive campaign of destruction and sacking in enemy territory annually carried out by the frontier knights during the spring and summer months. The Muslims did the same, calling it "algarada". There are no data about the duration or number of men involved in this "fossado", but it was undoubtedly important, given its renown and the way it is remembered in the region.

O sucesso da empresa representou a conquista deste território e a dilatação da fronteira um pouco mais para sul. As terras foram povoadas logo depois, sob autoridade de Fernão Peres Cativo, alferes de Afonso Henriques. O monarca atribuiu forais (**Miranda do Corvo**, 1136 e **Penela**, 1137, **Germanelo**, 1142-44), distribuiu terras a mosteiros (Santa Cruz), alargou os domínios dos castelos que já existiam (**Soure**, **Miranda do Corvo** e **Penela**) e mandou construir novos, como o de **Germanelo**, c. 1142. Embora dele reste hoje apenas um muro, aliás, refeito, no séc. XX, o amplo domínio visual que detém sobre a paisagem diz bem da escolha estratégica da sua implantação.

Para além disso, as torres da **Ladeia (Alvorge)** de **Ateanha**, de **Santiago da Guarda** (antiga Façalamim) e de **Vale de Todos**, todas integradas hoje no concelho de **Ansião**, algumas seguramente aproveitando estruturas anteriores, complementavam a rede defensiva.

It was a successful campaign. The land was conquered and the frontier was extended a little further to the south. Soon after the lands were populated, under the supervision of Fernão Peres Cativo, the king's "alferes", or second-in-command. The king granted a charter to **Miranda do Corvo**, (1136), **Penela** (1137), and **Germanelo** (1142-44), distributed lands to monasteries (Santa Cruz), enlarged the domains of existing castles (**Soure**, **Miranda do Corvo** and **Penela**), and had others built, like the castle of **Germanelo** (c. 1142). While nothing remains of this castle but a wall (in actual fact reconstructed in the 20th century), the panoramic view of the surrounding countryside clearly shows its strategic importance.

The rest of the defensive network included the towers of **Ladeia (Alvorge)**, **Ateanha**, **Santiago da Guarda** (formerly Façalamim) and **Vale de Todos**, all in the present-day municipality of **Ansião**. Some of these buildings assuredly reused available building materials from other structures.

Após um período de ataques e contra-ataques na zona estrema da fronteira com o Islão, por isso chamada até hoje de Estremadura, o ano de 1147 representaria um marco fundamental na reconquista portuguesa, com a queda de dois importantíssimos centros urbanos islâmicos: Santarém, em março, e Lisboa, em outubro, para cujos cercos o monarca contou com o auxílio dos cruzados que, vindos do norte da Europa, se dirigiam à Terra Santa. Estabilizada a fronteira no rio Tejo tornava-se possível avançar pelo Alentejo, movimento de que a queda de Évora, em 1165, constitui um ponto alto. Os inúmeros sucessos militares justificam que nas crónicas árabes, Ibn Arrik, o “filho de Henrique” e senhor de **Coimbra**, fosse chamado de “o maldito de Deus”!

No final do seu reinado, todavia, a chegada dos Almóadas, sob o comando de Abu Yacub Yusuf, representaria um recuo significativo para o lado cristão, perdendo-se vastos territórios a sul e recolocando a fronteira no Tejo. Évora manteve-se, mas constituiria, no decorrer das décadas seguintes, um ponto isolado em terras inimigas.

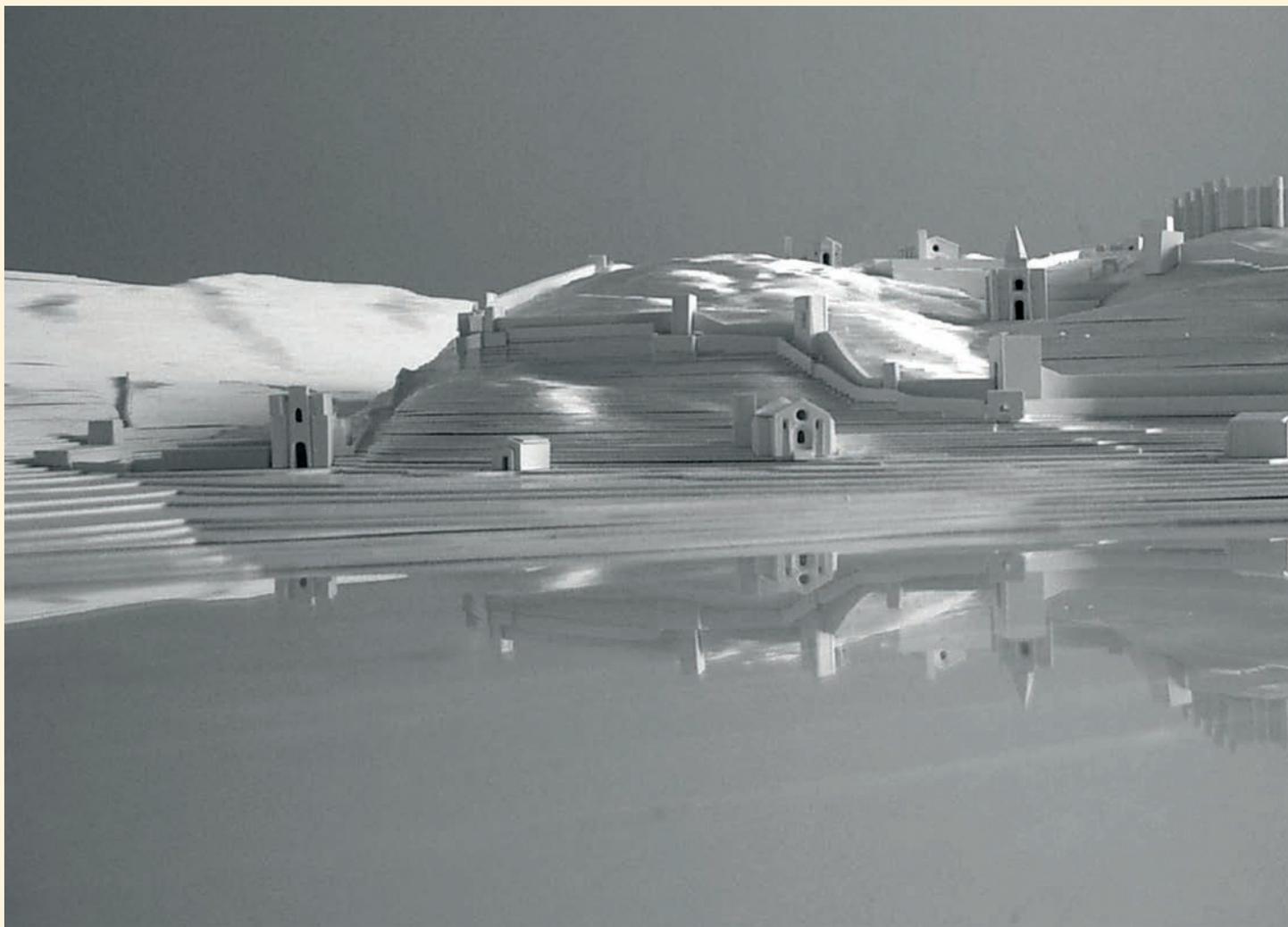
After a period of attack and counter attack in the region nearest to the frontier (to this day called Estremadura – at the extreme end), the year 1147 is a fundamental mark in the Portuguese *Reconquista*, when two extremely important Islamic centres are conquered: Santarém, in March, and Lisbon, in October. In both cases the king had the support of the crusaders arriving from northern Europe, on their way to the Holy Land. Once the frontier on the River Tagus is stabilized, it is time to advance into Alentejo, a campaign whose high point is the conquest of Évora, in 1165. Because of his countless military victories, Arab chroniclers refer to Ibn Arrik, “Henry’s son” and lord of **Coimbra**, as “the accursed of Allah”.

Nevertheless, by the end of his reign, the arrival of the Almoads, under the command of Abu Yacub Yusuf, brought about a significant drawback for the Christians, and vast southern territories were lost, repositioning the frontier on the River Tagus. Évora resisted, but during the following decades it remained an isolated point in enemy territory.



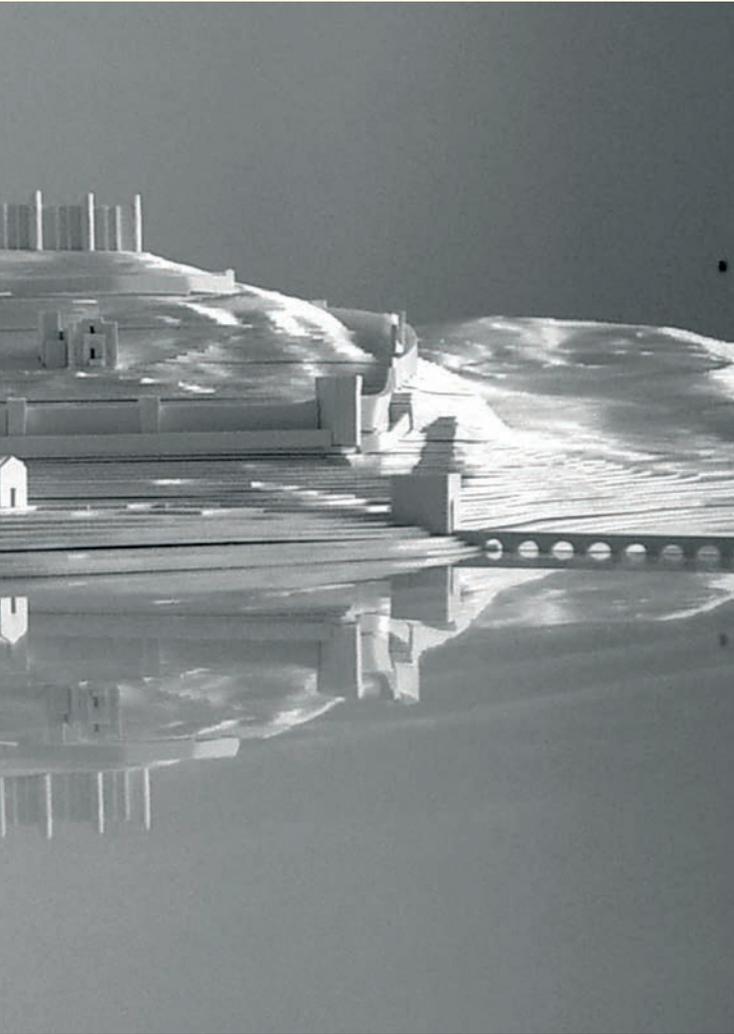
▲ Castelo do Germanelo (Rabaçal, Penela) / Germanelo Castle / © Município de Penela





▲ Maqueta reconstituindo a muralha, alcácer, castelo e igrejas da cidade de Coimbra no século XII (Núcleo da Cidade Muralha - Torre de Almedina, Coimbra)
Reconstruction scale model of the walls, alcázar, castle and churches of twelfth-century Coimbra (Núcleo da Cidade Muralhada - Almedina Tower, Coimbra)
© Município de Coimbra

UMA CIDADE PARA UM REI / A CITY FOR A KING



/ Entre 1130 e os meados do século XIII, momento em que, finda a reconquista, Lisboa ganha protagonismo, **Coimbra** assume o papel de cabeça do condado e, logo depois, do novo reino. Embora nessa época não se use ainda a expressão “capital”, Coimbra é então, inequivocamente, a mais influente cidade do território português.

Se a cidade era já importante em 1064, quando foi definitivamente reconquistada, e se a partir daí registou uma fase de crescimento contínuo, de que o elevado número de paróquias é prova, será com D. Afonso Henriques, num processo que decorrerá ao longo de todo o seu reinado, que atinge o ponto mais alto.

/ Between 1130 and the mid-thirteenth century, when Lisbon gained some prominence, **Coimbra** was the seat of the county and soon of the new kingdom. And although the word “capital” was not yet in use, **Coimbra** was without doubt the most influential town in Portugal.

The town was already an important one in 1064, at the time it was reconquered, and its high number of parishes shows that its importance continued to grow; but with Afonso Henriques, and throughout his reign, it reached its highest point.

Refletindo o que parece ser um projeto consciente e coeso do próprio monarca, a cidade transforma-se num verdadeiro estaleiro, projetando da “cabeça” do recém-criado reino uma outra imagem, mais concordante com o seu novo estatuto. As obras multiplicam-se, dentro e fora da muralha: reestrutura-se o antigo alcácer islâmico, agora paço régio; investe-se no castelo, erguendo a potente torre de menagem; reconstrói-se a velha ponte romana sobre o rio Mondego; edifica-se uma catedral nova no espaço outrora certamente ocupado pela mesquita; funda-se o mosteiro de Santa Cruz e reconstroem-se as igrejas de S. Pedro, S. João, do Salvador, S. Cristóvão e S. Tiago. A renovação da imagem da cidade fica bem patente na estética escolhida. Com efeito, todos os templos, sem exceção, seguem agora o gosto românico, aquele que vigora em toda a Europa e que constitui simultaneamente a resposta arquitetónica à nova liturgia – o rito romano – que o Papa decreta como obrigatório nesses mesmo anos. Por via da arquitetura, Afonso Henriques aproxima a sua “capital” dessa grande Cristandade a que quer (e tem de) pertencer, quando o que está em jogo é o reconhecimento da independência do reino por parte da Santa Sé, algo que só chegará, de facto, em 1179.

In what appears to be a conscious and cohesive royal project, the town is turned into a veritable construction site, with the intent of presenting a new image of the seat of the recently formed kingdom, more in tune with its new status. The works occur both inside and outside the city walls: the old Islamic alcázar is restructured into the new royal palace; the castle is reinforced with the construction of a powerful keep; the old Roman bridge over the Mondego is rebuilt; a new cathedral rises presumably on the site formerly occupied by the mosque; the monastery of Santa Cruz is founded and the churches of St. Peter, St. John, Saviour, St. Christopher and St. James are rebuilt. The purpose of renewing the town's image is clearly shown in the chosen aesthetic model: all the churches adopt the Romanesque style, then paramount in Europe, an architectonic response to the new liturgy imposed by the Pope in this period. With this new architectural image, Afonso Henriques moves his “capital” closer to the heart of that Christendom to which he wants (and has) to belong, since what is at stake is the Holy See's recognition of the independence of the kingdom – an event that will only occur in 1179.

No decorrer de cerca de 120 anos, grosso modo entre 1130 e 1250, Coimbra é, apesar do carácter itinerante da corte, a cidade onde os reis permanecem mais tempo. É aqui que nasce a maioria dos monarcas da primeira dinastia e onde estão sepultados D. Afonso Henriques e D. Sancho I, no Mosteiro de Santa Cruz, casa religiosa que era simultaneamente o grande centro cultural do reino e o apoio da cúria régia em matéria diplomática.

Mas a cidade seria também um importante centro de trocas. São vários os topónimos da época que revelam uma intensa atividade mercantil: o *forum regis*, no caminho que levava da porta de Almedina, a principal da cidade, à catedral; a Rua dos Francos, onde, como o nome indica, se agrupava a comunidade de mercadores estrangeiros, genericamente vindos de Além Pirenéus; os produtos e profissões referidos nas posturas de 1145 ou no foral de 1179; a própria existência de uma judiaria ou o seu forte passado moçárabe são também indicadores a ter em conta.

For 120 years, roughly between 1130 and 1250, and in spite of keeping an itinerant court, it is in Coimbra that the kings remain the longest. It is the place of birth of most of the first-dynasty kings; Afonso Henriques and Sancho I are buried in the Monastery of Santa Cruz, the cultural centre of the kingdom and an important support of the court in diplomatic affairs.

The town was also an important trading centre. Several contemporary toponyms reveal an intense trading activity: the *forum regis*, on the route from the Almedina gate, the main town entrance, to the cathedral; the Street of Francos, where, as the name suggests, the foreign traders, mostly from France, gathered; the products and professions listed in the by-laws of 1145 or in the 1179 charter; the very existence of a Jewish ghetto or the town's strong Mozarab past can also be seen in this light.

OS NOMES QUE SE DAVAM AO FAZER DA GUERRA

THE MAKING OF WAR: different names for different strategies

/ A guerra era uma atividade comum, quase diária, pelo menos nos meses mais secos e quentes. Mas não era sempre igual. De facto, consoante o objetivo, os participantes, a duração ou o sítio onde decorria, recebia nomes diferentes, porque diferentes eram as suas características. Vejamos alguns exemplos:



APELIDO

Chamamento ou apelo feito através de gritos e trombetas a todos os homens capazes de combater sempre que se verificava uma invasão.

ALARDO

Revista às tropas e ao seu equipamento antes de iniciar uma incursão militar.

FOSSADO, CAVALGADA

Expedições militares rápidas, organizadas todos os anos na primavera e no verão, para atacar o território inimigo com o objetivo principal de obter bons saques e destruir o mais que conseguissem. Tem como contraponto, do lado dos muçulmanos, a ALGARA ou ALGARADA e a ALMOFALA.

/ Making war was a normal, almost daily activity, especially during the warmer, drier months of the year. But there were different ways of making war, depending on its purpose, its players, its duration or place of occurrence, and the nomenclature changed according to its characteristics. Here are some examples:



APELIDO

The call to arms for all the able men whenever under attack or invasion, with yells or horns.

ALARDO

The review of the troops and war equipment before battle

FOSSADO, CAVALGADA

Quick military incursions into enemy territory, every year in the spring and summer months, to destroy and win profitable sacks. Its Arabic counterpoint is ALGAR or ALGARADA and ALMOFALA.

PRESÚRIA

Ação armada, de iniciativa privada, planeada com o objetivo de ocupar terras de forma permanente.

HOSTE

Expedição organizada para um fim específico, tendo uma escala e uma duração maior do que a do *fossado* e para a qual se chamavam todos os homens válidos.

ASSALTO

Ataque surpresa efetuado a uma fortificação ou povoação com o objetivo de a conquistar.

CERCO

Ação de cercar um castelo, vila ou cidade, cortando-lhe todos os meios de comunicação e de abastecimento, montando um acampamento militar à sua volta.

BATALHA CAMPAL

Combate em campo aberto, entre dois exércitos inimigos.

PRESSÚRIA

A military action, privately organized, with the purpose of taking over and occupying land permanently.

HOSTE

An expedition with a specific aim, but on a larger scale and with a longer duration than the *fossado*, involving all able-bodied men.

ATAQUE (ASSAULT/ ATTACK)

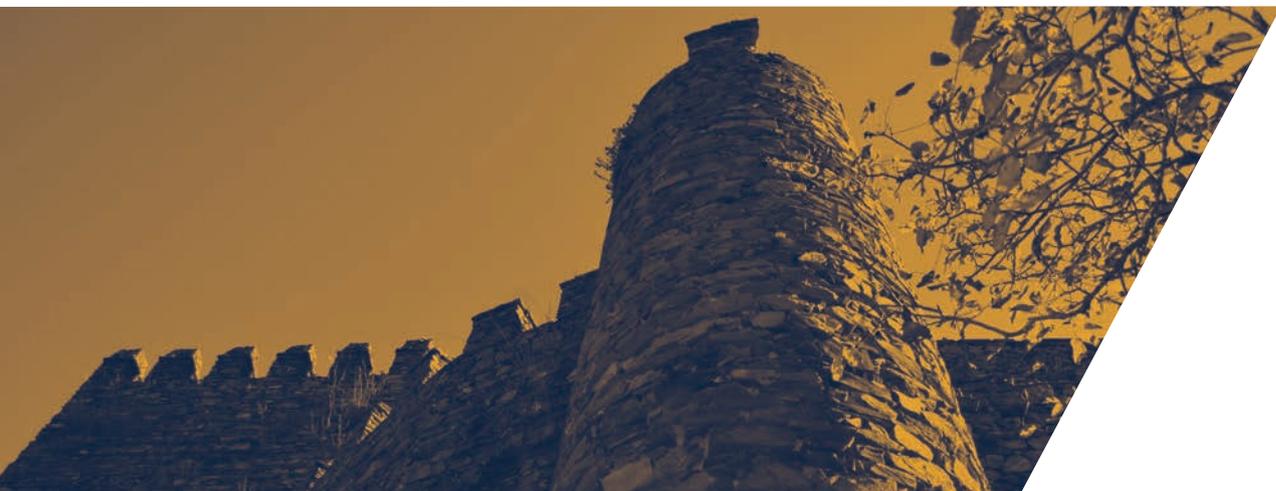
A surprise attack to a castle or a settlement with the purpose of conquest

CERCO (SIEGE)

Laying siege to a castle, small or large town, implies cutting off its means of communication and supply, setting up camp around it.

BATALHA CAMPAL (PITCHED BATTLE)

Open field battle between two enemy armies.



O CASTELO: FORMA E FUNÇÃO THE CASTLE: FORM AND FUNCTION

/ Vimos já como para bem defender e povoar, condes, reis e outros senhores pontuaram o território com estruturas defensivas, particularmente importantes em terras de fronteira, por forma a conter ataques inimigos e resguardar povoadores.

No decorrer destes séculos, porém, os castelos não se mantiveram inalterados, registando todo um conjunto de alterações em função de um duplo objetivo, o de associar à capacidade de resistência o poder de contra-atacar, o que foi conseguido pela introdução de novos elementos arquitetónicos, inventados ou apurados em regiões e culturas diversas, com destaque para as francesas, muçulmanas e orientais.

Inicialmente eram estruturas muito simples, praticamente só uma cerca ou muro, cujo perímetro se moldava à forma do terreno, e com um número reduzido de portas. Por questões estratégicas óbvias ocupavam invariavelmente os pontos mais altos, de acesso difícil e ampla visibilidade, controlando os caminhos mais concorridos (**Germanelo, c. Penela**) e os cursos de água de melhor navegabilidade (**Montemor-o-Velho ou Redondos, c. Figueira da Foz**).

/ As we have seen, to defend and populate the territory, kings, counts and other lords built defensive structures all over the land. They were particularly important in frontier lands, to withstand enemy attacks and protect the settlers

But castles changed throughout the centuries and took on a great many forms in their double purpose of achieving both the capacity to resist attack and the launch of a counter-attack: and thus new architectural features were invented or refined in different lands and by different cultures, namely by the French, the Muslims and in the East.

Initially they were very simple structures, little more than a fence or a wall encircling the land, with a reduced number of gates. For obvious strategic reasons they were invariably built on high ground, difficult to access and with very good visibility, therefore able to control the most important routes (**Germanelo, c. Penela**) and the best navigable watercourses (**Montemor-o-Velho or Redondos, c. Figueira da Foz**).

Em **Penela**, conservam-se os vestígios de um destes castelos mais remotos: entre os anos de 1070 e 1080, onde muito provavelmente já existiria uma torre de vigia, o governador de Coimbra, D. Sesnando Davides, mandou erguer um pequeno castelo, sobre um penhasco propositadamente desbastado para acentuar os desníveis verticais. Embora de pequenas dimensões e quase sem soluções de ataque, cumpria cabalmente o seu papel de vigia e permitiria que uma reduzida guarnição militar resistisse a um cerco. Por isso, apesar de diminuto, o pátio de armas não prescindia da necessária cisterna, garantindo o acesso à água.

Na procura de uma maior eficácia militar, os muros dos castelos rapidamente seriam dotados de um percurso elevado – o caminho de ronda – com um parapeito coroado por ameias. O acesso que assim se ganhava ao alto da muralha permitia ver mais e melhor, mas também disparar sobre os atacantes. Ações que seriam igualmente potenciadas pela introdução de torres ao longo do circuito. Poucas, inicialmente, sobretudo localizadas onde os muros mudavam de direção, protegendo as esquinas.

There are some remains of one of these early castles in **Penela**: between 1070 and 1080, on a site where an earlier watchtower probably existed, Sesnando Davides had one small castle built, at the top of a rocky hill that had been purposely cleaned to accentuate the steepness of the slope. Though small and not equipped to launch an attack, it fully met its purpose as watchtower, ensuring that a small garrison would be able to withstand a siege. Though very small, its bailey had a cistern, because water was a basic necessity.

To achieve greater military efficacy, castle walls soon acquired a *chemin de ronde*, or allure – a high walkway with a crenellated parapet. By giving access to the higher floors of the wall, it provided a better view and the means to take better aim at the attackers – which was facilitated by the addition of towers along this circuit – not many, initially, and placed at corners.



A partir de meados do séc. XII surge, pela mão da Ordem do Templo, fruto da experiência que tinha dos duros confrontos na Terra Santa, um elemento fundamental no aumento da capacidade de defesa: a torre de menagem. Isolada ao centro do pátio, foi pensada como último reduto defensivo, ou seja, o refúgio mais seguro a que o senhor e os seus homens podiam recorrer caso o inimigo conseguisse forçar a entrada no castelo.

From the 12th century onwards, the Templars introduced a crucial defensive feature of castle architecture, learned from their fighting experience in the tough battles of the Holy Land: the keep or donjon. Isolated in the middle of the bailey, it was the last defensive resort, the safest refuge for the lord and for his men, if the enemy ever managed to force their way into the castle.



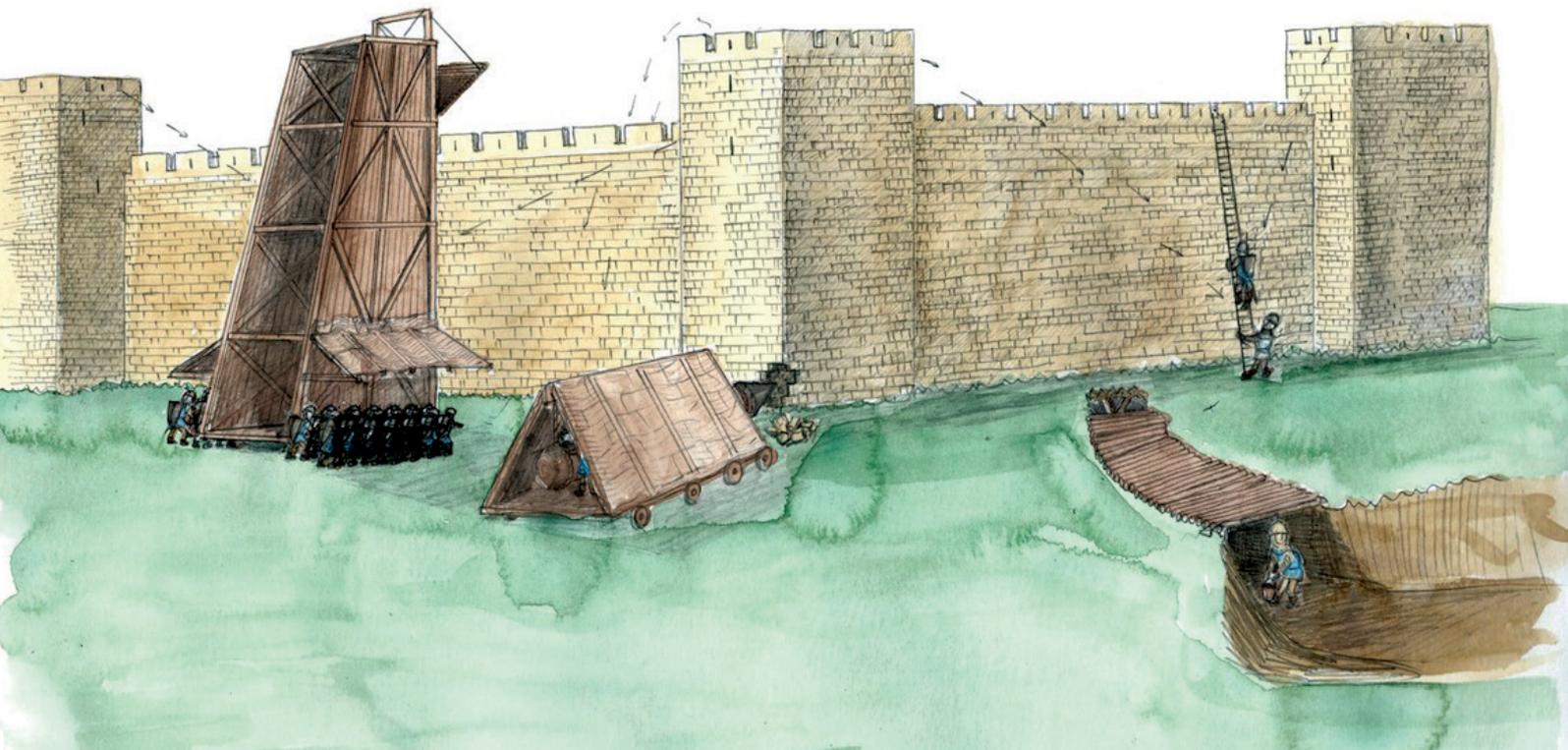


^ Castelo da Lousã, com destaque para o alambor / Lousã Castle, with the talus prominently in view
© Gonçalo Martins, Município da Lousã

A sua altura, a extrema grossura das paredes ou a localização da única porta ao nível do primeiro andar, apenas acessível por meio de um escadote que o último soldado a subir recolhia, tornavam-na praticamente inexpugnável (**Coimbra, Pombal**).

Its height, the thickness of its walls and the position of the only door at first floor level (accessible only through a portable ladder which the last soldier pulled up) made it practically unassailable (**Coimbra, Pombal**).

Representação das principais formas de ataque a um castelo ▾
Illustration of the most common ways of attacking a castle
© Teresa Ponte, ADCMMM



Uma vez que o transpor dos muros era a forma mais comum de conquistar um castelo, fosse galgando o topo (escalada), fosse forçando a base (derrubando os alicerces ou escavando túneis), a defesa evoluiu no sentido de criar uma sucessão de obstáculos que dificultassem o acesso do inimigo. Assim, progressivamente, introduziram-se novos elementos com esse objetivo: reforçou-se a base da muralha com a construção de uma rampa ou alambor (**Soure, Pombal, Lousã, Montemor-o-Velho**), ergueu-se uma primeira barreira, baixa e paralela à muralha, a barbacã (**Pombal, Montemor-o-Velho**) e abriram-se fossos ou valas (**Coimbra**). Todos eles, por si só, ou, de forma mais eficaz, em conjunto, tiveram por função dificultar a passagem e a aproximação de assaltantes munidos de escadas, aríetes ou das ameaçadoras torres de assalto.

Ao mesmo tempo que o castelo reforçava as suas defesas, ensaiava a sua capacidade de contra-atacar: multiplicam-se as torres (**Penela**), aumentando os ângulos de disparo e o seu uso cruzado e flanqueado, rente aos muros; algumas novidades surgem do confronto com os muçulmanos, aprendendo com o inimigo, adotando as suas invenções, caso da torre albarrã, separada dos muros e apenas ligada por um pequeno passadiço superior, potenciando uma melhor defesa dos próprios muros, quase permitindo atacar o inimigo pelas costas; foi também do Islão que os cristãos copiaram as entradas em cotovelo (**Lousã, Penela**), tornando quase impossível o uso do aríete no derrube de portas.

Since the walls were the greatest obstacle to conquering a castle, either by climbing them or by knocking down their foundations or digging tunnels, new defence features were gradually added to better withstand enemy assault: the batter or talus, a reinforcement of the base of the wall (**Soure, Pombal, Lousã, Montemor-o-Velho**), the barbican, a fortified outpost, parallel to the walls (**Pombal, Montemor-o-Velho**), and the moat or ditch (**Coimbra**). All these features, by themselves or, more effectively, in conjunction, had the purpose of checking the attack to the castle when the enemy used ladders, battering rams or the dreadful assault towers.

Besides the reinforcement of their defences, castles were being remodelled to improve their capacity to counter attack: the addition of towers (**Penela**) improves the shooting angles and lays an emphasis on flanking fire, close to the walls; some developments were learned from fighting the Muslims, adopting some of their inventions, such as the Albarrana tower, detached from the walls and only connected to the castle by an upper timber bridge, which improved the defensive capability of the walls and almost made it possible to attack the enemy from behind; and equally from the Muslims, the Christians learned about the bent entrance (**Lousã, Penela**) which made it nearly impossible to use battering rams to knock down the gates.

No século XIII, mas agora por influência francesa, acrescentaram-se pequenas varandas protegidas por ameias, dotadas de orifícios no pavimento (os matacães) que permitiram o tiro vertical, o arremesso de pedras ou mesmo o despejo de líquidos quentes, sobre aqueles que, em baixo, tentavam forçar a entrada no castelo fosse derrubando portas fosse britando e escavando as bases dos muros, conforme testemunhamos na Torre de Almedina (**Coimbra**).

Para além da inclusão de todos estes novos elementos, investiu-se na atualização dos já existentes: alargou-se o caminho de ronda ao mesmo tempo que se protegia por um murete; estreitaram-se os espaços entre as ameias (as abertas); transformaram-se as seteiras simples em cruzetadas, aumentando o ângulo de visão, etc. Uma das transformações de maior alcance foi o novo posicionamento da torre de menagem, cuja deslocação do centro do pátio para junto do muro, alargou consideravelmente a sua área de atuação: ao mesmo tempo que continuava a dominar o interior do castelo, vendo e disparando sobre todo o pátio, podia, a partir de então e em simultâneo, atuar da mesma forma no exterior, atacando as tropas inimigas ainda antes de terem conseguido transpor os muros (**Montemor-o-Velho**).

In the 13th century, the changes introduced were of French influence: small balconies protected by battlements with floor openings (the machicolations) to shoot vertically, drop stones, and even pour hot liquids on attackers, when they were trying to tear down the gate doors, or crushing and digging under the castle walls, as seen at the Almedina tower.

Beyond the inclusion of these new elements, some improvements were made on the existing features: the walkway was enlarged and protected by a parapet; the spaces between the merlons were narrowed; the arrowslits adopted the shape of a cross, with the consequent improvement of the angle of vision, etc. One of the most important changes refers to the new location of the keep, built next to the wall instead of in the centre of the yard/bailey. Its functions were considerably enlarged, since it was then possible not only to have an overall view of the inside of the castle, and to shoot over the whole yard; it was also possible, and at the same time, to have a commanding view over the exterior of the castle and fight the enemy even before they climbed over the walls (**Montemor-o-Velho**).

/ Se a vigilância dos castelos ficava a cargo do alcaide e dos seus homens, a das muralhas de vilas e cidades era feita pela própria população, através de duas formas distintas: a vela e a ronda.

Velava-se do alto das torres, aos pares, ou seja, dois homens, a partir de um ponto fixo, procuravam no horizonte sinais de perigo, fazendo soar o alarme em caso de necessidade. Eram vigiados pela sobrevela, que tinha por função garantir que os homens, as velas, se mantinham acordados e atentos. Para evitar que fossem aliciados pelos inimigos e traíssem aqueles que protegiam, trocavam frequentemente de posto.

A ronda ou rolda, igualmente feita aos pares, implicava o patrulhamento dos muros, percorridos a toda a volta. As roldas eram supervisionadas pela sobrerolda.

Os exemplos que temos são tardios, mas revelam práticas antigas: em 1373, D. Fernando obrigou os moradores de **Pereira (Montemor-o-Velho)**, **Anobra (Coimbra)** e **Ançã (Cantanhede)** a irem a **Coimbra** velar e roldar. Mais tarde, em 1385, D. João I outorgou como privilégio à cidade de **Coimbra** que todos os moradores das aldeias, comarcas e lugares que, em caso de necessidade, encontravam acolhimento e defesa nesta cidade e aí punham os seus mantimentos, velassem, roldassem e servissem com os de **Coimbra** na guarda e defesa da cidade.

/ If keeping watch on the castles was the responsibility of the *alcaide* and of his men, that of the town walls was entrusted to the inhabitants themselves, in two different ways: the “vela” and the “ronda”.

The first was made in pairs, at the top of the towers. Two men were stationed on a particular spot to search the horizon for signs of danger, sounding the alarm whenever necessary. They were watched over by the “sobrevela”, whose function was to ensure that those men kept awake and alert. To prevent their recruitment by the enemy and the betrayal of those they were supposed to protect, they changed posts frequently.

The *ronda* or *rolda*, equally in pairs, implied patrolling the walls all the way round. These patrols were supervised by the so-called “sobrerolda”.

Although the following examples date from a later date, they reveal old practices: in 1373, king Fernando forced the people of **Pereira (Montemor-o-Velho)**, **Anobra (Coimbra)** and **Ançã (Cantanhede)** to perform these tasks in **Coimbra**. Later on, in 1385, John I granted Coimbra the privilege of having at its service all the people living in the surrounding villages, who could count on this town for refuge and protection, when in need, and who sold their goods there; they would be entrusted with the *rolda* and patrol of the town together with those who lived in Coimbra.



▲ Castelo de Montemor-o-Velho / Castle of Montemor-o-Velho / © Município de Montemor-o-Velho



CUIDAR E REPARAR / MAINTAINING AND REPAIRING

/ Castelos e muralhas exigiam um cuidado permanente, quer na preparação para o combate quer, depois deste, recuperando o que tivesse sido destruído. Para esse efeito, o monarca fazia uso da anúduva ou adua, termo que significava chamamento. Dirigia-se a todos os homens aptos para o serviço militar, requisitando-os para os trabalhos de construção, manutenção ou reparação de muralhas, torres, cavas, vias e pontes. E esta obrigação não recaía apenas sobre os que residiam no local ou nas suas proximidades, podendo ser convocados homens que vivessem a mais de 70 ou 80 quilómetros de distância. Com o tempo, o trabalho acabaria por poder ser substituído por uma contribuição em dinheiro.

Em 1383, D. Fernando aceitou aos pedidos dos moradores de Pedrógão Grande e de Figueiró dos Vinhos que, por já servirem no castelo da **Lousã**, pediam ao rei que não os obrigasse a trabalhar nas obras do castelo de **Coimbra**. Repare-se, por exemplo, que Pedrógão Grande dista 53 quilómetros da **Lousã** e 77 quilómetros de **Coimbra**, ou seja, implicando, só em deslocações, dois a quatro dias de viagem.

/ The castles and the walls were in constant need of attention, whether in the wake of an attack or after it, to repair the damage they had suffered. The king resorted to the so-called “anúduva”, or “adua”, calling on all able-bodied men to work in the construction, maintenance or repair of the walls, towers, moats, roads and bridges. This obligation could be extended to those who lived as far as 70 or 80 km from the castle. Later on, it became possible to replace the work with a levy of money.

In 1383, king Fernando acquiesced to the request of the inhabitants of Pedrógão Grande and Figueiró dos Vinhos not to be forced to work in the maintenance of the castle of **Coimbra**, since they were already under obligation to work in the castle of **Lousã**. It is significant that Pedrogão Grande, for example, is at a distance of 53 km from Lousã, and 77 km from Coimbra, which implied two to four days’ travel.



▲ Iluminura da vida de São Albano / Miniature from an illuminated manuscript on the life of St. Albans
© Board of Trinity College Dublin | Desenho de Matthew Paris, c. 1250, Ms. 177 fol. 59v.



A CADA UM O SEU LUGAR: GOVERNAR, REZAR, COMBATER E TRABALHAR

EACH IN HIS PROPER PLACE: THOSE WHO RULE,
THOSE WHO FIGHT, THOSE WHO PRAY AND THOSE WHO WORK

/ O património que chegou aos nossos dias, qualquer que seja a sua natureza – de igrejas e mosteiros a castelos e casas fortificadas, de esculturas a iluminuras ou das expressões que ainda hoje usamos à simples memória que persiste – constitui uma fonte essencial para conhecermos os homens e as mulheres que viveram neste território há centenas de anos. É através dele que tentaremos descobrir como viviam, como se relacionavam, o que faziam, o que procuravam alcançar ou o que os inquietava. Numa sociedade hierarquizada e ordenada, onde cada um desempenhava o seu papel, caracterizaremos três grandes grupos, os *oratores*, os *belatores* e os *laboratores*, ou seja, os que rezavam, os que faziam a guerra e os que trabalhavam. Acima de todos, claro, estava o rei, o principal senhor, aquele a que nenhum outro se equiparava.

/ Whatever its nature, our heritage – the churches, monasteries, castles or fortified houses, the sculptures and illuminated manuscripts, the expressions that still remain in use or simply the memories that persist – is a fundamental source, helping us to know the men and women who inhabited this territory hundreds of years ago. We will learn how they lived, interacted, what they did and what they aimed for or feared. In a hierarchical society, where every one has a specific role, there were three large groups: the *oratores*, the *belatores* and the *laboratores*, that is, those who prayed, those who fought and those who worked. Above all was, of course, the king, the lord of lords.



Iluminura "O Rei" / "The King". Miniature.

© Chronica de Hespanha, 1344, fólio 185, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

Nestes séculos, com efeito, e principalmente a partir dos reinados de D. Afonso III (1249-1279) e do seu filho D. Dinis (1279-1325), a coroa centraliza o poder sobre o território e os homens. Lenta, mas determinadamente, luta pelo controlo político, militar, administrativo e judicial. O rei tenta “pôr olhos, ouvidos e mãos” em todo o reino! Mas isso não significa que governe sozinho. Tem o seu conselho, os seus agentes, e conta com outros poderosos, eclesiásticos e laicos, para governar o território.

In these days, and particularly from the reigns of Afonso III (1249-1279) and of his son Dinis (1279-1325), the crown was engaged in the centralization of power, trying gradually, but with determination, to convene the political, military, administrative and judicial powers. The king wishes to “to lay hands, eyes, and ears” all over the kingdom. This, however, does not mean that he rules alone. He has a council, as well as his agents, and he counts on other powerful lords, both religious and lay, to rule the land.

Embora as terras conquistadas pertencessem por direito ao rei, nem todas ficavam sob a sua alçada. Depois de escolhidas as melhores, que a coroa administrava diretamente constituindo uma das suas principais fontes de rendimento (os chamados reguengos, que tantas pistas deixaram na toponímia, por exemplo o reguengo de **Remouco** em **Tábua**, do **Camporêz** entre **Ansião** e **Penela**, do **Prilhão** na **Lousã** ou das **Meãs do Campo** em **Montemor-o-Velho**), as restantes eram distribuídas entre os que tinham auxiliado na conquista e reuniam as condições necessárias para ajudar na tão pesada quanto indispensável tarefa de povoamento e reorganização do território. Por isso os monarcas dariam continuidade à política de doações a indivíduos e instituições, entregando terras e bens diversos como castelos, igrejas, moinhos e lagares ou mesmo direitos (taxas e impostos como o padroado, a voz e coima ou o relego). Este tipo de doações deu origem a coutos eclesiásticos ou laicos, ou seja, terras privilegiadas, que saíam da alçada do rei a favor de um senhor ou instituição.

Neste território, e no decorrer do reinado de D. Afonso Henriques, os exemplos são muitos: o Mosteiro de **Lorvão (Penacova)** recebeu parte do couto de **Midões (Tábua)** sendo a outra parte, juntamente com **Côja (Arganil)** e **Lourosa (Oliveira do Hospital)**, entregue à Sé de **Coimbra**. O poderoso e recém-criado mosteiro de Santa Cruz recebeu, logo em 1141, a herdade do **Alvorge (Ansião)**, em 1143, as vilas de **Quiaios, Redondos** e **Lavos (Figueira**

Although according to the law the conquered lands belonged to the king, he didn't keep them all. The best properties were chosen and directly administered by the crown, constituting one of its main resources – the so-called “reguengos”, of which many toponyms remain, as, for example, those of **Remouco** in **Tábua**, of **Camporêz** between **Ansião** and **Penela**, of **Prilhão** in **Lousã** or of **Meãs do Campo** in **Montemor-o-Velho**. The remaining lands were distributed among those who had helped in the conquest and who had the capacity to collaborate in the heavy and equally indispensable task of repopulating and reorganizing the territory. The kings continued with the policy of donations to individuals and institutions, granting land and other kinds of property such as castles, churches, mills and presses – or even rights (taxes such as the *padroado*, *voz e coima* or *relego*). This kind of grants gave birth to ecclesiastical or layman “coutos”, ie, privileged land, the property of institutions or lords, outside the king's power.

In this territory, throughout the kingdom of Afonso Henriques, there are many examples: the **Lorvão** Monastery (**Penacova**) received part of the **Midões (Tábua)** “couto”, while the other part, together with **Côja (Arganil)** and **Lourosa (Oliveira do Hospital)**, was given to the See of **Coimbra**. As early as 1141, the powerful, recently created Monastery of Santa Cruz received the estate of **Alvorge (Ansião)**, in 1143, the boroughs of **Quiaios, Redondos** and

da Foz) e, em 1166, o couto do **Louriçal**. Em muitas situações, aliás, os mosteiros recebem os nomes das terras que lhe são doadas, como sucedeu, em 1154, com o mosteiro e vila de **Semide (Miranda do Corvo)** ou com o mosteiro e vila de **Seiça (Figueira da Foz)**. Para além das grandes casas monásticas, também os que serviam lealmente os reis foram generosamente recompensados: D. Afonso Henriques doou a vila de **Ceira (Coimbra)** a Mestre Julião Pais, seu chanceler-mor; D. Sancho I entregou **Cervela (Montemor-o-Velho)**, ao filho do seu chanceler-mor e D. Afonso II, por sua vez, coutou **Nogueira do Cravo (Oliveira do Hospital)** ao seu *nutridor*, Mem Pais, e **Figueiró do Campo (Soure)** ao seu chanceler.

Em todas estas terras, independentemente de pertencerem ao rei, a mosteiros ou a grandes senhores, tornava-se imperioso atrair homens e mulheres que as quisessem defender e amansar. Uma das estratégias utilizadas para o conseguir passava pela atribuição de uma carta de foral, uma espécie de contrato, estabelecido entre o senhor e a população que registava o conjunto de direitos e deveres acordados: a capacidade de elegerem os seus próprios juizes; o compromisso do rei em erguer a muralha, por exemplo, ou a promessa de nunca doar aquela terra a outro senhor, as isenções de determinadas taxas, mas também o estabelecimento da renda e prestações, em géneros ou serviços, devidas ao monarca. Na prática, a existência da carta de foral funcionava como uma garantia para ambas as partes.

Lavos (Figueira da Foz), and in 1166, the “couto” of **Louriçal**. Monasteries were frequently named after the lands they were granted: for example, the monastery and town of **Semide (Miranda do Corvo)**, and the monastery and town of **Seiça (Figueira da Foz)**, in 1154. Beyond the great monastic houses, the loyal servants of the crown were also generously recompensed by the king: Afonso Henriques granted the town of **Ceira (Coimbra)** to Master Julião Pais, his chancellor; Sancho I granted **Cervela (Montemor-o-Velho)** to his chancellor’s son, and Afonso II donated the “couto” of **Nogueira do Cravo (Oliveira do Hospital)** to his tutor, Mem Pais, and **Figueiró do Campo (Soure)** to his chancellor.

Whether these lands belonged to the king, to monasteries or to great lords, it was absolutely essential to attract men and women to live, work and defend them. One of the strategies used was the concession of the “foral” (charter), a kind of contract between the lord and the population, stipulating an agreement as to their respective rights and duties: the right to elect their own judges, the king’s commitment to build the town walls, for example, or the promise never to grant that land to another lord; the exemption from certain taxes, but also the definition of the rents and tolls due to the king in goods or services. Thus the “carta de foral” worked as a guarantee for both parts.

/ No ano de 1192, o rei D. Sancho I e sua mulher, D. Dulce de Aragão, ocuparam-se do povoamento das regiões de **Penacova** e **Mortágua**, outorgando-lhes carta de foral. Estes documentos permitem conhecer algumas dinâmicas da vida quotidiana.

Em **Penacova**, o alcaide, em representação do rei, governava o castelo e recebia os rendimentos da alcaidaria: a décima parte dos rendimentos dos que possuíam barco com aljarife (rede de arrasto), dos pescadores e carniceiros de fora.

Anualmente, todos os homens, cavaleiros-vilãos (*milites*) e peões (*pedites*) iam ao fossado com o rei. Previa-se que o peão, homem que anda a pé, ascendesse a cavaleiro-vilão, homem com rendimentos suficientes para ter um cavalo e armas. Para além disso, o rei estabelecia que todos os homens fizessem “cubas e casas” no seu castelo, dando a entender que este seria habitado.

/ In 1192, to encourage the repopulation of the regions of **Penacova** and **Mortágua**, Sancho I and his wife, Dulce of Aragon, granted them charter privileges – “carta de foral”. These charters provide some details about contemporary everyday life.

In **Penacova**, the *alcaide*, as representative of the king, receives the incomes of the *alcaidaria*, i.e., a tenth of the income of owners of trawl-net (*aljarife*) boats, fishermen and butchers from out of town.

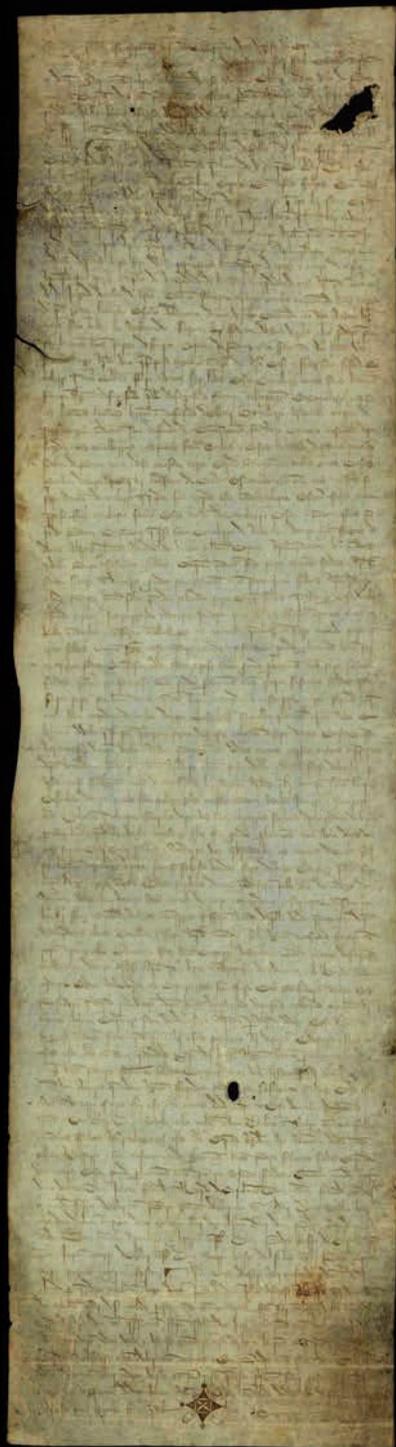
Once a year, all the free men had to take part in the *fossado* either as horsemen (*milites*) or foot soldiers (*pedites*). The infantry soldier was expected to raise his status until he would be able to own a horse and the necessary weaponry. These men were also expected to build “houses and cubas” in the king’s castle, from which we can deduce that the castle was inhabited.

No concelho estariam presentes um mordomo e um serviçal encarregues de receber as rendas e os direitos senhoriais: portagem, jugada, montado, etc. Para si próprio, o mordomo recebia “unum panem et unam assaturam et unam postam de carne et unam enfusam vini” por ocasião de bodas, festas religiosas e reuniões de confrarias.

Em **Mortágua**, a carta de foral principia pelas multas aplicáveis aos delitos penais: quem atacasse o “saião andador” pagava 6 maravedis e quem matasse o juiz pagava 12 maravedis. Ao juiz eleito pelos homens bons competia aplicar a justiça, e ao saião, andando pelo concelho, executá-la. Estes homens da terra, juntamente com os vereadores, os procuradores, os almotacés e os escrivães, governavam os concelhos.

The town council would also have its own *mordomo* (administrator) and an assistant to receive the rents and the seignorial duties: road tolls, scutage, *montado*, etc. The administrator received “unum panem et unam assaturam et unam postam de carne et unam enfusam vini” whenever there was a wedding, a religious feast or any similar event.

The **Mortágua** charter begins with the fines applicable to legal penalties: an attack against the “saião andador” resulted in a fine of 6 *maravedis*, while the fine for killing the judge was 12 *maravedis*. The judge, elected by the free men, administered the justice and the *saião* enforced it, travelling all over the municipality. In conjunction with the aldermen, the delegates, the *almotacés* and the clerks, they ruled the municipalities.



PAGAR E RECEBER: OS DIREITOS SENHORIAIS TO PAY AND TO RECEIVE: SEIGNEURIAL RIGHTS

/ Vimos já como a sociedade medieval se organizava de forma tripartida: uns trabalhavam, outros rezavam e, outros ainda, lutavam. Uma distribuição em que a cada um competia uma função, todas elas absolutamente necessárias e interdependentes. Ao povo, por exemplo, em troca de proteção física e espiritual, respetivamente asseguradas por cavaleiros e clérigos, cabia trabalhar as terras e pagar as prestações, em géneros, moeda ou trabalho. Todas tinham nomes diferentes, nem sempre fáceis de descodificar:

/ As shown above, medieval society was organized in three sectors: those who worked, those who prayed and those who fought. Each person had a specific function, all being necessary and interdependent. In exchange for physical and spiritual protection, provided respectively by knights and clergymen, the people had to work the land and pay in kind, currency or labour. The names of these different functions are not always easy to decipher.





AMÁDIGO

Os senhores punham os seus filhos a criar em casa de famílias da sua confiança (*nutritores*) nos lugares onde estes moravam. Embora constituísse uma honra para a família, quem ganhava era o senhor: ficava com o filho criado e apoderava-se da terra.

BANALIDADE

Prestações pagas ao senhor pela utilização de moinhos, lagares, fornos, azenhas, prensas, açougues, fangas, barcos, lojas, etc.

DIREITURAS

Imposto fixo pago por cada fogo (casa).

CARREIRA

Obrigaçãõ de fazer uma carreira, viagem de ida e volta, com a duração de um dia, ao serviço do senhor.

COLHEITA

Contribuição em géneros paga pelos moradores de um lugar ao rei para sustento da sua mesa. Está diretamente relacionada com a itinerância do rei e da corte.

GEIRA (ou corveia)

Obrigaçãõ de dar um dia de trabalho gratuito por semana ao senhor.

JUGADA

Prestação em géneros paga pelos peões ao rei. As percentagens de vinho e linho eram fixas e a de cereal variava em função da riqueza de cada um, medida pela forma como se trabalhava a terra: com enxada, boi ou junta de bois.



AMÁDIGO

The Lord entrusted the education of his children to families of his own choice (*nutritores*), in their own household. Though this was seen as an honour granted to that family, the Lord was the clear winner, having his child raised and getting hold of the land..

BANALIDADES (Banalities)

Charges for the use of the Lord's flour mills, presses, ovens, water-mills, butcher, granaries, boats, shops, etc.

DIREITURAS

A fixed tax per household.

CARREIRA

A one-day return journey at the service of the Lord.

COLHEITA

Contribution in kind for the maintenance of the king's household. It is directly related to the itinerant nature of the royal court.

GEIRA (corvée)

The obligation to give a day's work every week to the lord.

JUGADA

Contribution paid in kind to the king, in a fixed percentage of wine and flax, and a variable percentage of cereal, dependant on each contributor's wealth, calculated according to the system of tillage: with a hoe or with one or two oxen.



LAUDÉMIO

Percentagem que o senhor recebia pela venda do usufruto da terra ou de outro bem.

LUTUOSA

Prestação paga pela família aquando da morte do titular de arrendamento nas terras do senhor, garantindo assim a manutenção do contrato.

MONTADO

Pago pelos donos de gado bovino quando pastavam nas terras do senhor.

PORTAGEM

Imposto pago à entrada de cada concelho ou senhorio pelas mercadorias que aí se iam vender.

RAMADA

Nome que vem da técnica de pescar com armadilhas feitas de ramos, consiste na obrigação de pescar para o senhor, nos seus rios.

RELEGO

Direito de proibir a venda de vinho durante um determinado tempo, à exceção da sua própria produção. Como o vinho se estragava muito rapidamente, esta proibição garantia que o senhor conseguia escoar o seu sem concorrência.



LAUDÉMIO

Percentage due to the lord for the sale of the land's tenure or of any other goods.

LUTUOSA

Contribution paid to the lord by the family of a deceased tenant, in order to maintain the contract in force.

MONTADO

Contribution paid for the use of the lord's grazing lands.

PORTAGEM (TOLL)

Tax applied to any goods for sale on entering a municipality or a manor.

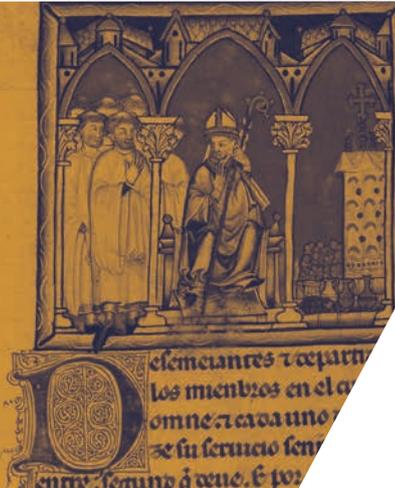
RAMADA

The obligation to fish for the lord, in his rivers. The name derives from the technique used, with tree branches ("ramos" in Portuguese).

RELEGO

The lord's right to forbid the sale of any wine except his own for a certain period of time. As the wine rapidly went bad, this ensured that the lord's wine was sold without competition.

no han hý derecho ni demandaça ni
guna por rason q̄ fueron ordenados por
ella. Mas si el p̄dron confirmasse
q̄ ordenassen a alguno a título de su e
glesia: no puede despues otro presen
tar fueras aq̄l en q̄ confirmo. X aq̄l q̄
fuere mayoral: deve p̄oueer segund q̄
pudiere a los otros dignos q̄ fueren y or
denados por la eglia seruir. Mas esty
atales pues q̄ la eglia no es conuentu
al m̄ ellos no son cabillo. fueris q̄ les
dan alguna racion en q̄ uiuan: no h̄
poder de escieer al p̄elato q̄ ha la cura de
la eglia. mas el q̄ fuere p̄dron lo deve
presentar. L. viij. Por q̄ rason touo por
bien s̄ca eglia q̄ los legos ouessen de



DO TRONO DO BISPO THE BISHOP'S THRONE

/ Para além do rei, cujo braço chegava cada vez mais a todo o reino, um outro senhor fazia-se sentir de forma particularmente intensa no território: o Bispo, na sua diocese. Inicialmente, a maioria do nosso território integrava a diocese de **Conímbriga**. Todavia, em finais do séc. VI, face ao clima de instabilidade e aos ataques dos povos *bárbaros*, o bispo de **Conímbriga** abandonou a cidade e refugiou-se em **Aeminium**, que oferecia melhores condições de segurança. Progressivamente, a cidade passaria a ser identificada pelo nome do bispado e o termo **Conímbriga** rapidamente daria origem a um novo, simplificado: **Coimbra**.

Mas quem eram os bispos? Ricos e poderosos senhores, filhos segundos das grandes famílias da nobreza, com ligações estreitas ao rei e à corte onde se achavam frequentemente e de cujo conselho faziam parte. De facto, a ação do bispo ultrapassa largamente o mundo religioso: é senhor de castelos e terras, vai à caça e faz a guerra, cultiva as letras e faz-se rodear, sempre que possível, apesar do mundo espiritual que representa, de todo o conforto e luxo ao alcance apenas dos mais ricos.

/ Besides the king, who was consolidating his power over the kingdom, the bishop also had a powerful influence. Initially, most of our territory belonged to the diocese of **Conímbriga**, but by the end of the 6th century, in a climate of instability due to the Barbarian raids, the bishop of **Conímbriga** abandoned the town and took refuge in **Aeminium**, which provided better conditions of safety. The town gradually became identified with the name of the bishopric, and eventually **Conímbriga** evolved into a new, simplified name: **Coimbra**.

So who were the bishops? They were rich and powerful lords, second sons of great noble families, with close ties to king and court. They frequented the court and held a place in the royal council. The bishop's influence extends well beyond religious circles; he is lord of the manor or of the castle, hunts and fights, is cultured, and in spite of the spiritual realm he represents, he enjoys all the comforts and luxury that only the very rich can afford.



Código de Leis de Afonso X, o Sábio, Primera Partida, Castela, final do séc. XIII. Londres / Alfonso X's Code of Law, Primera Partida, Castile, late 13th century, London [^]
© The British Library Board, Add 20787, f.92v.

O bispo detém poderes de natureza temporal e espiritual. Como senhor que é, administra os bens e rendimentos do seu bispado: vende, troca, doa, afora, percorre o território e recebe os seus direitos senhoriais. Nos seus numerosos coutos, ocupa-se do povoamento e nomeia os seus próprios oficiais: procuradores, juizes, mordomos e tabeliães. Tudo isso fica patente, por exemplo, na carta de foral outorgada pelo bispo D. Egas Fafes, em 1260, a **Côja (Arganil)** lugar que lhe pertencia já desde o tempo de D. Teresa e onde, embora detivesse o castelo, mandou fazer um paço. Era, sem dúvida, o senhor da terra.

No âmbito dos poderes espirituais cabe-lhe, em primeiro lugar, zelar pelas boas práticas dos clérigos e dos fiéis, repreendendo, castigando e, se necessário, excomungando. Nem mesmo o rei escapa ao seu poder. É também da sua responsabilidade a organização de toda a rede paroquial: manda construir igrejas ou autoriza que outros o façam (vizinhos, nobres ou mosteiros), define os limites de cada paróquia, determina que sacerdotes enviar para cada uma, competindo-lhe igualmente decidir sobre toda e qualquer alteração. É assim que o bispo de Coimbra, autoriza, em 1231, o mosteiro de **Seiça (Figueira da Foz)** a construir uma igreja nos seus domínios; apresenta, em 1264, o novo sacerdote de São Julião de **Portunhos (Cantanhede)**; ou que, em 1293, consente que as igrejas de **Botão (Coimbra)** e de **Abiúl (Pombal)** transitem para o padroado do mosteiro de **Lorvão (Penacova)**.

The bishop's powers are both temporal and spiritual. As manor lord, he administers the bishopric's properties and incomes: he sells, exchanges, grants, rents, travels throughout his estates and enjoys his manorial rights. In his numerous "coutos", he is in charge of the repopulation and names his own officials: delegates, judges, administrators and notaries. All of this can be seen, for example, in the charter granted by bishop Egas Fafes, in 1260, to **Côja (Arganil)**, a settlement he owned since the times of D. Teresa, and where, although it had a castle, he had a manor house built. He was, without a doubt, the manor lord.

As to his spiritual responsibilities, first of all, he had to ensure the good practices of the clergy and of the faithful; to reprimand, to discipline and, if necessary, to excommunicate. Not even the king could escape his power. The organization of the network of parishes is also under his responsibility: he has churches built or allows others to build them (neighbours, nobles or monasteries), he defines the limits of, and chooses the priest for each parish, while he also has a word on any changes to be made in them. Thus, in 1231, the bishop of Coimbra authorizes the Monastery of **Seiça (Figueira da Foz)** to have a church built on its premises; he chooses the new priest of São Julião de **Portunhos (Cantanhede)**; and in 1293, he authorizes the churches of **Botão (Coimbra)** and of **Abiúl (Pombal)** to be placed under the patronage of the Monastery of **Lorvão (Penacova)**.

Tem ainda a última palavra relativamente à vida nos mosteiros, podendo alterar a filiação e a regra desses espaços religiosos ou até mesmo transferi-los de local. São vários os exemplos para o nosso território: em 1180, o mosteiro de **Arganil** recebe permissão para mudar de localização, possivelmente do lugar de **São Pedro (Arganil)** para a mata de **Folques (Arganil)**; no princípio do século XIII, o mosteiro de **Lorvão (Penacova)** não só passa de masculino a feminino, como de beneditino a cisterciense, mudança, aliás, que também ocorre no Mosteiro de Santa Maria de Seiça (**Figueira da Foz**) que, a partir de 1195, passa a albergar monges brancos, e, finalmente, em 1223, o mosteiro de Santa Ana (**Coimbra**), já praticamente engolido pelas águas do Mondego, recebe permissão para se deslocar para uma zona mais alta e protegida.

Mas uma das preocupações fundamentais do bispo, porque daí retirava parte dos seus rendimentos, dizia respeito à cobrança dos dízimos eclesiásticos. O dízimo (décima parte) era uma prestação que recaía sobre tudo e todos: as propriedades, a produção e o trabalho, em relação ao qual ninguém escapava, sob pena de excomunhão. Repartia-se em três parcelas: uma para o bispo, outra para o clero que exercia funções nas paróquias e, a última, para a fábrica da igreja. A sua distribuição e o seu pagamento motivavam muitos conflitos, sempre arbitrados pelo bispo.

The bishop has the last word on anything concerning life in the monasteries, and he can change their affiliation and rule, or even move them to a different location. There are several examples of this in our territory: in 1180, the monastery of **Arganil** received authorization to change its location – possibly from the small settlement of **São Pedro (Arganil)** to the **Folques** woods (**Arganil**); by the beginning of the 13th century, the Monastery of **Lorvão (Penacova)** undergoes a double change, from masculine to feminine, and from the rule of St. Benedict to the Cistercian rule; this change of rule also occurred in the Monastery of Santa Maria de Seiça (**Figueira da Foz**), which, from 1195, housed white monks. And lastly, in 1223, the Monastery of Santa Ana (**Coimbra**), about to be taken over by the waters of the Mondego, is granted permission to move to a higher and safer location.

One of the main concerns of the bishop, given that they were one of his main sources of income, was the collection of ecclesiastical tithes. The tithe (the tenth part) was a tax that fell on everything and everybody: on properties, on production and on labour; no one could escape, under penalty of excommunication. The tithe was divided in three parts, one for the bishop, another for the parish clergyman and the last for the church factory. Its payment and distribution were the source of many conflicts, arbitrated by the bishop.

De novo, encontramos inúmeros exemplos para o nosso território: em 1178, o bispo fez um acordo sobre o pagamento da sua terça parte relativo à igreja de **Carvalho (Penacova)**; em 1218, o bispo julgou a questão sobre o dízimo que opôs **São João da Almedina (Coimbra)** e Santa Maria de **Alvaiázere**; e, em 1301, ordenou aos pescadores atracados em São Julião de **Buarcos (Figueira da Foz)** que dessem a metade da dízima do pescado a essa igreja e a outra metade àquela em que fossem fregueses.

Com sede em Coimbra, o bispo exercia todos estes poderes num vasto território, organizado em arceidioceses (**Coimbra, Penela, Seia e Vouga**) e paróquias, estas últimas constituídas por uma igreja e várias ermidas.

Sede do poder episcopal (e daí o termo Sé) onde o bispo tem a sua cátedra (cadeira, e daí o termo catedral), a catedral era, por regra, dedicada à Virgem, considerada a mãe da Igreja (*mater ecclesia*) desde o século IV. Por isso e por extensão, funcionava como mãe de todas as igrejas da diocese. Mas a catedral era também símbolo de dignidade e grandeza, razão por que foi sempre alvo de sucessivas campanhas de obras de ampliação e atualização. A catedral de **Coimbra**, muito provavelmente implantada no mesmo local onde anteriormente, sob o domínio muçulmano, se erguera a mesquita, é totalmente refeita, a partir de 1162, numa ação conjunta do bispo e do rei. Desta importante empreitada foram

Again, many examples can be found in our territory: in 1178, the bishop made an agreement with the church of **Carvalho (Penacova)** regarding the payment of his third share; in 1218, the bishop ruled on the question of the tithe between **São João da Almedina (Coimbra)** and Santa Maria de **Alvaiázere**; and in 1301, he ordered the fishermen docked in São Julião de **Buarcos (Figueira da Foz)** to give half of their fish tithe to that church and the other half to the church of their residence.

With his seat in Coimbra, the bishop controlled a vast territory, organized in archdioceses (**Coimbra, Penela, Seia e Vouga**) and parishes, each parish with a church and several small chapels.

As the seat of episcopal power (hence, See), where the bishop has his cathedra (“seat”, origin of the word cathedral), the cathedral was as a rule dedicated to the Virgin, viewed since the fourth century as mother of the Church (*mater ecclesia*). And thus it came to be regarded as the mother of all the churches of the diocese. As a symbol of dignity and grandeur, the cathedral was frequently enlarged and renovated. The cathedral of **Coimbra**, in all likelihood built where the mosque had formerly stood, was completely overhauled from 1162 onwards, in a concerted action of the bishop and the king. Two foreign masters – Robert and Bernard – were entrusted with this major work, in which they followed the artistic models that

responsáveis dois mestres estrangeiros – Roberto e Bernardo – que trouxeram consigo as formas artísticas que à época se utilizavam nos principais reinos da Europa Cristã, com França à cabeça, de onde aliás os arquitetos seriam oriundos.

A catedral situava-se quase sempre no centro das cidades, e **Coimbra** não era exceção. A ela acorria o povo todo, em rebanho, sobretudo, em momentos de festa presididos por essa figura central que era o bispo. À cidade, limpa e varrida, engalanada com ramos, flores e ervas de cheiro, acorriam fregueses das paróquias do termo, muitas vezes convocadas pelo próprio bispo. Assim sucedeu em meados do século XIII, quando D. Egas Fafes ordenou aos prelados de **Coimbra** e arredores que fizessem os seus paroquianos participar nas festas da Sé, principalmente na de Santa Maria, de agosto. Eram momentos altos da vida quotidiana na cidade medieval: à procissão seguiam-se quase sempre jogos, danças, peças de teatro, jogos de canas e corridas de touros. Sem esquecer o bodo, claro, isto é, a distribuição de alimentos aos pobres.

prevailed in the most powerful Christian reigns of Europe, in particular, France, from where the two masters are believed to have come.

The cathedral was usually built in the centre of the town, and **Coimbra** was no exception. On feast days, presided over by the bishop, the whole population would flock to the cathedral. The town would be spotless clean, decorated with branches, flowers and aromatic herbs, attracting people from all the surrounding parishes, often summoned by the bishop. This happened, for example, in the mid-thirteenth century, when D. Egas Fafes ordered all the prelates of Coimbra and environs to summon their parishioners to take part in the festivities of the See, and specifically in the feast of Saint Mary, in August. These were special occasions in the everyday life of the medieval town: the procession was nearly always followed by games, dances, theatre plays, street games and bull fights. And, of course, the “bodo”, that is, the distribution of food to the poor.



Para além desta festa, uma outra se destacava no calendário religioso: o *Corpus Christi* (Corpo de Deus), instituída pelos bispos D. Aimerico d'Ébrard e D. Raimundo, no final do séc. XIII. A importância desta festa ultrapassava largamente a questão lúdica de vir à cidade: aos folguedos, juntava-se a preocupação do homem medieval com a salvação da alma. Sabendo disso e querendo garantir o sucesso da festa, D. Raimundo concedeu 10 dias de perdão por cada hora de oração e assistência às cerimónias litúrgicas. Se para as grandes festas é à catedral, enquanto mãe de todas as igrejas da diocese, que acorrem homens e mulheres de todas as paróquias da cidade e de outras mais distantes, no quotidiano é na freguesia onde cada um reside que tudo acontece.

A partir da catedral e do seu trono, a cátedra, o bispo conduzia todas as suas paróquias, numa analogia entre o pastor e o seu rebanho. De acordo com a lista de igrejas de c. 1320, a diocese de **Coimbra** tinha 240 paróquias. A paróquia organizava a vivência religiosa dos cristãos, marcando o compasso dos dias, dos meses e dos anos, dos momentos mais importantes à missa dominical, passando pelas festas em honra dos santos de cada igreja. De facto, o calendário religioso comandava o ritmo dos dias de trabalho, de festa e de descanso.

There was another very important festivity in the religious calendar: the *Corpus Christi* (Body of Christ), instituted by the bishops Aimerico d'Ébrard and Raimundo, at the end of the 13th century. The significance of this festivity greatly surpassed the recreational aspects of a visit to town, since it concerned the central issue, for the medieval man and woman, of the salvation of the soul. With this concern, and to guarantee the success of the event, D. Raimundo granted 10 days of pardon for each hour of prayer and attendance of the liturgical ceremonies. For special events such as this, the cathedral, mother of all the churches of the diocese, is the place that convenes all the men and women from the town parishes and from the neighbouring ones; but in everyday life, the parish where one resides is the centre of the world.

From his cathedra, the bishop ruled his parishes as a shepherd guides his flock. According to a list of churches from c. 1320, the diocese of Coimbra had 240 parishes. The parish regulated the religious life of the Christians, setting the time for the days, the months and the years, from the most important moments to the Sunday mass, and including the feasts in honour of the saints of each church. The religious calendar dictated the rhythm of work, rest and feast days.

A decisão de fundar uma igreja era determinada por vários fatores e podia depender das vontades do bispo, do rei ou de qualquer outro senhor poderoso, bem como de uma comunidade organizada ou ainda do que se determinava em alguns testamentos de particulares. Por exemplo, em 1036, Natália e sua filha doam ao mosteiro da **Vacariça (Mealhada)** todos os seus bens, e entre estes uma casa que tinham em **Penacova** para aí se construir uma igreja “in honore Sancti Petri et Pauli et Sancti Tome” que deveria ser feita à imagem da igreja do mosteiro.

Erguer uma igreja, para além de ser uma forma de se obter graça espiritual, conferia um enorme prestígio social. Mais, o padroeiro assegurava um conjunto de rendimentos considerável através da cobrança do dízimo. D. Sesnando Davides, governador de Coimbra, mandou erguer a Igreja de São Miguel de **Coimbra**. Já o mosteiro de **Arganil** obteve autorização episcopal, entre 1190 e 1194, para construir um templo no **Rego da Murta (Alvaiázere)**. E do patrocínio do bispo foi a igreja de **Midões (Tábua)** mandada fazer entre os finais do século XII e os inícios do século seguinte.

The decision to build a church could result from different factors: the will of the bishop, of the king or of any other powerful lord, a community effort or an individual’s will. For example, in 1036, Natália and her daughter grant all their possessions to the Monastery of **Vacariça (Mealhada)**, among which was a house in **Penacova**, where a church should be built “in honore Sancti Petri et Pauli et Sancti Tome”. The will established that the church should be made in the image of the monastery church.

To build a church was a means to receive God’s grace, but it was also a source of great social prestige. And on top of that, it ensured a considerable income in tithes. D. Sesnando Davides, governor of **Coimbra**, had the Church of São Miguel built in Coimbra. The Monastery of **Arganil** had the bishop’s authorization to build a temple in **Rego da Murta (Alvaiázere)** in 1190–94. And the church of **Midões (Tábua)** was built between the late 12th and early 13th centuries under the patronage of the bishop.

Escolhido o lugar do novo templo, seguia-se um momento fundamental: a eleição do orago, ou seja, do santo a quem o templo era dedicado e a quem caberia proteger a comunidade, intercedendo pelos seus membros junto de Deus. A preferência recaía, sem surpresa, na Virgem, sob a invocação de Santa Maria (40), seguindo-se São Pedro (16), São Miguel (8), São Tiago (8) e São Martinho de Tours (7).

Depois de construído o edifício, era necessário sagrá-lo, dotando-o de um altar e pintando-lhe nas paredes as habituais cruzes (por ex., igreja de São Pedro de **Lourosa**, em **Oliveira do Hospital**). E se se tratasse de uma igreja paroquial, tinha de ter um batistério.

Aos padroeiros cabia ainda dotar as igrejas dos bens necessários para prover ao seu sustento e condigna celebração do culto. Outros bens chegavam-lhe por via de testamentos, os chamados legados pios. Por exemplo, em 1080, Ximeno Fortunes e sua mulher deixam em testamento uma terra com um moinho, no lugar de **Antanhol (Coimbra)**, à igreja de **São Martinho do Bispo (Coimbra)** e, em 1094, um abade de nome Pedro dá à mesma igreja de que era padroeiro uma terra no *Campo de Apresuria*.

Assim se percebe como, ao longo do tempo, as igrejas acumulavam património. A sua dimensão e riqueza determinavam a qualidade da arquitetura, o programa decorativo, mas também o conjunto de paramentos (alva, casula, estola, manípulo, toalhas, frontais de altar, etc.) e alfaias (cálice, píxide, patena, candelabros, turíbulos) necessárias para as

Once the temple's location was chosen, came the fundamental step of electing the protector saint to whom the church would be dedicated, the one who would protect the community and intercede before God for the people. Not surprisingly, there was a preference for the Virgin, as Saint Mary (40 churches), followed by St. Peter (16), St. Michael (8), St. James (8) and St. Martin of Tours (7).

Once the building was finished, it was necessary to consecrate it, with an altar and the usual crosses on the walls (as, for example, in the church of São Pedro, in Lourosa, Oliveira do Hospital). And if it was a parish church, it had to have a baptistery.

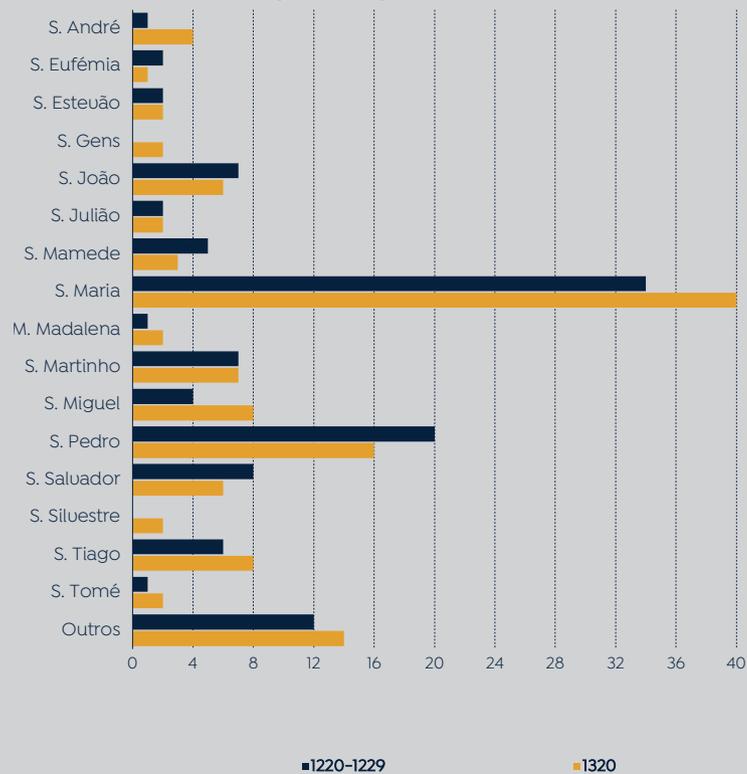
Patrons had to provide everything that was necessary for the upkeep of the church and for suitable conditions of worship. Some assets were left in wills, the so-called pious wills. For example, in 1080, Ximeno Fortunes and his wife left a piece of land with a mill in Antanhol (Coimbra) to the church of São Martinho do Bispo (Coimbra), and in 1094, an abbot called Pedro donated a property to this church, of which he was patron, in *Campo de Apresuria*.

In this way, as time went by, churches have accumulated their assets. Their size and wealth determined the quality of the architecture and decoration, but also the set of paraments (the alb, chasuble, stole, maniple, towels, altar frontals, etc) and the tools (the chalice, the pyx, the paten, the candelabra, the thurible) necessary for the liturgical rituals. Gold, silver or tin were the most common



^ Escultura em pedra, representando a Virgem com o Menino, séc. XIV (Capela de Nossa Senhora da Esperança de Arganil)
 Stone sculpture of Virgin and Child, 14th century
 (Chapel of Our Lady of Hope, Arganil)
 © Marta Simões, ADCMMM

Oragos das igrejas em 1220-1229 e 1320



Distribuição dos oragos das igrejas em 1220/29 e 1320 ^
 no território dos 22 concelhos estudados
 Distribution of church patron saints in 1220-29 and 1320 in
 the area of the 22 municipalities concerned
 © Feio, R., Simões, M.



- ^ Representação de Cristo no trono, ladeado pela águia e pelo anjo, símbolos de São João e São Mateus. Datado do séc. XII, é provável que tenha pertencido ao primitivo templo de Sepins (Cantanhede) / Christ with the eagle and the angel, symbols of St. John and St. Matthew, on each side of the throne. Dating from the 12th century, it probably belonged to the primitive temple of Sepins (Cantanhede)
© Município de Cantanhede (Arquivo Fotográfico)

cerimónias litúrgicas. Ouro, prata ou simplesmente estanho, eram alguns dos materiais utilizados. Alguns deles chegaram até nós e são hoje peças únicas. No Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, conservam-se três peças que D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa, deixou em testamento ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: uma cruz de prata e jaspe, um relicário do Santo Lenho em prata e coral e uma Virgem-relicário escultura de vulto redondo, também em prata. Peças absolutamente excecionais, claro, pelo estatuto da doadora, muito diferentes, nos materiais e apuramento técnico, dos objetos comuns da maioria das igrejas.

materials. Some of these objects have reached us, and are unique nowadays. The Machado de Castro National Museum, in Coimbra, holds three objects that Isabel of Aragon, the Queen Saint, left by will to the Monastery of Santa Clara-a-Velha: a jasper and silver cross, a coral and silver holy cross reliquary and a silver reliquary statue of the Virgin. These absolutely exceptional pieces reflect the status of the benefactor and are naturally much superior, both in material and technical achievement, to the common objects found in the majority of churches.



^ Cruz processional pertencente ao "Tesouro da Rainha Santa", séc. XIV (Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra).
 Processional cross, part of the "Treasure of the Holy Queen", 14th century (Machado de Castro National Museum)
 47,5 x 31,2 cm
 © José Pessoa, DGPC/ADF



^ Imagem-Relicário de Nossa Senhora com o Menino, pertencente ao "Tesouro da Rainha Santa", séc. XIV (Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra)
 Image-reliquary of the Virgin with Child, part of the "Treasure of the Holy Queen", 14th century
 86,5 x 33 cm
 © José Pessoa, DGPC/ADF



^ Relicário do Santo Lenho pertencente ao "Tesouro da Rainha Santa", séc. XIV (Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra)
 Reliquary of the Holy Cross, part of the "Treasure of the Holy Queen", 14th century
 53,2 x 20 cm
 © Manuel Palma, DGPC/ADF

Neste território, em 1320, as dez igrejas paroquiais que mais rendiam eram as de Santa Maria de **Soure** (800 libras), São Tiago de **Coimbra** (650 libras), Santa Maria de **Penacova** (550 libras), São Bartolomeu de **Coimbra** (540 libras), São Martinho de **Montemor-o-Velho** (500 libras), São Cristóvão de **Coimbra** (480 libras) e São Pedro de **Côja (Arganil)**, Santa Maria da **Redinha (Pombal)**, Santa Maria Maior de **Góis** e São Salvador de **Miranda do Corvo** (todas com 400 libras). Aquelas que davam menos rendimentos eram as de **Candosa (Tábua)** (5 libras), São Mamede de **Bolho (Cantanhede)** (10 libras), São Miguel de **Cegonhaira (Coimbra)** (10 libras), Santo Isidoro de **Almaça (Mortágua)** (10 libras), **Figueiró do Campo (Soure)** (20 libras), Santa Maria de **Maçãs de Caminho (Alvaiázere)**, Santo André de **Vale de Remígio (Mortágua)** e São Tiago de **Trouxemil (Coimbra)** (todas com 25 libras).

Mas como interpretar estes valores? Se forem colocados em relação com o custo de vida da época, percebe-se melhor o impacto que esses rendimentos poderiam ter na vida de quem deles auferia. Assim, sabe-se que uma libra equivalia a 20 soldos e que, por volta de 1330, um professor de leis da Universidade de Coimbra recebia 50 libras por mês, um carpinteiro e um ferreiro cerca de 175 soldos e um cavador de vinha 125 soldos. Mais, um alqueire de trigo rondava os 15/21 soldos e uma galinha custava dois soldos.

In this territory, in 1320, the ten most profitable parish churches were Santa Maria of **Soure** (800 *libras*), São Tiago of **Coimbra** (650 *libras*), Santa Maria of **Penacova** (550 *libras*), São Bartolomeu of **Coimbra** (540 *libras*), São Martinho of **Montemor-o-Velho** (500 *libras*), São Cristóvão of **Coimbra** (480 *libras*) and São Pedro of **Côja (Arganil)**, Santa Maria of **Redinha (Pombal)**, Santa Maria Maior of **Góis** and São Salvador of **Miranda do Corvo** (400 *libras*, all of them). The parishes with lesser incomes were **Candosa (Tábua)** (5 *libras*), São Mamede de **Bolho (Cantanhede)** (10 *libras*), São Miguel de **Cegonhaira (Coimbra)** (10 *libras*), Santo Isidoro de **Almaça (Mortágua)** (10 *libras*), **Figueiró do Campo (Soure)** (20 *libras*); Santa Maria de **Maçãs de Caminho (Alvaiázere)**, Santo André de **Vale de Remígio (Mortágua)** and São Tiago de **Trouxemil (Coimbra)** (25 *libras*, all of them).

How can we interpret these values? By placing them in the context of contemporary cost of living, we can have a better understanding of the impact of these amounts on the lives of those who received them. We do know that a *libra* equalled 20 *soldos* and that around 1330, a professor of laws at the University of Coimbra received 50 *libras* a month, a carpenter and a blacksmith, around 175 *soldos*, and a field labourer, 125 *soldos*. On the other hand, a bushel of wheat cost around 15 to 21 *soldos* and a chicken, two *soldos*.

/ Os Santos estão por todo o lado! Dão nome aos lugares, às igrejas e às pessoas. Nas estradas, em alminhas, à entrada das vilas, nas capelas, no alto dos montes, na intimidade da casa, estão sempre presentes. E são muitos! Homens e mulheres, de madeira e de pedra, a quem as pessoas recorrem em momentos de aflição, doença ou perigo. Valem para todos os males, até quando se perde um objeto ou se procura marido. Os santos são os intermediários entre a terra e o céu. Iguais a todos os outros homens, aproximam-se de Deus pelo seu comportamento exemplar. Foram mais piedosos, mais penitentes, mais devotos. Alguns, os mártires, escolheram morrer pela fé. Estes foram os primeiros santos de todos: Sebastião, Catarina, Lourenço, André, Paulo, Eufémia, Marinha, Luzia... martirizados de formas muito distintas, com flechas, na roda, na cruz, na arena, torturados. As suas representações incluem sempre o instrumento usado ou os membros amputados, ajudando a identificá-los e a distingui-los uns dos outros.

/ Saints are everywhere. Places, churches and people are named after some saint. On the roads, on road altars, at the towns' entrance gates, in chapels at the top of the hills, at home, they are everywhere. And there are many of them. Male and female, of wood or stone, to whom people resort to in moments of affliction, of disease or of danger. They can fight all evils, and they can even help in finding a lost object or a husband. Saints are mediators between heaven and earth. They are like other men and women, but their exemplary behaviour leads them closer to God. They were more pious, more penitent, more fervorous. Some of them, the martyrs, chose to die for their faith. The first saints were Sebastian, Catherine, Lawrence, Andrew, Paul, Euphemia, Marinha, Luzia... They were martyred in very distinct ways, with arrows, at the breaking wheel, at the cross, at the arena. They are always represented with the instrument they were tortured with or with the amputated members, to facilitate his or her identification and to differentiate them.



▲ São Pedro (Igreja de São Pedro de Cantanhede)
St. Peter (St. Peter's Church, Cantanhede)



▲ São João Evangelista (Capela de São João das Ermidas, Lousã)
St. John the Evangelist (Chapel of São João das Ermidas, Lousã)



▲ Santa Catarina (Igreja de Nossa Senhora da Esperança de Carvalho, Penacova)
St. Catherine (Church of Our Lady of Hope, Carvalho, Penacova)



▲ Santo Antão, proveniente da Capela de Nossa Senhora das Candeias de Cova da Lapa (Penela)
St. Anthony the Hermit, from the Chapel of Our Lady of Light, Cova da Lapa (Penela)



▲ São Goldrofe (Capela de Nossa Senhora da Paz de Moinho da Mata, Montemor-o-Velho)
St. Goldrofe (Chapel of Our Lady of Peace, Moinha da Mata, Montemor-o-Velho)

Em comum têm quase sempre na mão uma folha de palmeira, símbolo do triunfo da fé e do Cristianismo. Atrás destes primeiros santos vieram muitos outros, em número que continuou a aumentar até aos dias de hoje. Já não são mártires, mas pessoas que procuraram alcançar a perfeição em vida, ora fugindo do mundo isolando-se no deserto

Most of them have in common the fact that they are represented bearing a palm, a symbol of the triumph of faith and Christianity. These first saints were followed by many others, and their number continued to rise until today. These are not martyrs, they were people who tried to reach perfection in their lives, either fleeing society and



▲ Santo André (Igreja de Santa Maria Maior de Tábua)
St. Andrew (Church of Saint Mary Major, Tábua)



▲ São Lourenço (Igreja de São Tomé de Mira)
St. Lawrence (St. Thomas' Church, Mira)



▲ São Brás (Igreja de São Pedro de Rego da Murta, Alvaiázere)
St. Blaise (St. Peter's Church, Rego da Murta, Alvaiázere)



▲ Santa Luzia (Igreja de São Pedro das Alhadas, Figueira da Foz)
St. Lucy (St. Peter's Church, Alhadas, Figueira da Foz)



▲ São Martinho (Capela de São Martinho da Ateanha, Ansião)
St. Martin (St. Martin's Chapel, Ateanha, Ansião)

© Marta Simões, ADCMMM

(Antão, Onofre) ou encerrando-se num mosteiro (Amaro, Goldrofe), ora atuando no mundo, fosse conduzindo a comunidade de fiéis como padre, bispo ou mesmo papa (Martinho, Silvestre), fosse pregando nas ruas e praças (António, Domingos). Outros, atingem a santidade na vida laica (Ana, Marta, a rainha Isabel, as infantas Sancha e Teresa).

taking refuge in the desert (Anthony, Onoufrius) or in a monastery (Amaro, Goldrofe), or taking action in the world – either as a guide of the faithful, as priest, bishop or even pope (Martin, Silvester), or preaching in the streets (Anthony, Domingos). Others attained sainthood as lay men or women (Anne, Martha, Queen Isabel, Sancha and Theresa).

Todos eles protegem, ajudam e curam, embora cada um tenha uma vocação especial, uma especialidade. Por regra, é aos episódios que os tornaram famosos, aos martírios, milagres ou qualidades, que se vai buscar os seus poderes especiais. Assim, Pedro segura as chaves que Cristo lhe entregou e com elas abre ou encerra as portas do Céu, como podemos ver na igreja de Nossa Senhora da Assunção de Avô, na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Bobadela e na igreja de S. Pedro de Travanca de Lagos (todas pertencentes ao concelho de **Oliveira do Hospital**), na capela de S. Miguel (**Coja**), ou na igreja de S. Tomé (**Mira**); Luzia, protetora da visão por lhe terem sido arrancados os olhos surge em **Montalto** e Pombeiro da Beira (ambas em **Arganil**), na Lageosa (**Oliveira do Hospital**) e S. Tiago de Litém (**Pombal**); Brás, que salvou uma criança de morrer engasgada com uma espinha é particularmente invocado para os males de garganta (igreja de S. Sebastião da Feira e igreja da Exaltação da Santa Cruz (ambas de **Oliveira do Hospital**), Igreja de Nossa Senhora da Nazaré da Ranha de S. João (**Pombal**) e igreja de S. Pedro de Folques (**Arganil**); já Santo Estevão, violentamente apedrejado, protege as dores de cabeça. Outros são patronos de profissões pelas atividades que desempenharam em vida: S. Gens, notário, protege os que fazem da escrita o seu trabalho; Santa Catarina, primeiro martirizada na roda e só depois decapitada, e que por isso socorre quem a usa no dia a dia, como oleiros, moleiros ou fiadeiras, parece ter tido particular sucesso no concelho de **Oliveira do Hospital**, estando representada nas igrejas de

They all protect, help and cure, but each saint has a special vocation, a “specialty”. As a rule, their powers are linked to an episode of their lives – martyrdom, miracles or special qualities. Thus Peter holds the keys delivered to him by Christ and with them he opens or closes Heavens’ doors, as seen in the church of Nossa Senhora da Assunção (Avô), the church of Nossa Senhora da Graça, in Bobadela, and the Church of S. Pedro, Travanca de Lagos (all in the municipality of Oliveira do Hospital), in the chapel of S. Miguel (Coja), or in the Church of S. Tomé (Mira); Luzia (Lucy, in English), protector of vision because she had her eyes gouged out, is shown in the churches of Montalto and Pombeiro da Beira (both in Arganil), in Lageosa (Oliveira do Hospital) and S. Tiago de Litém (Pombal); Brás (Blaise, in English), who saved a child from dying with a fishbone stuck in his throat, is particularly invoked to cure sore throats, and can be seen in the churches of S. Sebastião da Feira and Exaltação da Santa Cruz (both in Oliveira do Hospital), Church of Nossa Senhora da Nazaré, Ranha de S. João (Pombal) and Church of S. Pedro de Folques (Arganil); and Santo Estêvão (St. Stephen), who was violently stoned to death, is the patron saint of headaches. Others are patron saints of the professions they themselves had practised. St. Gens (Genesius, in English), a notary, protects those whose profession concerns writing; St. Catherine, martyred on the wheel before decapitation, protects those who use wheels in their profession, i.e., potters, millers

Nossa Senhora da Piedade do Ervedal, igreja de S. Paio de Gramaços, igreja de S. Pedro de Seixo da Beira e igreja de S. Miguel de Meruge; Silvestre, papa construtor de muitas igrejas, ampara pedreiros e canteiros. A Virgem, a primeira dos santos e a mais próxima de Cristo e de Deus, estende o seu manto a todos. Por isso, também, sob a invocação de Santa Maria, foi ao longo de toda a Idade Média a favorita, surgindo em quase todos os lugares, vilas e cidades da nossa região. A Virgem do Museu Paroquial de Arte Sacra Padre Ramiro Moreira, em Alvares (**Góis**), da igreja de Santa Maria Maior (**Tábua**), da igreja da Senhora da Expectação de Nogueira do Cravo (**Oliveira do Hospital**), da igreja de Nossa Senhora da Apresentação de Espariz (**Tábua**), da capela de Nossa Senhora das Neves de Casas Velhas (**Soure**) ou a Virgem da extinta capela da Esperança (**Arganil**), são apenas algumas das muitas esculturas que merecem ser apreciadas.

E, hoje, quem os protege a eles? É que, apesar de serem santos e venerados, o material de que as suas imagens são feitas não dura para sempre. Alguns, os mais antigos, dos séculos XIV e XV, em madeira ou pedra, acusam o tempo e o uso. Os de madeira quase não sobrevivem e os que existem estão em mau estado. O fogo, o fumo das velas, as águas e as humidades, o caruncho ou os maus tratamentos que estão sujeitos condenam os santos ao desaparecimento. Mas também a pedra, embora mais resistente, padece de males: mudança de posição no interior da igreja, técnicas desadequadas de limpeza e lavagem,

or spinners, and seems to have been greatly venerated in the region of Oliveira do Hospital, because she is represented in the churches of Nossa Senhora da Piedade do Ervedal, S. Paio de Gramaços, S. Pedro de Seixo da Beira and S. Miguel de Meruge; Silvestre (Silvester), the pope responsible for the erection of many churches, is the patron saint of stonemasons and bricklayers. The Virgin, the first saint and the one closer to Christ and God, is available to all. She was, therefore, the most popular throughout the Middle Ages, and is present everywhere in our region as Santa Maria (St. Mary). The sculptures of the Virgin of the Parish Museum of Sacred Art Padre Ramiro Moreira, in Alvares (**Góis**), and of the churches of Santa Maria Maior (**Tábua**), of Senhora da Expectação, Nogueira do Cravo (**Oliveira do Hospital**), of Nossa Senhora da Apresentação, Espariz (**Tábua**), of the chapel of Nossa Senhora das Neves, in Casas Velhas (**Soure**), as well as the Virgin of the extinct chapel of Esperança (**Arganil**), are but a few of the statues that deserve a visit.

But who protects them nowadays? The saints may continue to be worshiped, but the material of these images does not last for ever. The older, fourteenth or fifteenth-century images, of stone or wood, show signs of wear and tear. As a rule, carved wood sculptures have not survived, and those that do are in very poor condition. Fire, candle smoke, water, humidity, woodworm and poor treatment condemn saints' images to

quedas de andor, comprometem o estado físico das imagens. Rachadas, partidas, mutiladas ou velhas e fora de moda têm, por regra, um de dois destinos possíveis: na primeira hipótese são retiradas do culto, arrumadas nas sacristias, encostadas a um canto e esquecidas. Quando já não servem qualquer propósito litúrgico são decapitadas e enterradas ou emparedadas no interior das igrejas, solo sagrado, portanto. Deixam de ser santos e passam a simples pedras. No segundo caso, opta-se por recuperá-las. Quando tal é feito por especialistas em restauro e conservação, a imagem mantém a sua dignidade sem que se apaguem as marcas do tempo: os membros perdidos não são substituídos, respeita-se a policromia original, limpa-se de acrescentos e pinturas sucessivas, estabiliza-se o processo de degradação. Nem sempre, todavia, isso acontece. A maioria delas regressa a casa transfigurada. O rosto altera-se, por vezes a ponto de os crentes já não reconhecerem naquela imagem o santo que veneravam. Sobrancelhas, olhos, maçãs do rosto, dedos e unhas, ganham formas e cores que nunca tiveram; perdem-se os contornos e as tintas plásticas de tons agressivos cobrem tudo indistintamente. Só muito dificilmente e com custos muito elevados estas alterações podem ser revertidas. Infelizmente, na maioria dos casos, por desconhecimento, falta de investimento na formação patrimonial e de acompanhamento responsável pelas instituições tutelares, a que se junta a impreparação de muitos dos profissionais a quem são entregues, as imagens perdem autenticidade e valor histórico-artístico.

disappear. And although more resistant, stone has its own serious problems. Changes of position in the church, unsuitable methods of cleaning and washing, paso drops damage the statues. Cracked, broken, mutilated, or old and outdated, they usually suffer one of two fates. They may be removed from the church and tucked away in a corner of the sacristy and when they don't seem to have any further liturgical use, be decapitated and buried inside the church, that is, in holy ground. The images are no longer saints, they are just stone. Alternatively, they may be restored. When performed by conservation specialists, the image keeps its dignity without losing the marks of time: lost members are not replaced, the original polychromy is respected, the added successive layers of paint are removed and the deterioration is halted. Unfortunately, this does not always happen. Most of the statues are damaged, their faces altered, sometimes to such a degree that the faithful no longer recognize them. Eyebrows, eyes, cheekbones, fingers and nails with shapes and colourings they had never had, their original contours lost under the aggressive colours of plastic paints; and reverting this process is very difficult and very expensive. Unfortunately, in most cases, because of ignorance, lack of investment in heritage education and lack of assistance and supervision from the proper supervisory authorities – added to the unpreparedness of many professionals to whom the restoration of these images is entrusted – the images lose authenticity and their historical and artistic value.



^ Virgem com o Menino
(Capela de Nossa Senhora da Encarnação de Mucelão, Arganil)
Virgin with Child
(Chapel of Our Lady of the Incarnation, Mucelão, Arganil)
© Marta Simões, ADCMMM



^ Virgem com o Menino
(Capela de Nossa Senhora da Saúde de Cordinhã, Cantanhede)
Virgin with Child
(Chapel of Our Lady of Health, Cordinhã, Cantanhede)
© Marta Simões, ADCMMM



MONGES E MOSTEIROS

MONKS AND MONASTERIES

/ As primeiras experiências de vida religiosa tiveram início com homens que decidiram afastar-se do mundo para viver em solidão, os chamados eremitas ou ascetas, dedicados por completo à oração e à contemplação, ao jejum e à penitência. Outros, pelo contrário, preferiram viver em comunidade, embora também em lugares isolados e junto dos rios. Dividindo o tempo entre o trabalho e a oração, procuravam governar-se de modo autossuficiente. Neste território, conhecem-se, desde o séc. X, comunidades religiosas instaladas em **Trezói (Mortágua)**, **Rego da Murta (Alvaiázere)** ou **Soure**, de origem espontânea, embora delas nada se saiba, se eram masculinas, femininas ou até mistas.

Com o passar do tempo, as comunidades organizaram-se e adotaram uma regra religiosa, ou seja, um conjunto de princípios escritos que regulava todos os aspetos da vida em comum, da prática religiosa às formas de subsistência, estabelecendo horários rígidos de trabalho, oração e descanso. A regra definia igualmente o hábito que o religioso vestia, identificando-se, a partir da sua cor e feitura, a ordem religiosa que integra bem como o estatuto que goza na comunidade (monge, noviço). Aquele

/ The first experiences in monastic life began with men who wanted to escape the world and live in solitude, the hermits or ascetics, entirely devoted to prayer and contemplation, fast and penitence. Others preferred to live communally, although in isolated regions and near rivers. Dedicating their days to work and prayer, they tried to be self-sufficient communities. In this region, we know of the existence of religious communities since the 10th century, spontaneously formed, in **Trezói (Mortágua)**, **Rego da Murta (Alvaiázere)** or **Soure**, although there are absolutely no details about them, not even if they were masculine, feminine or even mixed houses.

As time went by, the communities became more organized and adopted a religious rule, that is, a set of written principles regulating all aspects of communal life, from religious practices to aspects of subsistence, with rigid timetables for work, prayer and rest. The rule also defined the habit, whose colour and shape identified the religious order as well as the wearer's position in the community (monk or novice). Wearing a habit implies a life devoted to God, embracing the vows of obedience, poverty and chastity.

que o enverga, consagra a vida a Deus e abraça os votos de obediência, pobreza e castidade. O conjunto dos religiosos, obedecendo a uma hierarquia estrita, é presidido por um abade que os guia como um pai, cabendo-lhe regular e disciplinar, corrigir e admoestar, através de castigos físicos ou espirituais, como a flagelação ou a excomunhão. Garante ainda que os monges saibam os salmos de cor para poderem, em conjunto, entoar os cânticos.

Embora de dimensões muito distintas, podendo acolher apenas meia dúzia de membros ou largas dezenas, as estruturas físicas de um mosteiro contemplavam inevitavelmente a igreja, coração de toda a casa religiosa, a que se associava, em função da sua importância e poder económico, um conjunto mais ou menos vasto de dependências de apoio à vida comunitária.

The religious community is ruled by a strict hierarchy: the abbot, at the top of that hierarchy, rules like a father, charged with maintaining the order and disciplining, correcting and reprimanding, with physical or spiritual punishments, such as flagellation or excommunication. He must also ensure that the monks know the psalms by heart so that they can join together to sing the chants.

Whatever their size – monasteries might house from half a dozen to many dozens of members – their premises always included a church, the heart of any religious institution.





Por regra, em torno de um claustro, espaço central semiaberto e multifuncional, da meditação aos enterramentos, distribuíam-se a sala do capítulo, onde, sob presidência do abade, se discutiam os principais assuntos da comunidade, o dormitório, o refeitório e a cozinha, a hospedaria e a enfermaria, os celeiros, as cavalariças e os espaços de trabalho.

Na vida de qualquer mosteiro, a exploração agrícola era uma componente essencial. Das suas terras retiravam o alimento e os rendimentos, ora trabalhando-as diretamente, com as suas próprias mãos e a ajuda de servos, ora aforando-as a famílias de colonos.

Entre as suas funções cumpria-lhes prestar auxílio a órfãos e peregrinos, resgatar cristãos aprisionados pelos muçulmanos e, de forma geral, salvar todas as almas que pudessem, orientando-as em vida, desviando-as das tentações do mal, intercedendo por elas depois de mortas, rezando missas, tantas quanto as necessárias para lhes abrir as portas do céu. Era com este objetivo específico, o de pagar missas, que muitos fiéis deixavam bens em testamento a favor do mosteiro.

The remaining buildings that supported life in the community depended on its importance and economic power. Usually, around the cloister, a partly open and multi-functional space (from meditation space to burial ground), there was a chapter house, where the main issues were discussed under the direction of the abbot, a dormitory, a refectory and the kitchen, a hospice and the infirmary, a barn, the stables, etc.

Farming was an essential activity of life in a monastery. The monks lived off the land, which they either worked directly, with their hands and with serfs, or rented to settlers.

Among other tasks, they provided assistance to orphans and pilgrims, rescued Christians made prisoners by the Muslims, and, in general, were meant to save as many souls as they could, guiding them in life, leading them away from temptation, and interceding for them after death by saying mass, as many masses as deemed necessary to open the gates of Heaven. It was precisely with this purpose – to pay for masses said in their name – that many faithful left their property to a monastery in their wills.



É essa função que, em grande medida, explica o interesse dos poderosos em fundar casas religiosas. Reis, rainhas, infantes, bispos, grandes senhores da nobreza, todos eles, a par do enorme prestígio social e proveito material que tal ação representava, quiseram assegurar para si e para os seus a salvação eterna. Retiravam rendimentos do mosteiro, usufruíam de direitos como o de nele poderem dormir e comer (aposentadoria), faziam-se sepultar no seu espaço sagrado e encomendavam aos religiosos as orações pelas suas almas.

D. Afonso Henriques e D. Sancho I tiveram um importantíssimo papel na fundação do mosteiro de Santa Maria de **Seiça (Figueira da Foz)**, dando-lhe carta de couto, o primeiro, patrocinando a construção de um novo edifício e colocando-o sob tutela do mosteiro de Alcobaça, o segundo.

Foi igualmente D. Afonso Henriques quem apoiou generosamente a fundação do mosteiro de Santa Cruz, criado por D. Telo, arcediogo da Sé de Coimbra, que quis adotar uma vida religiosa mais rigorosa, abraçando a regra de Santo Agostinho. Foram vários os reis que privilegiaram o mosteiro contribuindo para o crescimento do seu poder e influência. Aliás, para além de ter tido honras de panteão régio, era em Santa Cruz que se formavam os escribas do rei, guardiões do tesouro e da chancelaria régia.

This explains, to a large extent, the interest of the powerful in the foundation of religious houses. Kings, queens, *infantes*, bishops, great noble lords, they all wanted to ensure eternal salvation for themselves and for their own – in addition to the enormous social prestige and material profits thereof. They benefited from the monastery's produce, had the right to sleep and eat in it (*aposentadoria*), were buried in sacred ground and could request prayers for their souls.

Afonso Henriques and Sancho I played a very important role in the foundation of the Monastery of Santa Maria de **Seiça (Figueira da Foz)**. Afonso Henriques gave it special privileges (*carta de couto*), while his son made it subordinate to the Monastery of Alcobaça and funded the construction of a new building.

Afonso Henriques also generously supported the foundation of the Monastery of Santa Cruz, created by D. Telo, the archdeacon of Coimbra Cathedral, who wished to live a more rigorous religious life and so adopted the rule of Saint Augustine. Several kings showed their favour to this monastery, increasing its power and influence. On top of this, and apart from being the royal pantheon, Santa Cruz was also the institution where the king's scribes and officials of the treasury and royal chancellery received instruction.

A infanta D. Teresa, filha de D. Sancho I, reformou o mosteiro de **Lorvão (Penacova)** expulsando os monges beneditinos para ali instalar uma comunidade de monjas cistercienses, onde ela própria se terá recolhido no final da sua vida. Quando a sua irmã, D. Sancha, decidiu fundar um mosteiro em Celas (**Coimbra**) D. Teresa cedeu-lhe algumas das suas monjas para iniciar a comunidade. As duas irmãs, beatificadas no séc. XVIII, estão sepultadas no mosteiro de **Lorvão**.

A este último mosteiro, de resto, refere-se um dos documentos mais antigos que temos no território e que, mais uma vez, demonstra como todos os nobres em geral, e não apenas reis e rainhas, canalizaram parte importante dos seus bens para a igreja: trata-se do testamento de D. Muna, redigido entre 951-955, contemplando o mosteiro de Lorvão com todas as herdades que possuía entre os rios Mondego e Alva, especialmente em **Midões e Touriz (Tábua)**.

A fundação do mosteiro de Santa Maria de **Semide (Miranda do Corvo)** deve-se igualmente a uma importante família de nobres, os Anaia, senhores com muitos bens nos atuais concelhos de **Góis e Penacova**. Inicialmente masculino, por volta de 1183, o mosteiro adotou a regra beneditina e passou a feminino. A primeira abadessa do mosteiro reformado era filha de um dos fundadores, que encontravam nestes lugares uma boa forma de garantir o futuro das filhas segundas, ou seja, aquelas que, por falta de dote, não podiam casar.

Teresa, daughter of Sancho I, reformed the Monastery of Lorvão (Penacova), expelling the Benedictine monks and installing a community of Cistercian nuns, where she herself may have lived at the end of her life. And when her sister, Sancha, decided to found a monastery in Celas (**Coimbra**), Teresa allowed some of her nuns to move there. The two sisters, beatified in the 17th century, are buried in the Monastery of Lorvão.

One of the rarest documents of this territory concerns this monastery, and demonstrates, once again, how much of the nobles' assets were channelled to the Church, and not only those of kings and queens: the will of a woman called Muna, dating from 951-55, leaving all her properties situated between the rivers Mondego and Alva, and especially in **Midões and Touriz (Tábua)**, to this monastery.

The foundation of the Monastery of Santa Maria de Semide (Miranda do Corvo) is also ascribed to an important landowning and noble family, the Anaia, whose lands were mostly in the present-day municipalities of **Góis and Penacova**. Initially it was a men's monastery, but around 1183 it adopted the Benedictine rule and it became a women's monastery, whose first abbess was the daughter of one of the founders. The convent provided a solution for second daughters, who could not marry for lack of a dowry.

Também São Jorge de Milreus (**Coimbra**) foi fundado por um poderoso senhor, D. Sesnando Davides, anexado, mais tarde, por D. Afonso Henriques a Santa Cruz de Coimbra. Este mosteiro incorporaria ainda, na segunda metade do séc. XII, o mosteiro de São Pedro de **Arganil**: fundado na centúria anterior, por um monge chamado Goldrofe, aliás, o seu primeiro prior, ainda hoje localmente venerado como santo. Pela mesma altura, um bispo de Coimbra, D. Miguel Salomão, saído de Santa Cruz, fundava o mosteiro de Santa Ana de Celas da Ponte (**Coimbra**), para agostinhas.

No século XIII surgem novas ordens religiosas, de espírito totalmente diferente das anteriores. São as ordens mendicantes, franciscanos e dominicanos, que, ao contrário das anteriores, não querem afastar-se do mundo. Muito pelo contrário: a aproximação às populações das vilas e cidades é o seu principal objetivo, fazendo da pregação e da ajuda aos mais pobres e desamparados o seu modo de vida. Despojados de bens materiais, contrastavam com o poder e a riqueza acumulada pelas velhas ordens monásticas. Graças à prática da pobreza, da humildade e da caridade, foram ganhando cada vez mais adeptos, não só entre as camadas mais baixas da população, mas também entre os poderosos. A confiança de todos ia, naturalmente, para os religiosos mais puros, cuja vida lembrava o exemplo de Cristo. A força desse exemplo

São Jorge de Milreus (**Coimbra**), also founded by a powerful nobleman, Sesnando Davides, was made subordinate to the Monastery of Santa Cruz, Coimbra, in the reign of Afonso Henriques, as was the monastery of São Pedro (**Arganil**), still in the second half of the 12th century. São Pedro had been founded in the 11th century by a monk called Goldrofe, its first prior, who is still venerated as a local saint. Also in the latter half of the 12th century, Bishop Miguel Salomão, from Santa Cruz, founded the monastery of Santa Ana de Celas da Ponte (**Coimbra**) for Augustinian nuns.

During the 13th century, new religious orders could be found in the Church, with a totally different spirituality. The Franciscans and Dominicans do not wish to avoid the world; very much the opposite, they wish to become actively engaged with the people in the towns and villages, and dedicate their lives to preaching and helping the poor and helpless. Their detachment of material possessions made a strong contrast with the power and wealth of the old monastic orders. Their poverty, humility and charity appealed to a growing number of people, among the lower ranks of the population but also among the powerful. The people naturally tended to trust the more pure, among the religious, those whose life seemed to follow Christ's example more closely. The power of that example is paramount in the episode of the five Moroccan martyrs, the



fica bem patente no episódio dos cinco mártires de Marrocos, frades franciscanos que, viajando de Itália para o norte de África, passam por Coimbra, ficando alojados na hospedaria do mosteiro de Santa Cruz.

É aí que Santo António de Lisboa os conhece e que, maravilhado pela sua conduta e pensamento, decide abandonar os cânones regantes e ingressar nesta nova ordem. Não admira, por isso, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Afonso II, patrocinasse os franciscanos recém-chegados a Coimbra, doando-lhes, em 1217-18, uma ermida localizada nos Olivais. Mais tarde, com o apoio do infante D. Pedro, tio de D. Afonso III, aproximam-se da cidade e fundam o mosteiro de São Francisco, junto à ponte sobre o rio Mondego, hoje desaparecido.

Franciscan friars who, on their journey from Italy to northern Africa, sojourned at the monastery of Santa Cruz (Coimbra).

Inspired by their conduct and thought, St. Anthony of Lisbon decided to abandon the Canons Regular and join the Franciscans. It is only natural, then, that Queen Urraca, wife of Afonso II, gave her patronage to the newly arrived Franciscans, granting them, in 1217-18, a small hermitage in Olivais. Later on, with the support of D. Pedro, Afonso III's uncle, these Franciscans settled nearer the town, and founded the Monastery of São Francisco, nowadays gone, close to the Mondego Bridge.



Já antes, a infanta D. Teresa, filha de D. Sancho I, havia acolhido os franciscanos nos seus domínios, instalando-os em **Caldas (Montemor-o-Velho)**. Da mesma época, conhece-se também um pequeno eremitério franciscano nas proximidades de **Penela**. Também os dominicanos despertaram o interesse da infanta que, juntamente com a irmã, D. Branca, funda o convento masculino de São Domingos, junto da ponte que, aos pés de Coimbra, atravessava o rio Mondego. Alguns dos frades que aqui pregaram ganharam fama de santidade, como D. Paio de Coimbra e Frei Gil de Santarém.

By this time, Princess Teresa, daughter of Sancho I, had already welcomed Franciscan monks into her domains, in **Caldas (Montemor-o-Velho)**. We also know of the existence of a small Franciscan hermitage in the proximity of **Penela**, around this time. The Dominicans also raised the interest of the princess, and together with her sister, Princess Branca, they founded the men's Monastery of São Domingos, near the bridge that crossed the River Mondego, at the gates of Coimbra. Some of the friars who preached here gained a reputation as saints, namely D. Paio of Coimbra and Friar Gil of Santarém.



▲ Arca - Relicário dos cinco Mártires de Marrocos, Séc. XIII-XIV (Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra) / Chest-reliquary of the five Martyrs of Morocco, 13th-14th century (Machado de Castro National Museum, Coimbra) / © Arnaldo Soares, DGPC/ADF

As clarissas, ramo feminino da ordem de S. Francisco, chegam a **Coimbra** mais tarde, já quase no final do século XIII. D. Mor Dias, uma nobre senhora que havia professado no mosteiro de São João das Donas, o braço feminino de Santa Cruz, abandona-o para fundar o de Santa Clara. Este primeiro mosteiro, todavia, não chegou a vingar: sem meios económicos e em disputa com Santa Cruz, acaba por se extinguir. Quando renasce, em 1314, conta com o apoio da mais poderosa patrona da época: D. Isabel de Aragão, futura Rainha Santa. Constrói-se uma nova e mais rica igreja, ao mesmo tempo que um hospital para

The Clarisses, the female branch of the Franciscan order, reached Coimbra some time later, near the end of the 13th century. Mor Dias, a noble lady who was a nun in the Monastery of São João das Donas, the female branch of Santa Cruz, leaves that house to found the Monastery of Santa Clara. But lack of funds and constant dispute with Santa Cruz threatened its survival, and it was soon extinguished. It was revived in 1314 with the support of the most powerful patron possible: Isabel of Aragon, the future Holy Queen. A new and rich church was built, as well as a hospital for the poor

acolher pobres e um paço onde a rainha se recolherá depois de viúva. Ainda em vida, como era costume, encomenda ao famoso mestre Pêro, escultor, um magnífico túmulo de pedra que destina à igreja do mosteiro e à guarda das clarissas.

Os mosteiros eram também verdadeiros centros de saber, conhecimento e cultura. Nos seus *scriptoria* (escritórios), lugares onde se guardavam e copiavam livros, produziram-se alguns dos mais importantes manuscritos iluminados ou pintados da Idade Média, destacando-se, entre muitos outros, o Livro das Aves e o Apocalipse do **Lorvão (Penacova)**. Por outro lado, nas suas escolas ensinavam-se as chamadas artes liberais, herdadas da Antiguidade Clássica, divididas entre *trivium* (lógica, gramática e retórica) e *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia).

A cultura dos monges conferia-lhes um enorme poder numa sociedade em que a esmagadora maioria da população, nobreza incluída, era analfabeta. Supostamente cultos e puros, competia-lhes guiar o povo de Deus para a salvação, indicando o caminho da fé, o único que permitia suportar as agruras da vida terrena. Afinal, tantas e tão duras nesses séculos distantes, em que as fomes, pestes e guerras marcavam o quotidiano de todos.

and a palace where she would later retire to, as a widow. Following contemporary customs, she commissioned a magnificent stone tomb chest from the famous master sculptor Pêro, to be placed in the monastery church and under guard of the Clarisses.

Monastic houses were veritable centres of learning, knowledge and culture. Some of the most important illuminated manuscripts of the Middle Ages were produced in the scriptoria (offices), where books were kept and copied. Among many others, we could mention the Livro das Aves (book of Birds) and the Apocalypse of Lorvão (Penacova). The so-called liberal arts, inherited from Classical Antiquity, were also taught here: the *trivium* (logic, grammar and rhetoric) and the *quadrivium* (arithmetic, music, geometry and astronomy).

Knowledge gave monks great power in a society where the overwhelming majority of the people – including the nobility – were illiterate. Wise and pure, as they were expected to be, their task was to guide God’s people to salvation, showing them that faith was their only solace for a life of grief and sorrows. It was indeed a difficult and hard life, harrowed by famine, plagues and war.



Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (Coimbra) [▲]
Monastery of Santa Clara-a-Velha (Coimbra)
© Município de Coimbra

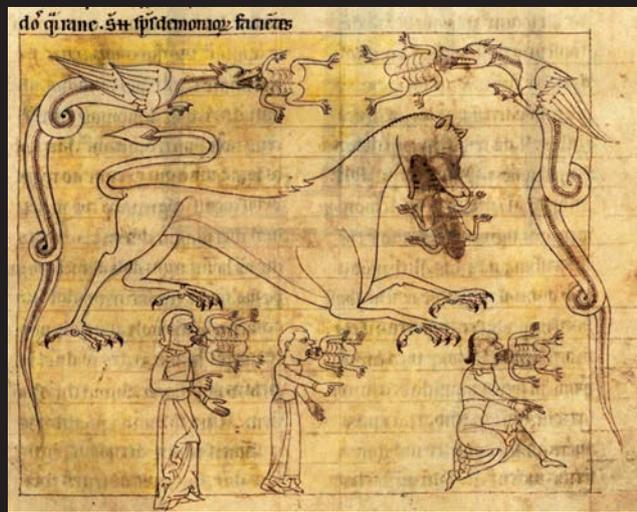
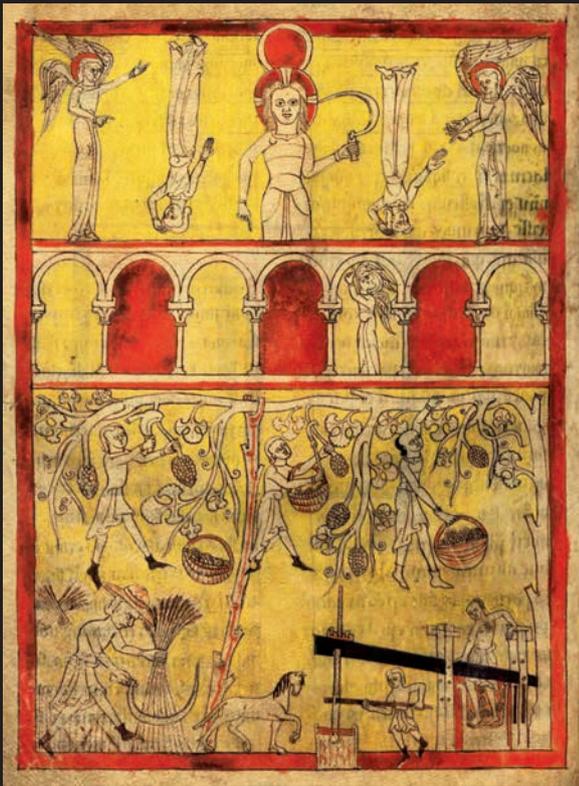
ENTRE VISÕES APOCALÍPTICAS E PROMESSAS DE SALVAÇÃO FROM APOCALYPTIC VISIONS TO PROMISES OF SALVATION

/ Em finais do século VIII, um monge asturiano conhecido por Beato de Liébana reuniu vários comentários ao Apocalipse de São João, realizados no decorrer do tempo por doutores da igreja, a que associou um conjunto de imagens capazes de facilitar a compreensão do texto, considerado particularmente difícil. O seu trabalho alcançaria grande sucesso nos séculos seguintes, sendo várias vezes copiado. A estas cópias, de que se conhecem pelo menos 34, dá-se o nome de Beatos. O códice/apocalipse do mosteiro de S. Mamede do Lorzão (Penacova), escrito por Egeas, em 1189, é uma delas.

Para compreender o sucesso da obra nos séculos X a XII é fundamental conhecer o conteúdo do Apocalipse de São João. Trata-se do último livro do Novo Testamento, de leitura obrigatória entre a Páscoa e o Pentecostes, onde se revela o Apocalipse ou Armagedão: a batalha definitiva entre o bem e o mal que culmina com o fim do mundo pecador e a vitória de Cristo. O mal, personificado por bestas, dragões e serpentes de sete cabeças, é combatido por Cristo, juiz, através de três julgamentos sucessivos, cujos castigos, cada um mais devastador que o anterior à medida que o fim dos tempos se aproxima, decorrem da quebra dos sete selos, do soar das sete trombetas e do verter das sete taças. A humanidade pecadora é consecutivamente atingida por fomes e guerras, terremotos, quedas de granizo e meteoros, fogo e escuridão, feridas e dores intensas ou pragas de gafanhotos demoníacos. Por fim, condenados os perversos, caberia aos justos e redimidos a felicidade eterna no reino de Deus, a nova Jerusalém.

/ By the end of the 8th century, an Asturian monk known as Beatus of Liébana made a compilation of previous commentaries on St. John's Book of Revelation made by Doctors of the Church, joining them to a set of images that could make the text, usually considered very difficult, more explicit to readers. The book was very successful, and copied in the following centuries. These copies – of which 34 have survived – are known as Beatos. The codex/Book of Revelation of the Monastery of S. Mamede do Lorzão (Penacova), written by Egeas in 1189, is one of them.

The success of this work in the 10th, 11th and 12th centuries can be better understood by recalling the subject of John's Apocalypse. This is the last book of the New Testament, where the Apocalypse or Armageddon is revealed, compulsory reading between Easter and Pentecost: the definitive battle between good and evil, culminating in the demise of the sinful world and the victory of Christ. Christ, the judge, combats Evil, represented by beasts, dragons and serpents with seven heads, in three successive trials. His punishments, each one more devastating than the last as the end of the world approaches, follow the opening of the seven seals, the sounding of the seven trumpets and the pouring of the seven bowls. Famines and wars, earthquakes, the fall of hale and meteors, fire and darkness, intense sores and pains or plagues of evil locusts are inflicted on the sinful humanity. Until finally, when the wicked are condemned, the just and the redeemed would enjoy lasting happiness in the kingdom of God, the New Jerusalem.



- ▲ Quatro pormenores do Apocalipse do Lorvão: “A colheita e vindíma” (f. 172), “A mulher sobre a besta” (f. 43); “Satanás amarrado por mil anos” (f. 201) e “Os espíritos imundos” (f. 182). No f. 172, embora de leitura simbólica, devendo a ceifa da seara seca, estéril e envenenada pelo mal, ser entendida como a destruição da humanidade desobediente a Deus, a iluminura retrata um conjunto de práticas agrícolas em uso nos finais do século XII, coincidindo com o reinado de D. Sancho I: das alfaías às latadas, dos trajes aos utensílios, como o cesto ou o largo chapéu de palha. Four images of the Apocalypse of Lorvão: “Harvesting crops and picking grapes” (f. 172), “The woman on the beast” (f. 43); “Satan bound for a thousand years” (f. 201) and “The filthy spirits” (f. 182). Beyond its symbolic reading – the harvest of a field that is dry, barren and poisoned by evil illustrates the destruction of mankind, guilty of disobedience to God – the first image (f. 172), illustrates late thirteenth-century agricultural practices, typical of Sancho I’s reign: the tools, the espalier vines, the clothes and the objects, such as the basket and the large straw hat.
- © DGLAB/DDPCD/NR | PT/TT/MSML/B/44

Não admira, por isso, que, na Península Ibérica e no período que decorre entre os séculos X e XII, o texto do Apocalipse tenha sido intensamente lido. Com efeito, assentava que nem uma luva no contexto de luta contra o Islão, sobretudo com a escalada de violência decorrente da chegada dos Impérios Norte-Africanos, Almorávida e Almóada, identificando-se as forças do mal com os infiéis. O endurecimento da posição muçulmana – coincidindo o avanço de Almançor com a data de realização do códice do Lorvão – dava corpo a visões apocalípticas próximas das relatadas por S. João. A promessa contida no texto do Apocalipse, de vitória dos justos e castigo do mal, foi o instrumento usado pela igreja para exortar os cristãos a manterem a fé e a suportarem os ataques e destruições, os exílios forçados ou o aprisionamento e morte.

Salvo por Alexandre Herculano das convulsões que se seguiram à extinção dos mosteiros, e depositado então no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o Códice do Lorvão, embora de pequenas dimensões (34x24 cm), destaca-se pelo conjunto das mais de 60 páginas iluminadas que integra. A gama de cores é reduzida, praticamente limitada ao amarelo, laranja e vermelho, mas o seu carácter forte e quente e a sua utilização quase sem transição, resulta em contrastes exuberantes, criando fundos onde se destacam figuras de contornos vigorosos, traçados a negro.

It is not surprising that the text of the Apocalypse was intensely read in the Iberian Peninsula from the 10th to the 12th century. It seemed to find its perfect context in the fight against Islam, particularly with the escalating violence caused by the arrival of the North-African Almoravids and Almoads. The infidels were seen as the embodiment of the forces of evil. The harder Muslim position seemed to materialize similar apocalyptic visions – and the attack to Almançor coincides with the date of the Lorvão codex. The promise of victory for the just and punishment for the wicked found in the text of the Apocalypse was used by the Church to inspire Christians in their faith and to encourage them to endure attack and destruction, forced exile, or even prison and death.

Saved by Alexandre Herculano during the turmoil that followed the abolition of monasteries, the Lorvão Codex was placed in the National Archive of the Torre do Tombo. Though small (34 x 24 cm), this work stands out for its more than 60 illuminated sheets. The colour gamut is restricted, practically reduced to yellow, orange and red, but the strong and warm tones applied almost with no transition produce exuberant contrasts, with backgrounds where vigorously drawn black figures stand out.

Os episódios retratados e as figuras que os protagonizam surgem num mundo irreal e desmaterializado, onde a perspetiva ou o horizonte estão ausentes. O espiritual prevalece sobre o real. Apesar disso, e da leitura simbólica que exigem, descobrem-se elementos alusivos à vida quotidiana, como a cena da vindima (fl.172v) em que Cristo ceifa a seara seca – estéril e envenenada pelo mal, aludindo à destruição da humanidade desobediente a Deus – ou a representação de arquiteturas, pormenores que nos catapultam para o mundo de então.

Pela sua raridade, qualidade artística e significado histórico, o Apocalipse do Lorvão foi, em 2015, inscrito no Registo Memória do Mundo da UNESCO.

The selected episodes and protagonists depict an unreal and dematerialized world, without perspective or horizons. The spiritual realm prevails. Yet in spite of their necessarily symbolic reading, some episodes of daily life stand out, such as the harvest (fl.172v) in which Christ harvests the dry field – sterile and poisoned by evil, in an allusion to the destruction of humanity who has strayed away from God – or the buildings, all of which take us back to that past.

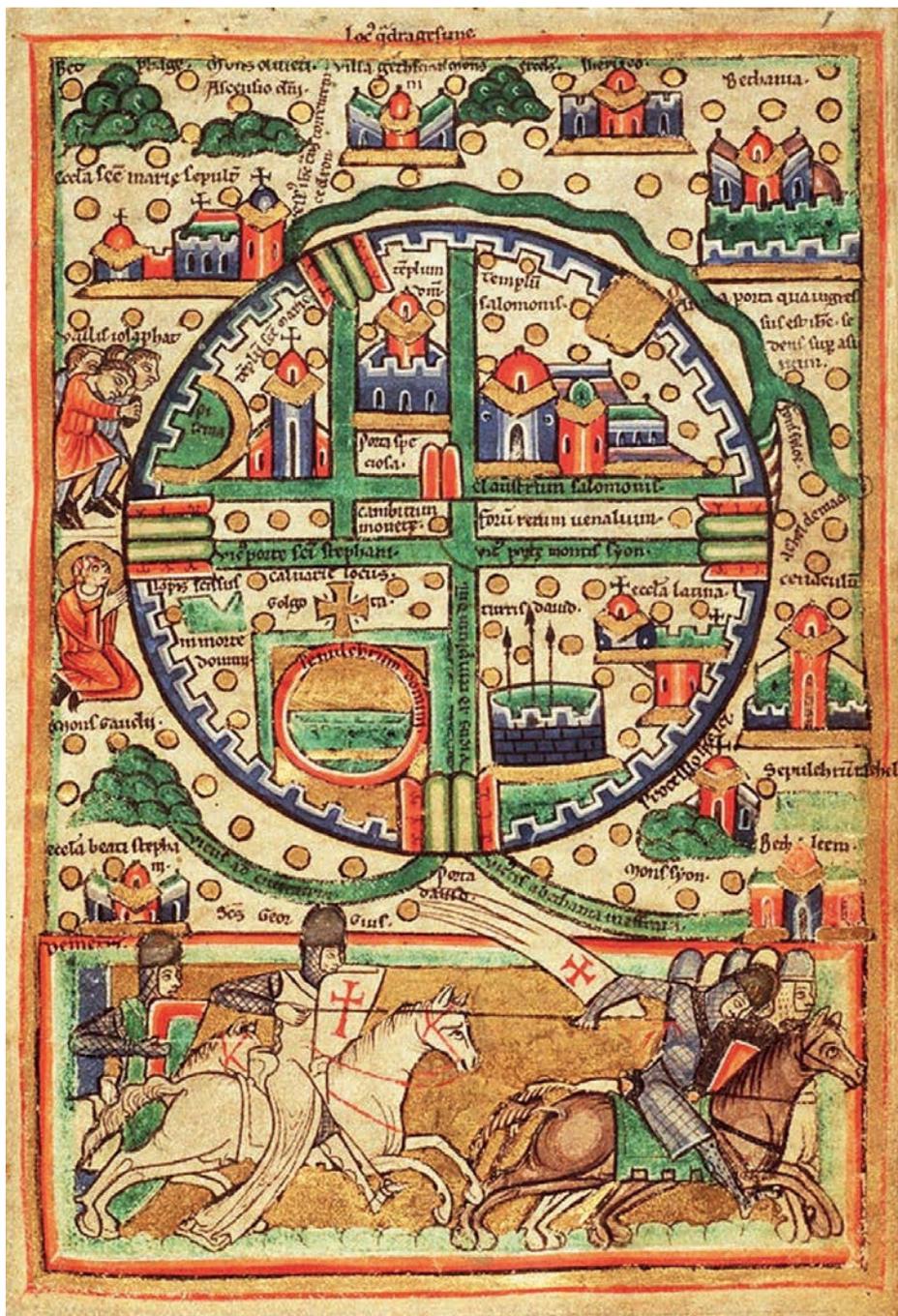
The Apocalypse of Lorvão has been inscribed in the Unesco Memory of the World Programme since 2015, for its rarity, artistic quality and historical significance.



ARMADOS DE CRUZ E ESPADA ARMED WITH THE CROSS AND THE SWORD

/ O papel dos religiosos no mundo medieval, todavia, não se limitou ao apoio espiritual prestado às populações. Na sua luta contra o mal, a igreja foi mais longe criando uma figura inteiramente nova: a do monge-cavaleiro que, de cruz e espada na mão, tinha por objetivo libertar o túmulo de Cristo e lutar, literalmente, contra o infiel. O que era uma novidade absoluta: até aí as funções dos que rezavam, os *oratores*, eram incompatíveis com as dos que guerreavam, os *belatores*, os primeiros essencialmente dedicados à contemplação e à palavra, os segundos à ação e ao gesto. A verdade é que o seu sucesso seria imenso. Ao contrário dos cavaleiros laicos, que pautavam a sua vida pela glória e poder e viviam no luxo, estas novas milícias colocavam a sua força ao exclusivo serviço de Deus, tendo por modelo de vida o próprio Cristo. Guiadas por um mestre, como um mosteiro era guiado por um abade, a violência de que faziam uso era, por isso, considerada sagrada.

/ The role of the religious in medieval society was not limited to the spiritual support of populations. In their fight against evil, the Church went further, with the creation of an entirely new figure: the knight-monk who, holding the cross and sword, had the purpose of liberating the tomb of Christ and literally fighting the infidel. This was completely new; until then the functions of the *oratores* (those who pray), were incompatible with those of the *belatores*, since the first devoted themselves to contemplation and to preaching, while the realm of the later was centred on action. They were very successful. Unlike lay knights, who searched glory and power and lived in luxury, these new militia placed themselves entirely at the service of God, with Christ as their model. Under the command of a master, in the same manner as a monastery was ruled by an abbot, their use of violent force was seen as holy.



Planta de Jerusalém e os
Cavaleiros da Cruz liderados por
São Jorge na perseguição aos sarracenos
Plan of Jerusalem.
The knights of the cross, led by St. George,
pursue the Saracens.

© The Hague Map *Plan of Jerusalem* &
The knights of the cross, led by St. George,
pursue the Saracens. Fol. 1r sc. 1 & Fol. 1r sc. 2,
Koninklijke Bibliotheek

A Ordem do Templo (de Salomão) foi a primeira a surgir, cerca de 1120, tendo por missão principal a defesa dos caminhos que de Jafa, onde aportavam os peregrinos, levavam aos lugares santos: Jerusalém, Nazaré, o rio Jordão. Pela mesma altura surgiria a Ordem do Hospital, vocacionada para prestar assistência aos pobres, doentes e peregrinos que chegavam à Terra Santa, tarefa que cumpriam a partir de um hospital e de dois mosteiros. Só mais tarde, em torno de 1160 e por inspiração templária, passariam a dedicar-se igualmente ao combate físico ao infiel.

Como expectável, também a Península Ibérica atraiu a atenção das ordens militares, sobretudo a partir do momento em que o próprio Papa passou a apelar à participação na luta pela reconquista, arduamente conduzida pelos reis cristãos. Na realidade, o combate no longínquo oriente não podia fazer descurar a luta às portas da Cristandade. Por isso, o papado prometia benefícios idênticos em ambas as frentes: a salvação atingir-se-ia no combate aos mouros, onde quer que eles se encontrassem. Impedir a concorrência estender-se-ia, aliás, às próprias populações hispânicas: em 1100 o Papa proibia os nobres de partirem para oriente e assim enfraquecerem a defesa do seu próprio território. As posturas de Coimbra, de 1145, reproduzem essa mesma diretiva estendendo-a de forma genérica a todos os habitantes da cidade, impedidos de viajarem até Jerusalém, mas autorizados, em contrapartida, a irem em auxílio dos castelos de Leiria e de toda a Estremadura. As vantagens eram evidentes: com um raio de deslocação mínimo assegurava-se a mesma remissão de pecados.

The Order of the Temple (of Solomon) was the first. Founded c. 1120, its mission was to defend the routes connecting Jaffa, where the pilgrims landed, to the holy places of Jerusalem, Nazareth and the River Jordan. The Order of the Hospital dates from around the same time, to treat and care for the poor, the sick and the pilgrims to the Holy Land, with one hospital and two monasteries. Only later, around 1160, inspired by the Templars, would they equally take up physical combat of the infidel.

As was to be expected, the Iberian Peninsula also attracted the attention of the military orders, particularly when the Pope launched his wide appeal for engagement in the Reconquest campaign so arduously conducted by the Christian kings. The papacy did not want the fight in that distant East to overshadow the combat going on at the very gates of Christendom, and consequently promised equal remission of sins for all those who fought the moors, wherever they were. This concern would in fact extend to the Hispanic people themselves: in 1100 a papal injunction forbade knights to join the fight in the East, as this would weaken the combat in their own territory. The 1145 Coimbra bylaws reproduce this injunction, extending it to the whole population, who are thus forbidden to travel to Jerusalem, while allowed to participate in combat at the castles of Leiria and of the whole of Estremadura. The advantages were obvious, since with a much shorter travel they would ensure an equal redemption of their sins.

Assim, a ajuda dos monges-cavaleiros aos reis peninsulares não se fez esperar. Em troca, estes prometiam mundos e fundos com destaque para os territórios que conseguissem conquistar, qualquer que fosse a dimensão. O exemplo destas ordens internacionais impulsionou a criação de outras, peninsulares e nacionais. Em 1164, surgia a Ordem de Calatrava, em Castela, cerca de 1166, a de Avis, em Portugal, e, em 1170, a Ordem de Santiago, de âmbito peninsular.

No nosso território a ordem mais importante foi a do Templo. Todas as outras obtiveram privilégios ou mais a norte ou mais a sul. Os cavaleiros do Hospital, chegados ao condado por mão de D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, e com sede em Leça do Balio (Matosinhos), canalizaram os seus esforços para a assistência aos pobres e peregrinos. No nosso território, tiveram comendas na **Freiria (Coimbra)** e em **Oliveira do Hospital** que da ordem herdou o nome e o seu primeiro foral.

É também durante o governo de D. Teresa, em 1128, que os templários chegam ao Condado Portucalense. Da condessa recebem o castelo e termo de **Soure**, então território de fronteira, com a missão de o povoar e defender. D. Afonso Henriques confirmou a doação, mas foi só na década de 1140 que os templários se instalaram, fazendo de Soure a sua primeira sede em Portugal. O tão desejado combate ao infiel não se faria esperar pois logo em 1144 sofreriam um primeiro violento ataque muçulmano.

And thus, the peninsular kings soon got the assistance of the warrior monks, who in return could hope for large rewards, namely the lands they would conquer, whatever their size. The example of these international orders stimulated the creation of national and peninsular versions. In 1164, the Order of Calatrava, in Castile; in 1166, the Portuguese Order of Avis, and in 1170, the peninsular Order of Santiago.

The Templars were the most important order in our territory. The benefits received by the others were either further to the north or to the south. The Hospitallers, who were invited into the county of Portugal by D. Teresa, Afonso Henriques' mother, had their base in Leça do Balio (Matosinhos). They channelled their efforts to help and treat the poor and the pilgrims. In our territory they had commanderies in **Freiria (Coimbra)** as well as in **Oliveira do Hospital**, which thus acquired its name and its first charter.

The Templars also arrived during Countess Teresa's rule, in 1128. She awarded them the castle and region of Soure, at the time a frontier land, with the mission of repopulating and defending it. Afonso Henriques confirmed the donation, although the Templars only settled in 1140, making **Soure** their first headquarters in Portugal. Soon they would be engaged in the desired combat of the infidel, because they suffered a violent Muslim attack in 1144.

Acompanhando o avanço da reconquista, a ordem somava outros polos de povoamento mais a sul: **Ega (Condeixa-a-Nova)**, **Redinha (Pombal)** e **Pombal** são os principais núcleos. D. Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo, promove o povoamento e defesa destas terras, outorgando carta de foral à **Redinha** em 1159 e a **Pombal** em 1174-76. Todavia, já antes tinha dado início à construção de estruturas militares nesses lugares: na **Ega**, ainda na década de 40, e em **Pombal**, a partir de 1156. Um e outro são dignos de nota. O primeiro não já como castelo, ocultado por alterações profundas nos séculos seguintes, mas como Paço dos Comendadores. Os bens da Ordem dividiam-se em comendas, à frente das quais se encontrava o comendador que, por sua vez, prestava contas ao administrador ou mestre geral. O que hoje existe não será particularmente diferente do que encontraríamos 500 anos atrás, nos inícios do século XVI, quando é descrito no texto do visitador que, por ordens superiores, vinha inquirir sobre o estado e os bens da comenda. O Paço da **Ega**, hoje propriedade privada, mantém o fundamental da estrutura, as janelas manuelinas e, sobretudo, a presença dominante no território.

O segundo, por seu turno, essencial porque, como referiam as *Chronicas Breves e Memorias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra* “o castello de leyrea era dos sarraziis, e corriam a terra ata Coimbra. E faziam muyto mal aos christaaos em soyre e em pombal”, exemplifica o impulso que os Templários deram à arte da guerra, introduzindo as mais recentes e

With the advance of the *Reconquista*, the Order acquired other lands further south, notably **Ega (Condeixa-a-Nova)**, **Redinha (Pombal)** and **Pombal**. Gualdim Pais, Master of the Templars, stimulated the resettlement and defence of these lands by granting charter to **Redinha** in 1159 and to **Pombal** in 1174-76, where he had already initiated the construction of military structures: in **Ega**, still in the 1140s, and in **Pombal**, in 1174-76. They are both noteworthy, the first no longer as a castle, altered as it was in the following centuries, but as Paço dos Comendadores. The assets and property of the Order were divided into commanderies (“comendas”). The man in charge of this benefit was called the “comendador”, who answered to the general administrator or Grand Master. The present-day building is probably not very different from what it was five centuries ago, at the beginning of the 16th century, as described by the “visitador”, whose business, by superior orders, was to visit and scrutinize the state and management of the assets of the comenda. The Ega Palace, nowadays in private hands, retains its main structural features, the Manueline windows and above all, its imposing situation.

The castle of Pombal was essential because, as described in the *Chronicas Breves e Memorias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra* (Brief Chronicles and Memories of Santa Cruz de Coimbra), “the castle of Leiria was in the hands of the saracens, who attacked the lands all the way to Coimbra. And they caused great harm to the Christians in soure

eficazes inovações técnicas, como vimos já. Erguida de raiz, a fortíssima torre de menagem do castelo de **Pombal**, dotada de alambor, é das primeiras a ser erigida em Portugal, sem dúvida a partir da experiência adquirida por Gualdim Pais nos cinco anos em que combateu no Oriente, onde a intensidade da guerra obrigava à procura contínua de novas e melhores soluções. Em Portugal, e neste território em particular, espalharam-se rapidamente, quer pelas terras da ordem, quer nas do próprio rei, que logo mandou erguer uma torre de menagem no castelo de **Coimbra**.

and pombal". It exemplifies the impulse given to the art of war by the Templars, who, as we've seen, introduced the most recent and effective technical innovations. The very strong castle keep, built from scratch and with a talus, is one of the first keeps in Portugal, no doubt a consequence of Gualdim Pais's five-year combat experience in the East, where the intensity of the combat encouraged innovative solutions. In Portugal, and in this region in particular, they spread rapidly, not only on the lands of the Templars, but also on those of the king, who soon had one built in the castle of Coimbra.



▲ Paço da Ega (Condeixa-a-Nova) / Ega Manor House / © Município de Condeixa-a-Nova



Torre de menagem do Castelo de Pombal / Keep, at Pombal Castle / © Município de Pombal ^



CAVALEIROS E DONAS KNIGHTS AND LADIES



◀ Retábulo de São Jorge (Capela de Nossa Senhora da Piedade de Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova) Retable of St. George (Chapel of Our Lady of Pity, Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova) © Marta Simões, ADCMMM

/ A nobreza é um grupo social amplo, com muitas diferenças e fortemente hierarquizado. Com efeito, os nobres não são todos iguais. Na base da pirâmide estão os pequenos proprietários de terras, chamados cavaleiros-vilãos, que exercem influência a nível local; no topo, os membros das principais famílias do reino, próximos da corte e do rei de quem são fiéis servidores e conselheiros. Entre uns e outros estão aqueles nobres de ramos menos importantes das grandes linhagens ou de outras famílias que procuram subir socialmente. De facto, ser nobre não significa ter sempre o mesmo estatuto: ora se está no topo, ora se cai em desgraça.

/ The nobility was a broad social class, with great differences in rank and a strict hierarchy. At the base of the pyramid are the small landowners or tenants, the “cavaleiros-vilãos”, with some influence at local level; at the top, the members of the most important families of the kingdom, close to the court and to the king, whom they serve and/or advice loyally. Between these two groups are the members of the lesser branches of great noble families or of other families hoping to rise socially. A nobleman could easily see his position change drastically, and fall into disgrace.

No tempo dos condes D. Henrique e D. Teresa e de D. Afonso Henriques, os nobres são maioritariamente de origem estrangeira, asturianos, castelhanos ou francos, como o era, aliás, o próprio conde. Chegaram ao condado para auxiliar na reconquista e fazer fortuna. Alguns deles fixam-se neste território. Muitos são recompensados com propriedades. Entre 1113 e 1117, eventualmente a 13 de agosto de 1114 (data em que Góis celebra o seu feriado municipal), D. Teresa doa os castelos de **Góis** e **Bordeiro (Góis)** a Anaia Vestrariz, um cavaleiro do reino das Astúrias. Em 1136, D. Afonso Henriques passa uma carta a favor de Uzberto, cavaleiro franco, e sua mulher Marinha, que estabelece os foros de **Miranda do Corvo**, onde este cavaleiro já estava instalado. Em 1175, o seu filho, Pedro Uzbertis, é senhor de **Arganil**, outorgando carta de foral nesse mesmo ano.

Na década de 1130, com a transformação de Coimbra em cabeça do condado, D. Afonso Henriques favorece os homens-bons da cidade, engrandecendo-os. Integrados na corte do conde e, em breve, rei, recebem privilégios e bens. Alguns consolidam as suas posições sociais com bons casamentos, certamente apoiados por D. Afonso Henriques. São disso exemplo Paio Guterres da Silva, tenente do castelo de **Santa Eulália (Figueira-da-Foz)** e Rodrigo Pais, alcaide

When counts Henry and Teresa and their son, Afonso Henriques, ruled this territory, the nobles were mostly of foreign origin – Asturians, Castilians, or Franks, as the count himself. They came to the county to collaborate in the *Reconquista* and make their fortune. Some remained, many of whom received land for their services. From 1113 to 1117, possibly on 13 August 1114 (Góis’ municipal holiday), Countess Teresa donates the castle of Góis and of Bordeiro (Góis) to Anaia Vestrariz, an Asturian knight. In 1136, Afonso Henriques grants a charter to **Miranda do Corvo** in favour of Uzberto, a Frankish knight, and his wife Marinha, who were already established in the region. In 1175, their son, Pedro Uzbertis, is made lord of **Arganil**, granted town charter in that very year.

In the 1130s, when Coimbra is made county capital, Afonso Henriques protects and elevates the town’s “homens-bons” (commoners, but with property); as count, and soon as king, he welcomes them in his court, granting them properties and privileges. Some of them consolidated their position by making good marriages, surely with the support of the king. Two possible examples are Paio Guterres da Silva, governor of the castle of **Santa Eulália (Figueira-da-Foz)** and Rodrigo Pais, *alcaide* of Coimbra, who contracted marriage with two

de **Coimbra**, que casam com duas irmãs, Urraca e Elvira respetivamente, descendentes dos Rabaldes, importante família de origem franca que circulava na corte desde o tempo de D. Henrique e D. Teresa. Através do casamento associam aos cargos a fortuna. Paio Guterres recebe metade da vila de **Quiaios (Figueira da Foz)** e tinha várias herdades em **Raval, Alvade (Coimbra), Lamasma, Santa Eulália (Figueira-da-Foz), Arazede, Treixede (Montemor-o-Velho), Enxofães e Murtede (Cantanhede)**. Já Rodrigo Pais e a sua mulher tinham bens em **Arazede, Podentes (Penela) e Carnide (Pombal)**. Porém, nem todos os filhos e filhas de nobres, mesmo dos mais importantes, podiam casar. Aos filhos segundos destinava-se uma carreira militar, ingressando numa ordem, ou a vida eclesiástica, entrando num mosteiro ou tornando-se clérigo. Se conseguisse ser eleito mestre ou prior, ou ser nomeado bispo, atingiria o topo da escala social. Anaia Vestrariz, primeiro senhor de **Góis**, tem dois filhos: um casa e outro, João Anaia, chega a bispo de Coimbra (1147-1155). Mais tarde, um bisneto de Anaia, Pedro Salvador de Góis, tem três filhos e não casa nenhum: dois entram como freires na ordem do Hospital e um deles, Afonso Peres Farinha, chega mesmo a prior da ordem.

sisters, Urraca and Elvira, respectively. These ladies belonged to the Rabaldes, an important family of Frankish origin who frequented the court since the times of Counts Henry and Teresa. With these marriages, they added property to the offices they held. Paio Guterres received half of **Quiaios (Figueira da Foz)** and possessed properties in **Raval, Alvade (Coimbra), Lamasma, Santa Eulália (Figueira-da-Foz), Arazede, Treixede (Montemor-o-Velho), Enxofães and Murtede (Cantanhede)**. Rodrigo Pais and his wife had property in **Arazede, Podentes (Penela) and Carnide (Pombal)**. Even in noble or wealthy families, not all the children enjoyed the same opportunities of marriage. Second sons were destined to follow an army career, by joining an Order or the Church, entering a monastery or becoming a cleric. They could reach the top of the social scale, if they were elected Master or Abott, or made bishop. Anaia Vestrariz, the first lord of **Góis**, had two sons: one got married and the other, João Anaia, was appointed bishop of Coimbra (1147-1155). Anaia's great grandson, Pedro Salvador de Góis, had three sons, but none of them married: two of them joined the Hospitallers, and one of them, Afonso Peres Farinha, rose to become prior.

Túmulo de D. Isabel de Aragão, Mestre Pero, séc. XIV, >
Mosteiro de Santa Clara-a-Nova (Coimbra)
Tomb of Isabel of Aragon, Master Pero, 14th century.
Monastery of Santa Clara-a-Nova (Coimbra)
© João Margalha, ADCMMM | Confraria da Rainha Santa Isabel





ENET. & ANGELICO NOS IVET VSQVE CHOROFOIPINTADANAERADI 1782



Às filhas que não casavam só restava uma saída: a vida religiosa. Mas mesmo esse destino podia revelar-se difícil: o ingresso nos mosteiros de maior prestígio dependia de um pesado dote, o que nem sempre estava ao alcance de todas as famílias, sobretudo quando tinham várias descendentes. Vicente Dias (1220-1256), alcaide de Coimbra e sobrejuiz do rei, teve três filhas. Casou Joana Dias com Fernão Fernandes Cogominho, um nobre importante, e colocou as outras duas em mosteiros de **Coimbra**. Teresa Dias, que entrou como cónega no mosteiro de Santa Ana, conseguiu chegar a priora. Já Mor Dias, sua irmã, que havia dado entrada como cónega no mosteiro de São João das Donas, abandonou-o para fundar o seu próprio mosteiro: Santa Clara de **Coimbra**, como vimos já. Raimundo Viegas de Portocarreiro, vassalo da infanta D. Teresa, filha de D. Sancho I, é um outro exemplo de um nobre que tem de encontrar destino para as suas também três filhas. Casa a mais nova, Maria Raimundes, fazendo ingressar as irmãs no mosteiro de **Lorvão (Penacova)**. Urraca chega a abadessa e Teresa não lhe fica atrás, atingindo o mesmo cargo no mosteiro de **Celas (Coimbra)** para onde, entretanto, transitara (1303-1312). Nesta trajetória, não é difícil adivinhar a influência do pai junto das Infantas Teresa e Sancha, responsáveis pela fundação ou refundação dos referidos mosteiros.

As for unmarried daughters, embracing a religious life was the only way out. But even that wasn't easy, because a considerable dowry was necessary to enter one of the most prestigious monasteries, which not every family could afford, especially if there were several daughters. Vicente Dias (1220-1256), *alcaide* of Coimbra and king's superior magistrate, had three daughters: He married off Joana to Fernão Fernandes Cogominho, an important nobleman, and placed the other two in monasteries in Coimbra. Teresa Dias entered Santa Ana as canoness and rose to become a prioress. As to the other sister, Mor Dias, also a canoness in the Monastery of São João das Donas, eventually left this house to found her own monastery: Santa Clara of Coimbra, as mentioned above. In his turn, Raimundo Viegas de Portocarreiro, a vassal of Infanta Teresa, the daughter of Sancho I, also had three daughters. He married off his youngest daughter, Maria Raimundes, while the other two entered the Monastery of **Lorvão**, in **Penacova**. Urraca becomes abbess, while Teresa moves to **Celas, Coimbra**, where she also became abbess (1303-1312). With such a trajectory, it is easy to imagine their father's influence on both the *infantas* Teresa and Sancha, responsible for the foundation or refoundation of both religious houses.

Numa sociedade onde as funções estavam bem definidas, aos nobres competia preparar e fazer a guerra. A instrução fazia-se desde a infância em justas e torneios e em saídas para montar e caçar. A valentia, a destreza com as armas, a arte de bem cavalgar, treinavam-se na caça ao urso, por exemplo. Para além disso, um nobre devia ser um bom cortesão e por isso recomendava-se que se vestisse de acordo com o seu estado, soubesse fazer e dizer umas trovas e ainda desse uns passos de dança. Para além do modo de vida e das funções que desempenhava, a nobreza distinguia-se pelo recurso a outros elementos: brasões, torres, paços, capelas e túmulos, em pedra, tornavam visível aos olhos de todos o seu estatuto, quer em vida, quer após a morte.

In a society with well defined rules, nobles were expected to prepare for, and to go to war. Instruction began in childhood in jests and tournaments or in hunts. Valour, expertise in arms and the art of riding were trained on bear hunts, for example. The nobleman should also be a fine courtier, dress according to his status, know some poetry and be able to dance a few steps. Beyond their way of life and the functions they performed, the nobility had other means – coats of arms, towers, palatial houses, private chapels and stone tombs – to emphasise their status, in life and in death.

As terras da nobreza, chamadas honras, ficavam fora da autoridade régia, cabendo ao nobre recolher os impostos e administrar a justiça. Nas que exploravam diretamente, as quintãs, para além de todas as estruturas necessárias aos trabalhos agrícolas (moinhos, lagares, fornos, etc.) teriam certamente os seus palácios ou paços, como então se chamavam. Não se pense, porém, que se tratavam de grandes casas pois, em grande parte, seriam construções em madeira de que nada subsistiu. Um elemento, contudo, sobressaía: a torre de pedra que, além de proteção, em caso de ataque, exprimia o poder da família e a antiguidade da sua linhagem. A torre era algo apenas ao alcance da nobreza e o seu significado tão forte que, mesmo séculos depois, quando as casas nobres eram já dotadas de uma outra espacialidade e conforto e a torre destituída de qualquer função prática, defensiva ou residencial, continuava a ser cuidadosamente conservada e ostentada com orgulho pelas famílias que as herdavam, como aconteceu em **Santiago da Guarda**, no Paço dos Vasconcelos (**Ansião**). Em **Nogueira do Cravo (Oliveira do Hospital)**, Mem Pais, aio de D. Afonso II, tinha uma quintã onde terá residido. Neste lugar sobrevive até hoje uma torre em pedra que faria parte do seu paço. Na sua construção reutilizaram-se vários fragmentos de colunas e pedras almofadadas

The lands of the nobility – the “honras” – were not under royal authority; it was up to the nobleman to collect taxes and administer justice. Those that they explored directly, the “quintãs”, had all the necessary implements to work the land – mills, presses, ovens – but they would also surely have their residences – the “paços”, as they were then called. These would not have been grand houses; most of them were probably in wood and nothing remains of them. One element, however, would stand out: the stone tower which, apart from protection, displayed the power of the family and the antiquity of the lineage. The tower was such an important symbol of exclusivity, that many centuries later, when noble residences were spacious and comfortable, and towers had lost their practical residential or defensive use, they continued to be carefully and proudly preserved by the families who owned them, as, for example, in the Paço dos Vasconcelos (**Ansião**), in **Santiago da Guarda**. In **Nogueira do Cravo (Oliveira do Hospital)**, Mem Pais, tutor to Afonso II, owned a “quintã” where he is supposed to have lived. A tower believed to have been part of his residence remains standing to this day. Several fragments of Roman columns and embossed stones – probably from **Bobadela (Oliveira do Hospital)**

romanas, provavelmente provenientes de **Bobadela (Oliveira do Hospital)**. De outras estruturas anexas, construídas em madeira e outros materiais menos duradouros, não há vestígios. Em **Góis**, também sobrevivem as fundações da torre do paço erguido no século XIV. Por sua vez, nas terras de **Bera (Coimbra)**, a torre-atalaia do final do séc. XI, perdida a função militar, terá servido de residência, no séc. XIV, a Gaspar de Voalas.

Os poucos vestígios que chegaram aos nossos dias não correspondem ao que terá existido. O número elevado de quintãs referido nos documentos da época comprova a presença de muitos paços nobres neste território. O aro de Coimbra, sobretudo, era pontuado por um grande número de quintãs: **Lousã; Chão de Couce e Avelar (Ansião); Carvalhais (Penela) e Penela; Feiteira, Cernache, Aguda, Orelhudo, Antanhol e Vilarinho (Coimbra), Formoselha e Torre (Montemor-o-Velho); Porto Coelheiro (Soure).**

– were used in its construction. There are no traces of other dependant buildings of wood or other less resistant materials. The foundations of the tower of the fourteenth-century residence in **Góis** also still stand. In **Bera (Coimbra)**, the late eleventh-century watchtower is believed to have served as residence to Gaspar de Voalas, once its military function became obsolete, in the 14th century..

The few traces that remain are only a fraction of what must have existed. The large number of *quintãs* mentioned in contemporary documents proves the existence of many noble residences in this territory. The following *quintãs* existed around Coimbra: **Lousã; Chão de Couce and Avelar (Ansião); Carvalhais (Penela) and Penela; Feiteira, Cernache, Aguda, Orelhudo, Antanhol and Vilarinho (Coimbra), Formoselha and Torre (Montemor-o-Velho); Porto Coelheiro (Soure).**



▲ Torre do Paço da Quintã (Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital) / Tower of Quintã Manor House (Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital) / © Rodolfo Feio, ADCMMM

A título de exemplo, sabemos que a quintã de **Cernache** tinha paços e moinhos. De outras, porém, sabemos muito mais: é o caso da quintã de **Formoselha** que, em 1298, possuía casas, vinhas, uma adega com 6 cubas vazias, 2 tinhas, 1 tonel, 2 pipas, 1 leito grande, 1 égua, 1 boi, 4 vacas com os seus filhos, 2 juntas de bois, 14 porcos, 2 porcos machos, 3 bácoros, 2 ovelhas, 3 carneiros, 24 patos, 35 fusais de linho, 1 foice, 1 machado, umas cadeias de barco e 1 moio e 13 alqueires de cevada.

We know, for example, that the *quintã* of **Cernache** included residential houses and mills, but others had many more assets. The *quintã* of Formoselha, in 1298, had houses, vineyards, a wine cellar with six empty barrels, 2 vats, 1 tun, 2 casks, 1 large bed, 1 mare, 1 ox, 4 cows with their calves, 2 yoke of oxen, 14 pigs, 2 male pigs, 3 piglets, 2 sheep, 3 lambs, 24 ducks, 35 bundles of flax, 1 sickle, 1 axe, a few boat chains and 1 *moio* and 13 *alqueires* of barley.

A ÚLTIMA MORADA / THE FINAL RESTING PLACE

/ O prestígio que gozaram em vida projeta-se para além da morte. Os nobres sabem que a sua última morada é essencial à preservação da memória e do nome de família, razão pela qual preparam todo o processo com muita antecedência. A começar pelos testamentos onde determinam as suas últimas vontades, destinando os seus bens, definindo o local exato onde se pretendem fazer sepultar e encomendando o número de missas que devem ser rezadas por sua alma. A escolha exata do local e a forma que o monumento funerário viria a ter - um edifício independente, uma capela privada dentro de uma igreja com uma arca tumular ou apenas uma lápide no chão do templo - dependia, sobretudo, das suas posses.

E, mais uma vez, também à hora da morte os nobres não são todos iguais.

Em 1289, Martim Anes de Feroselhe, um cavaleiro da casa do infante D. Dinis, escolhe sepultar-se na Sé de **Coimbra**, especificando a localização do seu *túmulo*, “junto à porta superior, num moimento sob o arco”, ao pé do altar de Santa Clara. Deixa vinte libras aos cónegos e capelães para que rezem uma missa, anualmente, pelo aniversário da sua morte. E outras 5 libras para manter uma lâmpada acesa por ele e pela sua mulher. Este dinheiro seria retirado dos rendimentos obtidos sobre os bens que tinha em Santarém e **Formoselha (Montemor-o-Velho)**.

/ The social prestige enjoyed in life was perpetuated beyond death. Aware that their last address was fundamental to preserve the family name and memory, the nobility prepared it well in advance. Their wills, which registered their last wishes and the recipients of their assets, also established the exact location for their tombs and the number of masses to be said for the repose of their souls. The choice of the form and location of the funerary monument was mostly a question of wealth - it could be an independent building, a private chapel within a church with a tomb chest or simply a slab on the church floor.

But in death also, all nobles are not created equal.

In 1289, Martim Anes de Feroselhe, a knight of the house of *Infante* Dinis, decided he wanted to be buried in the See of Coimbra, and he wished his tomb to be placed “near the upper door, in a moimento under the arch”, close to the altar of St. Clare. He leaves twenty *libras* to the canons and chaplains to have a mass celebrated every year on the anniversary of his death, and an additional 5 *libras* to keep a lighted lamp for himself and for his wife. The money would be taken from the income he received from his assets in Santarém and **Formoselha (Montemor-o-Velho)**.

O já conhecido Vicente Dias, alcaide de Coimbra, deixa, c. de 1256, 300 morabitanos à igreja de São Cristóvão de **Coimbra** para que os seus clérigos rezem, todos os dias e para sempre, uma missa pela sua alma. Mas, para garantir a salvação, manda ainda erguer um altar na igreja de São Tiago, da mesma cidade, adquirindo para isso todos os paramentos e alfaias litúrgicas necessárias ao culto. O funcionamento deste altar era assegurado pelos rendimentos de um forno que doou a esta igreja juntamente com o seu escravo muçulmano e um animal de carga. Morrendo em novembro desse mesmo ano, chega o momento de Boa Peres, sua mulher, mandar redigir o seu próprio testamento.

Em primeiro lugar, cumprindo a vontade do marido, doa à Sé de **Coimbra** 1/3 dos bens que tinham em **Ceira, Sobral, S. Frutuoso (Coimbra)** e **Lagares da Beira (Oliveira do Hospital)** para a construção de uma capela dedicada a S. João. Para além disso, e por vontade própria, deixa outros bens à Sé de **Coimbra**, ao mosteiro de Santa Cruz de **Coimbra** e a um vasto conjunto de outras igrejas e mosteiros em regiões onde a família tinha património. Beneficiou as igrejas de São Cristóvão e São Bartolomeu de **Coimbra**,

Around 1256, the previously mentioned Vicente Dias, *alcaide* of Coimbra, left 300 *morabitanos* to the Church of São Cristóvão, in Coimbra, to have a daily mass for the repose of his soul celebrated for ever; but to have his salvation guaranteed, he also has an altar built in the Church of São Tiago, in the same city, with all the necessary paraments and liturgical tools. The cost of this was covered by the income of an oven donated to this church, together with his Muslim slave and a pack animal.

His wife, Boa Peres, died in November of that year and her will established the following: firstly, and in accordance with her husband's wishes, she leaves a third of their assets in **Ceira, Sobral, S. Frutuoso (Coimbra)** and **Lagares da Beira (Oliveira do Hospital)** to fund the construction of a chapel dedicated to St. John. Apart from that, and of her own will, she leaves other assets to the See of Coimbra, the Monastery of Santa Cruz, Coimbra, and to a large number of other churches and monasteries in the region where the family owned property: the beneficiaries were the churches of São Cristóvão and São Bartolomeu of **Coimbra**, Santa Maria de **Abiúl (Pombal)**, Santa Maria de

Santa Maria de **Abiúl (Pombal)**, Santa Maria de **Zambujal (Condeixa-a-Nova)**, São João de Pelmá (**Alvaiázere**) e Santa Maria de **Barcouço (Mealhada)**. E não esqueceu os numerosos mosteiros da cidade de **Coimbra**: São Francisco, São Domingos, São Jorge, São João das Donas, Celas de Guimarães e Santa Ana.

Conhecemos estes exemplos com grande detalhe através de documentos escritos, mas deles propriamente ditos, dos túmulos, nada sobreviveu. Para um outro caso, porém, ocorre exatamente o oposto: o de Domingos Joanes e Domingas Sabachais, senhores que, em 1341, mandaram erguer a Capela dos Ferreiros na Igreja de Santa Cruz de **Oliveira do Hospital**.

Quase nada se sabe sobre o casal. A capela, todavia, sobrevive completa, reunindo um conjunto de obras excepcional, atribuído a um dos mais importantes escultores do reino, Mestre Pêro, o mesmo artista que fizera o túmulo da rainha Isabel de Aragão, futura Rainha Santa. Para a capela encomendaram dois túmulos com jacentes (a representação dos seus corpos, deitados sobre as arcas), um retábulo da Virgem onde o casal está presente, como doadores, ajoelhados e em oração, uma escultura da Virgem com o Menino e, finalmente, uma escultura de Domingos Joanes, a cavalo, devidamente vestido para a guerra, símbolo por excelência da nobreza.

Zambujal (Condeixa-a-Nova), São João de Pelmá (Alvaiázere) and Santa Maria de Barcouço (Mealhada), as well as the numerous monasteries of Coimbra: São Francisco, São Domingos, São Jorge, São João das Donas, Celas de Guimarães and Santa Ana.

All these details are known to us from written documents, but none of the tombs survived. In another case, however, the exact opposite occurred: Domingos Joanes and Domingas Sabachais, the lords who, in 1341, had the Capela dos Ferreiros (Blacksmiths' Chapel) built in the Church of Santa Cruz, Oliveira do Hospital.

Almost nothing is known of the couple, but the chapel is intact. It houses a remarkable set of works, attributed to one of the most important sculptors of the kingdom, Master Pero, the same artist who made the tomb of Queen Isabel of Aragon, the future Holy Queen. The commissioned two tombs with recumbent effigies (their bodies are represented lying down over the tomb), a retable of the Virgin in which they are represented praying, as benefactors, a sculpture of the Virgin with Child and, lastly, a statue of Domingos Joanes, on horseback, as a warrior knight, the perfect symbol of nobility.

Este exemplo de última morada demonstra bem como, para a nobreza, o que estava em causa ultrapassava muito a mera salvação da alma. Com efeito, a forma como se fazem retratar – jazendo sobre o túmulo, com os seus melhores trajes e joias, eles envergando a espada, elas o livro de oração ou o rosário, acompanhados pelos seus cães fiéis e protegidos por anjos – revelam como se viam e a imagem que queriam projetar de si mesmos. Versões idealizadas de cavaleiros e donas piedosas. O mais curioso neste caso é como, numa época em que o retrato é ainda quase inexistente, Domingues Joanes se faz representar insistentemente, três vezes em três situações diferentes: como nobre e cortesão, sobre o túmulo; como crente fervoroso, no retábulo, e como guerreiro, na escultura equestre. Três faces complementares de um homem que não quer definitivamente ser esquecido!

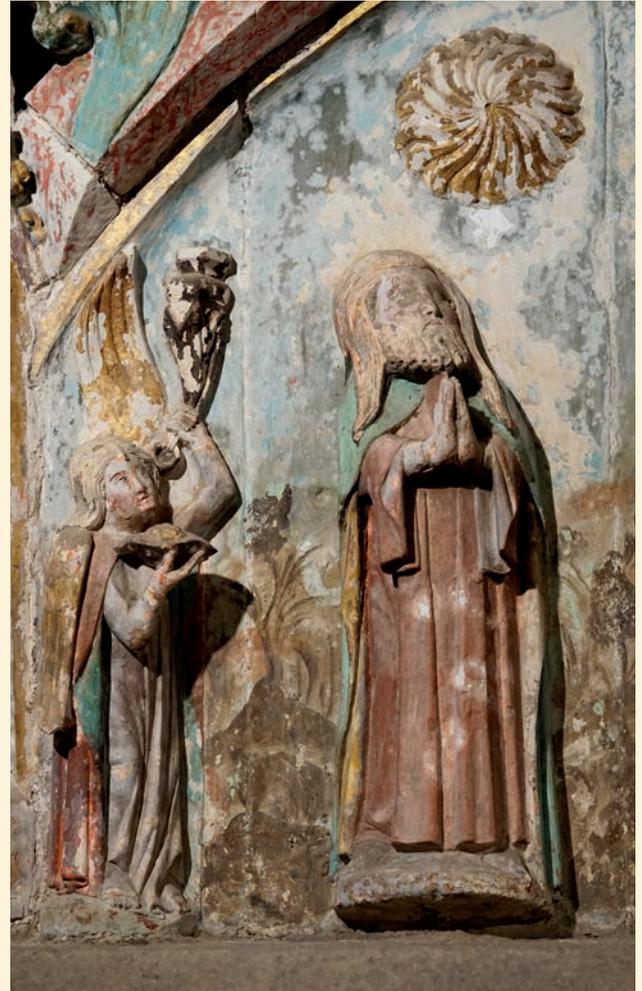
As an example of a final resting place, this clearly shows that the mere question of redemption was not the nobility's single concern. The way they choose to have themselves represented – recumbent on the tomb, in their best apparel and jewels, the men with the sword, the women with their prayer book or the rosary, accompanied by their loyal dogs and protected by angels – all of this reveals how they viewed themselves, the image they wished to project: idealized versions of knights and pious ladies. The most curious thing about this case is that, at a time when portraiture was very rare, Domingues Joanes insistently (re) presents himself in three different conditions: as a nobleman and a courtier, on the tomb; as an ardent believer, on the retable, and as a warrior, on the equestrian statue. He is definitively a man who does not intend to be forgotten.

Dona Domingas Sabachais, pormenor do jacente. Obra de Mestre Pêro, séc. XIV >
(Capela dos Ferreiros, Igreja da Exaltação de Santa Cruz, Oliveira do Hospital)
Dona Domingas Sabachais: recumbent effigy, detail. By Master Pêro, 14th century
(Ferreiros Chapel, Church of the Exaltation of the Holy Cross, Oliveira do Hospital)
© Marta Simões, ADCMMM





▲ Escultura equestre de Domingos Joanes. Obra de Mestre Pêro, séc. XIV (Capela dos Ferreiros, Igreja da Exaltação de Santa Cruz, Oliveira do Hospital)
Equestrian statue of Domingos Joanes, by Master Pêro, 14th century (Ferreiros Chapel, Church of the Exaltation of the Holy Cross, Oliveira do Hospital)
© Marta Simões, ADCMMM



▲ Domingos Joanes em posição de orante, pormenor do Retábulo da Virgem
Obra de Mestre Pêro, séc. XIV (Capela dos Ferreiros, Igreja da Exaltação de Santa Cruz, Oliveira do Hospital)
Domingos Joanes, his hands held in prayer. Retable of the Virgin, detail
By Master Pêro, 14th century (Ferreiros Chapel, Church of the Exaltation of the Holy Cross, Oliveira do Hospital)
© Marta Simões, ADCMMM

Domingos Joanes, pormenor do jacente. Obra de Mestre Pêro, séc. XIV >
(Capela dos Ferreiros, Igreja da Exaltação de Santa Cruz, Oliveira do Hospital)
Domingos Joanes: recumbent tomb effigy, detail. By Master Pêro, 14th century
(Ferreiros Chapel, Church of the Exaltation of the Holy Cross, Oliveira do Hospital)
© Marta Simões, ADCMMM



COM SÃO PEDRO POR PORTEIRO

WITH ST. PETER AS THE DOORKEEPER OF HEAVEN

/ Marinha Afonso de Arganil II e Fernão Rodrigues Redondo, senhores do castelo e vila de **Arganil** e de **Pombeiro da Beira (Arganil)**, mandaram erguer uma capela funerária, entre 1288 e 1320. Contudo, e ao contrário do que era usual, não é uma pequena capela no interior de uma igreja, mas um edifício de grandes dimensões, quase uma igreja, composto por três naves, capela-mor e duas capelas laterais. Embora hoje surja isolada, em zona erma, originalmente seria muito próxima do primitivo mosteiro de São Pedro de Arganil. Um mosteiro dedicado ao apóstolo Pedro, aquele que guarda as chaves da porta do reino dos céus.

/ Marinha Afonso de Arganil and Fernão Rodrigues Redondo, lords of the castle and small town of Arganil and of Pombeiro da Beira (Arganil), commissioned a funerary chapel, built between 1288 and 1320, which, contrary to custom, was not an enclosed chapel within a larger church. It was a large independent building, almost like a church, with three aisles, chancel and two side chapels. Nowadays isolated, at the time of its construction it must have stood very near the primitive Monastery of São Pedro de Arganil, dedicated to Peter, the Apostle, the keeper of the keys to the gates of Heaven – a convenient situation for a funerary chapel.





Afinal, nada mais conveniente para uma capela funerária. No seu interior subsiste uma escultura do séc. XV com a representação de S. Pedro no trono, muito provavelmente uma imagem que terá vindo substituir a que aí existira entre finais do séc. XIII e inícios do séc. XIV. Aliás, as esculturas de S. Pedro, sempre representado com a chave do reino dos céus numa mão e o evangelho na outra, são das mais frequentes no nosso território, comprovando a força da crença no caminho da salvação.

Na verdade, porém, e sem que se conheça a razão, este templo nunca chegou a ser o panteão da família. Em 1320 e sem descendência, Fernão Rodrigues deixou em testamento os senhorios de **Arganil** e de **Pombeiro da Beira (Arganil)** a João Afonso, bastardo de D. Dinis. Desligando-se da Beira, o casal foi para Santarém. Mas nem por isso abdicou da proteção do Santo, fazendo-se lá sepultar na capela de São Pedro da igreja de São Nicolau.

A fifteenth-century statue of Peter on his throne still stands in the building, probably replacing an earlier, late thirteenth to early fourteenth-century statue of the apostle. In fact, the statues of St. Peter, always represented with the keys of heaven in one hand and the gospels in the other, are among the most common in our territory, showing a widespread concern with eternal salvation.

Nevertheless, and for reasons unknown, this building never came to be the family mausoleum. In 1320, Fernão Rodrigues, still childless, left in his will the *senhorios* of **Arganil** and of **Pombeiro da Beira (Arganil)** to João Afonso, illegitimate son of king Dinis. The couple then left the region, and went to live in Santarém. But they remained under the protection of the Saint, arranging to be buried in St. Peter's Chapel, within the Church of São Nicolau, in Santarém.



^ S. Pedro (Igreja de S. Pedro de Vilarinho, Lousã)
St. Peter (St. Peter's Church, Vilarinho, Lousã)
© Marta Simões, ADCMMM



^ S. Pedro (proveniente da Igreja Paroquial da Sanguinheira,
em depósito no Museu da Pedra de Cantanhede)
St. Peter (from the Parish Church of Sanguinheira,
kept at the Stone Museum, Cantanhede)
© Marta Simões, ADCMMM



DE MÃOS EM MÃOS: A TRANSFERÊNCIA DE TERRAS E PODERES ENTRE "POTENTES"

FROM HAND TO HAND: THE TRANSFER OF LAND AND POWER AMONG THE POWERFUL

Tudo o que atrás fica dito, de bispos, monges e nobres, expressa bem como entre estes "potentes", independentemente da sua natureza laica ou eclesiástica, o património, terras maioritariamente, funcionava como moeda de troca, de favores concedidos ou apoios subitamente retirados. Para logo serem entregues a outros. Condes e reis, sobretudo, sustentavam o seu poder na capacidade de dar, tanto quanto na de retirar. Vale a pena ver dois exemplos, ambos na esfera da atuação dos condes D. Urraca e D. Raimundo, ainda que o segundo abarque um tempo mais longo, mas que, em conjunto, ilustram de forma particularmente sugestiva como, em função da conjuntura, dos interesses e alianças, se constituíam grandes potentados (tantas vezes depois aumentados de forma indevida, usurpando bens próximos) ou se extinguíam poderosas instituições, quase sem deixar rasto.

From all of the above, it becomes clear that among these powerful people – bishops, monks and nobles, whatever their condition, lay or religious – patrimony, and mostly land, was a bargaining chip, used to exchange favours or some kind of support, both of which could be suddenly withdrawn. Counts and kings, mostly, anchored their power on their capacity of granting and withdrawing. In the court of Counts Urraca and Raymond, two examples clearly illustrate how, depending on a context of interests and alliances, great potentates could be built (and enlarged, by usurping other assets) or powerful institutions could be extinguished, leaving almost no trace.

É esse, justamente, o caso do primeiro exemplo: o antigo mosteiro de S. Vicente da Vacariça (**Mealhada**) de que, à exceção da memória, nada chegou aos nossos dias. Apesar de um documento de 1002 o situar “sub montis Buzaco” e junto ao rio Certuma (Cértima), desconhece-se a sua localização exata embora tudo aponte para que não estivesse longe da atual igreja paroquial, também ela dedicada a S. Vicente. Do que não resta dúvida é que foi uma instituição rica, com um vasto património. No nosso território, para além de possuir numerosas propriedades agrícolas e lugares – **Marmeleira (Coimbra)**, **Sepins** e **Murtede (Cantanhede)**, **Luso (Mealhada)**, **Arazede (Montemor-o-Velho)** – com os seus fornos, moinhos, lagares, tinha o padroado de várias igrejas e ermidas: São Salvador de **Coimbra**, São Pedro de **Penacova**, Santa Maria de Murtede (**Cantanhede**), São Tomé do Luso (**Mealhada**), Santa Cristina de **Mortágua** e São Martinho de Palheiros (**Penacova**). Do grande mosteiro que terá sido a Vacariça, dependiam outros mosteiros mais pequenos como por exemplo o de **Soure** e o de Trezói (**Mortágua**).

This is precisely what happened in the first example: the former monastery of S. Vicente da Vacariça (**Mealhada**), of which nothing remains but its memory. Although a 1002 document places it “sub montis Buzaco” and near the River Certuma (Cértima), its exact location is unknown, but everything seems to point to a location not far from the present-day parish church, equally dedicated to St. Vincent. It was without doubt a wealthy institution, with a vast patrimony. In our territory, not only did it own numerous farmlands and villages – **Marmeleira (Coimbra)**, **Sepins** and **Murtede (Cantanhede)**, **Luso (Mealhada)**, **Arazede (Montemor-o-Velho)** – including ovens, mills and presses, it also had the patronage of several churches and small isolated chapels: São Salvador de **Coimbra**, São Pedro de **Penacova**, Santa Maria de Murtede (**Cantanhede**), São Tomé do Luso (**Mealhada**), Santa Cristina de **Mortágua** and São Martinho de Palheiros (**Penacova**). Several other smaller monasteries, such as those of **Soure** or of Trezói (**Mortágua**), were dependent on this (surely very great) Monastery of Vacariça.

O prestígio do mosteiro da Vacariça fica bem patente pela participação de um dos seus monges numa das grandes reuniões da igreja à época, o Concílio de Coiança (Leão, Espanha), realizado em 1055. Sabe-se, porque foi a ele que coube o papel de redigir a ata do encontro. Apesar de tudo isso, a vida do mosteiro foi curta: em 1094, os condes da Galiza, D. Raimundo e D. Urraca, doam o mosteiro com todos os seus bens e rendimentos à Sé de Coimbra. O mosteiro extinguiu-se nessa data.

O segundo exemplo tem lugar em **Mira**: sabe-se que em 1095 os mesmos condes D. Raimundo e D. Urraca doaram esta povoação a Soleima Godinho, um rico senhor local que já aí tinha algum poder. A partir de então, como senhor legítimo de **Mira**, acumularia casas, herdades, marinhas (salinas), vinhas, moinhos, entre muitos outros bens, em **Arazede (Montemor-o-Velho)**, **Cadima**, **Varziela**, **Carabói (Cantanhede)**, **Alhadas**, Foz do Mondego e **Buarcos (Figueira-da-Foz)**.

The prestige of the Monastery of Vacariça is evident from the fact that one of its members took part in one of the great church meetings of the time, the 1055 Council of Coyanza (Leon, Spain). This is known because he was in charge with taking minutes. Nevertheless, the monastery did not last long: in 1094, the Counts of Galicia, Raymond and Urraca, granted the monastery and all its assets and income to the See of Coimbra. It was dissolved on that date.

The second example comes from Mira: in 1095, those same counts, Raymond and Urraca, granted this village to Soleima Godinho, a wealthy local lord who already had a considerable influence in the region. From then onwards, and as legitimate lord of Mira, he accumulated houses, farmland, salt pans, vineyards and mills, among many other assets, in Arazede (Montemor-o-Velho), Cadima, Varziela, Carabói (Cantanhede), Alhadas, Foz do Mondego and Buarcos (Figueira-da-Foz).

Em 1132, todavia, Soleima Godinho doa a igreja de São Tomé de Mira, com todos os seus bens e direitos, ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o que talvez possa explicar-se pela entrada de um neto como cónego no mosteiro. De facto, a admissão neste tipo de instituições implicava sempre a doação de bens, uma espécie de dote!

É a oportunidade perfeita para o mosteiro de Santa Cruz alargar o domínio sobre as terras e os direitos à volta: por vezes compra, troca ou recebe em doação. Mas é sobretudo através da usurpação que o faz. Recorde-se que esta terra era e sempre foi do rei. A falta de vigilância ou agentes no terreno permitiu que Santa Cruz atuasse como senhor das terras.

A verdade, porém, é que desempenhou um importante papel no desbravamento dos campos, tornando-os aráveis e atraindo famílias para as cultivar. A outros, que já aí se encontravam como aqueles que progressivamente se tinham reunido em torno da Ermida de Santa Maria de Mira, dá, em 1183, carta de aforamento. Ou seja, a partir desse momento passavam a pagar renda pela terra que cultivavam e pela casa que habitavam.

In 1132, however, Soleima Godinho granted the Church of São Tomé de Mira, and all its assets and rights, to the monastery of Santa Cruz de Coimbra, possibly because a grandson of his was entering the monastery – which, as is known, always required a grant, as a kind of dowry.

This was the perfect opportunity for the Monastery of Santa Cruz to extend its domain in the surrounding land: it could buy, exchange or receive assets as endowments, but it was mostly by usurping that the monastery increased its patrimony. This land belonged to the king, but lack of supervision allowed Santa Cruz to act as lord of the land.

As a matter of fact, the monastery did play an important role in the clearing of the land, turning it into arable land and attracting settlers to cultivate it. In 1183, the monastery issued a “carta de aforamento” to the people who already lived in the region, and to those who had meanwhile settled around the small chapel of Santa Maria de Mira. This meant that from that moment on, they would pay for the land they cultivated and for the house where they resided.

Porque o vinho era um produto essencial, rentável e a região oferecia bons meios de escoamento da produção através do porto de mar, o mosteiro insistiu várias vezes para que os homens aí cultivassem vinha. Incentivou-o através da concessão de privilégios: em 1305, isentou os moradores de Mira do pagamento de cem peixes se plantassem vinha nos seus casais. Na realidade, estes homens e mulheres viviam entre a terra e o mar: ora ocupados no cultivo dos cereais, vinho e legumes, ora no mar colhendo os seus frutos.

O domínio de Santa Cruz sobre este território chega ao fim com D. Afonso IV que, em 1342, o reclama. Ali só mandava o rei e os seus oficiais. Depois disso, o mosteiro ficaria apenas com os direitos sobre a dita igreja de São Tomé.

Since wine was an essential, profitable product, and given that with its sea port, the region offered good means of disposal of the products, the monastery insisted on the cultivation of the vine. And it did so by granting privileges: in 1305, it freed the inhabitants of Mira of payment over one hundred fish if they planted vine on their land. Thus, these men and women lived between land and sea, cultivating cereal, wine and vegetables, and fishing.

Santa Cruz's control of this territory ended in 1342, when Afonso IV claimed it for the Crown. From then onwards, only the king and his officials had authority over the region, and the monastery's rights were reduced to the church of São Tomé.



A GENTE DA CIDADE E DAS VILAS THE TOWN POPULATION

/ Nas cidades e vilas, os vizinhos e moradores tinham o direito de se autogovernar. Ou seja, apesar de em última instância dependerem do rei ou do senhor, nobre ou instituição religiosa, no quotidiano geriam os seus destinos com relativa autonomia. Por isso um ditado medieval dizia que “o ar da cidade tornava os homens livres”. E esse era, de facto, o sentimento geral: viver numa vila ou cidade era, sem dúvida, a situação mais vantajosa para a população em geral.

Decidiam em quase todas as matérias que diziam respeito à comunidade, umas rotineiras como o abastecimento, o tabelamento dos preços ou a limpeza das ruas, outras “grandes e graves”, como se dizia à época, relacionadas com ameaças de peste, chamadas à guerra ou imposição de impostos extraordinários.

/ The inhabitants of towns, large or small, had the right to self-government. In fact, although ultimately dependant on the king or on the lord – be they a nobleman or a religious institution – they could run their own affairs with relative autonomy. As the medieval saying goes, “the city air makes men free”. And that was really the general feeling: living in a town, even a small market town, was certainly preferable for most people.

They could decide on almost all the matters concerning the community, both the routine ones, such as provisions, price regulation and street cleaning, and the other, “big and serious” matters, as they were called, concerning the threat of plagues, the summons to war or the imposition of special taxes.



Inicialmente, faziam-no em conjunto, juntando todos os homens do concelho no adro da igreja, à sombra de uma grande árvore, junto da fonte ou à porta do castelo. Com o decorrer do tempo e o crescimento das cidades, todavia, a gestão passou a ser mais exigente e a estar nas mãos de apenas uns quantos: os *homens-bons* que constituíam a vereação. Reuniam a partir de então semanalmente, em locais fechados, por exemplo, numa torre do circuito de muralhas (em **Coimbra**, na Torre de Almedina) ou edifícios próprios, a casa da câmara ou o paço do concelho, sede do poder concelhio, onde se guardava o selo e a bandeira e também todos os documentos que diziam respeito à vila ou cidade, a começar pela carta de foral, claro, porque registava os direitos e deveres da comunidade.

Initially, this was dealt with in an open-air gathering of all the men of the community. It could take place in the church square, under the shadow of a large tree, or near the fountain or at the castle gate. With time, and as towns grew, the management of town affairs became more demanding and it tended to concentrate in the hands of a few: the “*homens-bons*” who made up the assembly. From then onwards they would meet once a week, in a closed space – for example, in a wall tower (such as the Almedina Tower, in **Coimbra**) – or in buildings specifically assigned for that purpose, the council chambers or town hall. This was the seat of municipal power, where the seal and the banner were kept, as well as all the documents concerning the town, first and foremost the charter (*carta de foral*) which established the rights and duties of the community.

O número de oficiais dependia do tamanho do concelho e estes não eram, naturalmente, todos iguais: alguns eram grandes centros urbanos, outros, a esmagadora maioria, correspondiam a pequenas comunidades. Recorde-se, contudo, que não era o tamanho que determinava a categoria de cidade ou vila: as primeiras eram apenas aquelas que correspondiam a sedes episcopais, o que no nosso território se verificava apenas com Coimbra. Todos os restantes núcleos eram considerados vilas, independentemente da sua dimensão ou dinâmica.

Eleitos pela comunidade, mas sempre confirmados pelo rei, o cargo principal era o de juiz, seguindo-se os vereadores (de um a quatro) e os procuradores (um ou dois). Haveria também o tesoureiro e o almotacé, responsável pela supervisão do mercado. Para além destes oficiais maiores, existiam muitos outros: o pregoeiro tornava públicas as decisões e as novidades, através de pregões lançados nas principais ruas e mercados ou à porta das igrejas; o porteiro convocava os moradores para que comparecessem na câmara ou se apresentassem à justiça; o rendeiro recolhia os rendimentos do concelho. Nos concelhos menores os poucos oficiais existentes acumulavam várias destas responsabilidades.

The number of officials depended on the geographical size of the municipality. There were only a few large urban settlements, the overwhelming majority being small communities. It should be noted, however, that their status was not determined by size: only those that were episcopal seats were towns (“cidades”) – which in this territory could only apply to Coimbra. All the rest were “vilas” (small towns), whatever their size or business.

Elected by the community, but always confirmed by the king, the main office was that of the judge, followed by the aldermen (between one and four) and the delegates (one or two). There was also a treasurer and the *almotacé*, the market supervisor. There were other officers, of lesser importance: the town crier announced proclamations and news in the main streets, in markets or at the church door; the bailiff convened the town dwellers to the council or to report to justice; the rent collector collected the rents. In smaller municipalities, the few existing officers performed several of these tasks.

Eram escolhidos entre os melhores da comunidade, daí o nome de homens-bons, supostamente idóneos e honestos, por regra mestirais, artesãos, pequenos proprietários. Por exemplo, em 1395, nas reuniões de vereação do concelho de **Coimbra**, entre os homens-bons que participavam contavam-se as seguintes profissões: vários mercadores, um tabelião, um seleiro, um sangrador, um barqueiro e um tosador.

Apesar desta capacidade de autogestão, a sua ação não era totalmente autónoma: o senhor do concelho, na maior parte dos casos o rei, vigiava o quotidiano urbano através dos seus oficiais. Uma parcela importante desse controlo ficava a cargo do alcaide, a quem competia a defesa do castelo, a gestão da prisão (até ao século XVI situada nos castelos) e a segurança pública. Os seus homens policiavam as ruas – obrigando, por exemplo, que quem circulasse à noite trouxesse candeia acesa, frente ao rosto –, mantinham a ordem e detinham os malfeitores. Um outro oficial régio de grande relevo era o corregedor que percorria todos os concelhos da sua comarca, identificando abusos e mandando-os corrigir. Nos principais concelhos, o monarca colocava ainda juízes de

The holders of these offices were chosen among the best men in the community – hence their designation, “homens-bons” (good men, in Portuguese), on the basic assumption that they were honest men. They were usually craftsmen and smallholders. For example, the aldermen attending the assembly meetings of **Coimbra** had the following professions: several merchants, a clerk, a saddler, a barber, a boatman and a shearer.

Although they could rule the town’s affairs, they did not enjoy complete autonomy. The landlord, usually the king, appointed his own officers to watch urban affairs. The *alcaide* was responsible for the castle defence, the management of the prison (located in the castle until the 16th century), and public security. His men patrolled the streets – seeing to it, for example, that those who walked at night held a lamp next to their face – maintaining order and arresting criminals. The *corregidor* was another important royal official; he travelled through all the municipalities of his jurisdiction, looking out for and correcting abuses. In the most important municipalities, the king would appoint special judges (“juízes de fora” or “juízes por el-rei”), expected to be

fora ou juízes por el-rei. O seu nome explica a sua maior qualidade: sendo de fora do concelho e não conhecendo ninguém, não estaria sujeito a tantas pressões, exercendo supostamente uma justiça mais imparcial. Existiam, por fim, os cobradores de impostos e os recrutadores militares, ou seja, almoxarifes, coudéis e anadéis.

Nem sempre, porém, estes homens agiam da melhor forma, sendo muito frequentes as queixas que denunciavam os abusos dos oficiais régios. Por exemplo, em 1331, os procuradores de Coimbra acusaram o alcaide-mor de várias ilegalidades: não escolhia o alcaide-menor entre os vizinhos, como o foral determinava; não destruía as armas que confiscava, guardando-as para si; passava à frente dos homens-bons no mercado e adquiria os produtos de melhor qualidade e mais baratos. Em 1361, o concelho e homens-bons de **Montemor-o-Velho** queixavam-se que os guardadores das matas e paus do termo da vila não deixavam os vizinhos colher madeira, paus e palha como era costume. Alguns destes conflitos são ainda hoje recordados nas tradições locais como aquele que conta o assassinato do juiz de fora de **Mortágua**, espancado pela própria população, no reinado de D. Afonso IV.

Entre as áreas de intervenção dos concelhos destacava-se a justiça, o cuidado com as obras públicas e a regulamentação das atividades económicas.

more impartial because they did not know anyone in the region, and as such were supposed to be less impervious to pressure. Finally, there were the tax collectors and the army recruiters, that is, the “almoxarifes”, “coudéis” and “anadéis”.

But these men did not always act as they were supposed, and there were frequent complaints of abuse against royal officials. For example, in 1331, Coimbra delegates accused the *alcaide-mor* of several illegalities: he hadn't chosen the *alcaide-menor* amongst the neighbours, as established in the charter; he did not destroy the weapons that had been confiscated, keeping them for himself; he selected and acquired the best and less expensive goods in the market, ignoring all the other *homens-bons*. In 1361, the assembly and the *homens-bons* of **Montemor-o-Velho** complained that the keeper of the woods and marshes of the surrounding area did not allow the neighbours to gather wood and other fuel material, as was customary. Some of these conflicts are still remembered nowadays in local traditions: for example, in **Montemor-o-Velho**, the murder of the out-of-town judge of **Mortágua**, beaten to death by the population, in the reign of Afonso IV.

The town assemblies were in charge of the administration of justice, public works and the regulation of economic activities.

Os infratores presos pelo alcaide-mor e pelos seus homens eram julgados pelos juízes. Se o crime fosse grave, a pena poderia ser aplicada em praça pública. Assim aconteceu em 1312, quando João Fernandes, alcaide de **Coimbra**, prendeu o juiz de **Taveiro (Coimbra)** juntamente com outros desordeiros, trazendo-os de mãos atadas até ao adro do mosteiro de Santa Cruz porque tinham atacado o porteiro e o escrivão do concelho, quando estes aí foram em serviço. Vergonha maior sofriam quando eram colocados na picota ou pelourinho, símbolo maior da justiça e, por regra, colocado frente à catedral, igreja matriz ou casa da câmara, bem à vista de todos. Atados à coluna, eram açoitados ou amputados de um membro

Those who broke the law were imprisoned by the *alcaide-mor* and his men and were tried by the judges. When the crime was serious, the penalty could be carried out in public. This happened in 1312, when João Fernandes, *alcaide* of **Coimbra**, arrested the judge of **Taveiro (Coimbra)** and other troublemakers, and had them brought to the square of the Monastery of Santa Cruz, their hands tied, because they had attacked the bailiff and clerk while they were carrying out their functions. The public humiliation would be much greater if the offender was punished in the pillory, public symbol of justice, usually placed in front of the cathedral, main church or town hall, well in sight of everybody.



▲ Pelourinho de Penela / "Pelourinho", Penela
© Município de Penela

(uma mão, a língua) e expostos à ira dos populares. A justiça medieval pretendia-se didática, dissuadindo outros de cometerem os mesmos crimes. Em casos muito graves os infratores teriam como destino a forca, sempre situada fora da localidade, embora próxima.

Outras tarefas diziam respeito à limpeza das ruas e adros, bem como a manutenção e (re) construção dos equipamentos públicos. Havia que cuidar das muralhas, impedir que as casas se encostassem a elas ou que se projetassem sobre as ruas, estreitando-as e dificultando a passagem de carroças e cavaleiros. O mais difícil parece ter sido manter as vias limpas. Com efeito, sendo quase todas em terra batida, à exceção das muito íngremes normalmente calcetadas para facilitar o trânsito nos tempos das chuvas, as ruas estavam sujeitas a dejetos vários: em primeiro lugar, o despejo de águas sujas pelas janelas, antecedido pelo famoso grito do água-vai, obrigatoriamente lançado por três vezes para que quem fosse a passar na rua tivesse tempo de se desviar e resguardar; mas também a sujidade decorrente da grande quantidade de animais, cavalos, galinhas, porcos, etc., que circulavam pelas ruas ou fugiam das almoinhas e curtinhas, pequenas hortas que existiam nas traseiras das casas. Por isso, os vizinhos eram obrigados a varrer e limpar todas as semanas, pelo menos o espaço fronteiro à sua casa, sobretudo no verão, por causa das pestes.

Their arms tied to the column, they could be flogged or amputated (an arm, or the tongue) and exposed to the jeer and anger of the people. Medieval justice was meant to be didactic, dissuading others of committing the same offences. In more serious crimes, the offender would be hanged; the gallows would be always situated out of town, although not far.

Other tasks concerned the cleaning of the streets and squares, as well as the maintenance and reconstruction of public equipment. It was necessary to repair the town walls, and to prevent the construction of houses attached to them as well as the projection of upper storeys onto the streets, which obscured them and hindered the passage of carts and horse riders. The most difficult task seems to have been keeping streets clean: with the exception of very steep ones, stone paved to improve circulation in rainy weather, most streets were dirt roads, subject to all sorts of dejects: First and foremost, the dumping of waste in the streets, preceded by the famous “água-vai!” (“there goes water!”), repeated three times before the actual action, so that whoever was passing underneath could have the time to step away; the other focus of dirt was the large number of animals – horses, chickens, pigs – that walked the streets or escaped from the small vegetable gardens kept in the backyards. Neighbours were therefore under the obligation of sweeping and cleaning the spaces in front of their houses, particularly during the summer, because of the plague.

Também a atividade económica era regulamentada, quer na produção, quer na comercialização: não só se definiam quantidades mínimas (obrigando, por exemplo, um sapateiro a fazer um determinado número de sapatos) como se zelava pela qualidade dos artigos. Comerciantes e artesãos tinham de se sujeitar às posturas municipais. De **Coimbra**, sobrevivem as mais antigas do reino, datadas de 1145, deixando perceber como o seu raio de ação era muito amplo, incidindo quase sobre todos os produtos: apenas a título de exemplo, só os sapateiros podiam comprar couro; o peixe chegado à cidade tinha obrigatoriamente de ser vendido na presença do *almotacé*, também responsável pela verificação da forma e qualidade das telhas.

Mas também se definiam os locais de venda, os dias e as horas, os preços... O comércio ocorria nas tendas, situadas no piso térreo das casas, sobretudo nas que bordejavam as ruas de maior movimento, e por isso normalmente chamadas de Rua dos Mercadores ou das Tendas (como a atual rua Ferreira Borges, em **Coimbra**). Estas tendas funcionavam simultaneamente como oficinas e lojas, produzindo e vendendo o produto do seu trabalho: sapatos, saíões, saias, mantos, panos, espadas e cutelos, ferraduras e enxadas, panelas e testos, canecas e cântaros, facas e tesouras, candeias e luminárias.

The economic activity was also regulated, both production and trade: minimum quantities were defined (for example, a shoemaker could be forced to make a specific quantity of shoes) and the product quality was kept under watch. Traders and craftsmen had to follow municipal ordinances. The oldest known ordinances in the realm, dated 1145, from **Coimbra**, show their very wide range: for example, only a shoe-maker could buy leather; all the fish brought into town had to be sold in the presence of the *almotacé*, who also had to check the shape and quality of tiles.

Everything that concerned the sale of products was under regulation: the places, the days, the hours, the prices. The shops were on the ground floor, especially in the houses situated along the busier streets – which explains their naming as Rua dos Mercadores (Traders Street) or Rua das Tendas (Shopping Street), such as the modern Rua Ferreira Borges, in **Coimbra**. These shops were also workshops, where what was on sale was produced: shoes, skirts, mantles, cloths, swords and choppers, horseshoes and hoes, pots and pans, mugs and jars, knives and scissors, lamps of all sorts.

Alguns produtos vendiam-se em sítios específicos: as carnes e o peixe nos Açougues; os cereais nas Fangas; os bens de primeira necessidade, vindos do aro citadino, no mercado diário e semanal, por regra montado nos adros das igrejas. Os terreiros à porta das cidades, onde se corriam touros, treinavam as tropas e exercitavam cavalos, eram utilizados para os mercados e feiras de maior dimensão, mensais ou mesmo anuais. No nosso território, até ao século XV só existia feira em **Coimbra**, momento em que acorriam à cidade gentes de toda a região. Não devemos ainda esquecer que, quem tivesse produção própria, mel, castanhas, ovos..., podia vendê-los à porta de casa, expostos em tabuleiros colocados na via pública.

Era este o universo do *almotacé*, um dos mais atarefados oficiais urbanos. Para além de circular pelas lojas e vendas, entre as bancas do mercado, fiscalizando todos os aspetos referidos, tinha ainda por função – aliás, uma das principais – inspecionar os pesos e medidas usados pelos mercadores, tantas vezes acusados de enganarem os compradores menos atentos. As varas utilizavam-se para medir o comprimento, os almudes para os líquidos e os alqueires para o cereal. E porque todas estas medidas e pesos

Some products were sold in specific shops: fish and meat, in “açougues” (butchers); the cereal, in “fangas”; basic necessities coming from the surrounding areas, at the daily or weekly market, held in the churchyard as a rule. The open grounds at the city gates, used for bullfights, army training or horse training, were also used for larger, monthly or even annual, markets or fairs. In our territory, until the 15th century the only fair took place in **Coimbra**, an event that drew a large number of people from the whole region. There was always the possibility of selling one’s own produce – honey, chestnuts, eggs, etc – exposed in trays on the street, at one’s doorstep.

All of this was the realm of the *almotacé*, one of the busiest town officials. He had to visit shops and markets, watch and make sure that sellers respected the established rules, as well as – and this was one of his main functions – to inspect the weights and measures used by the merchants, who were often accused of deceiving less attentive customers. The “vara” (yard) was used to measure length, the “almud” for liquids and the “alqueire” for cereal. The importance of this function can be seen from the fact that these weights and measures varied from town to town. In many places the standard measures

variavam de concelho para concelho, logo se percebe a importância de as verificar. Em muitos locais as medidas padrão eram colocadas no local onde se fazia a feira ou o mercado, de forma visível e acessível a todos: em **Montemor-o-Velho** a vara e o côvado estão incisos na porta de uma das torres da muralha do castelo, duas ranhuras verticais, uma de 110, outra de 66 cm, para que os mercadores nelas encaixassem as suas próprias medidas, garantindo assim, publicamente, a correspondência. Noutros locais colocavam-se na ombreira da porta da igreja, em cujo adro se mercadejava.

were exhibited well in sight of all in the area where the market was held: in **Montemor-o-Velho**, the *vara* and the “côvado” (cubit) are marked out on the door of one of the towers of the castle walls, two vertical incisions one of 119, the other of 66 cm, so that merchants could fit their own into them and ensure they were according to the town’s regulations. Sometimes they were on the doorway of the church yard where the market was held.



Vara e côvado incisos na porta de uma das torres do castelo de Montemor-o-Velho >
“Vara” and “côvado”, units of measurement carved on the doorway of one of the towers of the castle of Montemor-o-Velho



PERCORRER O TERRITÓRIO TRAVELLING

/ Ao contrário do que hoje possamos pensar, na época medieval era comum viajar. As pessoas estavam frequentemente em trânsito, deslocando-se pelas mais variadas razões: trabalhar, pagar as prestações devidas aos senhores, participar na guerra, ir ao mercado ou feira, à festa, à igreja ou em peregrinação. Estima-se que as pessoas pudessem percorrer entre 40 a 60 quilómetros por dia. A distância dependeria, certamente, do meio de transporte utilizado, a pé, a cavalo ou de carreta, do relevo do terreno e do estado dos caminhos e vias.

As principais vias medievais foram, em grande parte, herdeiras das estradas romanas. Outras, surgiram nesta época para dar acesso a vilas novas ou a simples lugarejos entretanto povoados. Há notícia de três grandes eixos viários na região de Coimbra. O principal ligava o Porto a Lisboa e passava na **Mealhada**, em **Coimbra**, **Cernache (Coimbra)**, **Condeixa-a-Nova**, **Redinha (Pombal)** e **Pombal**; uma outra, seguia na direção de Tomar, atravessava a **Ladeia** e passava no **Rabaçal (Penela)**, no **Germanelo (Penela)**, em **Penela**, **Câneve (Penela)** e **Alvaiázere**.

/ Contrary to common perception, travelling was common in the Middle Ages. People travelled for a variety of reasons, to work, to pay their rents to their landlords, to make war, to go to the market or the fair, to participate in a feast, to go to church or in pilgrimage. The average journey is believed to have been between 40 and 60 km per day, depending on the means of transport – on foot, on horseback, or in a cart – and on the state of the roads.

In general, the main medieval roads followed the routes of Roman roads, while others were built in this period to provide access to new market towns or recently populated hamlets. Three large road corridors are known in the region of Coimbra. The first connected Porto and Lisbon, going through **Mealhada**, **Coimbra**, **Cernache (Coimbra)**, **Condeixa-a-Nova**, **Redinha (Pombal)** and **Pombal**; another towards Tomar, going through **Ladeia (Ansião)** and passing by **Rabaçal (Penela)**, **Germanelo (Penela)**, **Penela**, **Câneve (Penela)** and **Alvaiázere**.



A terceira, tomava a direção do interior, passando por **Vila Nova de Poiares, Mucela (Arganil), Sanguinheda (Arganil), Lourosa (Oliveira do Hospital)**, Seia, Gouveia e Almeida, prolongando-se pelo reino vizinho.

The third headed to the interior, through Vila Nova de Poiares, Mucela (Arganil), Sanguinheda (Arganil), Lourosa (Oliveira do Hospital), Seia, Gouveia e Almeida, and onto to Spain.

Nem sempre, todavia, ofereciam as melhores condições. Maioritariamente em terra batida, eram muito difíceis de percorrer no inverno uma vez que as águas formavam poças lamacentas ainda mais vincadas pelos sulcos dos carros de bois. Por isso, nas estações frias, quem mais sofria com o estado, das estradas eram aqueles que usavam carretas ou carros de bois. Os que caminhavam a pé tinham sempre a possibilidade de usar carreiros e atalhos para chegar mais depressa aos seus destinos, evitando zonas intransitáveis ou outros obstáculos.

Barcos, barcas e barquetas asseguravam o transporte de pessoas e bens ao longo dos principais cursos de água, na época quase todos navegáveis. Era uma viagem muito mais segura do que aquela que se realizava pelos caminhos terrestres pois estes, passando por zonas despovoadas ou pelo meio de matas densas, deixavam frequentemente os viajantes à mercê de animais selvagens e de salteadores. Para além disso, os rios ligavam rapidamente o interior ao litoral, permitindo a troca e o escoamento dos produtos de cada região.

Da terra de Seia, **Oliveira do Hospital, Tábua e Côja (Arganil)**, chegavam a **Coimbra** e ao litoral, através do rio Mondego, madeira, peles de animais, panos de lã, carne de caça, castanhas, mel e cera.

They weren't always in the best condition. Mostly dirt roads, they were hard to travel when it rained, their muddy pools enlarged by the deep ruts left by ox-cart wheels. During the cold season, it was very difficult to drive the ox-carts. For those who travelled by foot there was always the possibility of taking a detour to their destination, avoiding impassable tracks and all sorts of obstacles.

There were boats to carry people and goods over the water courses, most of them navigable at this time. It was a much safer method of travelling, since it avoided the uninhabited areas or thick woods where travellers would be frequently assaulted by wild animals or highwaymen. Moreover, rivers allowed a rapid connection to the interior and the exchange of regional and local goods.

From Seia, **Oliveira do Hospital, Tábua and Côja (Arganil)**, through the River Mondego, came wood, animal furs, wool cloths, game, chestnuts, honey and wax.

Em **Penacova**, o foral manda entregar ao senhor da terra a décima parte dos peixes do mar que subissem o rio Mondego até ao mês de maio. Em sentido contrário, seguia o sal das marinhas do litoral de **Mira, Tavarede, Buarcos e Lavos (Figueira-da-Foz)**. No foral de **Coimbra**, há referências a madeira, certamente proveniente da Beira, também descendo o Mondego. Das pedreiras de **Ançã e Portunhos (Cantanhede)** saía a pedra calcária utilizada em toda esta região, sobretudo, na produção de escultura devocional.

Ao longo dos rios estabeleciam-se numerosos portos cuja existência, hoje, só é conhecida através dos documentos ou dos inúmeros topónimos alusivos a essa função como os de porto, barra ou barca/barco. Por exemplo, em **Midões (Tábua)**, existiam dois portos de rio, um no Mondego, outro no Cavalos. Já o topónimo Barra em **Alqueidão (Figueira-da-Foz)** leva a crer que aí ancoravam barcos em tempos remotos.

Fundamentais nestes trajetos eram as pontes. Atravessavam os rios que, muitas vezes, constituíam a fronteira entre terras de diferentes senhores. Por isso, mercadores e almocreves eram obrigados a parar quer à entrada, quer à saída, para pagar o imposto sobre os bens que transportavam e que pretendiam vender no interior da vila ou cidade. Não havendo ponte, a portagem podia localizar-se em qualquer sítio, preferencialmente à entrada do lugar, numa porta ou torre das muralhas, ou ainda no próprio

According to **Penacova's** charter, 10 per cent of the sea fish being carried up the river until May had to be given to the local lord. The salt from the salt pans of **Mira, Tavarede, Buarcos and Lavos (Figueira-da-Foz)** also went up river. **Coimbra's** charter mentions wood, probably from the Beira region, carried down the river. And from the quarries of **Ançã and Portunhos (Cantanhede)** came the limestone used in the whole region, mostly on sacred sculpture.

Along the rivers there were numerous ports whose existence is only known to us from documents and many suggestive toponyms, such as *porto* (port), *barra* (port entrance) or *barco/barca* (boat). For example, in **Midões (Tábua)**, there were two river ports, one in the Mondego, another in the Cavalos. And the toponym Barra, in **Alqueidão (Figueira da Foz)** seems to indicate that it used to be a dock.

The bridges were fundamental structures, crossing rivers which often made the frontier between lands of different lords. Merchants and *almocreves* (muleteers) were therefore obliged to pay a tax on the items they meant to sell at both ends of the bridge. When there was no bridge, the toll might be in any other location, preferably at the town's entrance, at the gate or the wall tower, or at the market square. The Coimbra charter of 1179 stipulated that men from out of town should pay three *dinheiros* for each

mercado onde pretendiam fazer os seus negócios. No foral de **Coimbra** de 1179, estabelecia-se que os homens de fora da cidade pagassem três dinheiros por cada “besta cavalari ou muar” carregada de pão ou de sal que aí vendessem; e seis dinheiros por cada carga de peixe. Já os peões, porque levavam uma carga menor, só deviam a oitava parte do que transportassem. Em **Buarcos (Figueira da Foz)**, vila costeira, havia uma só portagem para entradas e saídas quer por mar quer por terra, localizada na foz do rio.

Entre aqueles que percorriam as vias e atravessavam rios, destacava-se um grupo de viajantes profissionais que fazia dessas deslocações o seu ganha-pão, os almocreves. Estes homens faziam o transporte de bens e mercadorias ao serviço de qualquer um que lhes pagasse. Em certos forais, como os de **Penacova, Mortágua e Coimbra**, eram obrigados a fazer uma carreira por ano ao serviço do senhor. Munidos de cavalo, mula ou burro, percorriam o reino. Para muitas das pessoas que habitavam os lugarejos desta região, a visita do almocreve seria a única hipótese que tinham de receber notícias de outras localidades, de guerra e de paz, de pestes e milagres e de, por seu turno, enviarem bens e mensagens, orais ou escritas, até lugares distantes.

A maior parte dos habitantes não teria sequer um asno, deslocando-se sempre a pé. Era a pé que iam às courelas lavar a terra e à vila, ao mercado ou pedir justiça. Era também desse modo que, pelo

“besta cavalari ou muar” (horse, donkey or mule) carrying bread or salt to sell; and six *dinheiros* for each fish load. Pedestrian sellers, carrying smaller loads, were only asked to pay an eighth of what they carried. In **Buarcos (Figueira da Foz)**, a small coastal community, there was a single toll for entering or leaving, by sea or land, situated at the river mouth.

Among those who used the roads and crossed the rivers, a group of professional travellers stands out, the *almocreves*. They carried goods for anyone for a price. Certain charters, such as those of **Penacova, Mortágua and Coimbra**, specified that they had to do one service a year for the lord. With a horse, a mule or a donkey, they travelled across the whole kingdom. For many of the inhabitants of the hamlets of the region, the muleteers were the only means to receive news of other places, of war and peace, of plagues and miracles; on the other hand, they also provided a means of sending goods and messages, oral or written, to distant places.

Most people didn't even own an ass. Wherever they went, they went on foot: to till the fields, to the town, to the market or to the magistrate. Also on foot, once a year, they went to work for their lord, a certain number of days of free labour, on patrols or repairs of the castle where, if there was a war, they could take refuge. For example, according to a charter granted by king Dinis to an

menos uma vez por ano, saíam para prestar dias de trabalho gratuitos ao seu senhor, para velar e roldar ou trabalhar na reparação do castelo onde, em tempos de guerra, poderiam encontrar refúgio. É com esse objetivo que D. Dinis impõe aos quatro casais de uma herdade que aforara em **Gualdim (Tábua)** a realização de duas carreiras por ano até ao limite de seis léguas. Por seu turno, os moradores de **Ervedal da Beira (Oliveira do Hospital)** serviam nos trabalhos de reparação do castelo de Sortelha e, por isso, eram obrigados a ultrapassar toda a serra da Estrela, viagem seguramente penosa e demorada. Em tempos de guerra, o rei ou o senhor mandavam recrutar todos os mancebos, jovens rapazes, para integrar as hostes militares, e estes empunhavam paus e cabos das suas alfaias agrícolas como instrumento de guerra, defendendo o reino. No regresso, se voltassem, esperava-os a labuta diária.

O desespero da guerra, da morte, da doença e da miséria levava muitas pessoas a realizarem viagens espirituais. Movidos pelos ecos de milagres e prodígios realizados num qualquer santuário, partiam. Chegados ao destino, pediam proteção para si e para os seus. Eram famosos os prodígios atribuídos a muitas imagens da Virgem com o Menino, que se diziam milagrosamente aparecidas no cimo de algum monte e onde haveriam de construir um templo em sua honra como sucedeu com as capelas de Nossa Senhora da Estrela (**Pombal**) e de Nossa Senhora do Círculo (**Condeixa-a-Nova**).

herdade with four casais (land explored by four families) in Gualdim (Tábua), they were under the obligation of making two “carreiras” a year to the limit of six leagues. The inhabitants of Ervedal da Beira (Oliveira do Hospital) worked in the upkeep of the castle of Sortelha, which meant they had to cross the Estrela Mountain Range, a painfully long trip. In war times, the king or the lord would summon all the young men to fight in his army, which they did, defending the kingdom, with their agricultural tools. And when, or if, they returned, they would resume their everyday toil.

An existence riddled by war, death, sickness and poverty led many people to engage in spiritual travels. Tales of miracles and prodigies in one or other sanctuary led them to travel to these places to pray for protection for themselves and for their own. Prodigies attributed to an image of the Virgin with Child miraculously appearing at the top of some hill were very frequent, leading to the construction of churches dedicated to the saint. The chapels of Nossa Senhora da Estrela (**Pombal**) and of Nossa Senhora do Círculo (**Condeixa-a-Nova**) are examples of this.



Capela de Nossa Senhora da Estrela (Pombal) / Chapel of Our Lady of the Star (Pombal) [▲]
© Município de Pombal



Capela de Nossa Senhora do Círculo (Condeixa-a-Nova) / Chapel of Our Lady of the Circle (Condeixa-a-Nova) [▲]
© Luís Miguel Melo

Outras vezes, a atração das relíquias levava as pessoas ainda mais longe, buscando, junto do contacto com o sagrado, a cura dos seus males. E assim iam em peregrinação até **Coimbra** venerar os Santos Mártires de Marrocos e a Rainha Santa, ou até Santiago de Compostela.

Não raras vezes, as pessoas tentavam curar os seus males através de mezinhas e crenças populares. Por exemplo, uma moradora de **São Fipo (Condeixa-a-Nova)** que deitava sangue pela boca por ter engolido uma sanguessuga, tenta, primeiro, o poder curativo das águas de **Alfagar** e de **Valoio (Penela)**. Não funcionando, recorre a uma ladainha de santos, pedindo ajuda a São Brás, protetor dos males de garganta, mas igualmente sem efeito; dirige-se, depois, aos Santos Mártires de Marrocos e também não vê melhoria do seu estado; o mesmo acontecerá com o pedido que faz a Santa Maria da Parede, da Igreja de São Bartolomeu de **Coimbra**. Será, finalmente, junto do túmulo da Rainha Santa que o seu mal cessa, expelindo a sanguessuga.

Relics were a great attraction, luring people to travel yet farther away, in search of a close contact with the sacred as a cure for their ills. They would go to **Coimbra** to venerate the Holy Moroccan Martyrs and the Holy Queen, or to Santiago de Compostela.

People would also try to cure their ills with homemade drugs and traditional folk recipes. For example, a woman from **São Fipo (Condeixa-a-Nova)**, who started coughing blood after swallowing a leech, tried at first to cure herself with the waters of **Alfagar** and of **Valoio (Penela)**, and when this didn't work, she said a litany to São Brás, patron saint of sore throats, but still to no avail; she then decided to address her prayers to the Holy Moroccan Martyrs, and again with no results; she then tried saying her prayers to Santa Maria da Parede, in the Church of São Bartolomeu, in **Coimbra**, but still with no results. And it is only, finally, at the tomb of the Holy Queen that her troubles cease, when she expels the leech.

VENCER AS MARGENS / BRIDGING THE RIVERS

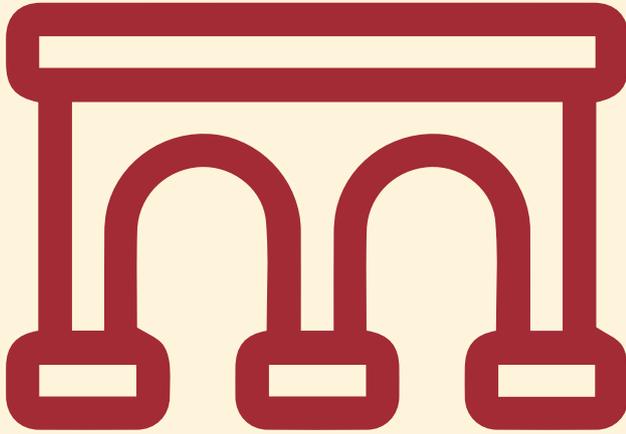
/ No território existem várias pontes de pedra, umas erguidas ainda na época romana, outras já no decorrer da Idade Média, como a ponte de Alvôco das Várzeas (**Oliveira do Hospital**), aliás, um exemplo imperdível. Permitindo vencer as margens dos rios de forma fácil e rápida – a alternativa era o atravessamento por barca ou, caso as condições o permitissem, a vau – foram sempre que possível mantidas, reforçadas e reconstruídas. Ora, esse uso contínuo e as muitas alterações sofridas no tempo longo tornam por vezes difícil perceber a sua origem e datação precisa, como acontece com a ponte da Mucela (**Arganil**) ou a ponte da vila de **Ansião**, sobre o rio Nabão. Algumas características, porém, podem servir de indicadores:

/ There are several stone bridges in this territory, some Roman, some built in the Middle Ages, such as the bridge of Alcôvo das Várzeas (**Oliveira do Hospital**), an outstanding example. Given their usefulness, since they allowed a quick and easy access across the river – the alternatives being taking a boat or, when possible, wading – bridges were, whenever possible, maintained, reinforced and rebuilt. Continuous use and the many alterations suffered with time make it difficult to determine their precise origin and date – as it happens with the Mucela Bridge (**Arganil**) or the bridge in **Ansião**, over the River Nabão.

Ponte de Alvôco das Várzeas (Oliveira do Hospital) >
Bridge, Alvôco das Varzeas (Oliveira do Hospital)
© Rodolfo Feio, ADCMMM







COMO DISTINGUIR PONTES ROMANAS DE MEDIEVAIS:

PONTE ROMANA / ROMAN BRIDGE

- 1/ O tabuleiro é tendencialmente horizontal.

Bridges tend to have horizontal decks.

- 2/ Os arcos são de volta perfeita.

Bridges have round arches.

- 3/ O aparelho construtivo (modo como a pedra é talhada e assente) é regular.

The stone blocks are finely dressed and arranged in a regular manner.

- 4/ Os pilares são maciços e de alvenaria.

Heavy ashlar piers.

- 5/ Os blocos são bem esquadriados e não têm argamassa, colocados a seco.

Well cut stone blocks, assembled without mortar.

- 6/ Os silhares apresentam frequentemente marcas de *forceps* (tesouras).

Ashlars frequently show signs of use of cutting tools.

- 7/ Utilizam com alguma frequência silhares almofadados.

Bridges are frequently built with embossed ashlar blocks.

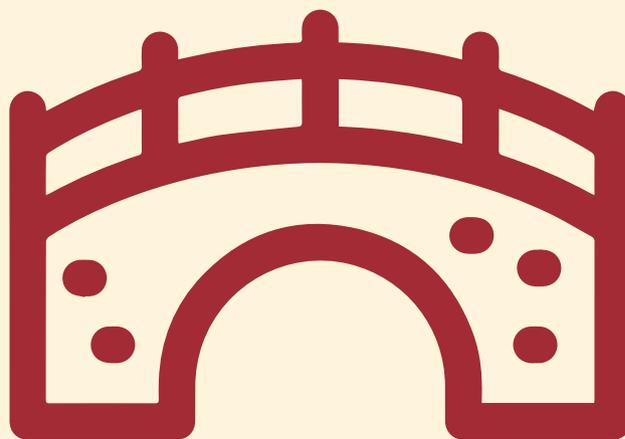
- 8/ Pontes de grandes dimensões podem incluir talhamares, redondos e triangulares, fortalecendo a estrutura e diminuindo o embate contínuo das águas contra os pilares.

Large bridges sometimes had large, round or triangular "talhamares" (cutwaters), to strengthen the structure of the bridge and lessen the continuous impact of the water on the pillars.

- 9/ O remate do tabuleiro pode ter uma cornija (friso saliente).

The deck would sometimes end in a cornice (a salient frieze).

HOW TO DISTINGUISH ROMAN FROM MEDIEVAL BRIDGES:



PONTE MEDIEVAL / MEDIEVAL BRIDGE

- 1/** O tabuleiro é tendencialmente em cavalete.
Bridges are usually humped.
- 2/** Os arcos mais antigos (românticos) são de volta perfeita, ao passo que os mais recentes (góticos) são apontados.
The earlier Romanesque arches are round, the later Gothic ones are pointed.
- 3/** O aparelho construtivo não é tão regular como o utilizado no período romano.
Stone blocks are laid in a less regular manner.
- 4/** Os pegões são muito robustos e socorrem-se de talhamares, pontiagudos ou escalonados.
Very strong piers reinforced by pointed or stepped cutwaters.
- 5/** Usa-se argamassa nas juntas dos blocos.
Mortar is used.

- 6/** Os silhares apresentam frequentemente marcas de *forceps* (tesouras) e marcas de canteiro (siglas do pedreiro que os talhou).
The ashlar blocks frequently show signs of use of cutting tools and bear the stonemason's mark.
- 7/** Os silhares não são almofadados embora, por vezes, se reutilizem os romanos.
The ashlar blocks are not embossed, although Roman ones were sometimes reused.
- 8/** A área construída entre o arco e o tabuleiro é menor se comparada com a das pontes romanas.
The area between the arch and the deck is smaller than that of Roman bridges.
- 9/** Algumas pontes medievais são munidas de torres para controlo de passagens.
Some medieval bridges were fortified with towers to control access.

A sua construção, pela envergadura da obra, tecnologia e custos, esteve frequentemente dependente dos poderes político-administrativos. Imperadores, reis, bispos ou grandes senhores chamaram a si a responsabilidade de ligar os territórios permitindo a circulação de tropas, gentes e mercadorias. D. Afonso Henriques mandou refazer a ponte velha de **Coimbra**, herdada da época romana, e o seu filho, D. Sancho I, deixou em testamento a elevada quantia de 1000 morabitinos para garantir a sua manutenção. Mais tarde, cerca de 1298, D. Dinis ordenou ao seu tesoureiro que mandasse fazer uma ponte sobre o rio Alva. A escolha do local recaiu entre **Poiães** e **São Martinho da Sanguinheda (Arganil)**, perto do lugar de **Mucela (Arganil)**, junto da velha ponte romana, por essa altura já certamente em muito más condições.

The construction of bridges, given the scale of the work, the technology and the cost involved, depended frequently on political and administrative authorities. Emperors, kings, bishops or great lords felt the responsibility of connecting territories, thus facilitating the circulation of troops, people and goods. Afonso Henriques had the old Roman bridge of Coimbra rebuilt, while his son, Sancho I, left in his will the very considerable sum of 1000 *morabitinos* to its upkeep. Later on, around 1298, Dinis ordered his treasurer to have a bridge built over the River Alva. The chosen location was between **Poiães** and **São Martinho da Sanguinheda (Arganil)**, near the old Roman bridge, which by that time was probably in very poor condition.

Podiam igualmente resultar da junção de esforços: na Idade Média foi comum deixar em testamento pequenas quantias para aplicar no erguer e manutenção de estruturas essenciais como pontes e caminhos. Assim fez Boa Peres, viúva de Vicente Dias que fora alcaide de Coimbra, em 1258, deixando bens para a manutenção das pontes de **Ceira, Alva e Coimbra**.

Muito mais complexas que as de madeira, as de pedra exigiam arquitetos experientes e um saber especializado. Uma das notícias mais antigas sobre a construção de uma ponte neste território recua até ao século X, quando o abade Primus do mosteiro de **Lorvão (Penacova)** contratou Zacarias, mestre de obras vindo de Córdova, para construir pontes nas suas terras: o mestre montou acampamento em **Alviaster (Coimbra)** e todos os homens das proximidades foram convocados para participar nos trabalhos “cum carros et cum petra et cum cale”.

Bridges could also result from a community effort: the bequest of small sums of money to build essential structures, such as bridges or roads, was common in the Middle Ages. This is what Boa Beres, widow of Vicente Dias, former *alcaide* of Coimbra, did in 1258, providing in her will for the upkeep of the bridges of **Ceira, Alves and Coimbra**.

Stone bridges were much more complex than those of timber, and building them required experienced architects and specialized knowledge. One of the earliest references to a bridge in this territory dates back to the 10th century, when abbot Primus of the Monastery of **Lorvão (Penacova)** commissioned master Zacarias, from Cordoba, to build bridges on his lands; Zacarias set up camp in **Alviaster (Coimbra)** and all the men from the surrounding area were convened to participate in the works “cum carros et cum petra et cum cale”.

UMA PAUSA NA JORNADA / A BREAK IN THE JOURNEY

/ Ao longo das principais vias, em locais estrategicamente situados e mais ou menos espaçadas pela distância equivalente a um dia de jornada, as albergarias eram pontos de paragem essenciais aos viajantes. Pode adivinhar-se na sua constituição um dormitório, uma cozinha, um estábulo, bem como algumas arrecadações e anexos. Poderia dispor ainda de um espaço reservado aos estalajadeiros.

As albergarias, todavia, não serviam apenas as necessidades dos viajantes. Ocupavam-se também dos pobres e desagasalhados, prestando-lhes assistência. Algumas delas funcionavam ainda como hospitais. Por isso, fundar ou apoiar financeiramente uma estalagem era considerado uma ação piedosa, razão porque reis, rainhas, nobres ou burgueses endinheirados o fizeram frequentemente, em vida ou em vésperas da morte, precavendo o acerto de contas que a todos esperava no Além. D. Sancho I, por exemplo, no testamento que fez em outubro de 1210, contemplou a sua “albergarie de **Colimbria**” com 1000 morabitinos e a de **Poiares**, possivelmente fundada por sua mulher, com outros 200.

Na realidade, foram muitos os que, por caridade e espírito cristão, ajudaram a montar e sustentar esta rede de equipamentos: Bartolomeu Domingues de Carvalho, por exemplo, fundou a albergaria de Carvalho em **Santo António do Cântaro (Penacova)**, local onde tinha muitos bens que deixou, em 1215, àquela instituição. Nessa data, pediu ao concelho de Coimbra que escolhesse para albergueiro um dos

/ Along the main roads, strategically located and more or less spaced out the length of a day's journey, inns were essential resting places for travellers. They would have a dormitory, a kitchen, a stable, as well as some storage rooms and outbuildings. In some cases they may have had separate rooms for the innkeepers.

But inns didn't just serve the needs of travellers. They took in the poor and the needy and gave them assistance. Some of them functioned as hospitals. Therefore, to found or financially support an inn was viewed as a pious action, which is why kings, queens, noblemen and wealthy bourgeois frequently did this, during their lives or on their deathbed, in view of the approaching final reckoning in the afterlife. For example, in 1210, Sancho I left 1000 *moribitinos* in his will to the “albergarie de **Colimbria**”, and another 200 to the **Poiares** inn, possibly founded by his wife.

There were, in fact, many who helped to support this network in a spirit of Christian charity. Bartolomeu Domingues de Carvalho, for example, founded the inn of Carvalho in **Santo António do Cântaro (Penacova)**, where he had many assets which in 1215 he left to that institution. On that date, he requested the Coimbra council to choose as innkeeper one of his descendants, with only one condition: that he should have an irreprehensible moral conduct.

seus descendentes, impondo apenas uma única condição: que aquele tivesse uma conduta moral irrepreensível.

Neste território, existiram muitíssimas instituições deste género, embora só o saibamos através da documentação escrita ou da toponímia, pois delas, das construções propriamente ditas, nada restou.

A cidade de **Coimbra**, por onde passavam algumas das vias mais importantes do reino, concentrava a maior parte das albergarias, quase todas dedicadas à virgem e a santos: de São Lourenço, do Santo Espírito, de Santa Maria, de Santa Águeda, de Santa Luzia e de São Vicente. A estas juntavam-se a albergaria da Mercê e a da Confraria dos Pedreiros, em **Canelas**. Em **Cernache**, nas cercanias da cidade, por onde passava o caminho de Santiago, também terá existido uma albergaria.

Detetam-se igualmente nas proximidades de **Vila Nova de Poiares** de que, em maio de 1195 quando recebe carta de foro da Rainha D. Dulce, era mestre Frei Joane, no **Carvalho (Penacova)**, em **Montemor-o-Velho, Tentúgal e Verride (Montemor-o-Velho)**, em **Soure, Belide (Condeixa-a-Nova), Rabaçal (Penela), Maçãs de Caminho e Almoester (Alvaiázere)**, certamente localizadas à beira das estradas, onde mais eram necessárias. De outras, ficou apenas uma memória vaga, entretecida com lendas, como a albergaria de Venda do Negro (**Pousaflores, Ansião**) integrada no Caminho para Santiago de Compostela e tradicionalmente associada à Rainha Santa.

There were many institutions of this kind in this territory, which we know from written sources or from toponyms, since nothing remains of them.

Coimbra, at the crossroads of some of the most important routes of the kingdom, had the biggest concentration of inns, almost all dedicated to Saint Agatha, Saint Lucia and Saint Vincent. In addition, there were the inn of Mercê and the inn of the Confraria dos Pedreiros (Mason's Fraternity), in **Canelas**. There may also have been an inn on the outskirts of **Cernache**, which was on the Way of St. James.

There were other inns in the proximity of Vila Nova de Poiares – according to the charter granted by Queen Dulce in 1195 when Friar Joane was master – in **Carvalho (Penacova)**, in **Montemor-o-Velho, Tentúgal and Verride (Montemor-o-Velho)**, in **Soure, Belide (Condeixa-a-Nova), Rabaçal (Penela), Maçãs de Caminho and Almoester (Alvaiázere)**, surely on the roadside, where they were most needed. Nothing but memories mingled with legends remains of other inns, for example Venda do Negro (**Pousaflores, Ansião**), which served travellers on the Way of St. James and was traditionally associated to the Holy Queen.

CONCLUSÃO CONCLUSION

/ Com um sem número de paragens, fizemos um percurso de 1500 anos de História, entre o século II a.C. e o século XIV, de Roma a Portugal, do Império ao Reino.

Por vezes de forma rápida em função do pouco que hoje subsiste, noutras ocasiões a passo mais lento por as fontes serem em maior número e, sobretudo, mais generosas: escritas e materiais, das inscrições aos tesouros, das calçadas e miliários aos anfiteatros, villas e cidades romanas, das cartas de foral, bulas e testamentos às igrejas, castelos, estradas, esculturas ou simples sepulturas. Todas elas com uma história para contar. Por detrás delas, revelam-se homens e mulheres, imperadores, escravos ou cidadãos, reis e rainhas, cavaleiros e donas, monges e bispos, gente comum, num misto de episódios únicos e vidas banais. Em conjunto, fazem a história deste território e constituem a nossa memória.

Foi assim que, pela primeira vez, se escreveu, verdadeiramente, a história desta região. Cruzámos estradas e serras, palmilhámos ribeiras e cumes, desvendámos pedras e sacudimos poeiras do tempo para conseguirmos desenhar o fio condutor deste nosso território. Extravasando os limites físicos que hoje conhecemos, voltámos ao passado e tornámo-lo vivo, ainda que só em papel, para que não mais seja

/ With many stops along the way, this journey led us through 1500 years of history, from the second century BC to the fourteenth century, from Rome to Portugal, from Empire to Kingdom.

The pace of our journey changed according to our sources. Sometimes we travelled more rapidly, given the lack of data, other times more leisurely, when there were plenty of written or material sources: from inscriptions to hoards, from Roman pathways and milestones to amphitheatres, villas and towns, from city charters, bulls and testaments to churches, castles, roads, and statues or simple graves. They all tell a (hi)story. They tell of men and women, emperors, slaves and citizens, kings and queens, knights and ladies, monks and bishops, common people, in a mixture of outstanding moments and everyday lives. All together, they make up the history of this territory and build up our memory.

Thus, the history of this region has really been written for the first time. We crossed roads and mountains, walked over creeks and mountain ridges, uncovered stones and brushed away the dust of time to define the connecting thread of our territory. We reached beyond our present physical limits and journeyed back into

esquecido e para que o futuro tenha dele lembrança eterna. Porque é assim que hoje marcamos a nossa presença e homenageamos todos aqueles que nasceram, ocuparam, vivificaram e pereceram nestas terras de Coimbra, palco de permeabilidades, de conflitos, de aculturações sucessivas e, por conseguinte, exemplo singular em diferentes épocas históricas.

Desta narrativa, válida por si só, resulta ainda uma proposta diferenciadora de circuitos turístico-culturais desenhados à escala regional que constituem em si mesmo um desafio para o leitor partir à descoberta do território que foi levado a conhecer ao longo destes capítulos. Acreditamos que a esta hora seja já fã incondicional da história desta região. Atou certamente muitas pontas soltas que foi conhecendo ao longo da vida, reorganizou factos, resignificou patrimónios e encontra-se munido de tudo o que é necessário para desvendar, com conhecimento de causa, Coimbra e a sua região.

Caminhamos firmes na certeza de que a sua viagem não termina aqui... Ela estará, com efeito, apenas agora a começar... Que esta narrativa seja um porto seguro para voltar sempre que a mente ou a alma tenha dela necessidade.

the past, even if only on paper, to ensure that it will never be forgotten. Because this is how we mark our presence and pay homage to all those who were born, lived, reproduced and died in the region of Coimbra, which was a stage for successive experiences of exchange, conflict and acculturation, and thus a singular example in various historical moments.

To this wide-ranging narrative, we added a number of cultural tourist circuits which have been designed at regional level, hoping to encourage readers to embark on the discovery of the lands unravelled in these pages. We trust that by this time readers will feel a keen interest in the history of this territory. They will certainly have tied up loose ends in their knowledge, reorganizing facts, rediscovering heritage sites, and they will find themselves ready and well-resourced to start unveiling Coimbra and its region.

We firmly believe that your journey will not stop here. That this is just the beginning... That this narrative will be a safe harbour where you will return whenever you feel the need for it.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL ESSENTIAL BIBLIOGRAPHY

ALARCÃO, Adília – *Museu Monográfico de Conimbriga: coleções*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1994.

ALARCÃO, Jorge de – *A Lusitânia e a Galécia do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

ALARCÃO, Jorge de – *Coimbra. A montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

ALARCÃO, Jorge de – *In Territorio Colimbric: lugares velhos (e alguns deles, deslembrados) do Mondego. Trabalhos de Arqueologia*, n.º 38 (2004).

ALARCÃO, Jorge de, ANDRÉ, Pierre, BARRELAS, Paulo, CARVALHO, Pedro C., SANTOS, Fernando P. dos, SILVA, Ricardo C. da – *O Forum de Aeminium: a busca do desenho original*. Coimbra: Instituto dos Museus e da Conservação. Museu Nacional de Machado de Castro, 2009.

ALMEIDA, Carlos Aberto Ferreira de, BARROCA, Mário Jorge – *História da Arte em Portugal*, vol. II, O Gótico. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

ARNAUT, Salvador – *Ladeia e Ladera: subsídio para o estudo do feito de Ourique*. Ed. fac-similada. Coimbra/Penela: Palimage/ Centro de Estudos de História Local e Regional, 2013.

BARROCA, Mário Jorge – *A Ordem do Templo e a arquitetura Militar Portuguesa do século XII*. Portugália, nova série, Porto, XVII-XVIII (1996-1997), p. 171-209.

BARROCA, Mário Jorge – *O Castelo de Montemor-o-Velho (Séc. IX a XIII)*. In BARROCA, Mário Jorge, FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (Coord.), *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Séc. VIII a XIII)*. Palmela/Porto: Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, 111-126.

BARROCA, Mário Jorge, DUARTE, Luís Miguel, MONTEIRO, João Gouveia – “Da Reconquista a D. Dinis, de D. Afonso IV (1325) à Batalha de Aljubarrota (1449)”. In BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.), MATTOSO, José (coord.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

BATATA, Carlos, GASPAS, Filomena – *Carta Arqueológica de Pampilhosa da Serra*. Pampilhosa da Serra: Câmara Municipal, 2009.

CARVALHO, Pedro C. – *A época romana – o território de Mira e o Oceano há 2000 anos*. In *Museu do território da Gândara Mira*, Mira: Câmara Municipal, 2012, 19-23.

CARVALHO, Pedro C., SILVA, Rui M. – *Bobadela Romana. Splendidissima Civitas. A Esplêndida Cidade*. Oliveira do Hospital: Arqueohoje, Lda, 2018.

COELHO, Maria Helena da Cruz – *O Baixo Mondego nos Finais da Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

COELHO, Maria Helena da Cruz, HOMEM, Armando Luís de Carvalho (Coord.) – *Portugal em*

definição de fronteiras (1096-1325): do Condado Portucalense à crise do século XIV. In SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H. de Oliveira, Nova História de Portugal, vol. III. Lisboa: Presença, 1996.

CORREIA, Vergílio H. – *Conimbriga. Guia das ruínas*. Conimbriga: Museu Monográfico de Conimbriga, 2003.

CORREIA, Vergílio, GONÇALVES, António Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal*, vol. 4, *Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1953.

CORREIA, Virgílio H. – *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana. Anexos de Conimbriga*, n.º 6, 2013.

CRUZ, Carlos M. Simões – *Carta Arqueológica do Concelho de Cantanhede*. Cantanhede: Município de Cantanhede, 2005.

FERNANDES, Paulo Almeida – *Matéria das Astúrias: ritmos e realizações da expansão austuriano-leonesa no actual centro de Portugal: séculos VIII-X*. Coimbra: [s.n.], 2016 (Tese de doutoramento policopiada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

LOURENÇO, Sandra – *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva. Trabalhos de Arqueologia*, n.º 50 (2007).

MANTAS, Vasco G. – *As vias romanas da Lusitânia*. *Stvdia Lusitana*, 7 (2012).

MATOS, Maria António Pinto de (Coord.) – *Nos confins da Idade Média: arte portuguesa, séculos XII-XIV*, Catálogo da exposição realizada no Museu

Nacional Soares dos Reis. Instituto Português de Museus, 1992.

MATTOSO, José, *D. Afonso Henriques, 1109-1185*. *Temas e Debates*, 2007.

MONTEIRO, João Gouveia – *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média. Presença, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.

PAULINO, Francisco Maria (Coord.), MATTOSO, José, CALDEIRA, Arlindo Manuel, VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo, KRUS, Luís – *Portugal. A formação de um país*. Comissariado de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha, 1992.

PESSOA, Miguel – *Carta arqueológica da área de Conimbriga*. *Conimbriga*, vol. XXV (1986), p. 53-73.

PIZARRO, José Augusto de Sotomaior – *Linhagens Medievais Portuguesas: genealogias e estratégias (1279-1325)*. 3 vols. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna, 1999.

SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier, CURRÁS, Brais X. – *Minería del oro y explotación del territorio en Lusitania: estado de la investigación*. In *IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania. Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*, Mérida, 2017, 393-415.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Inventário Artístico de Portugal*, vol. 5, *Distrito de Leiria*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. 1955.



iu **IMPrensa DA**
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



CIM|RC

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL
REGIÃO DE COIMBRA



CASTELOS E MURALHAS DO
MONDEGO